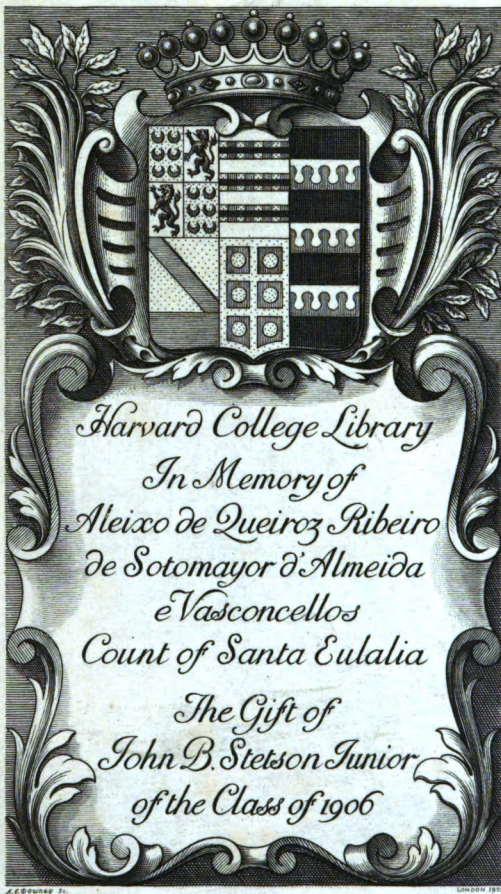




Port 4140.10



ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

()

.....

.....

.....

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

*Sócio Correspondente da Academia Real das Sciencias de
Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das
Sciencias, e das Letras, e Socio Correspondente do
Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.*

TOMO III.

*Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.*



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA,

1851.**

Port 4140.10

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, JR.

MAR 3 1925

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO IV.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO I.

Pero de Andrade Caminha.

—

Corria o anno do Senhor de 1367, quando um fidalgo Castelhana, ou Gallego como querem outros, veio a Portugal offerecer sua pessoa a El-Rei D. Fernando, que então empunhava o Sceptro Portuguez.

Chamava-se aquelle fidalgo Fernão Caminha, e era de mui distincta linhagem, e El-Rei o recebeu com aquella benignidade, e bom gazalhado, que neste reino sempre foi uso fazer aos estrangeiros, com preferencia aos natu-raes delle.

Parece que este Fernão Caminha era pessoa de mérito, e probidade; não consta que serviços elle prestasse a El-Rei D. Fernando, mas é certo que aquelle Monarcha se deu por satisfeito com elles, pois em remuneração lhe fez mercê do senhorio da terra de Santo Estevão, que então era de grossa renda; e é natural que esta circumstancia, e o favor do Rei cooperassem para os seus descendentes se aliarem com as familias mais distinctas da Aristocracia Portugueza.

De Fernão Caminha foi quinto neto Affonso Vaz Caminha, que viveu no fim do século XV, e cujo segundo filho, que se chamava João Caminha, seguiu a vida militar, servindo longos annos nos Estados da India, onde se tornou famoso por seu grande denodo, e foi um dos

primeiros, que entraram em Aden, quando aquella cidade foi accommettida pelo grande Affonso de Albuquerque.

Voltando ao reino, recommendado por seus serviços, a Infanta D. Isabel, filha d'El-Rei D. Manuel, depois Rainha de Hespanha, e Imperatriz de Allemanha pelo seu matrimonio com o Imperador Carlos V., lhe fez a honra de o escolher para Viador da sua Real Casa, e Fazenda.

João Caminha contrahiui, passados tempos, matrimonio com uma Senhora de sangue mui nobre, por nome D. Philippa de Sousa, com quem viveu largos annos em uma paz, e união de vontades, que rarissimas vezes se encontra entre casados.

João Caminha teve de sua mulher os seguintes filhos, Pero de Andrade Caminha, de que tractamos neste Capitulo, Gaspar Caminha, que foi Cavalleiro da Ordem Militar de Malta, Affonso Vaz Caminha, que passou á India, onde terminou seus dias na flôr da idade, D. Anna de Toar, D. Guiomar de Sousa, e D. Catharina de Toar, que morreu Freira, mas ignoro de que Ordem.

Não quiz Deos, que João Caminha, e sua Esposa, que tanto se amavam, vivessem um só instante separados, ou chorassem a perda um do outro, pois no mesmo dia os chamou a melhor vida, para que permanecessem unidos por toda a eternidade. Este notavel acontecimento consignou o Poeta no seguinte Epithaphio, que é o trinta e cinco da sua Collecção.

Aqui João, aqui Phillipa jazem,
Os quaes em santo nó juntou sua sorte,
E assim mortos inveja aos vivos fazem
Com sua santa vida, e santa morte.
Suas almas no Ceo se satisfazem
Vendo o clarissimo, e divino norte,
Que na vida foi sempre sua Guia,
E que ao Ceo os guiou juntos n'hum dia.

Sam tão escassas as noticias, que nos ficaram de Pero de Andrade Caminha, que nem ao menos consta com certeza quaes foram os seus estudos, ou si frequentou a Universidade de Coimbra: as suas obras não indicam grande erudição, mas parece que sabia o latim, e o grego.

Sabemos sómente, que fôra Camareiro de D. Duarte, Duque de Guimarães, e muito estimado daquelle Principe, um dos mais instruidos do seu tempo, e grande favorecedor de todos os homens, que cultivavam as letras, especialmente a poesia, com que muito se deleitava, como acontece a todos os homens, que tem coração sensível, e um espirito elevado.

Como o Duque era tão bem visto, e acceito do povo, como pouco amado no Paço, parece que este favor do amo prejudicou os interesses do criado, e com isso não se atrazaria pouco a sua fortuna; o certo é, que debalde se compulsaria o Archivo da Torre do Tombo, para ahi descobrir documentos de algumas mercês, que lhe El-Rei fizesse: apenas ali existe um Diploma, datado de 15 de Julho de 1556, pelo qual D. João III. faz doação a Pero de Andrade Caminha de parte dos direitos reaes dos vinhos exportados pela foz do Douro, de que já por carta regia, de 21 de Outubro de 1553, havia feito mercê a sua Mãe D. Filippa de Sousa, em remuneração dos serviços de seu irmão Gaspar de Andrade, que havia perecido na India, pelejando contra os Infieis.

Esta escacez de beneficios regios para com Pero d'Andrade Caminha não deve admirar em Portugal, aonde as Musas nunca tiveram um Augusto, um Leão X., ou Luiz XIV., aonde a Historia só menciona uma pensão dada a um Poeta; e esse Poeta foi Luiz de Camões, essa pensão foi tão grande, ou paga com tanta pontualidade, que não o livrou de sustentar-se de esmolas, e de morrer de fome, ou como outros dizem, n'um hospital. Se alguns Poetas foram entre nós remunerados com honras, e fazenda, não foi a titulo de haverem polido, e enriquecido a lingua, e levantado monumentos á gloria da Patria, mas em remuneração de serviços valiosos por elles prestados na carreira militar, ou da magistratura. É deste desacolhimento dos cultores da poesia, que o Cantor dos Lusíadas se queixava, com tanta razão como amargura, nos seguintes versos:

Por isto, e não por falta de Natura,
Não ha tambem Virgílios, nem Homeros,
Nem haverá, si este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.

Si alguns dos nossos Poetas escreveram obras

Posse linenda Cedro, au levi servanda Cupresso.

deveram-no ao impulso irrisistivel do seu genio, a uma ardente sêde de gloria, e ao seu patriotismo enthusiastico, e não ao favor da côrte, onde nunca acharam Mecenas; muitas vezes as escreveram nas dores do exilio, e no meio das perseguições, e trabalhos.

Pero de Andrade Caminha deveu toda a pouca fortuna, que desfructou, aos seus longos, e leaes serviços, e á generosidade de seu amo D. Duarte; foi elle quem lhe conferiu a Alcaidaria Mór de Celorico de Basto, e uma Tença de duzentos mil réis, mercês estas, que lhe foram confirmadas por El-Rei D. Sebastião, depois do fallecimento do Duque: e o mesmo Duque além de o recomendar, com grande efficacia, no seu testamento ao Cardeal D. Henrique, que depois foi Rei de Portugal, deixa a Pero de Andrade um soberbo cavallo, por nome o Lima, e no Codicilo deixa-lhe sessenta mil réis de Tença, de que El-Rei lhe havia feito mercê, com faculdade de renunciar em quem lhe bem parecesse.

D. Duarte amava as letras, e a poesia, e o seu palacio era frequentado pelos mais distinctos Literatos e Poetas, que ali eram festejados, e bem agasalhados. Ali contrahiou o nosso Caminha amisade mais, ou menos intima com todos elles, e muito especialmente com o Doutor Francisco de Sá de Miranda; o Doutor Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes, e seu irmão Fr. Agostinho da Cruz.

Ferreira, que naquelle tempo era o oraculo do bom gosto, e o chefe da Eschola Poetica Italiana, mostrou sempre grande predileção por Caminha, e lhe dirigiu algumas Epistolas, louvando-o, e aconselhando-o; Caminha, discipulo tão docil como Bernardes, o tractava com um respeito quasi filial, e parece, que nada via superior a Ferreira, e não aspirava a mais, que a assemilhar-se a elle na elegancia da composição, e na pureza classica do estylo.

Pero de Andrade Caminha casou com D. Pascoella de Gusmão, talvez a mesma Dama, que elle tanto havia celebrado debaixo do nome de Phylis, tão poetico, e har-

monioso, quanto o nome do baptismo tinha de plebeo, e prosaico. Deste matrimonio consta, que teve uma filha por nome D. Marianna, a favor de quem, por sua morte, despos da metade da sua Tença de duzentos mil réis, deixando a outra metade a sua mulher, tendo alcançado para isso carta de mercê de El-Rei D. Filippe II., que se acha averbada nos Livros da Chancellaria daquelle Monarcha.

Repartido entre o desempenho das obrigações do seu cargo, os affectos da sua familia, e o cultivo da poesia, e conversação dos seus numerosos amigos, passou o nosso Poeta uma vida, si não opulenta, ao menos quieta, e tranquillã; e na tranquillidade, sem indigencia me parece a mim, que consiste a verdadeira felicidade deste mundo, e esta desfructou Caminha até ao dia 9 de Setembro de 1589, em que terminou a sua existencia.

As poesias de Caminha foram muito estimadas no seu tempo, pois o seu nome se encontra honrosamente mencionado nas obras dos melhores Poetas contemporaneos, e muito especialmente nas de Ferreira, e Bernardes, parece porém, que eram mais conhecidas no circulo dos entendedores, e discipulos da eschola de Ferreira, do que do público, á excepção de um pequeno número dellas que sahiram á luz junto com as obras d'outros Poetas, ou em algumas Collecções espirituaes. Sabia-se apenas, que na livraria do Duque de Cadaval existia um volume com algumas poesias de Caminha, e que a Academia Real das Sciencias havia alcançado a permissão de fazer extrair uma copia desse mesmo volume.

Nestes termos podia Pero de Andrade Caminha ser considerado como um Poeta perdido, assim como muitos outros daquelle epocha, de que apenas conhecemos os nomes, e os louvores, que os contemporaneos lhe tributaram.

Um ditoso acaso fez resuscitar este Poeta do esquecimento, em que jazia sepultado havia dous seculos. Corria o anno de 1784 quando a Academia Real das Sciencias, sempre assidua, e zelosa promotora dos progressos, e adiantamentos da nossa literatura, incumbio dous dos seus mais distinctos Socios o Abbade José Corrêa da Serra, e Fr. Joaquim Forjaz, da honrosa missão de examinar a numerosa Collecção de manuscriptos existentes na Bi-

bibliotheca do Convento da Graça desta Cidade, a fim de descobrir nella algum, que podesse servir ao seu louvavel projecto.

Entre estes manuscriptos, por elles examinados, appareceu felizmente um Codice de poesias de Pero de Andrade, mas em que não havia um unico verso, dos que se liam no volume que possuia o Duque de Cadaval, o que dava bem a vêr, que eram dous Tomos da mesma Collecção.

Contente a Academia com a fortuna deste achado, tractou logo de alcançar dos Religiosos Gracianos a faculdade de fazer trasladar aquellas poesias, o que lhe foi levemente outhorgado; e juntando-as com as que já possuia, deu ordem para que fossem impressas na sua propria officina, o que se effectuou, em um volume de oitavo portuguez, e em excellente papel e typo, no anno de 1791, juntando assim mais este serviço importante, feito á lingua, e á literatura, aos muitos de igual genero, de que lhe eram já devedora.

Pero de Andrade Caminha considerado como Poeta, é uma especie de meio termo entre o Doutor Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes, tanto em bellezas, como em defeitos. Tem elle tão pouca imaginação creadora como elles ambos, e menos abundancia de idéas, que o primeiro, e menos amenidade, que o segundo. Sua expressão é mais forte que a de Bernardes, e menos vehemente que a de Ferreira. Não tem o trabalho, e arte deste, nem a naturalidade e graça daquelle, mas tambem não descahe tanto na dureza de um, nem nas negligencias, e prosaismo do outro. Seu character, demasiado serio, faz com que o seu estylo pareça ás vezes secco, e desabrido; é o unico dos nossos Poetas antigos em cujas obras se não encontra uma só comparação, pelo menos havendo-o lido bastantes vezes, não me recordo de haver deparado com alguma, e este defeito é grave, porque as comparações sempre foram consideradas como um dos mais bellos ornamentos do estylo poetico.

As Eclogas de Caminha, em número de quatro, sam escriptas em linguagem pura, e quasi sempre no verdadeiro estylo bucolico, e podem emparelhar com as melhores, que naquelle tempo se escreveram; vêja-se o canto alternado de Andrageo, e Pierio na primeira dellas.

ANDRAGEO.

Asperissima Phylis, a meos danos,
De que eu, por aprazer-te, mais dezejo,
Não sei se isto he verdade, ou sam enganoso,
Ouço dizer que hes branda, e não o vêjo.
Acrescenta-me, Phylis, a tristeza
Mudares para mim tua natureza.

PIERIO.

Formosissima Phylis, si eu tivera
Do gran Tytiro a fama, a voz, e o canto,
A frauta, a voz, o canto a ti só dera,
Co' mesmo amor, com que ora a ti só canto.
Mas isto, Phylis, he pura verdade,
E muito mais te dá minha vontade.

ANDRAGEO.

Amo-te, Phylis, quanto amar-te posso,
Vêjo que quanto podes te avorreço,
Escondido lá tens o lume nosso,
Sem elle nem me vêjo, nem conheço.
Deixa-te, Phylis, vêr, ah! não te escondas,
Só porque mal ao méo amor respondas.

PIERIO.

Canto-te, Phylis, quanto sei cantar-te,
Sempre a teu canto dou tudo o que entendo,
A meos versos não busco estilo, ou arte,
Pois nunca ham de chegar ao que pertendo.
Disto ha, Phylis, em mim continua queixa,
Mas assim como sei cantar-te deixa.

ANDRAGEO.

Inda, Phylis, que n'alma, com que te amo,
Sempre te tenho, si não posso vêr-te,
Dos olhos tristes lagrimas derramo,
Que a abrandar-te não bastam, nem mover-te.
Mas si a lagrimas, Phylis, não te abrandas,
Não tens as condições, como ouço, brandas.

PIERIO.

Inda, Phylis, que sempre a alma te canta,
Si á voz teu canto ás vezes se me estrova,
Se cobre o espirito de tristeza tanta,
Que se enche de huma dôr aspera, e nova,
E não se gasta, Phylis, esta pena

The que outra vez ao canto a voz se ordena.

ANDRAGEO.

Todo hum anno não he, Phylis, tão grande
Quanto a mim, sem te vêr, hum breve espaço,
Nem ha quem minha grave dôr me abrande,
Sem a vista, em que só me satisfaço.
Dam teus olhos á pena, Phylis, termo,
Sem elles quanto vêjo he escuro, e ermo.

PIERIO.

Não he, Phylis, tão grande hũa triste vida,
Quanto a mim, sem cantar-te, espaço breve,
De mi só a voz, que de ti canta, he ouvida,
Só cantado he de mim quem de ti escreve.
Enche teo nome, Phylis, meos ouvidos,
Tenho todos os outros esquecidos.

ANDRAGEO.

Phylis, não he tão aspero, e tão duro
O bravo Boreas na maior tormenta,
Nem he o triste Inverno tão escuro
Quando a sua mór furia representa,
Quanto a mim, Phylis, he danoso, e forte
Vêr de ti despresada a minha sorte.

PIERIO.

Phylis, não he tão doce, nem tão brando
Zephyro, quando mais brando o sentimos,
Nem tão alegre, e claro o Verão quando
Mais formoso, mais claro, e alegre o vimos,
Quanto, Phylis, a todo o peso grave,
Tua branda voz sempre he doce, e suave.

ANDRAGEO.

Minhas tristezas, Phylis, graves sejam
Quando não vêjo os teos olhos formosos,
Outra vez alegria nova vêjam
Os meos do que em ti viam saudosos,
A dôr com elles, Phylis, se desterra,
E sem elles a paz se muda em guerra.

PIERIO.

De Flores seja o campo, Phylis, cheio,
De côres ria, o bosque, o prado, e o valle,
Meta-se o duro tempo logo em meio,
Tudo seque, destrua, mova, e aballe,

Si te vás, Phylis, flôr, e côr perece,
Si tornas logo tudo reverdece.

ANDRAGEO.

Por mil Arvores vou, Phylis, formosa,
Contando quanto te amo, e me desamas,
Verás nellas a pena rigorosa,
Que este peito me accende em vivas chamas,
Porque, quando a voz Phylis, me falesça,
Nellas este amor, e odio se conheça.

PIERIO.

Por mil arvores, Phylis, o teu nome
Tenho, como em meu peito está, esculpido,
Nellas digo, que não ha quem assome
Ao louvor, que de todos te he devido;
Porque quando eu cantar-te já não possa,
De mim se ouça inda o bem da idade nossa.

Estas Cantigas me parecem no verdadeiro estylo pastoril, singellas, mas elegantes na expressão, sem que com tudo excedam o alcance da intelligencia dos Zagaes, a quem sam attribuidas.

Pelo exordio da segunda se conhece, que o Poeta lia Virgilio, e fazia deligencia por imita-lo nas suas pastoraes.

Inda te peço, Musa, hum favor grande,
Novo canto me dá, com que aos ouvidos
De Marilia o amor de Franco mande.

De Marilia meos versos sejam lidos,
E d'huma branda voz, a Franco amiga,
Mil vezes a Marilia repetidos.

A' sorte do meo Franco dura, e imiga
Quem versos negará? que ha quem a grave
Dôr sua em alta voz com dôr não diga?

Amor, e hum brando Zephyro, e suave
Seo amor aos ouvidos surdos leve,
Porque menos a pena a alma lhe agrave.

Franco, que ao Sol, á sombra, e frio, e neve
Nunca a Marilia mais, nem menos ama,
E que sempre a Marilia n'alma escreve.

Franco, que tristes lagrimas derrama,
E em suspiros do peito lansa fogo,
E a si por só Marilia se desama.

Move-se o Amor a seu queixume, e rogo,
 Choram seo damno as mais incultas Feras,
 Tem seo mal só Marilia em rizo, e jogo.

Ah Marilia cruel, que desesperas
 Cada vez mais a Franco injustamente,
 Porque a ira contra elle não temperas.

Que mal em Franco teo espirito sente,
 Que cada hora em seo odio mais se accende,
 E cada hora em seos damnos mais consente?

Ah formosa Marilia, em que te offende
 Quem só amar sabe tua formosura,
 Teu só nome ouve, teo só Amor entende?

A imitação é livre ; mas nella se deixa bem conhecer o

*Extremum hunc, Arethusi, mihi concede laborem,
 Pouca meo Gallo, sed quæ legat ipsa Licoris,
 Carmina sunt dicenda, neget quis carmina Gallo?*

da Ecloga X. do Poeta Montuano, e o

*Daphni, tuum Pænos etiam ingemuisse Leones
 Interitum montesque feri, sylvæque loquuntur.*

da Ecloga V.?

Destas quatro Eclogas, a que me parece peor é a terceira, que se reduz a um prolixo e fastidiosa encadeação de louvores exagerados de D. Duarte, e de suas irmãs, sem que ao menos a poesia do estylo tempere estes excessos adulatórios: isto poderia servir os intentos do Poeta, e torna-lo grato a seu amo, mas é intoleravel para o Leitor, especialmente quando a adulação se explica em versos como estes.

Maria, e Catharina, cada uma
 Vence o Sol, vence a Lua, vence Estrellas,
 Vence as trez Graças bellas, gentileza
 Nellas tudo he, e belleza, e pensamento,
 Alto, alto entendimento, quanto vêjo
 Nellas, nada sobeja, nada falta.

É preciso confessar, que quando Virgilio lisongeia os seus protectores, é sempre em um estylo mais comedido, mais elegante, e sobre tudo em melhores versos. É provavel que os elogiados ficassem muito satisfeitos, ha paladares a quem o louvor recreia, por mais mal temperado que seja, mas o público nem sempre faz choro com os applausos dos salões.

As Odes de Caminha, posto que estejam ainda muito longe do que este Poema deve ser, me parecem, a pesar disto, superiores não só ás de Diogo Bernardes, mas até ás de Antonio Ferreira, pelo menos no que diz respeito á versificação, e côrte das Estrophes. Parece-me, si não me engano, que de todos os Poetas daquelle tempo é Caminha quem atina mais vezes com o tom lyrico da Ode, e quem descahe menos no estylo da Canção; o que não obstante, lhe succedeu na Ode X. aos bons Espritos, composta de vinte e quatro Estrophes de nove versos, e escripta, em estylo languido, e descollorido. Tenho esta Ode pela peor de todas as que elle escreveu, porque além da demasiada extenção para o assumpto, elle ali repete até á saciedade duas, ou trez idéas, variando apenas a expressão.

Não acontece porém assim com a Ode VI., que se distingue pela brevidade nervosa, e pelo fogo da expressão, que se molda bem com um canto extemporaneo.

ODE.

Gloria á Patria, honra aos teos, prazer ás Musas,
Que com amor te olharam,
Esse teo claro engenho, esse de que usas
Em louvor teo, de que se tanto honraram.

Esse teo claro espirito, e peregrino
Estilo, e suave canto,
De melhor tempo, ou melhor Terra dino,
Que em bons engenhos cria justo espanto.

Será por maravilha nomeado,
Por tudo hirá vôando,
Teo nome com louvores levantado,
Que teo tão raro verso o hirá levando.

Teo verso, que a Phebo he rico thesouro,
E será sempre ás suas
Nove Irmãs honra nova, e ao verde louro
Que inda espero cingir as fronte tuas.

Mas já que teos iguaes ao alto conceito
O Canto, o verso, o estilo,
Em tudo toma sempre igual objecto,
Em que possas melhor que em mim subi-lo.

Ouçõ as Musas de longe, nunca ouvi
Alguns segredos seos,
Não vi seos bosques, sua agoa não bebi,
Que dões tão raros sam mais certo teos.

Mas teo Canto me hirá ora movendo
Com passo mais seguro.
A fonte de que está sempre correndo
Para ti o liquor brando, suave, e puro.

Esta Ode foi feita em resposta a outra, que lhe dirigira Francisco d'Andrade, Chronista Mór do Reino, e um dos maiores Poetas daquelle tempo. É para sentir que essa Ode não ande junta a esta, porque por ella poderíamos ajuizar do talento lyrico daquelle Poeta; mas por desgraça da nossa Literatura perderam-se as suas composições deste genero, e para maior desgraça o seu Poema do *Primeiro Cerco de Dio*, tão notavel pela pureza da linguagem, e pelas bellezas do estylo, posto que defeituoso pela architectura Epica, está ameaçado da mesma sorte, pois já é raro achar um exemplar d'elle, mesmo nas mais bem providas Bibliothecas.

Pela leitura das suas Odes se deprehende, que Pero de Andrade Caminha estudava attentamente Horacio, e tinha o sentimento das suas bellezas; elle o imitava frequente, não copiando-o, mas com a nobre liberdade, com que depois o praticou Garção, não dizendo em portuguez o que, elle tinha dito em latim, mas dizendo o que imaginava da maneira porque o diria Horacio, se escrevesse na nossa lingua. Vêja-se a Ode a D. Duarte, em que Caminha procurou imitar a primeira Ode do Livro I. de Flacco.

*Mecenas atavis edite regibus,
O et presidium, et dulce docus meum,
Sunt quos curriculo pulverem Olympicum
Collegisse juvat, &c.*

ODE.

Duarte, d'altos Reys ao Mundo vindo,
Minha honra, e esperança,
Huns tem por seó mór gosto estar ouvindo
Quanto em Flandres se passa, e passa em França,
Quanto no Mundo todo, e estar medindo
Tudo o que se acontece
Como elles querem, como lhe parece.

Destes outros se rim mais recolhidos,
Que passam toda a vida
Comsigo em outros gostos escondidos,
E de tudo a memoria assi perdida
Tem, que tanto lhes lembra dos vencidos
Como dos vencedores;
Em sua occupação tem seos amores.

Ha muitos outros que assi á trábalhosa
Caça sam inclinados,
Que nenhuma outra couza mais gostosa
Lhes he que ora em silencio, ora com brados
Com hums, e outros enganos, a medrosa
Caça andar levantando,
Inda que os corpos nisso andem quebrando.

Na Planta o espirito hums tem que com cuidado
Poseram, crescer viram,
No ramo já de fructa carregado,
Na clara fonte, que com gosto admiram,
Na terra, que abre o curvo, e duro arado,
No grão, que lhe semeiam,
No que esperam colher, no que receciam.

Correm outros os mares, correm terra
Sugeitos a perigos,

A tormentas, a fogo, a morte, a guerra,
 A auzencia de Parentes, e de amigos,
 - Todo o que está quieto cuidam que erra,
 Culpam-no de ocioso,
 E o bom repouso tem por trabalhoso.

O meo contentamento, Duarte grande,
 Si eu ás Musas mereço
 Hum alto canto, hum som a que se abrande,
 Todo o peito, he cantar quanto conheço
 Já de teo Real Esprito, e quanto mande
 Em ti ao Mundo o Ceo
 D'onde esse teo Esprito alto desceo.

Na Ode septima endereçada ao Doutor Francisco de Sá de Miranda procurou o Poeta imitar a Ode VII. do primeiro Livro de Horacio que principia

*Laudabunt alii claram Rhodon, aut Mytilenen
 Aut Ephesum, bimarisque Corinthi
 Mænia, vel Bacho Thebas, vel Apolline Delphos
 Insignis, aut Thessala Tempe.*

e o faz com uma viveza, e luxo de poesia, que é muito para admirar em um Poeta daquelle tempo. Esta Ode tenho eu por uma das melhores, que sahiram da penna de Pero de Andrade Caminha, ei-la.

ODE.

Louvarão muitos esta gran Cidade,
 Esta nobre Lisboa,
 Raro Francisco, esta que do occidente
 Com grande nome em toda a parte sôa,
 E soará com gran nome em toda a edade,
 Que dá Leys no meiodia, e no Oriente.

Seos espantos verão, suas grandezas
 Seos nobres, edificios,
 D'obra antiga, e moderna, as variedades
 Dos Estados, das Obras, dos Officios,

Dos negocios, dos tractos, das riquezas,
Dos costumes, das Leys, e das vontades.

Não me recordo de haver encontrado em algum outro Classico a palavra *espantos* na significação de *maravilhas*, que Pero de Andrade lhe dá nesta Estrophe: é assim que um homem de talento sabe enriquecer a lingua patria mesmo sem crear palavras novas, ou admitti-las de outra lingua.

Com alegre louvor verão partidas
Daqui armadas nossas,
Prosperas as verão depois entradas
Cheias de mil despojos, presas grossas,
Com bandeiras triumphaes aos Ceos erguidas,
Com bandeiras de imigos derribadas.

Tributos verão vir todos os annos
D'Indios, Arabes, Persas,
E de outras mil regiões, d'outras mil Gentes,
De varios nomes, e de Leys diversas.
Conquistadas por nós, não com enganós,
Com justas armas, com razões prudentes.

Este ultimo verso está perfeitamente no estylo de Francisco Manuel.

Verão ricos retornos, *grossos* ganhos
De ricas mercancias,
Que esta Terra a outras dá, d'outras acceita,
Novidades verão todos os dias,
Em que os sentidos, e olhos s'achem estranhos,
Inda que o appetitoso nada engeita.

O Poeta em quasi todas as suas obras, e algumas vezes nesta Ode, faz uso do vocabulo *grosso*, empregando-o sempre no sentido de *rico*, e de *abundante* &c., e nisto vai concorde com os demais Classicos, que sempre traduzem a expressão Biblica *adipes terræ* pela phrase *grossura da terra*, e dizem *terra grossa* quando querem designar um terreno fertil. João de Barros chama a Ormuz,

e outros emporios do commercio Oriental *terras de grosso tracto*. Ainda hoje dizemos, que *negoceia por grosso* aquelle Negociante, que faz especulações em grande escalla, e vende por atacado.

Tudo isto louvarão muitos, e a vida

Toda aqui passariam,
Neste inutil cuidado, e gosto vão
Só destas vaidades penderiam
Despresada de todos, e esquecida
Toda outra mais alta occupação.

Mas tu que com mais são espirito raro

Vês, conheces, e entendes
O que deve fugir-se, o que buscar-se,
Mas tu, que nunca ao mal, sempre ao bem pendes,
Com douto juizo, puro, livre, e claro
Escolheste o que sempre deve amar-se.

O santo ocio escolheste, as Musas quietas

Musas castas, e brandas,
Co' as divinas Historias, co' as humanas,
Temperas o prazer, e o nojo abrandas,
Teo, ou de teos amigos, nem te inquietas
Com nada, vives livre, e não te enganas.

Ouves de longe, vês de longe o Mundo,

Parece-te inda perto,
Tudo o al a Quietação santa avorrece,
Ah santa Quietação, quanto mais certo
Está em ti o repouzo, como ao fundo
Se vai quem por ti tudo não esquece.

Ah prudente Francisco, despresaste

Sempre as Cidades vãs,
Cheias de máos enganos, vãos negocios,
Louvas teu doce Neiva, as agoas sãs
Da tua fonte, as fructas, que plantaste,
As Aves que ouves, os teos santos ocios.

Como te ris de nós ; como navegas

Seguro para a praia,

Onde se acaba o medo da tormenta,
Que tantas vezes, tristes *nos desmaia!*
Tristes detidos de esperanças cegas,
Mal que engenhosamente nos contenta.

Desmaiar é um verbo neutro, e o Poeta o faz aqui activo dizendo *a tormenta que nos desmaia*, isto é, que nos faz desmaiar; é esta uma elegancia poetica da nossa lingua, abonada pela pratica de todos os bons Escriptores do seculo de quinhentos; Francisco Manuel, que attentamente os estudava, e imitava, algumas vezes se aproveitou della, e foi criticado por homens, que se julgavam grandes Mestres de Portuguez sem se haverem dado ao trabalho de estudá-lo.

Destas vãs esperanças, que enganados
Nos tem, estás seguro,
Não temes, não esperas, não dezejas,
Co' esse animo constante, e peito puro,
Co' esses espiritos sobre o Mundo alçados
Muitos annos, e sãos inda te vêjas.

O Poeta entra no assumpto dizendo, que outros louvaram Lisboa, porque domina desde o Tejo até ao Oriente, pela grandeza dos seus edificios, dos seus monumentos, pelas suas artes industriaes, o seu commercio, leis, policia, pelas armadas, que sahem pela sua barra, e voltam a ella carregadas de despojos dos inimigos, e com as bandeiras tomadas ás suas tropas, pelos tributos dos povos da Africa, e da Asia, que todos os dias lhe chegam, e depois passa a confrontar este quadro de grandeza, e de movimento, com o occio, estudioso, e a tranquillidade, que Sá de Miranda desfructa no aprazivel retiro da sua Quinta da Tapada, para onde fugira desgostoso da corte; faz o elogio dos seus sentimentos virtuosos, dos seus talentos, e acaba desejando-lhe, que possa desfructar por muitos annos esta felicidade. Esta marcha é verdadeiramente lyrica, e conforme com a maneira de Horacio. O estylo é corrente, facil, elegante, a versificação em geral harmoniosa, e apresenta alguns versos, que se destacam

do fundo, e vem ferir agradavelmente o ouvido, por exemplo.

Com bandeiras triumphaes ao Ceo erguidas,
Com bandeiras de inimigos derribadas.

.....
Com justas armas, com razões prudentes.

.....
De ricas mercancias,
Que esta terra a outras dá, de outras aceita.

.....
Inda que o Appetite nada engeita.

.....
Mas tu que nunca ao mal, sempre ao bem pendes

.....
Temperas o prazer, o nojo abrandas,

.....
Ouves de longe, vês de longe o Mundo

.....
as frutas que plantaste,
As Aves que ouves, os teos santos occios.

.....
Tristes detidos de esperanças cegas.

Quando em composição tão curta se deparam bellezas desta ordem, seria injustiça apontar alguma particulari-
sação minuciosa, algum termo prosaico, ou menos nobre,
algum verso menos bem torneado ! Cumpre que sejamos
indulgentes com os Poetas desta epocha ; cumpre que nos
lembremos de que estes homens ainda luctavam com a
difficuldade, não pequena, de accomodar, e amoldar o
idyonia á versificação, e fórmulas da poesia italiana, então
nova entre nós, e que o dialecto poetico não estava ain-
da descriminado da linguagem da prosa. O progresso nas
artes sempre é lento na mão de homens, cuja Musa é o
talento, e não o genio.

A Ode segunda, aos annos de Sá de Miranda, começa
por um exordio verdadeiramente lyrico.

Pierides sagradas,
Que em vindo o claro dia,

Que com justa alegria
Celebraes de Hera, e Louro côroadas,
E em dansas concertadas
Ao som de concertados Instrumentos,
Em nossas claras fontes,
Ribeiras, valles, prados, bosques, montes
Mostreis mil sentimentos
Alegres, com alegres movimentos.

Iguaes bellezas achará o Leitor na Ode III. ao Doutor Antonio Ferreira, na IV. a D. Duarte, na IX. a D. Jorge de Menezes, e na VIII. ao Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio, o eloquente Author da Historia Latina de El-Rei D. Manuel, que passo a transcrever.

ODE.

Hontem findou um anno,
Outro se começa hoje,
Depreça passará como o passado;
O Tempo vòu, e foge,
E d'hum em outro engano
Leva a vida apoz si, leva o cuidado.

Polo que já passou,
Polo que passa agora,
Quasi o que pôde vir pôde julgar-se;
Ditoso a quem hum' hora
Ditosa não faltou,
Em que podesse bem desenganar-se.

Ditoso o que a lembrança
Tem sempre no que vio.
Que já não vê, e no que está diante;
E polo que sentio
Por vã julga a esperança,
Que outros tem por segura, e por constante.

Despreza vãos desejos
Da Terra, e com espiritos
Altos aspira ao bem, que sempre dura.

E com secretos gritos,
Nunca a este fim sobejos,
Traz o Ceo a sua alma limpa, e pura.

Este tem paz comsigo,
Este de mãos enganoso.
Vive livre, este vive em si seguro;
Começam, acabam annos,
Vem hum, e outro perigo,
Esconde-se em si mesmo em occio puro.

Em si tem seo descanso,
Comsigo se contenta
Como quem só de Deos em tudo pende;
Ora brava a tormenta,
Ora o mar seja manso,
Igualmente á Fortuna se defende.

Ah mas quão raramente
Hum destes ha na Terra!
Que louvores merece o que assi houvesse!
Quantos tem dura guerra
Em si continuamente,
Quem sem tal mal vivesse, ou não vivesse!

Do que viram esquecidos,
Do que vem descuidados,
Ao que inda podem vêr a vista escondem!
Da Esperança guiados
Vam traz ella embebidos,
Surdos, que nem vos ouvem, nem respondem.

Comsigo sempre inquietos,
Nunca em nada repousam,
Ora vãamente esperam, ora receiam,
Tudo o que cuidam ousam,
Por bens nunca quietos,
Que embaraçam sempre a alma, a vida enleiam,

Hum anno, e outro corre,
Hum tempo, e outro vòa,

Nenhum anno nem tempo ao bem os leva,
Nelles nunca o bem sôa,
Tudo em vida lhes morre.
Nelles todo o anno gea, e todo neva.

Teo rarissimo espirito,
Da nossa idade gloria,
Clarissimo, prudente grande Osouro,
De cuja alta memoria
Levanta a fama hum grito
The o Ceo, que á Terra em ti deo gran thesouro.

O Poeta escreve *Osouro*, o mesmo appellido, que nós hoje escrevemos *Osorio*, é pois evidente, que a pronunciação deste vocabulo se acha alterada, como tem acontecido a muitos outros.

Quam longe vás do cêgo
Vulgo, que ou não se atreve
Co' bem, ora o não entende, ora se engana;
Que segue o que mais deve
Fugir, que o bom socego
Foge, e tem só por gloria a gloria humana.

Com Letras nos ensinas,
Com virtudes nos moves,
E com santos costumes nos repreendes;
Em nossas almas choves
Certas, altas doutrinas,
Que o bem do Ceo, e o mal da Terra entendes.

Em ti agora revive
Quanto da Antiguidade
Com espanto se lê, se ouve, e se canta,
Longa, e ditosa idade,
Ousoro, vive, vive,
E viva em ti quanto em ti o Mundo espanta.

A mil Janeiros vêjas
Lêdo o primeiro Dia,
A mil Dezebros lêdo o derradeiro.

Com tua prudencia guia
Certa, e clara nos sejas,
Com tua virtude exemplo verdadeiro.

Temos visto Pero de Andrade Caminha na Ode heroica, e na Ode moral; vêjamo-lo agora na Ode erotica cantando as graças da sua Phylis, pois como acima dissemos, foi com este harmonioso, e poetico anagrama, que elle dessimulou o a saloiado, e anti-poetico nome de D. Pascoela sua Esposa; como se queixa dos seus rigores, e encarece o bom acolhimento, que por fim fez ás suas finzas.

ODE.

Quando os suspiros movo,
Formosissima Phylis, a chamar-te
De doce, brando, e novo
Som, de só nomear-te
Não ha quem a alma, nem a voz me apparte.

Teo brandissimo nome
Sempre a mim doce, sempre a mim suave,
Que peito ha que não dome?
Que dôr tão dura, e grave
Que co'elle não se abrande, e desagrave?

Na mór minha tristeza,
No meo mais triste, e grave pensamento;
Na maior aspereza
Do Amor, e seo tormento
Tomo em teo nome, Phylis, novo alento.

Si tanto ás vezes ouso,
Que deste nome canto, ou d'elle escrevo,
Nunca em nada repouso,
Mais do que digo dewo,
E assi com medo athe a cantar me atrevo.

Mas já serás cantada
De mim, formosa Phylis, toda a vida,
E inda que em vão amada,

Já nunca arrependida
Alma será do amor, que a tem vencida.

Nem do amor, nem da rima,
Tudo a ti justamente offerecido,
Como a seo preço, e estima
Será nunca movido
Este peito de ti, Phylis, vencido.

Além do Eufrate, e Nilo
Irá, deste por ti formoso Téjo,
O meo inculto estilo,
Que com teo nome vêjo
Livrentemente correr rude, sem pejo,

Que onde teo nome brando
Póde chegar, que a fé não traga certo
Quanto fôr alcansando,
Phylis, ao longe, e ao perto?
Ou que peito a seo som não será aberto?

Não só ficará escripto
Nos espiritos gentis d'amor vencidos,
Serão do inculto espirito
Com amor recebidos
Teo nome, e teo louvor hum a outro unidos.

Teo nome, a que preso anda
O meo entendimento inteiramente,
E todâ a dôr abranda,
Que esta alma por ti sente,
Inda que na mór dôr por ti contente.

Formosa Phylis, ouve
Minha voz, e em teo nome, ouvindo-a, apura;
Meo canto sempre louve
Teo nome, e formosura,
E não quero de amor outra ventura.

Nesta Ode chama Caminha a Phylis duas vezes *formosa*,
e uma *formosissima*, parece que não sabe outro epitheto

com que engrandece-la. É como o Conde de Barcellos, que principia quasi todas as suas Trovas com a phrase *Señor formosa*, este reparo é de pouca importancia, e só o faço para prevenir os principiantes, a fim de que evitem estas negligencias, que produzem monotonia desagavel. Hoje exigiríamos do author desta Ode mais sensibilidade, e uma expressão mais vehemente, e natural; mas no tempo do Poeta julgava-se que se não podia cantar d'amores sem certo mysticismo Platonico, e certo requinte de idéas, que impunha a imitação de Petrarcha, e que ao presente nos desagrada, e tanto é isto assim, que só nos versos a Phylis, é que Pero de Andrade, apparece algumas vezes affectado, e conceituoso. Tanta é a influencia, que nos melhores espiritos exercem as preoccupações do seu seculo. O mesmo character encontraremos na Ode XIV.

Eu, Phylis, não entendo
Este amor, com que te amo,
Amar-te só pertendo,
A mim por ti desamo,
E cada vez em mais amor me inflamo.

He sempre meo intento,
Phylis, servir-te, e amar-te,
Nunca outro pensamento
Tenho si não louvar-te,
Si soubera o louvor devido dar-te.

Fallar em outra cousa
Não sei, Phylis, nem quero,
Fallando em ti repouza
O esprito, e delle espero,
Que sinta, o que eu dizer já desespero.

Para louvar-te fallo,
Para louvar-te escrevo,
Para louvar-te callo,
Quando a tanto me atrevo,
Mas tudo a teos louvores, Phylis, devo.

A tudo a vista escondo
Quando hes, Phylis ausente,

Nem ouço, nem respondo,
Si non de ti sómente,
Que neste espirito estás sempre presente.

Nada, que de ti diga
Me deixa satisfeito,
Nem sorte ha tão imiga
Que mudé este meo peito,
Inda que a ti nunca he, Phylis, acceito.

Amo-te, Phylis, quanto
Pode minha vontade,
No intento do meo canto
Verás esta verdade,
Que me enche o Esprito de suavidade.

Mas quando, Phylis, vêjo
Tua grande formosura,
Mais amar-te dezejo,
Si pôde ser mais pura
Esta alma em teo amor firme, e segura.

Quando te vêjo crêo,
Que nada, Phylis, faço,
E co' este duro enlêo
A vida em dôr desfaço,
Mas si morro d'amor, d'amor renasço.

Não queiras que julgado
Do que em ti ha me vêja,
Porque a mais condemnado,
De ti, Phylis, não seja
A brandura, a vontade, aqui te rêja.

Um Poeta, que diz á sua amada, que só *pertende ama-la*, que *seu intento é só ama-la*, e *servi-la*, e que *nunca teve outro pensamento senão louva-la*, dá na verdade muito fraca idéa da vehemencia da sua paixão; e parece-se mais com Amadis de Gaula, ou D. Quixote, que com Tibulo, ou Propercio; e commette uma grande estravagancia quando se queixa da ingratiidão da sua amada. Se está na sua mão ama-la, e louva-la, que mais pôde exigir

Essa sua scismatica ternura ?

Seja-nos permittido citar este verso de Lobo, que nos parece mui applicavel a este caso. *Dans l'amour il n'a que le Physique*, disse Bufon, e fallou como grande naturalista que era ; e para que serve rodeiar um sentimento todo physico de uma methaphysica quasi inintelligivel ? Para desfigura-lo, e enfraquecer a sua expressão, e foi isso o que fizeram os Trovadores de Provença, e os Italianos, que os imitaram, e os nossos maiores naturalmente devotos, passaram aos seus versos eroticos as idéas asceticas, e theologicas, e fallaram ás suas bellas como fallavam ás santas, e até lhe attribuiam milagres, requestando-as em estylo beatifico como o Tartufo da Comedia de Moliere. Felizmente, que essa mania, que não durou pouco entre nós, tem inteiramente desaparecido, porque os nossos Poetas comprehendiram em fim, que uma duzia de versos de Virgilio, ou de Propercio, ardentes de paixão, e de sentimento vivo, e profundo, valiam mais, que todos os Cancioneiros Petrarchistas, recheados de finezas alambicadas, de conceitos Freiraticos, e de gelida galantaria.

Mas posto que este achaque do tempo se manifeste algumas vezes nas Odes Eroticas de Caminha, nem por isso deixam de ser obras de bastante merecimento, ellas como as Heroicas, e Moraes, devem contar-se entre as melhores, que nos ficaram daquelle seculo.

Horacio nos informa na sua Arte Poetica, que a Elegia fôra em sua primmittiva consagrada sómente á tristeza, e ás magoas, mas que depois passára a exprimir objectos de natureza festiva, e especialmente amores.

*Versibus impariter junctis quæsimonia primum,
Mox etiam inclusa est voti sententia compos.*

E esta asserção se vê plenamente comprovada com as Elegias latinas de Catulo, Propercio, Tibulo, e Ovidio, em que vêmos tractados assumptos muito estranhos ás lamentações, e queixumes.

Pero de Andrade Caminha, como seu mestre, e modelo Antonio Ferreira, e todos os Poetas da mesma escola, se applicou muito á poesia eligiaca, cultivando os dous

generos que ella abrange; ao primeiro pertencem as suas Elegias á morte do Principe D. João, uma das quaes é dirigida a Francisco de Sá de Miranda, a morte de Maria Pimentel, Esposa de Ferreira, á morte do neto, e herdeiro de Antonio de Sá, e a que dirigiu a Diogo Bernardes pela morte do mestre, e commum amigo dos dous o Doutor Antonio Ferreira. Todas estas Elegias sam escriptas com muita pureza, e elegancia de estylo, e de metro, mas todas sam mediocres pela poesia, á excepção da ultima, que é de muito superior ás outras, e que passamos a transcrever.

ELEGIA.

Hum silencio, Bernardes, me rompeste
Já quasi a não fallar determinado
Na dôr, que ora de novo em mim moveste.

Igualmente á dôr minha ser chorado
Não podia em meo verso o meo Ferreira,
Nem ser de mim seo espirito bem cantado.

Entendia de mim, que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merccia,
Não chegaria a minha voz inteira.

Calava, e a fallar delle me escondia
Por não offender morto hum bom amigo,
Que me quiz tanto quando cá vivia.

Fizeste-me chorar ora contigo
Com magoa nova, nova saudade,
A dôr, que eu cá chorava só contigo.

Moveste-me a alma a nova piedade,
A nova pena, a novo sentimento,
Daquella grande perda desta Edade.

Daquella grande perda, que hum momento,
Depois de tanto mal acontecido,
Não deixei de trazer no pensamento.

Mas eu não choro vêr d'entre nós hido
Este retrato só da Edade antiga
Do Ceo á nossa lingua concedido.

Mas faltar-me hum engenho a que o meo siga,
Huma voz, que ouça, e espirito de que aprenda
E os segredos das Musas me abra, e diga.

E quem o meo mau verso me reprenda,
E o meão mo concerte, e mo levante
Com douto aviso, e com segura emenda.

Sinto faltar, Bernardes, quem me espante
Com seo bom senso, com seo bom escripto,
Com cuja imitação possa hir ávante.

Aquelle claro, aquelle puro espirito
De são conselho cheo, e de prudencia
Sempre será de mim cantado, e escrito.

Agora em sua triste, e longa ausencia
Quem acharei, que a dôr me desagrave,
E me mostre o remedio na paciencia?

Fazia-me a tristeza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dôr mais leve,
Fazia-me a alegria mais suave.

Si teve, magoa nossa, a vida breve,
Largo nome terá, larga memoria,
Que a toda a parte, tempo a Fama leve.

Já do tempo terá certa victoria,
Que se houve assim na triste, mortal vida,
Que aspirou sempre á clara immortal gloria.

Nesta da mortal carne despedida
Esquecida de tudo, nos amores
Divinos estará toda embebida.

A voz levantará a outros louvores
Mais devidos, mais puros, e mais santos,
Arrebatada de immortaes favores.

Mil versos, e mil Hymnos, e mil cantos
Cantará sempre á eterna Formosura,
Mais dinos de memoria, mais de espantos.

Será nelles guiado de mais pura,
De mais formosa, de mais rica Musa,
Mais ornada de copia, e de brandura.

Amará, e será amado, assi lá se usa;
Cantará, e será ouvido de quem canta,
Que quem lá ama d'amar não se escuza.

O Sol, que sobre o Mundo se levanta,
Que com sua luz clara, e tão formosa
Nos vence a vista, o espirito nos encanta.

Em conta não terá que outra gloriosa
Luz, que dá luz ao Sol, e ás almas lume,
Lhe terá mais que o Sol a alma lustrosa.

Hum tempo eterno, hum immortal costume,
Seguirá sempre, tempo alegre, e puro,
Primavera, que nunca se consume.

Lá não verá Inverno triste, e escuro,
Não ventos, não tormentas, não mudanças,
Mas tudo quieto em Deos, tudo seguro.

Livrou-se das incertas esperanças,
Que nos desassocegam, desbaratam;
E das leves, e falsas confiansas.

Não vês, Bernardes, como nos maltratam,
Os movimentos vãos, e os vãos recêos,
Que as almas inquietam, vidas matam?

Quem pôde defender-se a mil enléos?
Quem se pôde valer em mil perigos
De outros muitos perigos sempre chéos?

He perigo não ter, e ter amigos,
Mal se pôde viver nesta estreiteza,
Si me heide velar delles como imigos.

O nosso Antonio está n'outra largueza,
Ninguém teme, ninguém delle se teme,
Em tudo vê pureza, e tem pureza:

E cá, Bernardes nosso, quem não treme?
Quem não deve de si mesmo temer-se?
Quem ha que contra o Tempo em vão não reme?

Quem vê cousa de que possa valer-se?
Olhos no Ceo, e no divino Norte
Póde guiar toda a alma a não perder-se.

Não chores já do nosso Antonio a sorte,
A minha sorte chora, a sorte tua,
Pois no-lo tem roubado a dura morte.

A nós dura, a nós aspera, a nós crua,
Que nos levou o nosso amigo brando,
E a doce, e branda conversação sua.

Por elle rindo, por mim vou chorando,
E por elle contente, e por mim triste,
Sem elle a vida hirei toda passando.

Tu-que a nossa amisade clara viste,
 Claro verás, que á dôr na perda grande,
 D'hum claro amigo, e bom mal se resiste.

Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande,
 Dôr he que nunca a vida perde huma hora,
 Remedio pôde haver, com que se abrande,
 Não que de todo o vença, e deite fóra.

Esta Elegia, que é resposta a outra de Diogo Bernardes, já se vê que foi escripta passado algum tempo depois da morte de Ferreira, e por isso o Poeta mui judiciosamente se absteve de esprimir nella os lamentos, transportes, e desespero, que accompanham os primeiros impetôs da dôr. Aqui só se ouvem os suspiros da saudade, e as reflexões de uma phylosophia resignada, que adoça, e metiga, mas não desvanece as magoas.

Caminha recorda, com profunda sensibilidade, a doce convivencia, que tivera com Ferreira; lamenta nelle a perda de um amigo sincero, e de bom conselho, de um censor recto, e desinteressado, com quem consultava as suas obras, que lhas corregia, e que o animava a poetar com o seu exemplo, que é sempre a melhor doutrina: julga-se só, e desamparado no mundo; compára logo este mundo com a bemaventurança, os males, e perigos, e trabalhos daquelle, com a felicidade della, e o seu espirito religioso lhe faz julgar Ferreira muito feliz por haver trocado a vida temporal pela eterna, todas estas idéas sê encadéam perfeitamente, e sam dictadas pela phylosophia christãa, que por isso não é menos poetica. Si nesta Elegia se deparam alguns versos menos bem torneados, tambem ha nella outros mui notaveis por sua perfeição, por exemplo.

Largo nome terá, larga memoria,
 Que a toda a parte, e tempo a Fama leve.

.....
 Luz que dá luz ao Sol, e ás almas lume.

.....
 Quem ha que contra o Tempo em vão não reme?

.....

Ninguém teme, ninguém delle se teme.

.....
He perigo não ter, e ter amigos

Na Elegia a Antonio Ferreira, pela morte de sua mulher, me parecem dignos de citar-se os seguintes tercetos.

Mas ah! que vou temendo que te agrave
Em te assi imaginar, vendo teo siso
Com que esse jugo te farás suave.

Vendo que claramente vês que he riso,
Quanto estorva o caminho do seguro,
E immenso bem do eterno Paraíso.

Vendo que com espirito prompto, e puro
Os olhos erguerás ao claro Norte,
De que vem claridade a todo o escuro.

Que a alumia o juizo, e vence a morte
E serena, e abranda as Tempestades,
E abaixa o mar tempestuoso, e forte.

Que mata em quem o segue as vaidades,
Que cégam a alma, a vida desbaratam,
E destroem Virtudes, e Verdades.

Que a mil miserias os cuidados atam,
E escurecem de todo o juizo claro,
E a mesma honra, que mais buscam, matam.

Norte que sempre teve por seo Pharo
A que a vida te pôs em tal estreita,
Que entre os tristes te podes chamar raro.

A estes devem juntar-se os seguintes, da Elegia endereçada a Antonio de Sá, na morte de seu Neto.

Ah, que si hum bom Esprito cuidar ousa
Neste grave desterro perigoso,
Na esperança da Morte só repousa.

Queixoso he aquelle estado, este queixoso,
Da Fortuna hoje vêmos despresado
O que viamos hontem mais mimoso.

Olha hum quanto he possível levantado,
Vê-lo-has, si elle bem sente, estar temendo
Poder-se vêr por terra inda lançado.

Que estamos n'huma, e noutra historia lêndo,
 Que nos não mostre em tudo mil mudanças!
 Que estamos cada dia em tudo vendo?

Em quem, ou em quem vimos esperanças,
 Que possam com razão ser confiadas?
 Ou quando sem razão descomfiansas?

Da vida as horas todas sam gastadas
 Em esperanças vãs, ou em temores
 De cousas, que si as vês, sam tudo nada.

O que cheio se vê de vãos favores,
 Da Fortuna, que sempre he duro imigo,
 Cuidas que o espirito tem livre de dôres?

Antes tem, como sabes, mór perigo,
 Que quanto a Fortuna he mais tida em conta
 Muitos môres receios traz comsigo.

.....
 Brêvemente esta vida vêmos morta,
 Si queremos a viva he mister tento,
 Que se entra nella por estreita porta.

O alto, e verdadeiro fundamento,
 Que ha contra a triste vida, tu o vês claro,
 Tu, em quem tantos bens tem firme assento.

Não he seguro córte, e bom reparo
 Contra ella branda morte em tenra idade,
 Que inda não sente como custa caro?

Atalha-se da vida a Adversidade,
 Antecipa-se o bem da vida eterna,
 Vida de amor, de paz, de suavidade.

Ganha-se vêr mais cedo o que governa
 Só com querer os Ceos, e todo o Mundo,
 Vence-se a Hydra vã desta vã Lerna.

A vida cá da Terra, que ao profundo
 Nos vai guiando as vãs inclinações,
 Que nunca em appetites acham fundo.

Cortam-se juntamente ás ocasiões
 As más cabeças todas em peleja,
 Livram-se em paz do Mundo as afeições.

Cotegem-se as Elegias de Bernardes com as de Caminha, e se verá quanto este é superior áquelle, pela philosophia, e pela força, e energia da expressão.

As Elegias amorosas dirigidas por Pero de Andrade á sua Phylis, ainda que ás vezes desluzidas por alguns rasgos da affectação, com que o amor se exprimia naquelle tempo, sam escriptas em estylo puro, ameno, e gracioso, e muitas vezes animadas da mais bella poesia descriptiva; assim se póde vêr nestes versos, com que principia a Elegia XIX.

Apoz o Verão brando o Inverno duro
Começa triste, e cheio de asperezas,
Importuno, pezado, frio, escuro.

Entra o tempo com furias, e bravezas,
Na terra, n'agoa, no ar faz movimentos,
Que ameçam mil damnos, e tristezas.

Revolvem tudo os furiosos ventos,
E parece que tem aspera guerra
Hums com outros os grandes Elementos.

Mais pesada se torna, e grave a Terra,
E tudo quanto d'antes produzia
Nega, e dentro em si mesmo esconde, e encerra.

O que ora aos olhos mostra, o que ora cria,
Tojos, Espinhos, Cardos, e secura,
Tudo alheio de graça, e de alegria.

Cessou aquella varia formosura
De diferentes rosas, varias flores,
De que se ornam as Plantas, e a verdura.

Das fontes não sam claros os liquores,
Correm, como corriam; turvo he tudo,
Tem as Aves silencio em seos Amores.

Seu brando canto está de todo mudo,
E só das tristes se ouve o triste canto,
Que eu com meos tristes versos sigo, e ajudo.

O Vento enche no mar de medo, e espanto
Assi o destro, esforçado Navegante,
Como o que não intende, ou ousa tanto.

Ora as ondas com furia leva ávante,
Ora as contrasta, e força, que huma deça.
Ao mais fundo, outra ás nuves se levante.

Não ha cousa que triste não pareça,
Tanques, fontes, ribeiras, mares, lagos,
Nem peito, que de os vêr não se emtristeça.

Todo o Mundo padece mil estragos
Da gran força dos Ventos poderosos,
Mais livres, e mais soltos, e mais vagos.

Os Ceos puros, e claros, e formosos,
Sam de nós vistos menos livremente
Co'a grossura dos ares rigorosos.

O clarissimo Sol resplandecente
Todo de escuras nuvens encoberto
Deixa com menos luz a humana gente.

A lua, inda que a nós anda mais perto,
Tambem c'os tempos tristes, e cerrados,
Já seo lume não dá tão descoberto.

De trovões os ouvidos atroados,
Os olhos de relampados vencidos,
Os ares de chuveiros carregados.

Mil outros damnos sam vistos, e ouvidos,
No triste Inverno, duro, e grave imigo,
Que inda que costumados, sam temidos.

A este quadro da entrada do Inverno, segue-se, no principio da Elegia XX., outra da entrada do Estio, que contrasta com elle na expressão, e viveza das côres, com que está pintado,

Apoz o Inverno duro o Verão brando
Começa alegre, e cheio de branduras,
Vai-se com elle o anno renovando.

Traz o tempo alegrias, e frescuras
Co'a bella, alegre, e suave Primavera,
Cheia de differentes formosuras.

Tudo que triste, tudo que secco hera,
Se alegra já de novo, e reverdece,
Ah! si o mesmo este peito usar podera!

Já de mil varias flores apparece
A Terra toda ornada, e tão formosa,
Ao Ceo com suas Estrellas se parece.

No rouxo Lyrio, e na purpurea Rosa,
No alvo Jasmim, no Goivo almiscarado,
Na amarella Giesta, e bem cheirosa;

E em outras muitas flores, de que ornado
Vem o doce Verão claro, e formoso,
Vê-se o Ceo mais benigno, e temperado.

Tudo he mais claro, tudo he mais lustroso,
Quanto ora cria a grande Natureza,
Mais brando, mais suave, e mais cheiroso.

Fugio já aquella Furia, e aspereza
Do Inverno ante o Verão, que a deitou fóra,
E venceo co'a brandura sua dureza.

A formosura da formosa Aurora
Semprê formosa, clara, e sempre pura,
Mais formosa, mais clara, e pura he agora.

Traz o Dia outra nova formosura,
He formosa a manhã, formosa a tarde,
Formoso o horisonte, e mais a altura.

A Noite em tão formosos lumes arde,
Que pôde competir co' claro dia,
Nasce mais cedo o Sol, põem-se mais tarde.

A agoa não corre já, como corria,
Escura, e turva; mas já pura, e clara
Enche os ouvidos, e olhos de alegria.

O formoso Verão tudo repara,
Dá novo fructo a tudo, e nova vida,
Faz liberal-a Terra, antes avara.

He já das Aves docemente ouvida
Aquella branda Musica, e suave,
Que lhes tem Natureza concedida.

Ouvem-se ora em som brando, ora em som grave
Seos queixumes cantar, e seos amores
Que não ha quem o Amor não damne, e agrave.

Entre as folhas das Arvores, e as Flores
Da gran força da calma se defendem,
Nem temem já do Inverno ali os rigores.

Humas, e outras parece que se entendem,
Que ora humá canta, ora outra lhe responde,
Ora juntas no campo mais se accendem.

Mas que parte haver pôde no Mundo onde
Do Verão a brandura não se vêja.
E a sua formosura que se esconde?

O mar que contra si mesmo peleja,
Da gran força do Inverno tão movido,
Que inda té os altos ares rompe, e peja.

Do brando tempo seo furor vencido
Se vê já tão quieto, e já tão manso,
Que parece que nunca foi temido.
Correm os brandos Ventos manso, e manso,
E os de maior rigor, e mais forçosos,
Parece que buscavam já descanso,
Os Zephyros suaves, amorosos
Sem furia, sem rigor, mais brandamente
Contra a força do Sol sam poderosos.

No trabalho que mais cansa, e se sente,
Dam ao que o sente, e passa novo alento,
E lho fazem passar mais facilmente.

Mais claro o formosissimo ornamento
Do claro Ceo se vê resplandecente,
Sem nada que dê á vista impedimento.

Ora as formosas nuvens se estam vendo,
Que do formoso Sol todas ornadas
Vam delle varias flores recebendo,

Verdes, azuis, e roxas, e encarnadas,
De prata, e ouro, brancas, e amarellas,
Outras de muitas côres variadas.

Vê-se, com gran prazer da vista, entre ellas
Formosissimas fórmas diferentes,
Formosissimo he quanto se vê nellas.

Estes dous quadros campestres sam coloridos com toda a viveza, e mostram que o Author amava os campos, e se aprazia de viver nelles, e o mais é que para depa-
rarmos com poesia descriptiva neste seculo, que possa competir com esta, é necessario recorrer a Ferreira, e a Camões, porque nos outros Poetas contemporaneos fôra trabalho vam procura-la. Isto prova a sem razão com que alguns Criticos estrangeiros, e nacionaes tem tractado Caminha, procurando faze-lo passar por um Poeta insignificante, sendo elle entre os nossos Poetas Classicos o que melhor se aproveitou das lições de Ferreira, e o que imita de mais perto a sua correccão, elegancia, e madureza de pensar. Não era assim que Ferreira, Bernardes, Antonio de Castilho, e Francisco de Andrade ajuizavam do seu merecimento.

Tenho entre as Elegias amorosas de Caminha por uma

das mais poeticas a que tem na Collecção o número quinze, sobre a tornada de Phylis ao campo, d'onde havia estado ausente por algum tempo; o Poeta extasiado de jubilo, por uma noticia tão grata para o seu coração, convida todas as Nymphas para o ouvirem celebrar no seu canto aquelle fausto acontecimento, e para o ajudarem com os seus versos.

ELEGIA.

Grandes, brandas, e claras formosuras,
Em cujos olhos o Amor pôde tanto,
Que abranda as pedras asperas, e duras.

Em quanto alegre minha gloria canto,
Pois tambem tendes parte nesta gloria,
Ajudai com prazer meo lêdo canto.

Já Phylis vem por quem minha memoria
Triste, e queixosa andava justamente,
Comsigo da tristeza traz victoria.

Cada huma em rosto alegre, e alma contente
Cheias de novo Amor, nova alegria
Este bem esperai thegora ausente.

Em seos olhos vereis chegar o dia,
Em seo rosto a manhã formosa, e clara,
E em tudo a sua dulcissima harmonia.

Alegres esperai aquella rara,
Antes aquella só Phylis formosa,
Dina que todo o espirito alto a cantára.

Nella vereis a neve, e nella a Rosa,
E nella ouro, rubis, e perlas finas,
E em tudo formosura milagrosa.

E mil graças na Terra perigrinas,
De todo o entendimento bem julgadas
Não por humanas só, mas por divinas.

Graças, que a si mil almas tem atadas,
Graças, que presas tem a si mil vidas,
A seo serviço, e amor sempre obrigadas.

Deste devido amor tambem vencidas
Esperão esta nova formosura,
Em quem mil perdas sam restituídas.

Nella vereis amor, vereis brandura,
Nella vê sempre Odio, e vê dureza
Quem tem em seo amor a alma segura.

Não vêdes hida já daqui a Tristeza
Dos olhos formosissimos temida
De Phylis? já no ar outra pureza?

Não vêdes do Prazer a Dôr vencida?
Não vêdes Musas já, Graças, e Amores?
Não vêdes hida a Morte, e vinda a Vida?

Signaes que chega já: de alegres côres
Ornadas a esperai: o Prazer sôe,
Orne-se o Ar de cheiro, o chão de flores.

Alegres cantos todo o Ar entôe,
Seja sempre este dia bem cantado,
E delle em toda a idade a Fama võe.

Com nova gloria, e nova honra illustrado
Seja sempre este dia venturoso,
Em que he tal bem a nossos olhos dado,

Onde Phylis está tudo he formoso,
Inda que ella he formosa mais que tudo;
Mas onde não se vê tudo he queixoso.

Para della cantar o engenho he rudo,
Inda que vê-la apura o entendimento,
E quem melhor a vê fica mais mudo.

Só de não vêr a Phylis hum momento
Pôde tanto, que a vida á dôr se rende,
Inda que sempre a vêja o pensamento.

Quando escondida ha tanto tempo offende,
A quem sempre seos olhos vêr dezeja,
Outra dôr cauza, que se não comprehende.

Depois se julgará quam grande inveja
Devo ter a quem poudes vêr thegora
A vista, de que Amor quer que me vêja.

A vista onde está a vida, e alma mora,
D'onde tudo, que espero está pendendo,
E de que a mesma Phylis se namora.

Formosuras que o Mundo estaes vencendo,
A vossa Phylis vem, de vós amada,
Alegrias lhe estaes graves devendo.

A grandissima Phylis sempre ornada
De valor, cortezia, authoridade,
De grande entendimento acompanhada.

A clarissima Phylis, que a esta idade
Dá grande nome; e dará sempre fama,
A que dará seo nome claridade.

A bellissima Phylis, que derrama
De seos olhos, por onde os vai mostrando,
Graça, que sem querer tudo a si chama.

Por onde passa vem tudo illustrando,
Faz a terra formosa, o ar sereno,
E tudo com seos olhos vem honrando.

Accrescenta o prazer, suspende a pena,
A quem a nunca vio dá novo espirito,
A voz a seos louvores move, e ordena.

Póde delles encher a todo o escripto,
Os baixos pensamentos alevanta,
Quanto em fim faz não póde ser escripto.

Já nos vem, já nos torna, já Amor canta,
Porque vem, porque torna; porque vêr-se
Possa a força com que almas mil encanta.

E porque ninguém ouse defender-se,
Vinda esta fortaleza, da sua guerra,
Contra a qual não ha quem baste valer-se.

Porque uma formosura, onde se encerra
Quanto huma formosura tem inteira,
Se conhece quanto honra, e illustra a Terra.

E quem não póde haver tão lizonjeira
Condição, que por mais, que della diga,
Não se tenha por certa, e verdadeira.

Já tendes Phylis, sempre branda, e amiga,
A voz, a ella tambem brandas, e amigas,
Não seja a meo espirito dura, e imiga,
A outros mil não sejaes duras, e imigas.

Esta Elegia respira todo o enthusiasmo do amor, e apesar de pequenas negligencias de estylo, póde contar-se no número das melhores obras deste genero, que nos deixou a Eschola de Ferreira. A linguagem é pura, a eloqução animada, e os versos harmoniosos, e correntes.

Pero de Andrade, já o adverti, não é feliz em epithe-

tos, e nesta Elegia abusou muito dos superlativos, amontoando-os a esmo, sem lembrar-se que estes vocabulos sam de ordinario mui pouco poeticos, e inda peor effeito fazem quando todos se ajuntam a um só nome, como succede aqui aonde vêmos, *grandissima Phylis, clarissima Phylis, bellissima Phylis*, e isto em nove versos, além de *olhos formosissimos*, que se encontra mais acima.

As Elegias, que tem os números vinte e um, vinte e dous, e vinte trez não sam pertencentes a este genero de Poema: as duas primeiras sam voltas no estylo antigo, a primeira glosando este Motte Castelhana

Todo me cansa, y me pena,
Nó sé que remedio escoja.

as segundas sam umas Redondilhas intituladas *Laberinto d'Amor*, e as terceiras umas Oitavas glosando este verso Italiano

Intendami chi puó, che intend'io.

e não sei porque capricho os Editores poseram estas composições entre as Elegias: isto é abusar da significação das palavras, ou ignorar os termos technicos da arte, e desconhecer o character de cada genero de Poema, e confundir todas as idéas recebidas. Parece impossivel que se deparem tão grosseiras incoherencias em uma edição dirigida por homens de tanto saber, como os que presidiram a esta.

CAPITULO II.

Epistolas, e outros Poemas de Pero de Andrade Cuminha.

Na minha humilde opinião entre as obras de Pero de Andrade Cuminha tem o primeiro lugar as suas Epistolas, e nellas mais que em outros alguns se mostra elle um digno discipulo, e imitador elegante do Doutor Antonio Ferreira.

O Poeta tinha em sua alma todo o calor, e força que demanda a Poesia didactica, e nestas Epistolas se apresenta aos olhos do Leitor, ora como moralista judicioso, ora como pintor exacto dos costumes do seu tempo, descrevendo, e discorrendo com força, e vigor, mas sem pedanteria, no estylo de seu modelo, imitando com esmero, e perfeição o seu colorido agradavel.

Cumpre porém confessar, que Pero de Andrade, menos instruido que Ferreira, é tambem menos rico em idéas, e em philosophia do que elle. As Cartas endereçadas a seu Irmão, e a Ferreira, sam aquellas, em que elle dá redêa mais livre aos sentimentos da sua alma, e mais manifesta o seu modo de pensar sobre os differentes objectos, nas outras limita de ordinario as suas reflexões ao que diz respeito ás pessoas com quem convivia.

Poucos Poemas haverá que entre nós se cultivassem primeiro que a Epistola Poetica; e no meio das vicissitudes porque a poesia tem passado em Portugal, e apesar das variações de gosto, que tem reinado no nosso Parnaso, não tem os nossos Poetas cessado de cultiva-la, sam porém muito raros os que a tem elevado á importancia que goza entre os Alemães, e os Ingleses, pois quasi sempre tem sido applicada a assumptos Eroticos, e particulares, em vez de nella se tractarem objectos de alta philosophia, como praticaram Dusch, Wielland, Pope, e tantos outros, que pela Epistola moral tem conseguido no mundo me-

recida reputação ; sendo Francisco Manuel, e Antonio Ribeiro dos Santos, quasi os unicos que em Portugal seguiram as suas pizadas.

Caminha, para em tudo imitar a Ferreira, até escrevendo como elle quasi todas as suas Epistolas em tercetos, escreveu tambem uma unica em verso solto dirigida a Luiz Alvares Pereira, como Ferreira havia endereçado a El-Rei D. João III., a unica de suas Epistolas, que é escripta em verso solto.

Na primeira Epistola da Collecção, que é dirigida a D. Duarte, se queixa amargamente o Poeta da falta de favor, e de estima que a poesia tinha em Portugal, onde sómente se presava o ouro, e as riquezas, e só era considerado quem as havia adquirido fosse porque meios fosse.

EPISTOLA.

Que he do favor, Duarte, que os Espritos
De louvor dignos justamente achavam
A seos bons cantos, a seos bons escriptos ?

Que he dos louvores com que se animavam
A erguer a voz mais confiadamente,
E com mais seguro animo cantavam ?

Como esquecido está tão baixamente
O que já tanto ponde, que podia
Hum Esprito fazer raro, e eminente ?

Quem ás Musas tirou tanta valia ?
Quem a Phebo tornou tão despresado,
Que já entre nós seo nome não se ouvia ?

Antes inda mal se ouve, e mal julgado
He de muitos Juizes quem o segue,
Este voto he de muitos approvado.

Antes que o Ceo de todo á Terra negue
Este dom, que inda a alguns elle não nega,
A Terra a este favor toda se entregue.

Mas ah ! que toda está de todo cega,
Traz interesses, traz cobiças, e ouro,
E a estes dezejos vãos toda se entrega.

Tem-se em grande desprezo já o thesouro,
D'Apollo, que os Espritos emriquece,
E as fronteas orna de Hera, e verde Louro !

Quam contente de si quando amanhece
Se acha o Esprito entregue todo á Musa,
Quam contente de si quando anoitece!

Quam comfiado sempre, e seguro usa
Do seo Entendimento! quam seguro
Sabe ao Bem dar louvor, ao mal escusa!

Quanto melhor entende o bom, e o puro,
Quanto melhor o mau, que quem se arreda,
Das doutas Musas com espirito duro!

Mais facil nelle está, mais certa a queda
Do Entendimento, e em qualquer fraco laço
Facilmente se prende, enlaça, enreda.

Pejam-se as Musas, correm-se, no Paço,
Si se acham nelle, estam como forçadas,
Vêem-se em toda outra parte mais de espaço.

Será de serem mais agazalhadas,
Como sam, dos Espritos occiosos,
De quem nunca ser podem bem julgadas.

Nunca deram de si muito a mimosos,
Fogem do mimo, fogem da brandura,
Mas fogem muito mais dos cobiçosos.

Escondem muito a sua formosura,
Sómente a mostram, ao que ama-la sabe,
E em estudo, trabalho, e amor se apura.

Baixo peito, em quem tudo isto não cabe,
Como pôde esperar tanta riqueza,
Como que a Musa nunca co' elle acabe?

E quem não força muito a Natureza
Por este amor, com que razão espera
Achar nelle si não odio, e dureza!

Formosissimas Musas, si podera
Encher de vosso espirito este meo peito,
Quam ponca inveja a todo o Mundo houvera?

Fôra-se quem quizeria satisfeito
Do rubi, da esmeralda, do diamante,
E só fôra-vos eu a vós acceito.

Gran Principe, que sempre tens diante
Dos olhos o favor das brandas Musas,
Faze os engenhos bons hir sempre ávante.

Os meos versos, a que hei mister escusas,
A que desculpas mil se te oferecem,
Tracta-os co' amor, que aos teos tractar sempre usas,
Virão achar assi o que não merecem.

Vê-se que o Poeta estava descontente pelo pouco fructo, que tirava das suas fadigas literarias; já vimos Diogo Bernardes formar os mesmos queixumes, e logo vêremos um homem cem vezes maior Poeta do que elles ambos, queixar-se ainda com maior amargura, e até com maior justiça do mau acolhimento que as Musas encontram nesta terra, e do desamor com que a Patria se esquecia dos serviços, que lhe fizera com a penna, e com a espada. E note-se que estamos no seculo d'ouro da nossa Literatura! Em todo o tempo foram em Portugal bem acolhidos, louvados, e premiados os Pintores, Escultores, Musicos, e Gravadores; para estes sempre houve pensões, distinções, e louvores; mas para os Poetas!... Oh para esses ainda não nasceu entre nós um Augusto, um Leão X., ou um Luiz XIV.

Nos seculos seguintes cresceu o mal; o Governo desconfiou de todos os homens de grande talento, e grande saber; e como para ser grande Poeta é necessario reunir estes dous dotes, ao esquecimento juntou-se a perseguição. Foi então necessario, que fugissem da Patria, os que não quizeram ser alvos dos furores da Inquisição, e dos rigores do Tribunal da Inconfidencia. As vidas de Francisco Manuel, José Anastacio da Cunha, Bocage, e João Vicente Maldonado provam sufficientemente esta asserção.

Tenho por uma das melhores Epistolas de Caminha, a que tem o número dezesete, em que elle fallando com Francisco de Andrade golpeia rija, e graciosamente com o azurrague da satyra os pragueiros arvorados em censores, que tudo criticam a esmo, sem juizo, e sem razão.

EPISTOLA.

Queixo-me, douto Andrade, de huns indoutos,
Que o que ás vezes lêem mal, peor intendem,
Querem julgar como que fossem doutos.

Tão facilmente a seo gosto reprimem;
As vigílias alheias, que eu me espanto,
Como elles de si mesmo não se offendem.

O verso ou mau, ou bom, o escripto, ou canto,
Qu' ao espirito custa estudo, e tempo, e lima,
Julgam como que não custassem tanto.

A livre prosa, ou obrigada ryma.
Por seo juizo, e só entendimento,
Assi a tem em despreso, assi em estima.

Si lhes perguntas polo fundamento,
Respondem, só que bem não lhes parece,
Querem que obrigue o seo contentamento.

Que me dizes, Francisco, a quem conhece
O Mundo por tão raro, e em cujo espirito
Apollo claramente se emriquece?

Com quaes julgas que deve ser escripto:
Aquelle de juizo tão ousado
Que quer assi julgar o alheio escripto.

O sesudo, o prudente, o attentado,
O Douto, antes que julgue, tudo attenta,
Por não ser seo juizo mal julgado.

Ante os olhos primeiro representa
A obrigação do verso, e a natureza
Vê se offende a invenção, ou se contenta.

Com livre espirito nota, e com pureza,
Os conceitos, as phrases, as figuras,
E si na lingua tem copia, ou pobreza.

Si as palavras sam proprias, ou sam puras,
Si as busca claras pera o que pertende,
Ou se asperas, difficiles, escuras.

O decoro si o guarda, ou si o entende,
E si a materia he bem, ou mal seguida,
Si abranda, ou afeição, ou move, e attende.

Si toma imitação bem escolhida,
Si o estilo he sempre grave, ou sempre brando,
Si a sentença a bom tempo, ou mau trazida.

Si se vai longamente dilatando,
O si diz o que quer tão brevemente,
Que ou não se entende bem, ou vai cansando.

Quem tudo isto, Francisco, nota, e sente
Com clarissimo juizo, peito puro,
E o mais, que engeita a Musa, e o que consente.

Julgue, ria, reprenda; estê seguro
Que deve inteiramente de ser crido,
E eu destes sós espiritos trato, e curo.

Destes quero ser antes reprehendido;
Destes, como tu hes, oh caro Andrade,
Que dos outros louvado, e recebido.

Aprenda-se com estes a verdade,
Do que Apollo promete, e a Musa ensina;
A quem dá a reprensão authoridade.

O espirito, que não vôa, nem atina,
O bem, ou mal, do que se canta, ou escreve,
Quando bem, ou mal diga, desatina.

Si dá razão, mais fria a dá, que a neve,
Sem fundamento louva, e assi reprova,
Que em juizo appressado ha razão leve.

A reprensão no Mundo não he nova,
Mas quem melhor entende, mais de espaço
O mau reprende, e o melhor approva,

Tem as lingoas agudas mais que d'aço,
Estes que querem ser graves Censores,
Si lhes armas, caem logo em qualquer laço,

Juizes vãos, indoutos reprehensores,
Não sofrem as Musas ser assi tractadas,
Nem recebem de vós inda louvores.

Tende-os guardados, tende bem guardadas
As leves reprensões, que usaes em tudo,
Para as couzas das Musas não tocadas.

Sem ellas todo o peito hade ser mudo,
He rarissimo aquelle, antes só, peito,
Que não se deva entre ellas chamar rudo.

Seja meo verso sem nenhum respeito
Daquelles a que Phebo maior parte
Tem de si dado, ou reprehendido, ou acceito.

Seja de ti Francisco, que guardar-te
Quiz para honra da Musa Portugueza,
E para entre os mais raros mais mostrar-te.

Tu segue comfiado aquella empresa,
Que tão felicemente começaste,
Segue-a com puro espirito, e alma acceza,

Esta empresa, que Francisco de Andrade havia tomado, e a que se refere Caminha, era a composição de um Poema Heroico sobre o primeiro cerco de Dio, que elle com effeito acabou, e deu á luz, mas que é hoje uma das obras mais raras da nossa poesia. Delle tractaremos quando dermos noticia de Francisco de Andrade.

A Victoria rarissima, que achaste
Digna do raro engenho, que em tudo usas,
E usaste sempre em tudo que cantaste.
Comfiado em teu conselho, e no das Musas,
A segue, e em tua lima, e espirito claro,
E assim mais haverá espantos, que escuzas,
Em teu verso e em teu canto douto, e raro,

O estylo desta Epistola é perfeitamente Didatico, e o Author moteja com razão dos Criticos ignorantes, cuja maledicencia está sempre prompta para motejar as obras alheias, sem que sejam capazes de produzir cousa alguma, que valha a pena de lêr-se, e que ás vezes nem estão em estado de entender as mesmas obras, que tão grosseiramente censuram. Estes insectos importunos, e malfazejos tem infestado o Parnaso em todos os tempos, e ainda nos nossos, de tão adiantada civilisação, apparecem muitos, que não podendo brilhar pelo que fazem, querem ao menos brilhar desaccreditando o que os outros fazem.

A Epistola XII. a D. Antonio, Prior do Crato, está cheia de excellentes idéas moraes sobre os deveres dos Principes.

EPISTOLA.

Principe raro, que gloriosa fama
Tens no Mundo alcansado justamente,
Concede ouvidos prompts a quem te ama.
Algun credito dá a quem n'alma sente
Tudo o que sentes; ouve com brandura
Huma alma, que te falla fielmente.

Haverá alguns, que cuidem por ventura,
Que porque sam os Principes formados
C'os outros Homens de huma compostura.

Que por isso não sam mais obrigados
A fugir da commum, e geral sorte,
De que os de mais dos Homens sam levados.

Querem que todos sigam o mesmo Norte,
E que tenham hum mesmo entendimento,
E que igualmente todo o juizo corte.

Levanta, claro Antonio, o pensamento,
Verás quão baixamente estes entendem
Qual deve ser do Principe o intento.

Verás a obrigação dos que descendem
De Principes, e Reys, como descendes,
E quanto os Reaes Espritos, mais comprehendem.

Todos, com tua brandura, d'amor prendes,
Com tua condicção atas, e obrigas,
Ata-te agora, e abriga co' que entendes.

Faze-te forte muro nas amigas
Virtudes, na prudencia sãa, que escolhe
O bem, que mais a teo descanso sigas.

De razão enche o espirito, a razão olhe
O entendimento, e humilhe-se a vontade,
Que as mais das vezes os discursos tolhe.

C'os olhos na divina claridade,
Que a escura noite torna em claro dia,
E d'alma apparta toda a escuridade!

Como póde faltar segura guia,
Que o melhor, e mais certo sempre atine,
Nunca, o que esta luz segue, se desvia.

Quem alcança em si Esprito, que o -ensine,
De todo se lhe entregue, e lhe obedeça,
Porque do que a si deve não decline.

De quem se espera que em mais gloria cresça,
Trabalhar deve com mais alma, e espirito,
Que a que tem alcansado não escureça.

Antonio grande, que cantado, e escripto
Mereces ser de todos, não te escondas,
Enche o teu canto, e enche o teo escripto.

Bem entendes que he justo que respondas
Do teu rico talento co' as usuras,
Seguro poem o peito ás fortes ondas.

Cousas difficultosas, graves, duras
Não as acaba sempre a fortaleza,
Mais as acaba o Amor, mais a Brandura.

O que por boa constancia, e grãa firmeza
Muitas vezes se tem, he lhe devido
Mais propriamente nome de dureza.

Sempre foi de prudente, e de entendido
O Conselho mudar si o tempo o ensina,
Que o tempo he mestre digno de ser crido.

Aquelle cuida que he da luz divina
Guiado, e que ella he delle bem seguida,
Que ao proveito commum o animo inclina.

Si todos tem obrigação devida
A este commum proveito, dezejado
De toda a alma do justo Ceo regida.

Quanto hum Principe lhe he mais obrigado,
Que deve procurar com grande gloria
Ser sobre a outra Gente levantado.

Ser Principe he ser digno de memoria,
Digno de grande nome, e glorioso,
E saber ter de si sempre victoria.

Ser Principe não he ter Caza pomposa,
Nem ter nome de Principe, nem se-lo,
Que tudo isto he vã honra, e fabulosa.

Ser Principe, e Senhor, he merece-lo,
E ser em tudo sempre tão perfeito,
Que nunca possa o tempo escurece-lo.

He ser o que tu hes, que sempre acceito
A todos foste, Antonio puro, e claro,
Mas não fies no Mundo contrafeito.

Torna-te a conservar, este dom raro,
Este gran dom, que o largo Ceo quiz dar-te;
Darás prazer á Terra, aos teos amparo.

Não deves de deixar tanto levar-te
D'onde hes tão dezejado, os olhos víra,
E já aos que tanto te amam vem juntar-te.

Todos os pensamentos d'alma tira,
Deixa os cuidados, que te lá retardam,
E já a nossos dezejos te retira.

Olha quantos por ti e' o amor aguardam,
E quantos com puro animo te pedem,
Que pura a fé primeira inda te guardam!

E si thegora os Ceos te não concedem
O que todos dezejam, e tu mereces
Grandes bens, que do Ceo justo procedem.

Crê, pois esta verdade bem conheces,
Que não te tardarão si tu não tardas,
Que não te faltarão si tu obdeces.

Si em teu heroico peito sempre guardas
Mil divinas, heroicas mil Virtudes,
Que fazes? oh que cuidas? ou que aguardas?

Não he razão que teu Espirito mudes,
Desse cuidado, que te está detendo,
E só no que te diz o tempo, estudes.

Como? e he justo que te este movendo
O que a qualquer Espirito aballa, e move?
Si alguém o entende assim, eu não o entendo.

Não igualmente o Ceo em tudo chove,
Não dá a todos iguaes entendimentos,
Mas não me movo porque o outro approve.

Não podem ser seguros fundamentos
Os que de quietação sempre não tractam,
Para esta só sam bons os movimentos.

Os são conselhos a esta sempre se atam,
Bons peitos seos desenhos a esta ordenam,
E tudo o que a estorva desbaratam.

Tudo o que a não approva mais condemnam,
E os que a consentem, querem, e não estorvam,
Justamente se afligem, cansam, penam.

Os animos dos Principes approvam
Sempre o melhor, assi de ti se espera,
Em quem grandes virtudes se renovam.

Virtudes do gran Principe, que te hera
Bom Pay, fiel amigo, e Conselheiro,
Que já descansa na Celeste Esphera.

O gran Principe Luiz, é verdadeiro
 Amor da Patria, e gran columna, e firme
 Ante o gran Rey Irmão sempre primeiro.

Em ti o Ceo do Santo Pay comfirme
 As virtudes, e bens, e graças raras
 E inda em todas as tuas mais se affirme.

Temera, gran Senhor, que me julgaras
 Tão mal como eu entendo que mereço,
 Si justamente não me desculpáras,
 Co' amor com que estes versos te ofereço;

Entre as melhores Epistolas de Pero de Andrade Caminha, distinguem-se a meu vêr a Epistola XIV., ao Cardeal Infante D. Henrique, então Regente do Reino; nella se encontram excellentes idéas expressadas em excellentes versos, por exemplo.

Boas sam boas leys, melhor guardar-se
 Inteiramente tudo o que ellas mandam,
 Isto faz the aos Ceos a Terra alçar-se.

Mas si ellas, grande Principe, desandam,
 Tudo ao máo corre, tudo ao peor vóa,
 Os bens se escondem, males se desmandam.

.....
 Criar o Rey, dado por dom divino,
 Como a seo Reyno cumpre, e tão glorioso,
 Que de tão raro Rey pareça indino.

Mostrando-lhe as virtudes, que famoso
 Fazem o Rey em Terra, e tão perfeito
 Como de hum Rey se espera milagroso.

Hum Esprito constante, hum claro peito,
 Que entendido o milhor nunca se mude,
 E mais que o seo queira o commum proveito.

Esta doutrina é optima, mas o Cardeal se não aproveitou della, pois dominado pelos Jesuitas, os encarregou da educação, e ensino de El-Rei D. Sebastião, affastando de seu lado o seu Ayo D. Aleixo de Menezes, fidalgo honradissimo, adornado de toda a virtude, e saber, que aquelle cargo importante demandava. Os Solipsos, que lá tinham formado o seu plano, se apoderaram do

espírito do joven Monarcha, e o doutrinaram, e aconselharam de modo, que o levaram, quando foi tempo, a morrer em Africa com a flor da Nobreza, e da juventude Lusitana, abrindo assim a estrada para a usurpação de Filippe II., que era o fim a que se tinham proposto.

Não cede a esta a Epistola XIII. ao Duque de Parma Alexandre Farnese, um dos maiores Generaes do seu tempo, neto do Imperador Carlos V., por occasião do seu casamento com D. Maria, filha do Infante D. Duarte. Aoitava a seu Irmão Affonso Vaz Caminha, que estava para embarcar para o Oriente, e a quem dá optimos conselhos para proceder bem, como se vê destes Tercetos.

Hum nome, que outros nomes escurece,
Qual te espero inda vêr, não descansado
S'alcalça, que o ocio a nada favorece.

Vai o tempo ora dar, tempo bem dado
A Deos, ao Rey, á Patria, á honra, á vida,
Que inda que ao Mundo esqueça he a Deos lembrado.

Mas sabe que não póde ser cumprida
Nenhuma obrigação inteiramente,
Si a virtude a não leva bem regida.

Tem fracos fundamentos, levemente
Derribado será de qualquer vento,
Quem sem virtude fôr comfiadamente.

Virtude anima, e esforça, atrevimento,
Dá pera o bem, e pera o mal faz pejo,
Segura contra todo movimento.

.....

Não teme quem a têm perda, nem dano,
Por tudo passa, a todo o Vento corre,
Todos seos bens comsigo traz todo o anno.

.....

Nunca a golpe nenhum sejas rendido,
Em dano d'alma, o corpo a mil perigos,
Por teo Deos, por teo Rey ande ofrecido.

Entrarás mais seguro entre os imigos
Armado de virtude suave, e branda,
Que d'armas fortes, que de leaes amigos.

A vã sorte, que hora anda, ora desanda,
Terás em pouca conta, só fiarás
Na vontade de Deos, que tudo manda.

Comfiado nelle só tudo ousarás,
Será mais certo o golpe do teo braço
Que na força do seo levantarás.

Não temerás do imigo o agudo aço
Sabendo que, si a vida assim perderes,
Ganharás a que dura eterno espaço.

Mal cuidava Caminha, que nisto não fazia mais do
que repetir o que Mahomet no seu Alcorão havia prome-
tido aos Musulmanos; isto é, que todos os que pereces-
sem combatendo contra os Infieis hiriam direitos ao
Paraíso.

Sejam sómente todos teos prazeres
Peleijar pela Fé só verdadeira,
Não por vãs honras, não por vãos haveres.

Eis aqui o reflexo das opiniões do tempo do Poeta. A
obra mais meritoria, que podia fazer um Christão, era hir
combater os Infieis, extermina-los, ou reduzi-los á fé á
força de cutiladas; como si Jesu Christo tivesse escolhi-
do para prégar a sua divina Ley Conquistadores, e Sol-
dados, e não Apostolos, que a dissiminassem com o ex-
emplo, e a persuasão. O que porém encanta nesta Epis-
tola, é vêr como o Poeta aconselha a seu irmão o culti-
var as letras no meio do bolicio das armas.

Do tempo, que occupado não te fôr,
Aos Livros debes dar a maior parte,
Criarás á Ociosidade desamor.

Em tudo saberão bem avisar-te,
Com conselhos na paz, e ardís na guerra,
De que possas em tudo aproveitar-te.

Dir-te-hão o que ha no Ceo, e houve na Terra;
Dar-te-hão de tudo exemplos, muito os ama,
Que quanto ha que saber nelles se encerra.

Naquelle tempo julgava-se, que as armas deviam ajus-

dar-se das letras, e os Principes, e os Grandes as cultivavam, e honravam; os Jesuitas conseguiram mudar a pouco, e pouco estas idéas, certos de que os seus interesses só podiam medrar bem quando o poder se tornasse apanagio exclusivo dos ignorantes, então os Homens doutos foram afastados dos cargos públicos, e do exercito, e perseguidos como suspeitosos; o resultado foi o que devia esperar-se, e o que todos sabem. Perdeu-se a influencia no Oriente, e grande parte das Conquistas, corromperam-se os costumes, e as leys, e o arbitrio tomou o lugar dellas, a superstição lavrou á larga, definhou o commercio, e a industria, pois até as artes mechanicas não podem florescer, e adiantar-se sem o auxilio das letras, e da sciencia.

Caminha era um admirador entusiasta do Doutor Antonio Ferreira, a quem imitava assidua, e desveladamente, tanto na composição, como na correção classica do estylo: e a Epistola, que passo a transcrever, servirá de provar o respeito, e veneração, que elle professava para com o seu Amigo, e Mestre.

EPISTOLA.

Antonio, quando vêjo o engenho raro
O puro espirito, que nos vás mostrando,
O estylo facil, alto, limpo, e claro.

Vêjo que vás em tudo renovando
Aquella antiguidade, que inda agora
Com grande nome, e fama está espantando.

Vêjo em ti sempre maravilhas, ora
Cantes da viva, da amorosa chama,
Que hum alma faz captiva, outra Senhora.

Ou nos mostres de quem baixamente ama,
Amores em baixeza só fundados,
Destruidores máos da limpa fama.

Ora sejam os teos versos entoados
Ao som da doce frauta, a cujo som
Foram os do gran Tytiro cantados.

Ou em outro mais alto, e triste tom,
Nos mostres da Fortuna as variedades,
Mais vezes pelo máo, mais contra o bom.

Ora chores a perdas das edades,
Em que o bem tinha premio, o mal castigo,
E mostres de mil erros as vontades.

Ora consoles o teo triste amigo
Ou congratules quando está contente,
Acedendo aos prazeres, e ao perigo

Agora te levantes altamente
A altos feitos, e emprezas, que gloriosa
Fama, mas merecida, dam á Gente.

Ou temas a soberba, a perigosa,
A vãa, a ingrata Côrte, a almas, e vidas,
Aos bons Espritos, e honras tão danosa !

Ferreira, e Caminha eram cortezãos, Sá de Miranda era tambem cortezão, e os dous primeiros queixam-se da côrte, e fazem della horriavel pintura, Sá de Miranda não se contentou com isto, mas fugio della e foi acabar seus dias na sua Quinta da Tapada, entregue ao cultivo das letras, á devoção, e aos cuidados da lavoura. Isto deve desenganar os Poetas, de que a côrte não é o seu lugar ; para ser grande Poeta é necessario respirar o ar livre dos campos, aquecer-se ao fogo do seu modesto lar, viver comsigo em liberdade, e conversar com os mortos, segundo a expressão elegante de Garção. A pobreza é menos prejudicial para o genio que o ar das côrtes, e a sua servidão dourada. Dante, Camões, e Milton escreveram os seus Poemas immortaes o primeiro no desterro, e os dous no seio do abandono, e da miseria. A Iliada é obra de um mendigo, e cego ; as sublimes Odes de Francisco Manuel escreveu-as elle foragido em terra estrangeira, o homem grande lucha com a desgraça, vence, e adquire na lucha novas forças ; mas os que se acostumam a curvar-se diariamente a pequenos Idolos, nunca têm azas para remontar-se ás Estrellas.

Ou dezejes as fontes só hebidas
Dos que passam quietamente a vida,
Não invejando as agoas mais seguidas.

Ou te alces sobre tudo a essa querida
Vida de nós, de todos dezejada,
De muitos mal, de poucos bem seguida.

Quando tudo isto vêjo, quando a estrada
Que thegora seguiste, e o cuidado
De por ti nossa lingoa ser honrada.

E vêjo de outra parte já acabado,
Com magoa o digo assi, o Tempo, que usava
Os engenhos honrar, de que hera honrado.

É porque a conjuração dos Jesuitas contra as letras, e
os talentos, hia já começando a produzir seu fructo.

Que não heide sentir? tudo levava
Phebo apoz si, movia com seo canto
Condições feras, gente dura, e brava.

He tido agora em pouco, grande espanto
De Espritos raros, de que nesta terra
Nunca houve tantos, de que houvesse tanto.

Mas conhecidos mal, fazem-lhe guerra,
Captivam-nos com serem mal ouvidos,
E assim vemos que em si cada hum se encerra.

Mas si os vemos assi mal recebidos,
Não sei si he isto magoa, ou phantasia,
Cuido que he porque sam mal entendidos.

Si nos já amanhecesse hum alvo dia,
E a poz elle outros muitos, que tirassem
A este enganado tempo sua profia.

Esse dia, tão suspirado por Pero de Andrade, inda não
amanheceu na Lusitania, nem talvez amanheça nunca:
tem-se, é verdade, algumas vezes rarefeito o negrume
das trevas, mas com uma luz tão debil como a das Ter-
ras Polares.

Que muitos zelos máos desenganassem,
Que muitos zelos bons favorecessem,
Porque assi máos temessem, bons ousassem.

Quem duvida que então, cada hora erguessem
Ao Ceo novos Espritos novos cantos,
Que iguaes ao canto antigo se fizessem.

Poderíamos ter menos espantos
De engenhos peregrinos, que os dará,
Quando pouco, esta Terra taes, e tantos.

Si alguma hora tal tempo nos virá,
Que vêja levantados bons Espritos?
Que derribada esté a condição má,
Que despreza bons versos, bons escriptos
Por máo zelo, por odio, ou por inveja,
Que estes taes entre os cégos sejam escritos.

Tempo, em que levantado assi te vêja,
Que em ti se alegre Apollo, em ti das nove
Irmãs o casto Choro alegre seja.

E em mi a quem agora o peito move
Teu alto canto, que eu vou mal seguindo,
Outro mais alto canto então renove.

Com que me pouco a pouco vá subindo
Traz as Musas com tua guia clara,
Que para ellas meos olhos vai abrindo.

Musas, com que se huma alma tanto ampara
De todo golpe, com que se defende
Da vã Fortuna prodiga, ou avara.

O tão ditoso, que por ellas vende
Todo outro gosto vão, de vãos dezejos
Livre, n'outros milhores a alma accende.

Os soberbos estados, os sobejos
Despresa, o campo mais que o Povo estima,
Não sofre suas solturas, sem despejos.

Conversações de Livros poem acima
De quantas ha entre Gente, tão buscadas
De tão cégo, que aquellas desestima.

Horas ditosas, doces, bem gastadas,
As que longe da Gente, e Povo cégo
N'uma sã Liberdade sam passadas.

Livres de tanto máo desasocego,
De tanta inquietação, que só a lembrança,
Tirárá ao socegado o seo socego.

De uma esperança vã n'outra esperança,
Não anda ali, seguro o sentimento,
Está ali de sentir tanta mudança.

Ali os olhos não dam ao pensamento
Tanto a que se abaixar, ali o desgosto,
Si accerta de vir, dura hum só momento.

Ali do Sol nascido the o Sol posto,
E delle posto the outra vez nascer,
Não esconde a alegria seo bom rosto.

Ali se vê mais cedo amanhecer,
Mais tarde a noite, que em mil lumes arde,
Quam poucos tal bem sabem escolher,
Que por cedo que se ache, acha-se tarde.

O respeito, e admiração de Caminha por Antonio Ferreira, não se limitava só á imitação do seu estylo, e maneira de poetar, estendia-se a perfilhar todas as suas opiniões em literatura, escutando-as como oráculos, de modo que havendo Caminha, segundo o uso do tempo, composto alguns versos em castelhano, os mandou ao seu amigo para lhos emendar. Ferreira, que ardia em enthusiasmo patriotico pela lingua portugueza, que todo o seu empenho era corrigi-la, aperfeiçoa-la e torna-la conhecida; e que por isso havia por uma especie de crime litterario, o escrever um Portuguez em lingua estranha, lhos devolveu com uma Epistola, que é a terceira do Livro primeiro do seu segundo Volume, em que lhe dizia

O que entre a Antiguidade mais se havia
Por infamia, hera desprezar a terra,
De que hum hera Filho, e em que vivia.

.....

Pois com quanta razão me eu mais espanto
Do que em ti véjo, tanto vás perdido,
Tanto, que me ali move a magoa, e espanto.

Mostraste-te the agora tão esquecido,
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
Como si nella não fôras nascido.

Esses teos doces versos, com que ergueste
Teo claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a estranha Gente os deste.

Porque o com que podias nobrecer
Tua Terra, e tua lingoa lho roubaste,
Para hires outra lingoa emriquecer.

Cuida melhor, que quanto mais honraste,
E em mais tiveste essa Lingoa Estrangeira,
Tanto a esta tua ingrato te mostras-te.

Volve pois, volve, Andrade, da carreira,
Que errada levas, com tua paz o digo,
Alcansarás tua gloria verdadeira.

The quando contra nós, contra ti imigo,
Te mostrarás? obrigue-te a Rasão,
Que eu, como posso, a tua sombra sigo.

As mesmas Musas mal te julgarão,
Serás em odio a nós teos naturaes,
Pois cruel nos roubas o que em ti nos dão.

A lição foi aspera, mas aproveitou; Caminha nunca mais escreveu se não em portuguez, e parece que para obedecer a Ferreira queimou todos os versos que tinha feito em castelhano, pois na collecção das suas poesias não apparece uma só destas composições.

Parece com tudo que foi menos docil com o systema de Ferreira quanto a abandonar inteiramente a antiga poesia nacional, para cultivar exclusivamente a italiana, e o estylo classico, visto que nos restam delle algumas Voltas, algumas Redondilhas na fôrma antiga, e entre ellas duas Epistolas em Coplas outosylabas, uma dirigida a uma Donzella, que estava para professar, e outra a João Rodrigues da Sá de Menezes, fidalgo muito instruido, e grande Poeta, segundo o testeficam tanto o nosso Poeta, como Ferreira, Bernardes, e Sá de Miranda, porque das suas poesias, que elles gabam tanto, nenhuma se imprimio e pelo menos nenhuma chegou ao nosso tempo.

Citarei alguns trechos desta ultima para se fazer idéa do estylo de Caminha neste genero.

Pay das Musas desta Terra
Juntas por vós á Nobreza,
Que bem em vós não se encerra!
Destreza, e esforço na guerra,
Na paz prudencia, e destreza.

Vós nos podestes mostrar,
Vós nos destes segurança,
Que sem nada se danar,
Pódem junctamente andar
As Letras, a Penna, a Lança.

Des que com ella ganhas-tes
O sobrenome devido
A nós, que por isso a herdastes,
Com as Musas repousastes
Repouso bem escolhido.

Sabieis a ociosidade
Quantas culpas em si traz,
Pozeste-vos na verdade,
Deixastes esta vaidade
De vêr quantos males faz.

Dai-me licença, que falle
Comvosco hũ pouco em segredo,
O que o tempo quer que calle,
Mas não ha lingoa, que iguale
Ao que vai pera haver medo.

Que esta Circe feiticeira
Da Côte dá volta a tudo,
E a lingoa mais verdadeira
Comver-te em mais lizonjeira,
E em mais doudo o mais sesudo.

Aqui transflora a cada passo a imitação de Sá de Miranda; é o mesmo metro, e combinação rythmica, a mesma profusão de sentenças, mas como era de esperar de um discipulo de Ferreira, sem a baixeza dos termos, a grammatica irregular, e arrevezada, e a falta de nexo nas idéas, que tantas vezes nos desgostam até nas melhores composições do Poeta de Coimbra.

A verdade todavia
Sempre seos contrarios teve;
Já o tempo antigo o dizia,
Mas, si pouco lhe devia,
Menos inda ao nosso deve.

De hum Rey Mouro de Granada
Se conta hum dicto prudente,
De vêr quam mal gazalhada,
Hera a verdade, e tractada
Ainda da Christã Gente.

Dois Prégadores buscando
Martyrio em Granada andavam,
E ante este Rey os levando,
Seos dezejos estorvando,
Lhe perguntou, que buscavam.

Dizem « morrer vimos cá,
Pola verdade » — Si della
— Ousardes (diz) fallar lá
— D'onde vindes, ninguem ha,
— Que vos não mate por ella.

Esta idéa é tão atrevidamente poetica, que assombra encontra-la em um Poeta deste tempo. Estas anedotas, assim como as fabulas, e outras cousas semelhantes tem todo o logar neste genero de Poemas, e não faltam exemplos disto nas Epistolas de Horacio, e todos sabem com que empenho Ferreira, e os alumnos da eschola classica estudavam as obras do grande lyrico latino. Não sei se o dito do Rei de Granada é historico, ou da invenção do Poeta; mas não vam ainda mui arredados os tempos, em que os papeis públicos referiram uma resposta ainda mais nobre, e sublime do Imperador de Marrocos. Certo Embaixador Europeo, offerecendo-lhe grandes presentes, em nome do seu Monarcha, pela entrega de alguns emigrados politicos da sua nação, que se haviam refugiado nos Estados Marroquinos. O Sultão, recusando os presentes, respondeu « Dize ao teu Rei, que si o Evangelho permite o quebramento das leis da hospitalidade, o Alcorão faz disso um crime imperdoavel.

O grande Sá de Miranda
Bem entendeo a verdade
Deste mal, que entre nós anda,
Lansou-se lá dessa banda,
Seguro que não se enfade.

Bem se vê que não se enfada
Nas maravilhas, que escreve,
Que alta fama tem ganhada,
A' vêa, só nelle achada,
Quanto todo o engenho deve.

Fugio ás occasiões
Do Tempo; que ha muitas cá,
Que quebram os corações,
Que cauzam mil semrazões,
De que está seguro lá.

Sobre tudo poz os pés
Como quem sente o que sente,
Vio tudo andar ao revés;
Não fôra cá lêdo hum mez,
He lá todo o anno contente.

Não pôde fazer-se maior elogio de Sá de Miranda, nem fallar-se d'elle com maior admiração, e respeito: todos os Poetas da epocha, inclusive Ferreira, o maior de todos, professavam por elle a mesma veneração. É na verdade um phenomeno literario, que valendo Miranda menos que todos os Poetas do seu tempo, estes todos o exaltassem com enthusiasmo, ao mesmo passo, que nem uma palavra dizem de Camões, que então florescia, e estava tão superior a elles todos.

O casamento de D. Maria, filha de D. Duarte, com Alexandre Farnese, filho do Duque de Parma Octavio Farnese, e de sua esposa Margarida de Austria, filha natural do Imperador Carlos V., e Governadora de Flandres, deu largo assumpto aos Poetas cortezãos daquelle tempo para exercitarem seu estro compondo Epithalamios, Eclogas e outras poesias, com que celebraram aquelle fausto acontecimento. O Epithalamio de Ferreira, e o de Caminha passam pelas melhores composições, que então se fizeram. No Poema de Caminha ha muita imaginação, estylo elegante, mais amenidade do que de ordinario se encontra nos seus escriptos, boa poesia descriptiva, e Oitavas mui bem fabricadas, o que faz vêr, que si este Poeta se desse a compôr um Poema Heroico talvez conseguí-se logar mui distincto entre os nossos Poetas Epicos. Citaremos alguns trechos em abono do que levamos dito.

Cria-se hum livre Esprito descuidado
De se render ao que Amor n'alma cria,

E sempre o Amor he delle despresado,
 Consigo se contenta a noite, e o dia,
 E de mil armas anda sempre armado,
 Contra Amor forte, e contra sua portia,
 Mas a seo tempo Amor tudo saltêa,
 E a quem mais se defende mais se enléa.

.....

Quem cantará de Amor as grandes cousas,
 S'inda as communs não podem bem cantar-se?
 Bem sinto, Esprito meo, que não repousas,
 Por dizer o que não deve callar-se.
 Mas tambem vêjo claro, que não ousas
 Começar o que não pôde acabar-se.
 Mas canta tu de Amor, e seos poderes,
 Que elle te guiará si te perderes.

Foi visto hir pelo ar o Amor vôando
 N'um claro dia, e todo em prazer cheio,
 Formosamente os ares serenando,
 Derramando mil flores do seo seio,
 A's festas, e prazeres convidando
 A mil Amores, que o lévavam em meio,
 Dansas, Risos, e Jogos o seguiam,
 E mil Cantos entre elle, e as Graças hiam.

Esta pintura do Amor, que vòa serenando os ares, cercado das Graças, e dos Jogos, e dos Risos, convidando os Amores a festas, e derramando flores do seio, é tão graciosa como poetica; a Estança segunda não lhe fica inferior.

Hiam todos ornados de capellas,
 De mil flores diversas bem tecidas,
 Brancas, rouxas, vermelhas, e amarellas,
 Entre Myrtho, e Verbena entremetidas,
 Todas suaves ao cheiro, á vista bellas,
 Todas de Amor, e para Amor colhidas,
 Assim se tracta Amor mimosamente
 Quando alguma Alegria grande sente.

.....

Foram vòando assim the que chegaram
Onde estava sua May, Venus formosa,
N'hum Jardim formosissimo onde a acharam
Como ella sempre está, branda, e mimosa,
De Nymphas, que em amores se criaram
Accompanhada estava, e vangloriosa,
No Jardim tudo sam flores, e rosas,
Tudo Nymphas alegres, e formosas.

Os dous ultimos versos desta Estança fazem lembrar o
estyllo ameno, e delicioso de Luiz de Camões.

Tudo mimos, delicias, e perfumes,
Fontes formosas, agoas, e frescura,
Tudo dansas, e gostos, não queixumes,
Tudo tractos de amor, e de brandura.
Medir conforme os gostos, os costumes,
Fazer por conservar a formosura,
Não negar á vontade os appetitos,
Dem render a desgostos os Espritos.

Em quanto ali as Arvores florecem,
Com cuidado sam vistas, e tractadas,
Si acontece seccar, e reverdecem
Não as deixam de todo desprésadas;
Si com o tempo seccam, e murchecem
Logo deste Jardim sam arrancadas,
Que no Jardim de Venus não he olhada
Arvore de quem não se espera nada.

Parece haver uma contradicção nesta Estança, mas
não é assim, porque exprime perfeitamente a idéa ale-
gorica, que existia na mente do Poeta.

O Minino da May sempre mimoso
Se lhe encostou sobre o formoso peito,
Contente de si mesmo, e glorioso
De lhe haver de contar tão grande feito.
Mas da ira da May mui receoso,
Que houvesse por afronta, e por despeito
Não ser d'elle chamada ás santas Bodas,
A que foi a Alegria, e as Graças todas.

Para encontrar neste seculo rasgos poeticos superiores a estes em amenidade, e graça, será necessario recorrer ás poesias de Camões. Eis aqui pinturas de outro genero.

Já em toda occupação aspera, e dura
Se occupa; ei-lo no campo, ei-lo no monte,
Persegue as Feras na maior altura,
Nem acha Fera, que não mate, e afronte.
Não tem Diana bosque, ou espessura,
Não mata, valle, ou prado, ou Rio, ou fonte,
Que a estes exercicios delle usados
Possa ter escondidos, nem vedados.

.....

Obedece Neptuno, e ao seo tridente
As formosas Nereidas vam seguindo,
E com seos Phocas Prótheo alegremente
Vai as salgadas ondas dividindo.
A clara Lua, e o Sol qual mais contente,
A Noite, e o Dia vam cerrando, e abrindo,
E o Grande Eolo, Rey, que os Ventos manda,
Já a furia lhe tempera, o impeto abranda.

O Cantico das Graças, e dos Amores, com que termina o Poema, nada tem que invejar, nem pela poesia, nem pela versificação aos Canticos das Nereidas, e dos Tritões, com que Ferreira concluiu o Epithalamio, que compôs para estas mesmas nupcias.

Pero de Andrade Caminha compôs ainda outro Epithalamio por occasião das nupcias de Vasco da Silveira com D. Ignez de Noronha; é escripto em Tercetos, e adornado da mais risonha e deliciosa poesia. Eis aqui o seu exordio.

Vem, formoso Hymineo, coroadado
De violas, jasmins, e outras mil flores,
Colhidas todas no amoroso prado.

Não vês como cercado dos Amores
O teo formoso Irmão Amor te espera
Appartando daqui queixas, e dores?

Olha em Novembro a alegre Primavera,
 Como parece que está rindo o dia,
 Que tão formoso o Céu hoje nos dera?

Olha como chamando está Alegria,
 Por ti com grandes vozes!.. como o canto
 Tudo enche de suave melodia!

Vem, Hymineo, vem, formoso, e santo,
 Não tardes vem, que d'alma já te chama,
 Aquelle Esprito digno d'alto canto.

Aquelle gran Sylveira, que honra, e ama
 O grande Amor de quem devidamente
 Corre por todo o Mundo immortal Fama.

Este exordio é bello como uma Elegia de Tibulo, a quem o Poeta parece ter querido imitar, e pelo corpo da obra se encontram Tercetos, que em nada desmerecem destes: por exemplo.

Aquella desusada formosura,
 Aquella grande Dama clara, e illustre,
 Igual em preço, e ser, honra, e brandura.

Aquella, que dá ás Graças novo lustre,
 Ornada de virtude pura, e rara,
 Com que as mais partes suas mais illustre.

Aquella que athe morte sempre amara,
 Por cujo amor mil vezes dera a vida,
 Inda que ella the morte o desamara.

.....

Vem, Hymineo, e já; vem, não aguardes,
 Confirma já este amor tão bem trocado,
 Nos dois peitos, que sempre em teo bem guardes.

Vêja-se já hum Esprito a outro atado,
 Co'santo nó, que ajunta duas vontades;
 E prende duas almas n'hum cuidado

Entreguem-se hum ao outro as liberdades,
 O que hum sempre quizer sempre outro queira,
 E logrem n'hum querer longas edades.

.....

Olha quanto hum momento no Amor monta,
 Quanto se sente huma hora só perdida
 Do bem, de que se faz já certa conta.

Uma prova, para mim clara, de que não chegaram até nós todas as poesias de Caminha, é vêr que entre as que possuímos apenas se encontram dez Sonetos, e que esses mesmos são tirados de obras alheias, em cujo louvor foram feitos, e com ellas impressos, a saber: um com a *Elegiada* de Luiz Pereira, um com *O Cerco de Dio* de Jeronymo Corte Real, outro com a *Batalha de Lepanto* do mesmo, e os outros com a relação que se fez da vin-da de certas reliquias para a Igreja de S. Roque, vin-do por este modo a pertencer á Collecção manuscrita, que se encontrou no Convento da Graça sómente, o So-neto á morte do Principe D. João, que se lê a paginas 189 da edição das Obras de Caminha, publicada pela Aca-demia das Sciencias.

Poderá alguém accreditar, que um Poeta, que floresceu quando Petrarcha, e a Poesia Toscana eram tão estuda-das, e imitadas entre nós, composesse apenas dez Sone-tos, quando este Poema andava tanto em moda, e quan-do Ferreira, Miranda, Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, e Camões nos deixaram centenaes delles? Tal supposição é inadmissivel, especialmente si nos lembrarmos de que as obras deste Poeta só sahiram á luz muitos annos de- pois da sua morte, e da facilidade com que se perdem as obras manuscritas.

O celebre Poeta Latino, Fr. Francisco de Santo Agos-tinho Macedo, a nata, e creme do talento, e da sciencia Capucha, teve o capricho de compôr um livro inteiro de Epitaphios a todos os Doges de Veneza, mas nisso não fez mais do que Pero de Andrade Caminha, que nos deixou nada menos de oitenta e um Epithaphios quasi todos em Oitavas, a quasi todos os Reis, Rainhas, In-fantes, Infantas, e Fidalgos, que se finaram no seu tempo, ou proximo a elle, de maneira que precorrer este livro é o mesmo que passeiar no Cemiterio dos Prazeres, ou do Alto de S. João.

De certo que os seus amigos, e conhecidos podiam morrer descansados, e sem temor de que á sua sepultu-ra saltasse a honra de um Epithaphio, porque cá ficava o Epithapheiro Mór, que os não deixaria carecer da-quelle soffragio. E o mais é que alguns até podiam es-colher; só para D. Duarte compôs elle nada menos de

onze, para a Infanta D. Isabel quatro, outros quatro para D. Nuno Alvares Pereira, para D. Maria Coutinho trez, e assim para outros; mas si uma pessoa não tem mais que uma sepultura, para que necessita de mais de um Epithaphio?

Algumas pessoas fazem grande estima destes Epithaphios, nem eu digo que sejam ruins, porém não obstante a predilecção, que tenho pelas poesias de Caminha, não posso escurecer que me enfada lér tantas vezes as mesmas cousas, diversamente expressadas; e o peor é que a este inconveniente accresce muitas vezes a trivialidade das idéas, e a insignificancia das reflexões. Isto achará quem lér com attenção o Epithaphio da Rainha D. Maria.

Filha de Reys, e May, e Irmãa, e Thia,
 Avó de Reys, e de tudo isto dina,
 De qual outra, outro tanto se diria
 Como desta Raynha já divina?
 Mulher de Manoel, grande Maria,
 Por quem todo o alto Esprito inda se ensina,
 E póde com tudo isto a ley da morte
 Dar-lhe esta estreita sepultura em sorte.

A's vezes as idéas nobres, e elevadas apparecem desfiguradas pelo prosaismo da expressão, e pela desharmonia dos versos, assim acontece com o Epithaphio a Vasco da Gama.

Quem he este, que aos pés tem o tridente
 Do Rey do mar? — He Dom Vasco da Gama,
 Que correndo do Têjo ao Oriente
 Deo Reynos ao seo Rey, e a si gran fama.
 Seo Nome viverá sempre entre a Gente,
 Que com razão, seo nome inda honra, e ama;
 E ao Rey mereceo seo serviço raro
 Officio principal, titulo claro.

Nada mais prosaico, e inharmonico que estes versos, o primeiro verso emperna com o segundo, o que é muito desagradavel em obra tão pequena: *He Dom Vasco da Gama*, no segundo hemestichio do segundo verso, o faz

de algum modo coxear. O mesmo aconteceu ao terceiro por falta da sinalepha no segundo hemestichio: si se diz no quarto, que *deo a si grande fama*, para que é necessario dizer no seguinte, que *seo nome vivirá sempre? seo nome inda honra, e ama* pecca contra a melodia, além da repetição de *nome*, em dous versos consecutivos; *mereceo seo*, estas palavras de igual dissonancia juntas formam um echo, que arranha os ouvidos delicados

Officio principal, titulo claro.

Sam expressões vagas, que não offerecem idéa nenhuma determinada.

O Epithaphio ao Doutor Antonio Ferreira é no meu parecer um dos melhores, mas tem o defeito de principiar com um verso prosaico, e acabar com um verso duro.

Aqui Ferreira jaz, aqui Ferreira
De mil, e mil amigos he chorado,
E o seo nome com fama verdadeira
De mil, e mil amigos he cantado.
Da Morte, no chegar sempre ligeira,
Da vida antes de tempo foi levado,
Seo corpo aqui, sua alma está na gloria,
Seo nome em todo o Mundo, e sua memoria.

Não lhe fica inferior um dos, que o Poeta consagrou a João Lopes Leitão.

Nesse fronteiro mar tão dilatado,
Que lavra esta alta pedrã, e estas arêas,
De João Lopes o corpo está guardado
N'hum vaso de ouro das mais ricas véas.
Das Nereidas ali sempre he chorado,
Ali cantado he sempre das Sercas,
Ergueo-se aqui esta pedra em sua memoria,
E o Mundo terá d'elle larga historia.

Tractando-se de um homem, que pereceu em um naufragio, o suppôr que elle existe no fundo do mar, recolhido em uma urna de ouro, que as Nereidas o choram,

que as Sereas celebram as suas acções com seu canto, me parecem idéas mui poeticas, bem applicadas, e bem expressadas.

Tenho para mim, que Pero de Andrade Caminha se mostrou muito mais Poeta nos Epigrammas, que nos Epithaphios; sam elles em tão grande número, que contando os traduzidos chegam a duzentos e oitenta e oito, em diversos metros, e differentes combinações de rymas, o que tambem lhes dá maior variedade. Parece-me muito engenhoso o terceiro, feito por occasião de D. Duarte dizer, que nada o affligia tanto como a consideração de não ter que dar.

Não póde dar quem deo quanto podia,
Mas não tem pouco quem tem tudo dado;
Como nunca o Sol nega a luz ao dia,
Nunca tua largueza tens negado.
Tem sempre o que se dá maior valia,
Que o que está recolhido, e bem guardado.
Quem largamente reparte o seo ouro
Nos corações alheios faz thesouro.

A experiencia não desmentida de muitos seculos tem demonstrado que nada ha mais falso do que a assersão de Madama Stael, de que o amor é um sentimento exclusivo do Bello Sexo, cuja vida inteira se reduz a amar; porque bem pelo contrario o sentimento, que mais raramente se encontra no coração femenino é sem dúvida o amor. A mulher não procura o homem pelo desejo de satisfazer um sentimento erotico; em o homem sendo rico, e generoso tem para ella todos os requisitos para ser amavel, e amado. O homem pobre, qualquer que seja o seu merito, é para ella o objecto de maior desprezo, e aborrecimento. Esta grande verdade exprimiu engenhosamente Caminha nos Epigrammas do *Amor pobre*, e do *Amor rico*, que passo a transcrever.

Entre as Nymphas Amor entrando hum dia,
Despido, e pobre do que se elle presa;
Huma lhe dá de mão, outra o desvia,
Outra as armas lhe toma, outra o despreza.

Nenhuma com brandura o recolhia,
Fica engeitado Amor por sua pobreza,
E a todas foi em alta voz ouvido:
Não pôde pobre Amor ser acolhido.

Hum dia Amor ás Nymphas apparece
Vestido, e bem ornado, não como antes;
Com ouro, e prata tudo resplandece,
Com perlas, com rubis, com diamantes.
Cada hũa por Amor logo o conhece
Em o gabar, e em o querer constantes,
De todas para si logo he chamado,
Que nunca rico Amor, he despresado.

O meu fallecido Amigo João Vicente Pimentel Maldonado, grande Poeta, e grande Philosopho, exprimiu energeticamente esta idéa em dous versos, com que termina um Soneto.

Procura hum Cafre da buçal Negrissia,
Carrega-o d'ouro, e o teu rival respeita.

Caminha estava tão convencido desta verdade, que ajuntou a estes o Epigramma vinte e trez, que ensina que o homem sendo pobre, ainda que se accompanhe de todos os talentos, e todas as virtudes nunca será amado pelas mulheres.

Das Musas, e de Phebo accompanhado,
De Mercurio, de Pallas, e de Marte,
Foi visto hum dia Amor, d'armas ornado,
E de Constancia, de Brandura, e Arte;
Mas não trazendo Amor Dite a seo lado
Logo ouviu: « Pódes logo, Amor, tornar-te,
« Que nem assim de tantos tão seguido,
« Sem Dite serás visto, nem ouvido. »

A idéa do seguinte Epigramma é tirada de uma das mais bellas Odes de Anacreonte.

Alta noite de Inverno a mim Cupido
Molhado, frio, e nú todo tremendo,

Se vem; e eu vendo Amor assi perdido,
 O enxugo, e aquento, mas em se elle vendo
 Enxuto, e quente, logo despedido
 De mim, se torna contra mim, dizendo :
 « Deste meo frio ficarás com fogo,
 « Em que arderás, si não morreres logo. »

O Epigramma vinte e quatro é dirigido a sua Esposa D. Paschoala, que elle tanto celebrou em outras poesias debaixo do nome de Phylis.

Acha Venus o Filho desarmado,
 De quem as armas lhe tomou queixoso,
 « De quem foste, (diz) Filho, despojado,
 « Quem te deixou tão triste, e tão queixoso? »
 — De quem póde mais que eu, estou roubado.
 « Quem póde mais que tu, tão poderoso? »
 — Paschoala! Ouvindo-o, Venus diz « Paschoala
 « Vença, pois nenhuma outra se lhe igua-la. »

O Epigramma é bom, mas aquelle nome plebeo, e ridiculo de *Paschoala*, basta para desfazer toda a illusão poetica, e lhe tirar toda a graça, deixando-o como um rico manto de seda, ou de veludo, em que cahiu uma nodoa de azeite.

O Epigramma número sessenta e quatro a uma mulher muito feia, faz-se notavel por sua graciosidade.

Feia, si fallas, hes; feia callada,
 Ouvindo feia, feia respondendo,
 Feia branda pareces, feia irada,
 Negando feia, feia prometendo,
 Feia toucada, feia destoucada,
 Feia contente, feia descontente,
 Em tudo sempre feia a toda a Gente.

Não é menos engenhoso o seguinte ao mesmo assumpto.

Si a boa porporção faz formosura,
 Deves por bem formosa ser julgada,
 Pois a tens tão igual, e tão segura

Em ser em tudo desproporcionada.
Quem bem te vê entende, afirma, e jura,
Que em ti tal proporção não falta em nada,
E assim se mostra claro ser verdade,
Que ha tambem proporção na variedade.

Eis aqui outro Epigramma contra um mentiroso, que me não parece destituido de merecimento.

Tudo prometes quanto de ti quero,
Nunca cousa me dás, que de ti queira,
Já com esta experiencia desespero
De achar em ti promessa verdadeira.
Se assim hes no que negas, o negado
Milhor que o prometido será dado.

Eis aqui um espelho, a que poderiam vêr-se bastantes pessoas poderosas dos nossos dias, que promettem por officio, e por officio nada comprem.

Ha entre os Epigrammas de Andrade Caminha alguns dirigidos contra um homem, que presumia de Poeta sem ter para isso disposição nenhuma, os melhores me parecem estes.

Dizes que o bom Poeta hade ter furia,
Si não hade ter mais hes bom Poeta,
Mas se o Poeta hade ter mais que furia,
Tu não tens mais que furia de Poeta.

Muitas vezes meos versos me pediste
Que tos mostrasse, e nunca tos mostrei,
Em não pedir-te os teos si bem sentiste,
Entenderias porque tos neguei.
Da paga me temi, si a não temera
Muitas vezes meos versos já te lera.

Bocage exprimiu o mesmo conceito em outro Epigramma, que transcrevo aqui porque nada coopera tanto para aperfeiçoar o gosto como estas comparações do modo porque os homens de talento exprimem a mesma idéa.

- « Elmano, lê-me os teus versos ! »
 — Melhor sorte me dê Deos !
 — Tremo disso ! « E porque tremes ? »
 — Porque pôdes lêr-me os teus.

Pero de Andrade Caminha tambem se provou na traducção poetica de algumas composições dos Poetas Gregos e Latinos, tanto antigos como modernos, imitando nisto seu mestre Antonio Ferreira. Destas traducções chegaram a nós as de alguns Epigrammas de Ausonio, de Theocrito, de Sannazzaro, e de algumas Elegias de Ausonio, e Angeriano. Para se fazer idéa do seu modo de traduzir pôrei aqui no seu original o Epigramma número cincoenta de Sannazzaro, junto com a traducção de Caminha.

*Miraris, liquidum cur non dissolvor in amnem,
 Cum nunquam siccas cogar habere genas;
 Miror ego in tenues potius non isse favillas
 Assiduæ carpant cum mea corda faces.
 Scilicet ut misero possint superesse dolori,
 Sic lacrimis flammæ temperat acer Amor.*

VERSÃO.

Como não sou tornado em rio corrente
 Te espantas, pois que sempre em chôros vivo,
 E eu de não me tornar em chamma ardente;
 Segundo está em meo peito o fogo vivo.
 Mas porque não me mate esta presente
 Chamma, nem este fogo tão esquivo
 Com lagrimas contínuas o contino
 Fogo tempera Amor duro, e benino.

A traducção é boa, especialmente se nos lembrarmos do tempo em que foi feita; mas o Epigramma assenta em um conceito falso, semelhante aos muitos, de que usaram depois os Seiscentistas. Que admira que um fogo methaphysico, como é o do amor, não queime, e que precisão tem para isso de ser temperado com lagrimas? E ainda que Sannazzaro podesse desfazer-se todo em lagri-

mas, não vêjo. que dahi se seguisse tambem o transformar-se em rio.

A traducção mais importante de todas as, que fez Caminha, é a do Idyllo de Moscho, que tem por titulo o *Amor fugido*, que elle escreveu em Tercetos, e em fórma de Elegia. Com elle terminaremos os escriptos deste Poeta.

Perdeo Venus formosa o seo Cupido,
Formoso Filho seo brando, e mimoso,
E tristissima está de o ter perdido.

Tudo corre, nada acha trabalhoso,
O campo, o monte, o povoado, o ermo,
Que á grande dôr nada he dificultoso.

Co' espirito de tristeza todo emfermo
Sobe n'um alto monte procurando,
Ao cuidado remedio, á pena termo.

Dali está, quanto pôde, a voz alçando,
E nestas tristes queixas a derrama,
Por seo formoso filho perguntando.

„O Filho, a que está May mais que tudo ama,

„Se me perdeo acaso, que não crêo,

„Que se escondesse, nem que me desama.

„Não posso inda saber onde se vêo,

„Nem sei si Esprito algum mo tem furtado,

„Ando toda entre dôr, entre recêo.

„Si o lugar, onde está, me for mostrado,

„A quem mo assim mostrar prometo, e juro

„Que em premio hum beijo meo lhe será dado.

„A quem nas minhas mãos mo der seguro

„Lhe darei inda mais; quem ha que seja

„Com taes promessas descuidado, e duro?

„Si ganhar este preço alguem dezeja

„Mil signaes lhe darei, no peito os guardo,

„Porque o não desconheça quando o vêja.

„Não he alvo, mas todo o corpo lhe arde

„Em côr de fogo, os olhos resplandecem

„Tanto que não ha vista, que os aguarde.

„As palavras, que diz doces parecem,

„Mas tem chêa de enganos a vontade,

„E engana os tristes, que isto não conhecem.

» Quando está cheio de ira, ou crueldade,
» Não ha couza que o mova, ou que o abrande,
» Nem que lhe faça confessar verdade.

» He Minino, mas tem astucia grande,
» E está mil graves couzas cometendo,
» Mil vezes quando cuidam que rindo ande.

» Crespos cabellos the os hombros pendendo,
» Em certa ordem lhe estam, medo, nem pejo
» Nunca em seo rosto ousado se está vendo.

» Mãos, e braços pequenos tem, mas vêjo,
» Que muito longe tira a seta dura,
» Com que hum peito sam fere, e hum sam dezejo.

» De todo o corpo traz sem vestidura,
» A' calma, e ao frio sempre descoberto,
» Mas cheio he o espirito de prudencia pura.

» O vôar deixa ás vezes, e de perto
» As Nymphas ora, os Homens ora tenta,
» Não com rosto fingido, ou emcoberto.

» E como vê, e entende que contenta,
» E que a Vontade ao que elle diz se abranda,
» Lá no intimo do peito, e alma se assenta.

» Arco pequeno tem, mas co'elle manda
» The ás Estrellas a seta destinada,
» Que certa sempre em suas regras anda.

» Formosa aljava ao hombro traz dourada,
» Dentro peçonha, e setas, que meo peito
» Mil vezes tem ferido, e alma chagada.

» De usar fereza em tudo he satisfeito,
» Pois quanto ha nelle he rudo, e aspereza,
» Cruel he o nome, que lhe he mais acceito.

» Na mão a faxa traz, que com crueza
» Gasta as tristes entranhas, e seo fogo
» Queimará o Sol, com sua fortaleza.

» Si o achares, e á mão o houveres, logo
» Si podes, com estreitos noz o prende,
» Não te enganem suas manhas, nem seo rogo.

» Traze-o preso com manha, e arte, e entende,
» Que ou rogue, ou ameace, ou chore, ou ria,
» Que ardís sam tudo, com que se defende.

- „Si com palavras cheias de alegria
„Te mostrar amizade, então mais teme,
„Então da sua paz mais desconfia.
„Em suas palavras, e em sua boca, cré-me,
„As peçonhas crueis traz escondidas,
„Com que o triste, a que as dá, chora, arde, e treme.
„E se te forem delle oferecidas
„Setas, coldre pintado, arcos formosos,
„Não sejam suas ofertas recebidas,
„Que seos dões queimam tudo, e sam danosos.

Este Idyllo de Moscho foi tambem traduzido por Ferreira, e se lê a paginas 140 do primeiro volume das suas obras, e entre as suas Elegias, pois tambem o verteu em Tercetos. Nesta versão o estylo de Ferreira é ás vezes mais animado, e energico que o de Caminha, porém ambas as traducções peccam por paraphrasticas, pois tendo o original sómente vinte e nove versos, lhe correspondem sessenta e seis em Ferreira, e oitenta e um em Caminha, números summamente desproporcionados, ainda mesmo levando em conta o menor número de syllabas do verso portuguez comparado com o hexametro grego; e os circumloquios, que os dous Poetas estavam obrigados a fazer para armar ao consoante: de certo que a Iliada, ou a Odysseia traduzidas neste gosto, que de certo não é o bom gosto, triplicariam em portuguez a sua estensão. Por isto, e pelas liberdades, que ambos os Poetas tomaram á cetca dos pensamentos, força é confessar, que apesar de Ferreira, e Caminha haverem traduzido directamente do Grego, a graça, vivacidade, e harmonia do Idyllo de Moscho estão melhor representadas na traducção de Bocage, pôsto que feita sobre uma interpretação literal em latim, que nas verbosas, e redundantes paraphrases de Caminha, e Ferreira. Compare o Leitor com elles e com o original os seguintes versos, e julgue.

- Venus chamava o filho em altas vozes.
„Si alguém vio pelo campo (a May dizia)
„Andar vagando Amor, esse he meo Filho,
„Meo filho, que fugio; quem souber delle,
„Quem noticias me der do meo Cupido

- »Premiado será, tem certo hum beijo
- »Nos proprios labios da amorosa Venus.
- »Porém, si mo trouxer, terá mais gloria,
- »Cousas mais doces do que hum simples beijo.
- »Entre Mininos mil este Minino
- »Por difrentes signaes se reconhece,
- »Não tem candida a tez, mas côr de fogo,
- »Sam seos olhos esportos, scintilantes,
- »Meigo a fallar, o coração maligno.
- »Nunca sente o que diz, tem mel nas vozes,
- »Mas torna-se cruel, traidor, insano
- »Apenas se enfurece. He mentiroso,
- »He sagaz, he cruel, athe brincando.
- »Trança espessa, e formosa ao ar lhe ondêa,
- »E em dourados anneis lhe desce ao colo :
- »Nas faces lhe trasluz o ardor, a audacia,
- »Tem pequenina mão, porém tão forte,
- »Que arroja muito longe as fataes armas,
- »A's margens do Acheronte ás vezes vôam,
- »E colhem descuidado o Rey do Inferno.
- »Seo corpo he nú, sua alma impenetravel,
- »Com azas, como hum Passaro, voltêa
- »Do Sexo vigoroso ao debil sexo.
- »Pousa nos corações, e ali se aninha.
- »N'hum arco delgadinho aponta as frechas,
- »As frechas, que assim mesmo tenues, curtas
- »Se entranham pelos Ceos, alcançam Jove.
- »Pêjam farpas subteis a aljava de ouro,
- »Que ao lado traz suspensa ; e dos seos tiros
- »Athe eu, sua May, sou alvo ás vezes.
- »Tudo que lhe pertence inclue estrago,
- »Mas nada do que he seo produz mais dano,
- »Que hum curto, ardente, inextinguivel facho,
- »O Sol, o proprio Sol, com elle abraza.
- »Mortaes, si o encontrardes, eia, atai-o,
- »Atai-o, e muito bem, porque não fuja.
- »Si elle chorar, seo pranto não vos mova
- »Antes desconfiai, seo pranto engana.
- »Si elle rir, apertai-lhe os noz do laço,
- »Si quizer abraçar-vos longe, longe !
- »Fugi, não vos fieis, abraços, beijos,

- » Nada, nada ! seus labios tem peçonha,
 » Seos beijos enfeitiçam. Si elle acaso
 » Vos disser aqui tendes estas armas,
 » Tomai, eu vo-las dou , não pegueis nellas ;
 » Mimos de Amor sam perfidos, e ardentes. »

Si Bocage soubesse a lingua grega, é natural que a sua versão fosse ainda mais concisa : a pesar disso, ella tem menos trinta versos que a de Caminha, e quinze que a de Ferreira ; e que differença de metro, de estylo, de facilidade, viveza, e naturalidade de expressão ! Mas Bocage era um Poeta de natureza, e os dous apenas o eram da arte ; estes eram guiados pelo trabalho e o juizo, e aquelle pela inspiração, e o sentimento.

Pero de Andrade Caminha é na minha opinião o discipulo de Ferreira, que mais se lhe aproxima pela correção, elegancia, nobreza de pensamentos, e philosophia. Não ignoro que quasi todos os Criticos lhe preferem Bernardes ; mas si este tem ás vezes mais amenidade, e imaginação, é tambem mais desigual, mais desleixado, e incorrecto, e menos instruido que Andrade, e grande parte das suas poesias, afóra as Eclogas, e Epistolas, se tornam summamente fastidiosas á força de prosaismo, e de idéas communs ; porque quando decabe ninguem tem menos poesia do que elle, e finalmente Caminha nunca foi nem accusado, nem convencido de plagiato, como Diogo Bernardes.

C A P I T U L O I I I .

Luiz de Camões.

Havemos percorrido o espaço de alguns seculos, temos visto a Lingua, e Poesia Portugueza, nascer, desenvolver-se, e tocar quasi o ponto da sua perfeição, e todavia é agora, pela primeira vez, que encontramos o que se chama um Homem de Genio ! Isto é, um daquelles ho-

6 *

mens raros, a quem é concedido abrir novos caminhos nas Artes, ou nas Sciencias, aperfeiçoar quanto fizeram os seus antecessores, marcar com o seu nome o seculo, em que viveram, ennobrecer a sua patria, e captar a admiração da posteridade.

Luiz de Camões fez isto; mas em desconto de tamanha gloria, veremos que foi do meio das procellas, e contrastes da fortuna, das perseguições injustas dos homens, e do abysmo da pobreza, ou para melhor dizer da miseria, que este Genio raro elevou seu vôo aos astros, derramando de suas azas vigorosas o fulgor poetico, que illuminou aos olhos do mundo as acções, e feitos briosos dos Filhos da Lusitania.

Sete Cidades da Grecia disputaram entre si a gloria de haver dado o berço ao Cantor de Achylles, e de Ulysses, e não saltaram em Portugal povoações, que entre si sustentassem igual pleito á cerca do Homero Lusitano; Coimbra, Santarem, Alenquer, Lisboa se distinguem entre estes contendores, porém o assento de matricula na Casa da India das pessoas, que passaram á India no anno de 1550, decidiu a questão a favor da capital do reino, pois ali se declara, que era natural de Lisboa, e morador á Mouraria, e tinha vinte e cinco annos de idade: á vista deste documento, descoberto por Manoel de Faria e Sousa, parece-me que sem grande escrupulo podemos abraçar com o mesmo Faria a opinião de que Luiz de Camões nasceu em Lisboa no anno de 1524, e foi baptisado na Freguezia de S. Sebastião, que nesse tempo me parece mui verosimil que estivesse situada em logar mui differente daquelle, em que a vemos agora.

Foi filho de Simão Vaz de Camões, e de D. Anna de Macedo, sua esposa, senhora muito illustre da villa de Santarem.

Não era menos illustre pela parte paterna, pois affirmam, que Simão Vaz de Camões, seu Pai, descendia de Vasco Pires de Camões, chefe de uma das mais nobres casas de Galliza, onde possuia grandes terras, mas que havendo com outros fidalgos seguido o partido d'El-Rei D. Fernando de Portugal, quando disputou a Corôa de Castella a D. Henrique por morte de seu irmão D. Pedro, se viu na necessidade de passar-se a Portugal, on-

de El-Rei D. Fernando o recebeu benignamente, admitindo-o no seu Conselho, e o recompensou das terras que perdêra na Galliza, nomeando-o Alcaide Mór do Castello de Alcanede, e fazendo-lhe mercê das Villas de Punhete, Marvão, e Amendoa, com o Concelho de Gestaço, e as terras, e herdades, que em Estremoz, e Aviz haviam sido da Infante D. Beatriz.

Este Vasco Pires de Camões, segundo o testemunho de Sarmiento, e do Marquez de Santilhana, em uma Carta endereçada ao Condestavel D. Pedro, filho do Duque de Coimbra, era Poeta mui affamado, e d'elle affirma o mesmo Marquez, que em poder de sua avó, D. Mencia de Cisneros existia um Cancioneiro com o titulo de *Canticas Serranas e dicires Portugueses, y Gallegos*. É porém muito probavel que este Cancioneiro desaparecesse inteiramente como a maior parte das poesias daquelle tempo.

Vasco Pires de Camões casou em Portugal com uma filha de Gonçalo Tenreiro, Capitão Mór das Armadas, de que teve a Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e uma filha, que casou com Pero Severin, Cavalheiro Francez estabelecido neste reino, que depois se distinguio muito na conquista de Ceuta, onde accompanhou D. João I.

Durante o reinado de D. Fernando não cessou a fortuna de ventar prospera para os interesses de Vasco Pires de Camões; mas as crises politicas, e a guerra civil, que tiveram logar, depois da morte daquelle Monarcha, destruíram, como acontece sempre em taes casos, o Edificio da sua grandeza.

Os Portuguezes dividiram-se então em dous partidos, o menos numeroso tendo á sua frente a Rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando, queria manter os direitos de D. Beatriz, Rainha de Castella, e filha de El-Rei D. Fernando; o mais numeroso, pois que nelle entrava o Povo, tendo á testa o Mestre de Aviz, e o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pugnava pela independencia nacional, para que não achava segurança, se não pondo o Sceptro nas mãos do Mestre, filho d'El-Rei D. Pedro I.

Ainda que bastardo verdadeiro.

Questões desta natureza não se decidem senão pelas

armas, e para ellas appellaram os dous partidos, e o Rei de Castella D. João I. entrou com um exercito em Portugal para apoiar os interesses de sua Esposa.

Vasco Pires de Camões, ou por gratidão á memoria de D. Fernando, a quem devia tudo, ou por outro motivo, que ninguem pôde agora advinhar, seguiu o partido de Castella; e foi aprisionado com as armas na mão na gloriosa batalha de Aljubarrota, e, em consequencia disso, privado de todas as terras, e fortalezas, com que fôra agraciado por D. Fernando, ficando reduzido ao que possuia em Extremoz, e Aviz, e algumas propriedades em Alemquer, e Lisboa, que a clemencia do Vencedor houve por bem deixar-lhe disfructar. Com o producto destas possesões compraram depois os seus descendentes algumas herdades em Evora, e Aviz, que Manuel Severin de Faria, na vida do Poeta diz, que ainda no seu tempo eram por elles grangeadas, e conhecidas com a denominação de *Camoeiras*.

João Vaz de Camões, filho segundo de Vasco Pires, fez assignalados serviços a D. Affonso V. nas guerras de Africa, e Castella, e foi sempre mui estimado daquelle Monarcha; casou com Ignez Gomes da Silva, filha natural de Jorge da Silva, filho de Gonçalo Gomes da Silva, e irmão de João Gomes da Silva, que foi Alferes Mór do Reino no tempo de D. João I., e donatario de muitas terras.

João Vaz de Camões tinha o seu domicilio em Coimbra, cujo Corregedor era, e por aquella cidade foi nomeado Procurador ás Côrtes, que se convocaram durante a menoridade de D. Affonso; naquella cidade terminou seus dias, e foi sepultado no claustro da capella da Cathedral, em um monumento de marmore.

Seu filho Antão Vaz de Camões, casou com D. Guiomar da Gama, da familia do Almirante D. Vasco da Gama, e della teve a Simão Vaz de Camões, Pai do nosso Poeta.

Os descendentes de Gonçalo Vaz de Camões, filho primogenito de Vasco, foram pessoas de muita consideração, como se prova dos casamentos, que contrahiram nas ricas, e nobres casas, que aponta Manuel Severin de Faria, e é delles, que muitas familias da alta aristocracia

receberam o appellido de Camões, que ainda hoje conservam.

Luiz de Camões logo em seus primeiros annos deu evidentes demonstrações do que viria a ser para o futuro, tanto pela viveza, e desembaraço, como pela facilidade com que apprendia tudo quanto lhe ensinavam. Terminado o estudo das primeiras letras passou a frequentar a Universidade, que El-Rei D. João III. acabava de transferir para Coimbra, onde fez rapidos progressos, tornando-se mui habil na lingua latina, castelhana, e toscana, na Historia antiga, e moderna, e com especialidade na patria, que soube perfeitamente, na Geographia, Astro-nomia, e em todas as sciencias maiores, que então se cultivavam, vindo por este modo a ser um dos homens mais instruidos do seu seculo.

Foi em Coimbra, que Luiz de Camões começou a fazer-se conhecido pelas suas poesias ; grande parte das rymas foram sem alguma dúvida compostas nesta epocha, porque nellas a cada passo se faz menção do Mondego, e das suas apraziveis margens. Tambem parece que ali sentiu pela primeira vez a paixão amorosa, e é muito probavel, que a Natercia, a cujo respeito tem havido tantas disputas, e tantas opiniões, fosse uma Nympha daquellas apraziveis campinas. A ella, e a ellas parece que se referem estes versos, talvez os melhores de quantos até então se haviam escripto em portuguez.

Vam as serenas agoas
Do Mondego descendo,
E mansamente athe o mar não param :
Por onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo
Para nunca acabar se começaram.
Ali se me mostraram
Neste logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro,
Riso brando, e suave, olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma me estará pintado.

Nesta florida Terra
Lêda, fresca, e serena,
Lêdo, é contente para mim vivia
Em paz com minha guerra,
Glorioso co' a pena,
Que de tão bellos olhos procedia,
De hum dia em outro dia
A esperar me enganava,
Tempo longo passei,
Com a vida folguei
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha ?

Oh quem me ali dissera,
Que d'amor tão profundo
O fim podesse vêr em alguma hora !
E quem cuidar podera,
Que houvesse ali no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora !
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais na lembrança !
Que sempre estará firme
Athe no derradeiro despedir-me.

Mas a mór alegria,
Que daqui levar posso,
E com que defender-me triste espero :
He que nunca sentia
No tempo, em que fui vosso,
Querer-des-me vós quanto vos eu quero ;
Porque o tormento fero
De vosso appartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena,
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente,
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente.

Tu, Canção, estarás
Agora accompanhando
Por estes campos estas claras agoas,
E por mi ficarás
Com choro suspirando,
Porque ao Mundo dizendo tantas magoas
Com huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Terminados os seus estudos, ao que parece em 1548, sahio Camões da Universidade, e regressou a Lisboa cheio de illusões, e de esperanças, que lhe sopravam os seus conhecimentos literarios, sua nobreza, merito pessoal, e maneiras polidas, e elegantes. Bem acolhido de todos, e com especialidade das Damas, compôs nessa epocha a maior parte das suas rymas, traçou o plano dos *Lusiadas*, e deu principio á sua composição.

Que elle composesse grande parte do seu Poema antes de partir para a India me parece fóra de toda a dúvida, e muito mais á vista da assersão de Manuel de Faria e Sousa, que affirma ter achado em Madrid em poder de Pedro Coelho, um manuscripto dos primeiros seis Cantos dos *Lusiadas*, que o confirmaram em algumas opiniões, que havia aventurado a respeito das obras do Author.

Accrescenta, que aquelle manuscripto se assemelhava ao character de letra de algumas obras de João de Barros, que tinha visto. Foi examinado por D. Thomaz de Vargas, e João Pinto Ribeiro, a quem Faria e Sousa o communicou, e nelle havia muitas Estanças, que se não encontram na obra impressa, algumas emendadas, e outras alteradas, e era accompanhado da seguinte nota, ou observação, « Estes seis Cantos se furtaram a Luiz de Camões da obra, que tem começado sobre o descobrimento, e conquista da India por os Portuguezes. Vam todos acabados, excepto o sexto, que posto vai aqui o fim d'elle, falta-lhe uma historia de amores, que Leonardo contou estando vigiando, que hade proseguir sobre a ryma quarenta e seis onde logo se sente bem a falta della, porque fica fria, e curta a conversação, e o proprio Canto mais breve.

Esta prova me parece encontrastavel, uma vez que não

queiramos duvidar da senceridade de Manuel de Faria e Sousa, a quem, como já notei em outra parte, poderá dar-se a nota de Critico pouco judicioso, mas de sorte nenhuma a de impostor: admitto por isso a sua exposição, e muito mais porque estou persuadido firmemente de que obras do calibre dos *Lusiadas* podem ser concluidas, mas nunca concebidas, e principiadas no meio das tribulações, dos desgostos, da miseria, e da inquietação de uma vida errante, abbrevada de desgostos.

É porém certo, que si Camões naquella epocha andava bem visto, e applaudido na côrte, tambem é certo, que sem embargo de estar apto, e habilitado para bem desempenhar qualquer cargo, não pôde conseguir emprego no serviço público; parece que já começava a pesar sobre elle aquella ínexoravel fatalidade, que devia accompanharlo toda a sua vida, e torna-lo, para nos servirmos da expressão de Chateaubriand a este respeito, o *mais desgraçado dos homens*.

Dizem que algumas travessuras de mancebo o fizeram desterrar da côrte, mas ingenuamente confesso, que esse desterro é para mim muito duvidoso; todo o fundamento dessa supposição assenta na Elegia III., que se tem tomado como lamentação de um desterro, quando me parece, que esse desterro não é mais que ausencia da sua amada, cuja saudade elle compára á que Ovidio sentia por sua esposa no seu exilio entre os Getas: é isto o que me parece deprehender-se do seguinte Terceto.

Desta arte me figura a phantasia
A vida, com que morro, *desterrado*
Do bem, que em outro tempo possuia.

Queixa-se o Poeta de ser punido *sem razão, e com pouca culpa*, mas em vez de invectivar contra a falta de justiça, a prepotencia, ou o abuso do poder, como faria qualquer homem injustamente opprimido, recorda os gostos passados, e lamenta a *mudança* da vida.

Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vêjo caduca, a debil gloria
Desenganar meo erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.

Não indica isto, que o Juiz que lhe impôzera o degredo fôra o enfado da sua Dama? Note-se além disso, que os seus Biographos, affirmando o facto, se contradizem ácerca do lugar desse desterro. D. José Maria de Sousa diz, que foi degradado para o Ribatéjo, outros dizem, que para Santarem, outros, que para Alemquer, de certo que esta variedade faz duvidar da certeza de facto, e o mais é que nenhum delles aponta o motivo desse tão fallado desterro.

Seja como fôr, o que parece é que o Poeta perdendo as esperanças de ser empregado em Lisboa, e sendo de coração animoso, e valente, quiz tentar fortuna pelo caminho das armas: e se embarcou para Ceuta, onde seu Pai então militava; ali deu repetidas provas do seu valor, e do seu engenho; do primeiro combatendo bravamente os Mouros, do segundo compondo muitas poesias, que se conservam, e que do seu contheudo se vê que foram produzidas em Africa. Por exemplo, estes Tercelos.

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, e novo tracto humano,
A estrangeira Progenie, a estranha usança.
Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterraneo.
Dali estou tenteando d'onde vio
O Pomar das Hesperides, matando
A Serpe, que a seo passo resistio.
Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado,
Mais força se lhe vinha accrescentando.

Foi em Ceuta, que o Poeta contrahiui estreita amisa-
de com D. Antonio de Noronha, filho de D. Francisco

de Noronha, segundo Conde de Linhares. Era este fidalgo mancebo de grandes esperanças, dotado de um valor heroico, grande admirador de Luiz de Camões, que depois deplorou sua morte na Ecloga I.

Tão prompto no serviço de Apollo como no de Marte, ou sirvindo-nos da sua phrase

N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Passava Camões os seus dias em Ceuta, assistindo a muitos combates, tanto por terra, como por mar; e foi em um destes que, combatendo ao lado de seu Pai, perdeu o o olho direito, a cuja deformidade deveu, segundo nos informa Severin de Faria, a alcunha de *Cara sem olhos*, e de *Diabo*, que lhe pôzeram as mulheres.

Persuadido de que os seus serviços militares de Africa lhe davam direito a ser recompensado, voltou a Lisboa, a continuar a vida de requerente, que si não é neste mundo o inferno, é pelo menos o purgatorio dos homens de merito. Tambem desta vez o enganaram suas esperanças, porque encontrou o mesmo desfavor no Governo, e o que mais é tal inveja nos seus competidores, que chegaram a ameaçar sua vida, e posto que a sua espada fez arrepender alguns, julgou prudente hir buscar no Oriente a segurança, e a fortuna, que delle fugiam na Europa. Isto se collige da seguinte passagem de uma Carta sua, que anda nas suas obras « Em fim, Senhor, eu não sei como me pague saber tão bem fugir aos laços, que nessa terra me armavam, os acontecimentos como com vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros da Merciana, e mais quieto, que a cela de um frade prégador. »

Do citado assento da Casa da India, se vê, que elle estava prompto a partir para a India em o anno de 1550; mas de outro assento, que Faria tambem descobriu, se conhece que elle deferiu a viagem, sem que se saiba o motivo, e só a effectuou em 1553, embarcando na mesma nau, em que hia Fernão Alvares Cabral, Commandante de uma frota de quatro, que então sahiu da Barra de Lisboa, e de que só a capitania pôde chegar nesse anno a Gôa, depois de soffrer muitas tempestades, e perigos de perder-se.

- Que o Poeta hia na firme resolução de não tornar a Portugal é cousa que não admite dúvidas, pois em uma carta sua, escripta de Gôa a um amigo, elle refere, que as ultimas palavras, que pronunciou ao affastar-se da costa foram as de Scipião Africano « *Ingrata Patria! non possidebis ossa mea!* Tão enfadado hia do ruim acolhimento, que na côrte haviam feito ao seu merito, e aos seus serviços.

Chegando a Gôa, em Setembro do referido anno, embarcou logo, na qualidade de voluntario, na armada que o Vice-Rei D. Affonso de Noronha havia apromptado para hir restituir ao Rei de Porcá uma Ilha, que lhe havia sido usurpada pelo Rei da Pimenta; o que facilmente se conseguiu. É notavel a simplicidade com que o Poeta narra este successo, na sua Elegia I.

Vê quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quam pouca; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.

Que uma Ilha, que o Rey de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.

Com huma grossa armada, que juntára
O Viço-Rey de Gôa nos partimos,
Com toda a Gente d'armas que se achára.

E com pouco trabalho destruimos
A Gente, no curvo arco exercitada,
Com mortes, com incendios os punimos.

Era a Ilha com agoas alagada,
De modo que se andava em Almadias,
Em fim outra Veneza trasladada.

Em 1554 chegaram as naus do reino, e nellas D. Pedro Mascarenhas, que vinha render a D. Affonso; e foi por estas naus, que o Poeta recebeu cartas de Lisboa, em que lhe davam noticia da morte do seu intimo amigo D. Antonio de Noronha, e do Principe D. João. Ambas estas noticias fizeram nelle grande abalo, a primeira pela perda de um amigo sincero, em quem podia fundar esperanças para o futuro, a segunda como uma calamidade pública, que punha em perigo a independencia do

reino, e havia nelle demasiada penetração para não prever os males, que dahi podiam resultar, e de que elle ainda foi testemunha. Consulte-se a Ecloga I., e se verá, que elle prophetára a futura sorte de Portugal, e a decadencia da sua grandeza.

Apenas o novo Vice-Rei tomou posse do governo, cuidou logo em aprestar uma frota, que entregou a Manuel de Vasconcellos, ordenando-lhe que fosse com ella cruzar na embocadura do Mar Vermelho, e destruir os Corsarios Mouriscos, que infestavam aquellas paragens, causando graves prejuizos no commercio portuguez.

Luiz de Camões fez parte desta expedição, que sahiu de Gôa no mez de Fevereiro, e dirigindo-se ao seu destino, andou bordejando muito tempo diante do Cabo Guardafu, sem que os Piratas apparecessem, naturalmente porque haviam sido avisados pelos seus confidentes; tendo passado a monção foi invernar a Ormuz.

No serviço da Marinha militar não ha nenhum tão fastidioso, e cansado como o de um cruzeiro, velejar sempre nas mesmas paragens, sempre com os mesmos objectos á vista, é para impacientar o animo mais apathico. Luiz de Camões temperava este longo enfadamento com o cultiyo da poesia; que em todo o tempo, e em todas as occasiões destrahia a nossa imaginação, e grangea algum desafogo ás nossas amarguras; entre as poesias, por elle compostas durante o tempo daquelle cruzeiro, conta-se a Canção X., uma das suas mais bellas producções lyricas, que começa com a descripção do Monte Feliz.

Junto de hum secco, duro, esteril monte
 Inutil, e despido, calvo, informe,
 Da Natureza em tudo aborrecido,
 Onde nem Ave vóa, ou fera dorme,
 Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruido;
 Cujo nome do vulgo introduzido
 He, feliz por antiphrase, infelice:
 O qual a Natureza
 Situou junto á parte
 Aonde hum braço d'alto mar reparte
 A Abassia da Arabica aspereza,

Em que fundada foi já Berenice,
Ficando á parte d'onde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde;

O Cabo se descobre, com que a Costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Lemite faz, Arómata chamado;
Arómata outro tempo, que volvendo
A' roda, a ruda lingoa mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado,
Aqui no mar, que quer apressurado
Entrar pela Garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve
Minha fera ventura,
Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Pelo Mundo em pedaços repartida. &c.

Quando esta esquadra voltou a Gôa, em Outubro do anno seguinte, já era fallecido Pedro Mascarenhas, e em lugar d'elle tinha tomado as redêas do Governo Francisco Barreto, homem vaidoso, suberbo, supersticioso, e despotico. Vicios estes que evidentemente se comprovam pelo exame reflectido dos actos do seu Governo. É notorio, que os homens deste character não gostam de rodeiar-se senão delisongeiros, e espiritos abjectos, que applaudam os seus desvarios, e fraquezas, e sirvam sem escrupulo os seus caprichos, e as suas paixões; aborrecem por isso todas as superioridades, e muito especialmente as literarias; além deste motivo para aborrecer Camões, tinha Francisco Barreto outro, de que adiante faremos menção.

Não admirará pois, que no seu Governo principiassem as perseguições, e trabalhos do Poeta naquella parte do mundo. Conhecida a má vontade do Governador, os Sy-cophantas da sua cevadeira, os emulos, e os invejosos, aproveitando o insejo, deram obra a detrahi-lo, calumnias-lo, envenenar as suas intensões, obras, e palavras, e Barreto, que não procurava senão um pretexto, por um

daquelles actos despoticos, e arbitrarios, em que tão pouco escrupulosos sam os que tem o Governo em terras mui distantes da Metropole, o fez meter a bordo de um navio, que estava a partir, e o mandou deitar nas Molucas.

Um procedimento semelhante praticado ainda contra o homem mais humilde da sociedade, sem causa bastante, sem processo, ou fórmias legais, sempre seria altamente reprehensivel, e vergonhoso para quem o praticasse: mas praticado com um homem nobre, um literato distincto, um militar valoroso, que honrara a patria com a penna, e com a espada, e o que é peor ainda innocente, é na verdade um attentado, que imprime uma infamia eterna, e a excreção da posteridade no nome de Francisco Barreto.

Assim o entendia o Poeta, como póde vêr-se destes versos da sua paraphrase do Psalmo cento e trinta e seis, em que compára os seus trabalhos, e padecimentos com os dos Hebreos, transportados em ferros para Babilonia.

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro.

Tinha razão, porque para completamente vingá-lo, para deshonrar Francisco Barreto, bastava que a posteridade soubesse, que elle abusára da authoridade, que o Rei lhe confiára, para o perseguir sem causa, para o mandar innocente, não desterrado por sentença judicial, mas arrojado para as extremidades dos dominios portuguezes na India, sem tempo, nem logar limitado; como individuo iscado de peste, que se arroja para além das fronteiras! Resentido de tão iniquo, e barbaro procedimento, na mesma paraphrase exhala o Poeta a sua indignação, e invoca a justiça de Deos, e da posteridade contra os monstros, que o perseguiam.

No grão dia singular,
Que na Lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembraí-vos de castigar
Os ruins Filhos d'Edom.

Aquelles, que tintos vam
No pobre sangue innocente,
Soberbos co' poder vam,
Arrazados igualmente
Conheçam que humanos sam.

Neste penoso desterro vagou algum tempo pelas Ilhas de Ternate, e Thidore, padecendo, e poetando, até que passou a Macau.

Nesta cidade pôde em fim desfructar algum descanso, e escapar por algum tempo á miseria. O Senado daquela cidade, compadecido da sua desgraça, e fazendo justiça ao seu merecimento, lhe deu a serventia do Officio de Provedor dos Defuntos, e Ausentes, com cujos proveitos pôde satisfazer as suas necessidades, e ajuntar algum peculio.

Ha em Macau uma gruta, situada na praia occidental do Promontorio, defronte do porto. É uma vasta escavação nos rochedos, que affirmam, que hoje é um dos principaes objectos de curiosidade para os estrangeiros, que apportam áquella terra; pelo nome de Gruta de Camões, que lhe deram, e por uma grosseira imagem do Poeta ali gravada na rocha, não se sabe por quem.

Poucos sitios haverá, que apresentem á vista um quadro mais estenso, e pictoresco; a uma parte descobre-se Macau com os seus campanarios, e castellos, a outra verdejantes Ilhas, Bosques, e Quintas, que bordam a costa, e a montanha erguendo-se magestosamente em fôrma pyramidal, realçando com seu aspecto sombrio esta paisagem da natureza. Aqui é fama que o Poeta, de que ora a Gruta tem o nome, costumava retirar-se, para meditar em socego nos grandes quadros do seu Poema, que foi alfim terminado naquelle aprazivel retiro. Assim Vergilio abandonando o bolicio negocioso de Roma, se acolhia nas campinas de Napoles para dar á posteridade as Georgicas, e a Eneida.

Talvez que os annos passados neste remoto Estabelecimento, situado ás portas da China, sejam os unicos tempos de felicidade, que o Poeta desfructou em sua vida! Quantas vezes em Gôa, em Moçambique, em Lisboa na sua pobre habitação da Calçada de Santa Anna, se não

recordaria com saudade, e lagrimas da hospitalidade dos bons, e beneficos Macaenses, da sua Gruta, onde passára tantas horas de embreaguez poetica! Quantas vezes, comparando a sua situação ali, e o tracto amigo daquelles habitantes com a situação miseravel, em que se achava, e o abandono, em que o deixavam perecer os seus concidadãos ingratos, não maldiria, elle em seu desespero, a fatal lembrança de deixar aquelle porto tranquillo para vir buscar na patria o desamparo, e a fome!

Em 1558 chegou á India D. Constantino de Bragança, irmão do Duque do mesmo titulo, despachado Vice-Rei para succeder a Francisco Barreto, que lhe entregou o governo com grande descontentamento dos seus parciaes, que eram muitos, porque se compunham da gente mais corrompida de Gôa, n'um tempo em que a desmoralisação, e o desenfreamento dos costumes tinham chegado ao maior excesso, e toda aquella caterva corrompida se receiava muito de D. Constantino, que vinha precedido da reputação de homem probo, honesto, e de costumes rigidos, e que impunha ainda mais respeito pela sua qualidade de Principe de sangue real.

D. Constantino não desmentiu a idéa, que d'elle se havia formado, pois corregiu muitos abusos, muitas delapidações da Fazenda Pública, e trabalhou principalmente, em quanto esteve á frente dos negocios, para enfrear a dissolução dos costumes, que hia preparando a nossa decadencia no Oriente, que a usurpação hesponhola não fez mais que accelerar depois.

Observando o Poeta o bom regimen, que se hia fazendo sentir neste vice-reinado, que por desgraça não foi longo, havendo concluido o seu Poema, e não restando mais que o trabalho das correções, e retoques indispensaveis em obras de semelhante natureza, confiando na justiça de D. Constantino de Bragança, lhe endereçou suas queixas, e suas justificações, o negocio era claro, a violencia, e a injustiça manifestas, e o Vice-Rei sem difficuldade lhe houve por levantado o desterro.

Apromptou-se pois o Poeta, para voltar a Gôa, mas a sua adversa fortuna fez que a nau, que o conduzia, des-se em uns baixos na costa de Cambaia, pouco distantes da fôz do Rio Mecon, e ali se despedaçasse, perdendo o

Poeta neste naufragio tudo, que possuia, salvando-se apenas com o seu Poema, ficando como elle mesmo diz na Estança oitenta do Canto setimo.

Agora da esperanza já adquirida
De novo mais que nunca derribado.

Os moradores daquella costa o receberam com tanta hospitalidade, que o Poeta resolveu mostrar-lhe a sua gratidão accrescentando este elogio ao Rio Mecon na Estança cento e vinte oito do Canto decimo.

Este recebêra placido, e brando
Em seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando
Dos procelosos baixos escapado.
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o duro mundo executado
Naquelle, cuja Lyra sonora
Será mais afamada que ditosa.

Naquellas paragens vagou por muito tempo, até deparar navio, que o conduzisse a Gôa, onde chegou no anno de 1561.

Para captar a benevolencia do Vice-Rei, e grangear nelle um defensor contra os inimigos, que o cercavam, lhe derigiu aquella magnifica Epistola, que principia

Como nos vossos hombros tão constantes,
Principe illustre, e raro, sustenteis
Tantos negocios graves, e importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis,
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, e a terra segureis,
Do Pirata insolente, e do Tyranno
Jugo do potentissimo Othomano.

Nesta formosa imitação da Epistola de Horacio a Augusto, dirige elle áquelle Principe louvores que não exceedem as raias da decencia, e quaes um homem de letras, digno deste honroso titulo, pôde tributar a um Gran-

de sem envilicer-se, o aconselha sobre tudo a não dar ouvidos a malevolos, invejosos, e calumniadores, lição muito importante para todos, e muito mais para os que governam.

Na regencia de D. Constantino não foi Camões perseguido, e poudo tranquillamente empregar-se no aperfeiçoamento dos *Lusiadas*, convivendo amigavelmente com alguns fidalgos, cujo nome figura heroicamente na historia, e que como elle exerciam o mister das armas, e cultivavam a poesia. Taes eram Heitor da Silveira, Vasco de Ataíde, João Lopes Leitão, D. Francisco de Almeida, e outros de igual nobreza, e valor.

Tanto porém que D. Constantino de Bragança regressou ao reino, succedendo-lhe no Governo D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, logo os seus inimigos começaram a tramar contra elle, e conseguiram faze-lo prender, e processar por malversações, comettidas, segundo elles diziam em Macau, no exercicio do seu cargo de Provedor dos Defuntos, e Ausentes. O pretexto era na verdade absurdo, e ridiculo, pois que elle antes de sua partida daquella cidade havia prestado suas contas perante o Senado, que lhas approvára. Os seus calumniadores o sabiam, mas que emportava isso? Se o seu fim era atribula-lo com penosa encarceração, e as delongas, e despeza de um processo? Depois de muitos incommodos, e padecimentos de aspera prisão, quando depois de plenamente justificado, hia a ser posto em liberdade, um homem tão nobre de linhagem, como vil de comportamento, chamado Miguel Rodrigues, de alcunha o Fios Seccos, aliás rico, e abastado, teve a barbaridade inaudita de o embargar na cadêa, por duzentos cruzados de que dizia ser-lhe acredor!!!

Vendo-se neste novo, e inesperado vexame, o Poeta recorreu ao Vice-Rei, dirigindo-lhe este gracioso requerimento.

Que Demonio ha tão danado,
Que não tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois si tanto hum golpe seu
Sôa na infernal cadeia,

Do que o Demonio arreceia,
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Si contra elle, e contra tudo,
Não tivesse hum forte escudo
Só em vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja
Pois me tem ao remo atado,
Que, antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estes ultimos versos alludem á circumstancia de estar então o Governador em vesporas de embarcar em uma expedição, que tinha por objecto hir assentar pazes com o Samorim, expedição, em que alguns dizem, que também Luiz de Camões o acompanhára, pôsto que não exista prova sufficiente desta assersão.

O que porém parece demonstrado, é que todos os annos, que o Poeta ainda permaneceu em Gôa, foram despendidos, e empregados já no polimento, e correccção do seu Poema, já nas expedições maritimas, que tinham logar para assegurar a costa, e alimpar aquelles mares continuamente infestados pelos Corsarios Mouriscos, e Indianos, que os infestavam com grave prejuizo do nosso Commercio, e grande risco dos Pescadores, que abasteciam a cidade com a sua industria. É porém mui digno de notar-se, que Diogo do Couto, nas suas Decadas, não especifique acção alguma de Luiz de Camões, ao passo que confessa, que fôra seu *matalote*, e *camarada*, o que não podia verificar-se senão nas viagens, e expedições maritimas. Qual será a causa deste silencio? Odio, ou inveja não pôde ser, visto o notorio character de franqueza de Diogo do Couto, que além disso era amigo do Poeta: também não é crível que este se portasse cobardemente, ou quando fosse occasião de vestir as armas, se recusasse a isso; pois é conhecida a sua bravura, e espirito militar; no entanto o facto existe, e quanto a mim não podia nascer senão de medo, que o Historiador tivesse de attrahir sobre si alguma persiguição da parte dos poderosos inimigos do Poeta, que nunca lhe perdoariam os elogios tri-

butados a um homem, que elles detestavam. Couto devia conhece-los, saber o que podiam, e o que costumavam, e por isso se acautelou prudentemente.

Seja como fôr, a esta epocha, isto é, ao tempo que correu de 1553, a 1561, indubitavelmente pertence a composição de muitas das suas rymas, e talvez as melhores, como fructo da madureza do seu engenho.

Porém os annos, hiam rapidamente correndo, e com elles se desvanecia a esperança de fazer fortuna no Oriente; e então o Poeta começou a recordar-se da patria, e a contemplar como sua unica taboa de salvação o Poema, que acabava de compôr. Conscio de que havia levantado ás glorias portuguezas um monumento eterno, e mais solido, que as Pyramides do Egypto, pensava ter grangeado direito á estima dos seus concidadãos, e ás recompensas do Governo! Mas esta esperança era uma illusão! A poesia nunca foi em Portugal um meio de fazer fortuna, e nada o prova tanto como o seu exemplo!

Era pois o voltar ao reino o objecto continuo das suas diligencias, e dos seus desejos, e nestes pensamentos andava metido, quando um parente do Governador Francisco Barreto, que tão barbaramente havia perseguido o Poeta, por nome Pedro Barreto Rolin, foi despachado Capitão Mór de Çofala, por morte de Fernão Martins Freyre, que occupava aquella Capitania.

Pedro Barreto aventando que o Poeta estava descontente de habitar em Gôa, se dirigiu a elle, e á força de rogos, promessas, e propostas vantajosas, o reduziu a acompanhá-lo ao seu novo Governo. É necessario que Camões fosse um homem bem sincero, e bem pouco prespicaz, para confiar-se nas boas palavras de um homem, que era proximo parente do seu maior inimigo, do seu mais barbaro perseguidor. Só esta ponderação devia ser bastante para regeitar logo como suspeitas todas as vantagens, que lhe promettia; mas nem a indigencia calcula, nem os homens de grandes talentos costumam saber regular-se nos negocios da vida commum.

Cedeu pois ás instancias de Barreto, e com elle partiu para Çofala; mas não tardou muito que o ruim tractamento, e a falta de cortezia, que Barreto usava com elle, lhe fizessem conhecer, que havia sido grosseiramente illu-

dido, e o mal que fizera em prestar ouvidos ao canto daquella Serea. E quando chegaram a Moçambique já eram taes os motivos de queixa que o Poeta tinha do seu fementido protector, que rompera inteiramente com elle, e quando ali fundeou a Nau Santa Fé, em que vinham para o reino Heitor da Silveira, e Diogo do Couto, o acharam *comendo de amigos*, tal é a expressão do historiador.

Aquelles bons amigos compadecidos da miseria, em que o viam, e conhecendo que elle nada desejára tanto como libertar-se daquelle captivo de especie nova, offereceram-se para pagar-lhe a passagem para Lisboa.

Acceitou Luiz de Camões a offerta; mas quando tractava de realisar o seu embarque, Pedro Barreto, querendo acabar de cobrir-se de infamia, e dar a ultima prova da sua perfidia, o fez prender pela quantia de duzentos cruzados, que dizia haver gasto com elle na sua viagem da India para ali.

Neste lance, Heitor da Silveira, Diogo do Couto, Duarte d'Abreu, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Antonio Ferrão, e outros, que Diogo do Couto desgraçadamente não nomeia, indignados de que tal homem, victima da perversidade de um malvado, ficasse abandonado á miseria em um paiz barbaro, na costa da Ethiopia Oriental, e á disposição de um monstro, que tão vilmente o enganára, tomaram a generosa resolução de quotisar-se para pagarem aquella quantia, e libertar a pessoa de Camões. Manuel de Faria e Sousa, referindo este facto vergonhoso, accrescenta, com a sua costumada mordacidade « deste modo a pessoa de Luiz de Camões, e a honra de Francisco Barreto foram vendidas por duzentos cruzados. »

A apodadura é pungente, mas bem merecida; embora o Bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, na sua Vida do Poeta, inserida no Tomo setimo das Memorias da Academia das Sciencias, se esforce por negar o facto, e desculpar a Pedro Barreto, como sempre costuma desculpar os perseguidores de Camões, o que lhe attrahiu a censura do seu traductor Mr. Magnin, que elle refutou depois, mas com pouca felicidade. Todos os Biographos de Camões concordam nesta circumstancia, e as razões do erudito Bispo me não parecem bastante fortes para provarem o contrario, e convence-los de erro. A primeira

é negativa, e consiste no silencio de Couto a este respeito ; a segunda está em dizer o mesmo Couto, que Pedro Barreto se embarcou nesta occasião para o reino ; mas o silencio de Couto nada prova, porque o mesmo silencio guardou elle sobre as acções militares, e maritimas de Camões, dizendo ao mesmo tempo, que fôra seu camarada : e vir Barreto para o reino naquella occasião, não é o mesmo que não haver commettido aquella infamia, pois o mesmo Prelado confessa, que os amigos de Camões se fintaram em seu favor, só com a differença de dizer, que fôra para o apromptarem de roupas ; mas si Barreto o não tinha provido de roupa na India, e não era a despeza dessa, que elle pedia, em que havia despendido com Camões dozentos cruzados, que não é pequena somma para aquelles tempos ; na passagem ? Não pôde ser, porque as pessoas da comitiva de um Governador nunca pagaram passagem nas embarcações do Estado. Em comedorias ? Soffre isto a mesma objecção, e a accusação contra Barreto subsiste da mesma maneira, pois sempre consta que lhe fez grandes promessas, que o enganou, que o desamparou, e o obrigou depois pelas roupas, de que o provera, que valendo duzentos cruzados, pelo valor que então tinha o dinheiro, era impossivel que Camões estivesse tão falto della inda que fosse mais estragado que uma creança.

Durante a viagem para o reino, que foi bem cheia de perigos, e contratempos, si occupou o Poeta muito, segundo affirma Diogo do Couto, na composição de um livro com o titulo de *Parnaso de Luiz de Camões*, o qual elle diz que continha muita doutrina, erudição, e philosophia : este livro é aquelle, cuja perda tem sido com razão mui lamentada, e de que alguns Criticos affirmaram, que Fernão Alvares do Oriente, havia tirado quanto ha de bom na Lusitania Transformada ; e outros, que Francisco Rodrigues Lobo se valêra muito d'elle na sua Primavera, e Pastor Peregrino, e Desenganado, mas estas duas asserções tenho eu por tão absurdas como contradictorias.

Já a nau, que trazia em si Luiz de Camões, e o seu Poema, navegava á vista da costa de Portugal, quando a mais pungente dôr traspassou o coração do Poeta. Heitor da Silveira, um dos nomes mais affamados na Histo-

ria da India, Fidalgo, Guerreiro, Poeta, e seu intimo amigo, falleceu ás portas da patria, terrivel agouro das desventuras, que nella lhe estavam guardadas.

A epocha da chegada de Luiz de Camões a Lisboa, não podia ser menos opportuna para as suas esperanças. A mais horrivel peste, que até ali se tinha experimentado nella, e a que por isso se deu o nome de peste grande, havia devastado, e desparsado a sua população; fazendo os historiadores subir a setenta mil o número das victimas. As ruas estavam desertas, as casas abandonadas, o luto cobria a quasi todos os que haviam escapado áquella grande calamidade, as precauções continuavam ainda: os Sarracos, as Academias, os Divertimentos Públicos, as Musicas, e Tangeres, que outr'ora faziam celebre, e affamada esta grande, e opulenta cidade, tudo havia desaparecido: que espectáculo para o Poeta, que chegava do Oriente dezesete annos depois, que della sahira, adiantado em annos, valetudinario, curtido de trabalhos, e de pobreza! Apesar disso foi tal a sua alegria nos primeiros tempos, que escreveu a um amigo do Porto nos seguintes termos « *não posso crêr ainda tanta ventura!..* » Ventura!.. de finhar na miseria, e fenecer no hospital, era a ventura que o esperava aqui.

Governava então D. Sebastião, ou para melhor dizer, governava em nome d'elle o Padre Luiz Gonçalves da Camara, Jesuita, e seu Confessor, e seu irmão Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade, que para isso o haviam persuadido a que tomasse as redêas do Governo, sendo de dezesete annos, tirando-as das mãos de seu Tio o Cardeal Infante D. Henrique, que tinha a regencia do reino. Como por meio destes dous Jesuitas a Companhia de Jesus governava Portugal claramente se deprehende das Cartas Portuguezas do elegante historiador latino d'El-Rei D. Manuel, o virtuoso Bispo D. Jeronymo Osorio. Com diversos pretextos faziam elles, que El-Rei divagasse continuamente pelo reino, entretido em caçadas e romarias, tudo a fim de affasta-lo da communicacão com seu Tio, e com os fidalgos velhos, e carregados de serviços, que podiam desengana-lo, abrindo-lhe os olhos sobre as desgraças do povo, e os perigos que elle proprio corria.

Já se vê que estas circumstancias eram as menos oppor-

tunas para chegar a Lisboa um homem, que tinha todas as suas esperanças na publicação de um Poema Epico, e nas recompensas, que de tão honrada tarefa poderiam, ou deveriam provir-lhe.

Deu-se, apesar disso, com todo o affinco á publicação dos *Lusiadas*, revendo de novo o Poema, e ajuntando-lhe alguns trechos, que evidentemente se conhece que foram escriptos nesta epocha, e tractou de alcançar as licenças necessarias para a impressão; porque a liberdade de imprensa plenissima antigamente entre nós, havia desaparecido com a Inquisição, e os Jesuitas, que dando-se as mãos no nefando projecto de propagar nestes reinos as trevas de uma ignorancia systematica, se haviam servido da censura previa para não deixarem publicar se não aquillo, que podesse conduzir aos seus projectos, e aos seus interesses.

Sem difficuldade persuadiram a D. João III., Monarcha de uma religião pouco illustrada, que não havia meio mais proficuo para impedir que em Portugal podessem propagar-se as doutrinas perniciosas de Luthero, e Calvino, que tanto inquietavam a Alemanha, a Inglaterra, e a França: aterraram com isto a sua consciencia timorata, e elle julgou, que não podia fazer maior serviço a Deos, e á Igreja, que ordenar, que nenhum livro podesse sabir á luz, sem ser primeiro examinado, e approved por Censores para isso escolhidos, e nomeados.

Escusado é dizer quanto o Poeta teria que soffrer com os reparos, e escrúpulos destes homens pouco instruidos, e sem gosto, que a cada Estança do Poema encontravam difficuldades, e dúvidas, basta dizer, que aquelle monumento immortal da gloria Lusitana, só poudé entrar no prélo, depois de desfigurado, e estropiado por esses barbaros.

Lendo attentamente o Poema, vêjo a cada passo evidentes provas destes estragos da censura nas lacunas, que se offerecem, em algumas Estanças mal torneadas, em algumas idéas desconexas, e absurdas, que de certo não podiam ter sahido da cabeça do Poeta, mas que foi obrigado a acceitar dos Censores para que lhe concedessem a licença.

Foram os Censores, e não Camões, quem no Canto X., Estança oitenta e duas fez dizer a Thetys:

Aqui só verdadeiros, gloriosos
 Divos estam ; porque Eu, Saturno, e Jano
 Jupiter, Juno, sômos fabulosos,
 Fingidos do mortal, e cêgo engano :
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos, e si mais o tracto humano
 Nos pôde dar, he só que o nome nosso
 Nestas estrellas pôz o ingenho vosso.

Não fallando no incorrecto da linguagem, e no rasteiro do estylo, e metro, é improbable, que Camões introduzisse uma personagem no seu Poema, dizendo que *era fabulosa*, isto é, que não existia, a não ser obrigado a acceitar as correccões, que os Inquisidores lhe apresentaram, para darem á obra a permissão de correr.

Mas o que, quanto a mim, prova de modo mais saliente, que nos Lusiadas houve mutilações consideraveis é o seguinte.

Termina o Canto terceiro com quatro Oitavas, em que defende El-Rei D. Fernando de haver tirado D. Leonor a seu marido, para casar-se com ella, sendo elle vivo, com grave, e justo escanda-lo de seus vassallos, e entrando depois no quarto Canto, principia assim.

Depois de procelosa tempestade,
 Nocturna sombra, e sibilante vento
 Traz a manhã serena claridade,
 Esperança de porto, e salvamento :
 Aparta o Sol a negra escuridade,
 Removendo o temor ao pensamento :
 Assim no Reyno forte acconteceo,
 Depois que o Rey Fernando falleceo.

Porque si muito os nossos desejaram
 Quem os damnos, e offensas vá vingando
 Naquelles que tão bem se aproveitaram
 Do descuido remisso de Fernando,
 Depois de pouco tempo o alcansaram;
 Joanne, sempre illustre, alevantando
 Por Rey, como de Pedro unico herdeiro,
 Ainda que bastardo, verdadeiro.

.....

Alteradas então do Reyno as Gentes
Com o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do Povo o furor por onde vinha.
Matando vam amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Raynha,
Que sua incontinencia deshonesta
Mais, depois de Viuva, manifesta.

Mas elle emfim, com causa deshonorado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado :
Que tudo o fogo erguido queima, e corre.
Quem como Astianax precipitado,
Sem lhe valerem Ordens, d'alta Torre,
A quem Ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

Quem nunca tiver lido os Lusiadas, e abrindo o livro ao acaso encontrar estes versos, força é que se persuada, que elles tem referencia a logares anteriores, d'onde conste quem é este Conde adultero, porque se lhe dá este epitheto, e quem é a Rainha, que manifesta mais a sua incontinencia depois de viuva, e porque dessa deshonestidade resultaram tantos estragos, e tantas mortes ; porém si desandar com a leitura para os Cantos precedentes, ficará atonito por não deparar cousa alguma, que a estas se refira, e não poderá conceber como tão grande Poeta poudo cahir em tão grave falta, muito mais não havendo em todo o Poema cousa semelhante ! Não mostra isto que no manuscripto do Poeta o Canto terceiro não acabava, como está, mas com um quadro do reinado d'ElRei D. Fernando, em que se referia, como sua Esposa o atraçou com o Conde João Fernandes Andeiro, como estes amores, conhecidos de todos, escandalisaram a todos, e tornando-se mais evidentes depois da morte d'ElRei, produziram o furor do povo, o odio dos fidalgos, que invejavam a fortuna, e valimento do Conde, a sua morte, e as desordens, que se seguiram? e que os Censores achando esta pintura demasiado livre, a cortaram, e que Ca-

mões foi por elles obrigado a substitui-la por um lugar commum sobre o poder do Amor. Esta observação, que me não consta que ainda se tenha feito, se tornaria evidência, si apparecesse alguma copia do manuscripto primordial de Camões. Talvez que na copia dos primeiros seis Cantos, que Faria e Sousa achou em Madrid fosse esta uma das cousas, que elle nos informa que estando ali, se não encontram no Poema impresso, e que não a restituísse com receio da censura.

Sahi pois o Poema á luz em 1572, e cousa na verdade rara, nesse mesmo anno teve segunda edição, tanto foi o applauso, com que foi recebido, tamanha a ancia, com que Portuguezes, e Estrangeiros procuravam a sua leitura, e o conhecimento de uma obra de novo character, e estylo, e em que transflorava em toda a sua força a luz brilhante de um genio superior a tudo o, que naquella genero, até ali o Parnaso havia produzido entre nós.

Mas si o Poema era engrandecido, e louvado, parece que não acontecia o mesmo á pessoa do Poeta, que vivia na maior indigencia, e miseria, pois que era necessario que um escravo de Java, por nome Antonio, que elle trouxera da India, esmolasse de noite para com o mesquinho producto dessas esmólas ajudar a viver o seu senhor, e a si. Consta tambem, que uma preta vendedeira de mexilhões, o presenteava ás vezes com um prato delles, e alguns cobres do producto da sua venda. A' vista destas circumstancias não sei como o Bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, teve animo para escrever na sua vida de Camões « Fidalgos dos mais qualificados, e de notorio entendimento, e cultura, o tractavam com familiaridade cortez, procedida de reconhecerem, e prezarem justamente a sua muita valia... Mas basta por muitos o exemplo de D. Gonçalo Coutinho, da Casa de Marialva, e Capitão de Marzagão. Com este fidalgo tractava, e vivia muito Camões, com elle hia passar tempos na sua Quinta de Vaqueiros, e delle recebeu favor, e honra, em razão da conta, em que o tinha, (segundo o que D. Gonçalo declarou depois em notavel occasião) de Principe dos Poetas contemporaneos. Temos argumentos, de que tinha muita entrada na Casa de Vimioso, e de que possuia a estimação de toda aquella familia, e de

insigne Vice-Rei da India D. Luiz de Ataíde, e a do Capitão assombroso de Malaca, D. Lioniz Pereira. »

Na verdade tudo isto é mui verosimil ! Pois um homem, que morava talvez n'um sôtão da Calçada de Santa Anna, e que vivia de esmólas, podia deixar de ter entrada em casa dos mais qualificados fidalgos da côrte, gozar a sua estimação, e viver na sua familiaridade ! É igualmente verosimil, e natural o que tambem diz, referindo-se a Francisco e Sousa, a saber : que quando Camões apparecia nas ruas de Lisboa, paravam as pessoas, que hiam passando, a vê-lo, e considera-lo com todas as mostras de admiração, e não continuavam sem que primeiro tivesse desaparecido o Poeta !

É o mesmo que se conta de Lopo de Vega Carpio, e que Manuel de Faria e Sousa, em seu enthusiasmo pelo nosso Poeta, quiz tambem attribuir-lhe, mas não viu o douto Prelado, que o que tinha todo o logar a respeito de Lopo de Vega, Ecclesiastico, vivendo na oppulencia, adornado de condecorações honorificas, honrado com testemunhos públicos da estima do Rei, e dos Summos Pontífices, denominado por seus talentos, e escriptos a Phoenix dos Engenhos, alvo de admiração do Povo a quem diariamente arrebatava, e enthusiasmava com a multidão dos seus Dramas, mal podia caber a Camões pobre, desvalido, e perseguido ? Como é que se combina tanta miseria com tamanha estimação ? Se era tão estimado, e festejado dos Grandes, como não achou entre elles um Protector, que o empregasse ? Se tanto se interessava por elle o povo, em uma cidade como era então Lisboa, o emporio de todo o commercio do mundo, onde existiam tantos Negociantes ricos, como é possivel não achasse uma alma generosa, que o livrasse ao menos da fome, e de perecer em um hospital ?

Fallemos claro, nem as Letras, nem a Poesia foram nunca populares naquelles tempos ; lêa-se o catalogo dos nossos Poetas antigos, e se verá que quasi todos pertencem á Aristocracia, ao Clero, e á Magistratura ; e estas trez classes podiam bem admirar o Poeta, mas detestavam, e despresavam o Poeta ; tanto isto é verdade, que determinando El-Rei D. Sebastião levar consigo dous Poetas na expedição de Africa para presencearem, e cele-

4

hãrem as suas victorias sobre os Mouros, os seus Validos, e os Jesuitas, que os dominavam, lhe indicaram Diogo Bernardes e Luiz Pereira Brandão, dous Poetas mediocres, e não a Luiz de Camões, que além de Soldado de conhecido valor, tinha provado nos Lusíadas, que sabia tirar dignamente da trombeta epica os sons, que immortalisam os heroes.

Assim, durante os sete annos que decorrem de 1572, epocha da publicação do seu Poema, até 1579 em que teve logar o seu obito, foi o Homero Lusitano definhando na miseria, e no abandono: o Java, seu unico amigo, fallecêra pouco antes, e esta perda lhe abreviou sem dúvida os dias, vendo-se, em sua ultima enfermidade, reduzido ao extremo de procurar asylo no hospital.

Alguns Escriptores duvidam deste ultimo facto; mas a razão, em que se fundam me não parece ter força alguma. Dizem elles que, os que morrem no hospital ali encontram tambem a murtalha. É certo que assim acontece hoje; mas seria assim no tempo de Camões? Deve porém notar-se, que dizendo todos que o lençol, em que o cadaver foi amortalhado, lhe fôra mandado por esmôla, o que, segundo elles, prova que fallecêra em casa propria, discordam com tudo no nome da pessoa, que lho mandou, pois uns dizem, que fôra D. Francisco Manuel; outros, e destes é Severim de Faria, que D. Francisco de Portugal, outros, que outras pessoas, e esta diversidade de assersões me faz duvidar muito da verdade dellas.

O Morgado Matheus D. José Maria de Sousa, diz: que vira em poder de Lord Holland, um exemplar dos Lusíadas, que pertencêra a Fr. Josepe Indio, que o deixou no Convento dos Carmelitas Descalços de Guadaluaxara, em cujo frontespicio se acha escripta, pela letra daquelle Religioso a seguinte nota. « *Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mallogrado! Yo le vi morir en un hospital de Lisboa, sin tener una sábana con que cubrir-se, despues de haver triunfado en la India Oriental, y de haver navegado 5:500 legoas por mar; que aviso tan grande para los que de noche, y de dia si cansan estudiando sin provecho, como la Araña en urdir tellas para caçar moscas!* »

Deste documento, para mim authenticico, porque não tenho motivo algum para duvidar da verdade de D. José Maria de Sousa, que na sua Vida de Camões afirma have-lo copiado do exemplar de Lord Holland; deduz-se: 1.º Que Camões morreu no hospital: 2.º Que foi amortalhado em um lençol, que lhe mandaram de esmola, naturalmente, porque então não era costume dar o hospital mortalha: 3.º Que o Poeta se tinha feito notavel nas guerras da India Oriental, apesar de Diogo do Couto não haver nomeado alguma das suas acções; e por tanto está decidida a questão contra os que negam que Luiz de Camões acabasse no hospital.

Contra isto parece-me que não ha se não dous recursos, ou accusar de mentiroso a D. José Maria de Sousa por afirmar que copiára do exemplar de Lord Holland uma Inscrição, que nelle não existe, o que é fazer um grave insulto á boa fé daquelle Cavalheiro, ou dizer, que Fr. Josepe Indio não escreveu a verdade na sua nota, supposição que me parece inadmissivel pois consta que Fr. Josepe fôra Religioso de grande virtude, que missionou largos annos nas Indias, onde talvez conhecesse o Poeta, e convivesse com elle, e é grande temeridade negar o que elle diz que viu; fazendo assim delle um ruim truão, que, para zombar do mundo, se divertira em escrever uma mentira tal no frontespicio do exemplar, que talvez fosse um mimo do Poeta, quando dessa mentira lhe não resultava honra, nem proveito.

Luiz de Camões foi sepultado na Igreja do Convento de Santa Anna, que então servia de Parochia, em sepultura raza, e sem letreiro algum, e assim permaneceu, até que alguns annos depois D. Gonçalo Coutinho lhe mandou pôr uma Lapida com este Epitaphio. *« Aqui jaz Luiz de Camões, Principe dos Poetas do seu tempo, viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu. Anno de 1579. » Esta campa lhe mandou pôr D. Gonçalo Coutinho, na qual se não enterrará pessoa alguma.*

Este Epitaphio está concebido de maneira, que me parece fazer honra a quem o compôz, modesto, breve, dá a conhecer o merito do Poeta sem as exagerações, e verbosidades, que desfiguram todas, ou quasi todas as

Inscripções daquelle tempo. Tenho porém a notar nelle as expressões, *viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu*, que em vez de exactas, me parecem falsas, ou pelo menos exaggeradas. Ora que o Poeta morreu pobre, e miseravelmente, é cousa que não póde admittir dúvida; e basta para prova-lo o haver fallecido no Hospital.

Porém si nos ultimos sete annos da sua vida viveu pobre, sustentando-se das esmólas que o seu fiel escravo de Java para elle mendigava de noite, não se segue dahi que elle sempre assim vivesse, como parecem indicar as expressões do Epitaphio, pois contra essa assersão temos nada menos que o testemunho do mesmo Poeta em sua resposta a Rui da Camara.

Este fidalgo, que se dava por grande amigo de Luiz de Camões, não para o favorecer, sendo como era rico, mas só para utilisar-se do seu prestimo, e talento, havia-lhe pedido que lhe fizesse uma traducção em versos dos Psalmos Penitenciaes, e o Poeta descuidou-se de apromptar a sobredita traducção com a brevidade, que Rui da Camara exigia.

Rui da Camara, impaciente de tanta demora, tomou a resolução de hir procurar Camões á pobre casa, em que habitava, formando grandes queixas do seu descuido, e da sua delonga, e rematou dizendo grosseiramente em resposta ás suas excusas.

« Não tendes desculpa, que alegar : tendes feito tantos versos, e um tão formoso Poema ! si me não servis, não é porque não podeis, é porque não quereis.

A tão pouco cortez, e tão despropositada invectiva, respondeu o Cantor dos Lusiadas, no tom grave, e com o amargo sorrir do homem honrado, que sente, e despreza a invectiva injusta de um sandeo atrevido.

« Senhor, quando eu fiz esse Poema, e esses versos, de que fallaes, era moço, favorecido das Damas e *tinha o necessario para a vida*; e agora tudo está mudado. Não tenho espirito, nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta; e em tal miseria me vêjo, que ahi está o meu Antonio, que me pede dinheiro para carvão, e não o tenho para dar-lho. »

Ora si Luiz de Camões diz, que quando compoz o Poema, de que grande parte consta que foi escripto em Portugal, era moço, e favorecido das Damas e *tinha o neces-*

sario para a vida, é claro a todas as luzes, que o Poeta até á epocha da sua viagem do Oriente não viveu pobre, e miseravelmente como se diz no Epithaphio, porque nem as Damas costumam favorecer os que assim vivem, nem elle havia ainda ultimado o seu Poema.

E mesmo na India, si teve algumas, e mesmo grandes privações, teve tambem intervallos de abundancia, pois o seu Commentador Manoel Corrêa nos affirma, que viera do Sul rico com o que de lá trouxera, e lhe deram seus amigos, e que gastou tão liberalmente tudo, que em breve tornou á pobreza, com que começou, não sem alguma nota dos que por isso o tinham em conta de mal considerado. » Por isso me inclino muito á opinião dos que julgam que as palavras *viveu pobre, e miseravelmente, e assim morreu*, não faziam parte do Epithaphio, que D. Gonçalo Coutinho lhe mandou gravar na Lapida, mas que foram ali accrescentadas muito tempo depois.

Para que tudo quanto diz respeito a Luiz de Camões fosse marcado por alguma singularidade desgraçada, até a sua sepultura esteve por muito tempo ignorada dos seus patricios, e até depois de ella ser descoberta, tem-se levantado dúvidas, e questões reñhidas sobre ser ou não aquella, porque havendo pelo espantoso terremoto de 1755 cahido a Igreja de Santa Anna, e sendo depois reedificada com grandes alterações do seu estado primitivo, a inercia, e desleixo Portuguez não curaram da sepultura do Poeta; que ficou assim esquecida por muitos annos, e quando em nossos dias foi descoberta, bem que o seu local correspondesse ás noticias, que della havia, duvidou-se com tudo da sua authenticidade por lhe faltar a lapida, e o Epithaphio.

Já em outra parte dei a razão desta falta, procurando destruir esta prova negativa, referindo o que muitas vezes ouvi a José Agostinho de Macedo testemunha insuspeita de que pertendesse accodir pela gloria de Camões, de quem era detractor figadal; e é que fazendo-se a pedido de alguns estrangeiros no Convento de Santa Anna exactas pesquisas para descobrir a sepultura do Poeta, depois de muitos trabalhos, e diligencias baldadas, de modo que estavam já perdidas todas as esperanças de bom exito, disse uma Freira ve-

lha, que tendo algumas vezes espreitado por uma fenda do altar, que estava junto á grade do choro debaixo, lhe parecêra ter ali visto uma lapida sepulchral.

Tirado o altar, achou-se com effeito uma sepultura, que não podia ser senão a do Poeta, pois ainda conservava a Inscrição, que lhe mandára pôr D. Gonçalo Coutinho, e os versos latinos, que andam impressos nas suas Obras : porém a lapida estava toda quebrada, e fendida, sem dúvida com a queda das abobadas na occasião do terremoto. Para abrir a sepultura foi a lapida tirada a pedaços, e para a tapar substituida por outra ; mas aqui mesmo se mostra a pouca attenção que entre nós se dá a estes objectos, pois nem a nova campa se fez igual á primeira, nem ao menos se lembrou ninguem de gravar na nova alguma Inscrição, que informasse a posteridade do motivo porque ali faltava o Epitaphio.

Parece-me pois, que esta explicação, que eu ouvi muitas vezes a José Agostinho, sempre sem variedade, deve tirar todas as dúvidas, de que a sepultura, que existe na Igreja de Santa Anna junto á grade do choro debaixo, que antigamente correspondia ao meio do Templo, encerra os ossos do Cantor da gloria da Patria, do Principe dos Poetas Portuguezes.

CAPITULO IV.

*Algumas observações sobre a vida de
Luiz de Camões.*

Tudo, que diz respeito á pessoa, e successos deste Poeta, se apresenta enredado em contradicções, e dúvidas. Dúvidas sobre o anno do seu nascimento; dúvidas sobre a terra, que lhe deu o berço; dúvidas sobre a epocha da sua morte, e sobre o logar, em que ella se verificou, dúvidas sobre a causa das perseguições, que soffreu tanto na Europa como na Asia, e do abandono, em que ficaram os seus serviços. Nem podia deixar de ser assim, pois que a maior parte do que d'elle nos referem os seus Biographos, quasi que não tem mais fundamento, que a noticia que o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria nos deixou da sua vida, guiando-se por conjecturas, que fez sobre o exame das suas obras.

Este modo de escrever a vida de um Poeta pelas induções, que podem tirar-se de alguns trechos dos seus Poemas, pôde sim provar grande sagacidade, e engenho em quem se dá a este exame, porém tenho-o por sobremaneira fallivel, e tão fallivel como querer ajuizar por suas obras do seu character, opiniões, e sentimentos.

Além de ser mui raro que se imprimam todas as obras de um Poeta, e de ser mui probavel, que as que chegam ao conhecimento do público sejam as menos aptas para essas investigações, é tambem certo, que os Poetas sam muitas vezes obrigados a escrever versos em nome de outras pessoas, e já se vê quanto é facil, que se lhe attribuam cousas, que tem referencia a individuos, e circumstancias mui diversas, resultando daqui factos contradictorios, inconciliaveis, e a confusão, e o erro em logar da verdade.

É opinião geralmente recebida, que as desgraças, e perseguições do nosso Poeta nasceram dos seus amores com D. Catharina de Ataide, Dama do Paço, da casa do Conde da Castanheira D. Luiz de Ataide, grande valido d'El-Rei D. João III., mas deviam provar primeiro, que essa Dama existira realmente, o que me parece um pouco difficil.

Todo o fundamento desta opinião me parece assentar, em que entre as poesias do Poeta existem algumas dirigidas a Natercia, anagrama de Catharinã; mas sendo innegavel, que em Lisboa havia nesse tempo pelo menos tantas Senhoras desse nome, como é probavel que existam hoje, quem póde sem temeridade affirmar a qual dellas o Poeta dirigia os seus obsequios, quando elle em nenhuma parte de suas obras diz cousa, que indique a sua qualidade, e posição na Sociedade? E prova-se tanto, que nisto não ha mais que conjecturas, que Manoel de Faria e Sousa em uma das suas vidas do Poeta affirma, que D. Catharina era uma Senhora de Coimbra; e João Pinto Ribeiro, que uma Prima de Luiz de Camões! D. José Maria de Sousa diz, que recorrêra as Memorias da Casa Real, para conhecer a que ramo da familia de Castanheira pertencia D. Catharina, e que perdêra o seu trabalho.

Si o Morgado de Matheus se vio obrigado a recorrer áquelle livro, é porque entre os parentes daquella nobre casa não achou noticias do que procurava; ora sendo os fidalgos os mais profundos e minuciosos Genealogicos, poderá alguém capacitar-se de que em uma das casas mais principaes do reino houvesse uma Senhora, de que os membros dessa familia não tenham noticia? Que houvesse uma Dama no Paço, de que as Memorias da Casa Real não façam menção, tambem me parece uma suppozição improbable; no entanto o nobre Morgado, seguindo a torrente da opinião dos Biographos, diz que se persuade que seria parenta do Conde, mas essa opinião tão duvidosamente enunciada me parece não ser bastante para elucidar, ou dicidir a questão.

Alguns citam como prova destes amores, e da existencia desta Dama o seguinte

SONETO.

O culto divinal se celebrava
No Templo donde toda a creatura
Louva o Feitor divino, que a Feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor ali, que a tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara, e angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o logar me defendia,
De seu livre costume não sabendo,
Que nenhum comfiado lhe fugia

Deixei-me captivar, mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo, que fui livre me arrependo.

Este Soneto o mais que póde provar é, que o Poeta se namorou de certa Dama, que viu pela semana santa em uma igreja de Lisboa, que os seus Biographos querem que fosse a ermida das Chagas, não a actual, mas outra que então existia junto ao Convento dos Trinos, de que era annexa, e que depois por desavenças entre os Frades, e os Irmãos, se transferio para o sitio do Pico, onde hoje existe, isto em virtude de Bullas Pontificias, que correm impressas, e cujos originaes se conservam no cartorio da dita Ermida. Mas póde alguém affirmar, que aquella Dama fosse D. Catharina de Ataíde, a Natércia do Poeta? Não vêjo nelle cousa que o faça suspeitar, e com toda a franqueza digo, que tenho este successo por fabuloso, e Natércia por um ente de razão.

Todos sabem que Francisco Petrarcha, um dos homens mais benemeritos das letras, e da Poesia no seculo quatorze nos seus versos Toscanos inventou um novo modo de cantar d'amores, que nem Gregos, nem Romanos haviam conhecido.

Consistia este novo estylo em uma especie de metha-

physica amorosa, modelada pelas idéas de Platão, em que o amor se affastava dos sentidos, e da esperança, espiritualizando-se a ponto de tornar-se um culto ascetico da belleza, em que a phantasia brilhava, e o coração ficava mudo: era uma poesia, que, semelhante ao géllo ferido do Sol, brilhava mas não aquecia, deslumbrava com imagens agradaveis, mas não arrebatava com a vehemencia de um affecto ardente, e impetuoso. Tudo eram visões, raptos, contemplações, deliquios de amor, lagrimas, suspiros, que fallavam, suspiros, que respondiam, cabellos de ouro, olhos que eram astros, rosas colhidas no paraizo, agoas doces, regatos despenhados de rochedos, auras, verdura florida, finalmente um verdadeiro curso de philosophia amorosa, escripto em optimos versos, e em linguagem purissima, e elegante.

Com estas miniaturas poeticas, sem claro-escuro como as pinturas Chinezas, celebrou Petrarcha uma certa Madama Laura, que elle fez acreditar ao mundo, que se nutria destes incensos, como elle se contentava de a vêr, adorar, e dizer-lhe que a amava; sem que dessa idolatria proviesse a menor mancha á sua honestidade, e fidelidade conjugal. Alguns Criticos modernos, parecendo-lhe que o estylo de Petrarcha era demasiado artificioso, e estudado para ser a expressão de sentimentos verdadeiros, e desconfiando de que tal desinteresse de affectos podesse dar-se em um Clerigo tão pouco modesto, que deixára de diversas mulheres um grande número de filhos naturaes, deram-se a examinar o negocio com toda a attenção, e sagacidade, propria da sciencia critica dos nossos tempos, e tiraram em resultado das suas investigações, que a Laura de Petrarcha só existira na sua imaginação, como thema da sua nova poesia.

Mas mesmo porque esta poesia era nova, e superior a quanto no genero lyrico havia apparecido naquelle seculo barbaro, foi tambem da moda, e Petrarcha se viu á testa de uma Eschola Poetica, composta de todos aquelles, que não tendo sufficientes forças para seguir os vãos assombrosos, de Dante, se dirigiam ao Pindo por um caminho menos aspero, copiando a maneira, o estylo, as invenções do mestre, de modo que as suas obras segundo a expressão do judicioso Betinelli, se fossem colligidas

em um só volume, deviam ser impressas com o título de *Variantes de Petrarcha*.

Era um ponto de fé deste *Servum pecus Petrarchista*, que não podiam merecer o nome de lyricos sem cantar de amores no mesmo tom do mestre, e Laura se reproduzio em suas obras debaixo de diferentes nomes, com a mesma isempção, os mesmos rigores, a mesma esquivança, e o romance amoroso de cada um destes imitadores, teve os mesmos successos, e as mesmas situações do modêlo, que Petrarcha lhe dera.

Esta mania imitadora passou dos Petrarchistas de Italia para os Petrarchistas de Hespanha, e de Portugal, todos tiveram a sua Laura, todos suspiraram platonica-mente por ella, e todos fizeram do amor um jogo de espirito, e não uma paixão. Buscan, Garcilaso, e Lope de Vega, fizeram o mesmo que Casa, Molza, e Thebaldeo; e Camões fez o mesmo que elles, posto que com mais engenho, porque elle só era mais Poeta que Petrarcha, e todos os Petrarchistas juntos.

Petrarcha neste Soneto, que é o terceiro da primeira parte do seu Cancioneiro, diz que se namorou de Laura, vindo-a em uma igreja pela semana santa.

SONETO,

Era il giorno ch'al Sol si scolaro
Per la pietá del suo Fattore i rai,
Quando io fui preso; e no me ne guardai
Che i bei vostri occhi, Dona, mi legaro.

Tempo no mi parca da far riparo
Contra i colpi d'amor, però n'andai
Secur, senza sorpetto onde i miei guai
Nel commune dolor si cominciaro.

Trovomi Amor dal tutto disarmato,
Ed aperta la via per gl'occhi al cuore;
Che di lacrime son fatti uscio, e varco.

Peró al mio parer non li fea onore,
Ferir me di saetta in quello stato,
E a voi armata non mostrar pur l'arco.

Bastou isto para tornar a semana santa a quadra do cio dos Petrarchistas de todas as nações, e de todos os tempos.

Lope de Vega Carpio diz

El culto celestial se celebrava
Del maior Viernes en la Iglesia pia,
Quando por Laura Franco se encendia,
Y Liso por Natercia se emflamava.

Poderia, si quizesse citar mais exemplos de Poetas da Eschola de Petrarcha, que dizem haver-se namorado pela semana santa, e porque não heide suppôr, que Luiz de Camões, que era um Petrarchista dicidido, fazendo aquelle Soneto não quiz mais que imitar Petrarcha? Porque não heide suppôr que a celebrada Natercia, que tanto tem dado que cuidar aos seus Biographos, não é mais que um parto da sua imaginação para por sua conta philosophar de amor? Uma das razões, que me obrigam a pensar assim, é o estylo dessas poesias, que dizem ter sido compostas para ella, em que não vêjo aquella expressão singella, e digamo-lo assim, involuntaria de um sentimento profundo, de uma daquellas paixões, que se apoderam da alma do homem, e dicidem do destino da sua vida inteira! Ha nesses versos de Camões, bellissimos quanto ao ponto de vista artistico, demasiado espirito, demasiada elegancia, e conceitos philosophicos, que de certo não indicam grande perturbação de alma, grande tumulto de coração; quem pertende desaffogar sentimentos ternos não busca tanto apparatus, tanta subtiliza, tantos meios de brilhar como ali observamos,

De mim não quero mais que o meo dezejo,
Nem mais de vós que vêr tão lindo gesto,
Ali me manifesto
Por vosso a Deos, e ao Mundo; ali me inflammo
Nas lagrimas que choro;
E de mim que vos amo
Em vêr que soube amar-vos me namoro.
E fico por mim só perdido de arte
Que hei ciumes de mim por vossa parte

.....

Si pôr algum acerto Amor vós erra
 Por parte do dezejo, commettendo
 Algum nefando, e torpe desatino ;
 E se inda mais que vêr em fim pertendo ;
 Fraquezas sam do corpo, que he de terra,
 Mas não do pensamento, que he divino.

.....
 Porém si he grande a dôr,
 Com a alteza do mal a restituo ;
 E as armas, com que mata sam de sorte,
 Que ainda lhe ficaes devendo a morte.

Estes conceitos tão esquadrihados, estas antitheses, estes trocadilhos, e jogos de espirito serão acaso a linguagem de uma paixão verdadeira, de um amante entusiasta? Se-lo-hão os seguintes versos da Canção II.?

Mas como lhes estive ali presente,
 E entenderam o fim do meo dezejo,
 Ou por outro despejo,
 Que a lingua descobrio por desvario,
 Morto de sêde estou posto em um rio,
 Onde do meu servir o fructo vêjo ;
 Mas logo se alça si a colhe-lo venho,
 E foge-me a agoa si em beber porfio.
 Assi que em fome, e sêde me mantênho ;
 Nem tem Tantalo a pena, que eu sustenho.

.....
 Além do que padeço
 Atado em huma roda estou penando,
 Que em mil mudanças me anda rodêando,
 Onde eu, si a algum bem subo, logo desço,
 E assim ganho, e assi perco a confiança,
 E assim de mim fugindo traz mim ando,
 E assim me tem atado huma vingança
 Como Ixion tão firme na mudança.

Considere-se mais este trecho extrahido da Ecloga II.

Oh Nympha delicada,
 Honra da natureza !

Como pôde isto ser,
Que de tão pegrino parecer
Podesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he do natural minha tristeza.
Mas a mi que me espanta?
Não basta, oh Nympha bella
Que podes preverter a Natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celleste
Fóra do natural?
Não pôde a natureza fazer tal:
Tu mesma, oh bella Nympha, te fizeste,
Porém porque tomaste
Tão dura condicção, si te formaste?

O Padre Francisco José Freyre, pôde na sua Arte Poética, elogiar estes versos, e apresenta-los como modelo das imagens phantasticas. Não tracto de averiguar até que ponto este juizo está de accordo com o bom gosto; direi sómente, que estas argumentações, estas subtilizas, mostram mais engenho, que ternura, mais descripção, que sentimento.

Mas dado, e não concedido, que estes amores de Camões não fossem puro Petrarchismo, que Natercia não fosse um ente ficticio, mas D. Catharina de Ataide, parenta, não se sabe em que gráo, do Conde de Castanheira, ainda assim mesmo não vejo ahi motivo para induzir os parentes daquella Dama a perseguirem o Poeta toda a sua vida com tanto encarniçamento, nem para julgarem o casar-se ella com elle dezar, e quebra da sua nobreza. Não era elle de uma familia muito illustre? Seus Primos, segundo diz Severim de Faria, não se haviam aliado com as melhores casas do reino? D. José Maria de Sousa, dá por causa da repugnancia dos Pais de D. Catharina, a pobreza do pretendente; mas as palavras de Camões, que acima citámos desmentem esta supposição, pois que elle claramente diz, que era

bem acceito das Damas, e tinha todo o necessario para viver; além disso, era mancebo nobre, valente, e instruido, admittido no parentesco do Vallido do Rei, podia aspirar a toda a qualidade de fortuna. Mas concedendo ainda isto; não é visível que, nesse caso, o que os parentes de D. Catharina podiam querer, era affasta-lo do reino, a fim de que a Dama, com o tempo se esquecesse d'elle? Não é absurdo suppôr, que elles o perseguissem na India, e ali lhe embargassem o fazer fortuna, porque isso viria apressurar a sua volta á patria, que era o que menos lhe convinha? E mais incrível ainda será esta perseguição, se como diz Manoel de Faria e Sousa, D. Catharina falleceu antes de Camões sahir de Lisboa.

Mas si a desfortuna, que Camões encontrou no reino, apesar do seu merito, e serviços, não nasceu dos parentes de D. Catharina, não deixa por isso de ser evidente, que houve quem o perseguisse aqui, e na India, e o procedimento de Francisco Barreto o prova sobejamente. Dizem alguns Authores, que o odio deste Governador nascêra da Satyra intitulada *Disparates da India*, em que elle, e alguns amigos seus, foram pelo Poeta censurados: esta razão não tem pezo algum; essa Satyra existe ainda para justificação do Poeta, e condemnação dos seus inimigos. Leiam-na com attenção, e ficarão todos convencidos de que nella não ha um unico verso por que alguém possa offender-se, ou julgar-se designado. Toda a censura ali é geral, e não pessoal. Nada ali sahe dos limites da moderação, e de uma decente jovialidade, logo o odio de Francisco Barreto, e o abominavel acto de despotismo por elle praticado contra o Poeta, não podiam nascer daquelles versos.

Os termos porque Camões falla do seu desterro, dizendo, que o deseja perpetuado em pedra, ou ferro, bem mostra, que elle o considera como um oprobrio eterno do seu perseguidor, e que se havia por victima de uma violencia, e não como condemnado a uma pena, que merecêra por erro, ou culpa, que tivesse commettido!

Lembre-mos ainda de que, depois de findo o governo de Francisco Barreto, foi Camões perseguido, preso, e processado por crime de peculato, de que se justificou plenamente, confundindo os seus calumniadores;

que Pedro Barreto o enganou, e trahiū vergonhosamente; que chegado ao reino, os seus serviços ficaram sem recompensa, e o deixaram perecer de miseria! Não prova isto, que havia uma conspiração contra elle, que um poder occulto o seguia a toda a parte, para atormentá-lo, e perde-lo?

Mas qual era esse poder mysterioso, e occulto a quem deve attribuir-se a desgraça deste grande homem? Os seus contemporaneos o conheciam sem dúvida, mas nenhum delles se atreveu a nomea-lo; mas do que elles disseram, facilmente se deduz o que elles callaram, e em alguns o que procuraram dar a entender, uma vez que se combine com a historia do tempo, examinada á luz da boa critica.

Os Jesuitas detestavam Luiz de Camões, e Luiz de Camões detestava os Jesuitas. Aquella sociedade ambiciosa punha a mira em dominar o mundo, avassallando os depositarios do poder, e desde a sua entrada no reino, havendo-se apoderado do espirito debil, e devoto d'ElRei D. João III., conseguiram o exclusivo da instrucção pública, para que, nem nas aulas menores, nem na Universidade se ensinasse si não o que lhe convinha, dando cabo dos bons estudos, que até ali floresciaam, constituindo assim a nação em uma ignorancia, que affectava de sciencia, mais prejudicial, por isso que a ignorancia pura, e simples, porque nesta se conserva o bom senso, que se deprime naquella.

Por estes meios, e a influencia do confessionario, seduziram a maior parte da nobreza, e de todos os homens influentes, ligando-os aos seus interesses, e afastando dos cargos públicos, coartando-lhe os meios de fazer fortuna, a todos os homens em quem conheciam grandes talentos, accompanhados de espirito independente, e amante da prosperidade pública; tal era o seu modo de proceder, para firmar a grandeza da sua Ordem, como claramente se deduz das *Instrucções confidenciaes (secreta monita)*, dadas pelo Geral, e seu Conselho, a todos os Prelados da Ordem, que depois da sua extincção tem sido frequentes vezes impressas.

Entrava no plano desta corporação, chamada religiosa, reunir toda a Peninsula, debaixo de um só sceptro, unin-

do Portugal a Castella, e a menoridade d'ElRei D. Sebastião, pareceu occasião propria para isto, e consta que dous Padres de grande authoridade na Ordem, vieram a Portugal fazer algumas proposições á Rainha D. Catharina, então Regente, proposições, que a Rainha, apesar de hespanhola, rejeitou com horror.

Mudaram então de tactica os veneraveis Padres, e á força de desgostos, que lhe elles prepararam, a constrangeram a abrir mão da Regencia, que passou ao Cardeal Infante D. Henrique, grande devoto, e respeitador da Companhia, cujos membros elle julgava os mais firmes baluartes da Religião Catholica; tanto haviam sabido fascina-lo com as suas apparentes virtudes, e manobras artificiosas.

Assim foram propagando, e robustecendo a sua influencia na côrte, e no reino, ajudados da sua valiosa alliada a Inquisição, afastaram do lado do Rei, o seu Ayo D. Aleixo de Menezes, ancião respeitavel por sua honradez, serviços, e virtudes, cercaram-no de Jesuitas, ou de afiliados seus, e quando chegou a tocar os limites da maioridade, aconselharam-lhe, que tomasse as redêas do Governo, bem entendido debaixo da direcção do Jesuita Luiz Gonçalves da Camara, que foi nomeado seu Confessor, e seu irmão Martins Gonçalves da Camara, Jesuita de capa curta, a quem se deu o logar de Escrivão da Puridade, que correspondia ao que hoje se chama Primeiro Ministro, em cujas mãos estava a summa da governança, e sobre tudo a distribuição das graças. O modo porque estes dous homens exerceram os seus logares pôde dignamente avaliar-se por uma carta dirigida ao Confessor, pelo virtuoso Bispo D. Jeronymo Osorio, e pelo resultado da campanha de Africa, emprehendida pelos arteficios Jesuiticos, e que causou a morte do Rei, e a perda do reino.

- Luiz de Camões era mancebo de espirito ardente e generoso, instruido, valoroso, e entusiasta da gloria, e independencia da sua patria. Conhecia o espirito, e as intenções da Companhia, detestava-os por isso, e desfogava o seu patriotismo, invectivando contra elles: e pôsto que nunca faz menção delles, e se dirige aos Franceses em geral, o faz com tudo de modo, que todo o leitor conhece, que as suas reprehensões, só podiam frizar bem nos Jesuitas.

Assim o entendeu a Companhia, e todo o mundo sabe, que a Companhia não sabia perdoar. Daqui a falta de remuneração dos seus serviços, e o desprezo dos seus talentos, e as perseguições, que no Oriente lhe promoveram os seus adeptos. Francisco Barreto, o seu parente Pedro Barreto, Miguel Fios Seccos, não fizeram mais que executar as instrucções da Companhia, que segundo parece se reduzião a amargurar a vida do Poeta, e abbrevia-la á força de maus tractamentos, desgostos, e privações. Note-se bem que Luiz de Camões durante o Vice-reinado de D. Constantino de Bragança, viu levantado o seu injusto desterro, e viveu tranquillo em Gôa, porque naquelle tempo a Casa de Bragança não era favoravel aos Jesuitas, e partilhando D. Constantino a antipathia da sua familia para com elles, não era possivel que quizesse tornar-se instrumento das suas vinganças. Logo porém que elle terminou o seu tempo, e que lhe succedeu o Conde de Redondo, logo os perseguidores de Camões levantaram o colo, e o calumniaram de peculato, e o Conde apesar da estima em que tinha o Poeta, não pôde resistir á influencia Jesuitica, e consentio que fosse preso, e processado por accusação de peculato commettido no exercicio do emprego de Provedor dos defuntos, e ausentes, que servira em Macau, como si fosse possivel, que elle houvesse sabido daquella cidade sem ter dado contas á Authoridade, que o havia nomeado para aquelle serviço.

Ora si isto lhe accontecêra na Asia, que podia elle esperar em Lisboa, quando o Governo estava nas mãos dos Jesuitas, por intervenção dos dous Camaras, um Jesuita, e Confessor d'El-rei, e outro afiliado da Companhia, e Escrivão da Puridade?

Esquecer os longos serviços do Poeta na Asia, e na Africa, desprezar os seus talentos, e muito saber, que o habilitavam para qualquer emprego: era ponto assentado, e encontroverso entre os cabeças da Ordem, havia porém uma circumstancia, que devia obrigar a Companhia, e os Camaras a andar com tacto, e moderação, e não levar as cousas tão longe como desejavam, cumpria salvar as apparencias, e evitar o escandalo, duas cousas em que a hypocrisia põe sempre o maior cuidado.

Luiz de Camões apresentava-se na côrte não como sim-

ples requerente, que vinha pedir a remuneração de longos, e bons serviços, em tal caso seria facil desattende-lo, ou desvia-lo, segundo o costume ; mas trazia na mão um Poema Epico, em que celebrava a gloria nacional, e vinha dedica-lo ao Monarcha reinante. Ora segundo as idéas do seculo, e a pratica de todas as côrtes da Europa, e com especialidade da Pontificia, rejeitar a Dedicatoria, ou acceitando-a, não remunerar o Author, seria um verdadeiro descredito para o Rei, e uma vergonha para o seu Governo.

Era necessario sahir desse passo, mas sem que por isso melhorasse a sorte do Poeta ; e na solução deste problema se empenhou a finura Jesuitica. Acceite-se a Dedicatoria ; (disseram elles) para credito do Soberano, e desse uma penção ao Author ; mas como o Author não é dos nossos ; como tem penetrado os nossos arcanos, censurando o nosso proceder, e aconselhado o Rei, que *governe elle o Reino, e nos mande resar no choro*, seja essa penção tal, que não o livre de morrer de miseria.

Segundo este bello plano foi Luiz de Camões agraciado com 15\$000 réis de tença por tempo de trez annos, com a condição de lhe não serem pagos sem apresentar certidão de que residia na côrte, passada pelo Escrivão da matricula dos Moradores da Casa Real, como consta do Alvará de 28 de Julho de 1572, que existe na Torre do Tombo, registado no Livro 32 da Chancellaria d'El-Rei D. Sebastião a fol. 36.

Esta mercê lhe foi prorogada por mais trez annos por Apostilla de 2 de Agosto de 1575 ; e por mais trez annos, findos os primeiros, por outra Apostilla datada de 2 de Junho de 1578.

Esta tença foi tachada de mesquinha, e insignificante por todos os Biographos de Camões, e entre elles pelo Inglez Adamson, e D. José Maria de Sousa.

A animosidade, e odio da Companhia de Jesus contra Luiz de Camões sobreviveu á morte do Poeta ; não contentes de haver-lhe abbreviado a vida á força de desgostos, e de perseguições, quizeram ainda feri-lo na sua gloria. Com esta intenção damnada fizeram duas edições dos Lusiadas alterando, e mutilando o texto da maneira mais ridicula, que pôde imaginar-se. Eu nunca vi estas

edições hoje rarissimas, mas ambas foram examinadas pelo erudito Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa Sebastião Francisco Mendo Trigoso, como se vê do seu *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusíadas*, publicado no Tomo VIII. da Historia, e Memorias da mesma Academia, e daqui extrahirei alguns exemplos desta perfidia commettida contra a reputação do Poeta.

Os quatro primeiros versos da Estança vinte e trez do Canto primeiro

Em lusentes assentos marchetados
D'ouro, e de perlas mais abaixo estavam
Os outros Deoses todos assentados.

alteraram os editores Jesuitas pela maneira seguinte.

Em lusentes assentos marchetados
De ouro, e de perlas mais abaixo estavam
Os outros *Idolos* todos assentados.

Além de que o Vocabulo *Idolos* não convém neste logar, ha ainda a notar que

Os outros *Idolos* todos assentados

é uma linha de prosa, e não um verso, pois para o ser tem uma syllaba de mais; e não será uma infamia attribuir semelhante descuido a Luiz de Camões, o mais apurado versificador do seu tempo?

Na Estança trinta, e quatro do mesmo Canto, apparece uma alteração ainda mais absurda. Diz o Poeta

Estas cousas moviam Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara Dea
Onde a Gente belligera se estende.

Dizem os editores Jesuitas

Estas cousas moviam Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a *nunca fea*
Onde a Gente *maritima* se estende.

Quem será a *nunca fea*! Acaso Venus? Mas porque-motivo se denomina assim? Por ventura as outras Deo-sas são umas vezes feias, e outras vezes formosas, e só Venus tem o privilegio de nunca ser feia? Que conveniência ha em substituir *gente maritima*, a *Gente belligera*, que o Poeta havia empregado para designar a Nação Portuguesa? Que quer dizer a *Gente maritima*? Talvez Neptuno, e os Deoses, e Nymphas da sua côrte? Talvez os peixes? Ou os marinheiros? E attribuem-se estas expressões vagas, innexactas, e incoherentes a um Poeta como Camões para lhe deslustrar a fama, e semelhante perfidia é praticada contra elle por homens, que se diziam Religiosos, e quando o Author era morto, e não podia reclamar, e acodir pelo seu credito?

No Canto segundo suprimem todas as Oitavas, que contém a descripção da viagem de Venus, que acabando de salvar os Portuguezes de entrar na barra de Mombaca, onde os Mouros tentavam destrui-los, sobe ao Olympo para interceder por elles com Jupiter, e em lugar daquellas Estanças brilhantes da mais viva, e imaginosa Poesia, para ligar o sentido introduziram uma toda nova, e alteraram outra, de modo que a resposta, que Camões refere como dada por Jupiter a Venus, é supprida por uma voz sobrenatural, que responde á deprecação do Gama: ei-las aqui.

Orava o illustre Gama desta sorte,
Quando uma voz ouviu; que do alto vinha,
Dizendo-lhe, não temas vêr a morte
Tão propincua a ti, e tão visinha;
Anima-te, e esforça, Varão forte,
Que tal empreza a tal Varão convinha.
Ouvindo isto o Gama attento estava,
E a voz, que bem ouvia, assim soava.

Famosos Portuguezes não temaes
Perigo algum, *jámais em Lusitanos*
Nem que *nenhum que elles possa mais*
Em quantas gerações houver de humanos,
Que eu vos *fico*, amigos que vejaes
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

A barbaridade da phrase, a versificação prosaica, sam aqui iguaes á ruindade da expressão, e á incoherencia das idéas! Si Luiz de Camões escrevesse neste gosto, ha muito que os Lusíadas estariam tão esquecidos como a *Portugaida*, a *Braganceida*, e quejandos outros Poemas escriptos a despeito das Musas.

No Canto quarto descrevendo o Poeta a batalha de Aljubarrota, diz, fallando dos Irmãos do Condestavel, que haviam seguido as partes de Castella.

Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem arrenegando os Ceos, e os Fados.

Os Jesuitas substituiram

Os Pereiras, que tambem sam rebellados
Finalmente sam aqui desbaratados.

Sam rebellados, neste sentido não é Portuguez, o primeiro verso tem uma syllaba de mais, e o segundo é uma linha de ruim prosa, sem sabor algum de estylo poetico.

No Canto sexto, Estança treze, em lugar de

Que tiveram os Deoses c'os Gigantes
pozeram

Que tiveram os *de cima* c'os Gigantes.

Os de cima em lugar dos Deoses! Ah grande Camões! É possivel que estes Barbaros de Roupeta não tivessem remorsos de attribuir-te tantas, e semelhantes sandices!

Mas os Jesuitas não se lemitaram a esta perseguição posthuma: de accordo com alguns nobres, despeitados pelas censuras de sobejo asperas, que o Poeta lhe dirigirá, e sabendo, que Manoel de Faria e Sousa tractava de imprimir um Commentario a Camões, deram obra a evitar esta empreza; escreveram-lhe para Madrid, que no dito Commentario fizesse toda a diligencia por desacreditar Camões, apresentando-o como pessimo Poeta; e como Manoel de Faria e Sousa se negou a tomar parte nesta in-

fame manobra, o denunciaram, á Inquisição, que condemnou a obra como offensiva da Religião.

Manoel de Faria e Sousa, vendo que as cousas levavam este caminho, recorreu á Inquisição de Hespanha apresentando-lhe uma apologia da sua obra, que foi approvada com o parecer daquelle Tribunal, que junto com ella se imprimio em Madrid, no anno de 1640, com o seguinte titulo. « *Informacion en favor de Manoel de Faria y Sousa, Caballero de la Orden de Christo, y de la Casa Real, sobre la acusacion, que se lle hizo en el Tribunal del Santo Oficio de Lisboa, a los Commentarios, que docta, y juiciosa, y Catholicamente escribió a los Lusíadas del doctissimo, profundissimo, y solidissimo Poeta Christiano, Luiz de Camões, unico ornamento de la Accademia Española en este genero de Letras.* »

Esta declaração, e approvação clara, e explicita dos Inquisidores de Hespanha, moderou a sanha dos Inquisidores Portuguezes, e Manoel de Faria poude sem obstaculo publicar os seus Commentarios; mas este facto prova que os Jesuitas não contentes de perseguir a memoria do Cantor do Gama, tambem envolviam no seu odio os que tinham a nobre ousadia de fazer justiça ao seu merecimento.

Para acabarmos de uma vez com estas tramoias, e intrigas Jesuiticas apontaremos um facto atrozmente comico do Jesuita secular, ou de *capa curta*, como dizem em França, Martim Gonçalves da Camara, que algum tempo depois da morte do Poeta lhe mandou gravar na campa um Epithaphio, em verso latino, feito pelo Padre Cardoso, tambem Jesuita, que começa com estes versos

*Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus,
Hic jacet Heroo carmine Virgilius.*

e acaba com estes dous turgicamente hyperbolicos, em que transflora o ruim, e corrupto gosto do seculo.

*Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi; par nemo, nemo secundus erit.*

O fim desta entremezada foi sem dúvida desmentir os

rumores, que circulavam contra os Jesuitas, e elle, a respeito de Camões, fazendo persuadir a Posteridade do contrario, visto que um Jesuita compozera aquelles versos, em que tanto o elogiava, e elle Martim Gonçalves os pedira, e lhos mandára esculpir na lapida, que cobria os seus ossos.

Mas a Posteridade, que não é tão facil de illudir como os contemporaneos, responde ao impostor « Malvado, e hyppocrita ! Si tu julgavas verdadeiramente, que em Luiz de Camões estavam reunidos os differentes talentos de Ovidio, Horacio, Marcial, e Virgilio ; si o havias por um Poeta sem igual, e innimitavel, porque, quando eras Escrivão da Puridade, e Valido d'El-Rei, tendo na mão o cofre das graças, o deixaste viver de esmolos, e perecer na miseria, para depois de sua morte, que tu apressaste, e os teus socios, vires tributar ás suas cinzas honras tardias, e esteriles ? Essas honras sam um verdadeiro escarneo feito ao talento, e á desgraça, um novo oprobrio para o teu nome, que apparecerá manchado com elle perante as gerações vindouras. »

Alguns authores duvidam, que o naufragio de Luiz de Camões á foz do Rio Mocon fosse na sua vinda de Macau, e esta dúvida me não parece mal fundada ! Pois dizendosse que nessa occasião perdêra quanto tinha, salvando somente o manuscripto dos Lusiadas, como pôde dizer-se na sua vida, collocada á frente da edição de Manoel Corrêa, que elle em pouco tempo despendera em Gôa quanto dinheiro havia trazido do Sul ?

Não será mais verosimil, que aquelle successo desgraçado tivesse logar na hida para as Molucas ? Os versos em que o Poeta faz menção deste acontecimento parecem confirmar esta opinião.

Este recebera placido, e brando
Em seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando
Dos procelosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, *quando*
Será o duro mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonorosa
Será mais affamada, que ditosa.

Diz aqui o Poeta, que o naufragio teve logar quando

Será o duro mando executado,

isto é, na occasião da sua execução, logo é na hida, porque a vinda não só se não executava esse mando, mas já o Poeta estava livre delle, pois havia alcançado de D. Constantino a permissão de voltar a Gôa.

No Capitulo precedente, segundo a opinião de Manoel Corrêa, Severim de Faria, Faria e Sousa, Adamson, e outros Biographos de Camões, disse, que elle compozera a Canção decima, em que descreve o Monte Feliz, na occasião em que andava cruzando naquellas paragens na Armada de Manoel de Vasconcellos, não obstante isso, a leitura daquella Canção torna para mim o caso muito duvidoso. Parece que sendo assim não teria o Poeta motivo para dizer

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos, e solitarios,
De trabalho, de dôr, e de ira cheios.

Como poderia dizer com propriedade o Poeta, que servia como voluntario, abordo daquella frota, que os dias que ali passava eram forçados? Como podia chamar-lhe solitarios, estando em companhia de tanta gente? Que eram cheios de ira, si ninguem o offendia, visto que a ira só pôde ser excitada por alguma offensa recebida? Inclino-me mais a accreditar que estes versos fossem escriptos no tempo da sua peregrinação, e desterro.

Finalmente em nossos dias José Agostinho de Macedo, o zoilo implacavel de Camões, não contente de atajar torpe, e calumniosamente a sua reputação litteraria, chegou ao excesso de em suas *Reflexões Criticas* sobre o episodio do Adamastor, paginas trinta e duas, a trinta e trez levantar dúvidas sobre a nobre ascendencia do Poeta, que ninguem até ali se havia lembrado de contrastar. « Este testemunho (diz elle) faz-me crêr, que este soldado chamado Luiz de Camões, que, como diz Couto, veio morrer em Lisboa de pura pobreza, não é aquelle cuja genealogia é tecida por Manoel de Faria e Sousa, e começada em Vasco Pires de Camões, no reinado de D.

Fernando, em 1370, até Simão Vaz de Camões, casado com D Anna de Macedo! Um homem tão illustre, entroncado com as mais nobres familias, chegaria a tanta miseria como a com que morreu, e não teria uma casa, nem uma renda, uma fazenda em Alemquer, ou em Santarem? Seus Pais nada teriam, que lhe deixar, sendo filho unico? O assento que se achou na Casa da India com a conta dos 28000 réis, que lhe deram para embarcar como *soldado plebeo*, e um dos alistados por aquelle insignificante estipendio, talvez prove a miuha lembrança. » O que isto prova é a inexactidão, e a má fé com que José Agostinho escrevia sempre a respeito de Camões.

Deste aranzel, parece deduzir-se que Manoel de Faria e Sousa foi quem teceu a geneologia de Luiz de Camões, o que é um erro, porque essa geneologia se encontra já em Manoel Severim de Faria, que publicou os seus Discursos em 1629, e dahi a tirou Manoel de Faria, que só em 1639 deu á luz os Commentarios sobre os Lusíadas.

Além disso Manoel Corrêa, contemporaneo, e amigo do Poeta, affirma mui positivamente nos seus Commentos aos *Lusíadas*, que elle *era nobre*, e ninguem dirá, que elle não tinha todas as razões para o saber.

Si não era rico, tambem não era um miseravel, como José Agostinho pertende malignamente insinuar, pois que seus Pais poderam dar-lhe um curso regular de estudos na Universidade; e elle mesmo, na sua resposta a Ruy Dias da Camara affirma, que houve tempo, em que *tinha todo o necessario para viver*.

Quem disse a José Agostinho, que Luiz de Camões não herdára nada de seus Pais? Que essa herança não seria grande é muito de suppôr, visto que Simão Vaz de Camões não passára de um filho segundo, e de um ramo collateral da casa, e morgado; mas é crível, que alguma cousa deixasse, e mais probavel ainda, que o filho, que tinha genio prodigo, alienasse, ou vendesse os poucos bens, de que havia ficado herdeiro; mas que prova isso contra a nobreza da sua ascendencia?

Os assentos da Casa da India, que elle arrastra para provar a sua these, provam o contrario do que elle pertende, pois ali se lhe dá a qualificação de *Escudeiro*, o que mostra, que não era plebeo.

Mas a este respeito deve notar-se aqui a má fé com que José Agostinho diz, que recebera de gratificação 2\$000 réis, em logar de 2\$400 réis, como se lê em ambos os assentos, para com esta differença menoscabar ainda mais a Camões. Nem aquella quantia era *insignificante*, como elle diz, attento o valor do dinheiro, e o preço dos generos naquelle tempo.

E onde foi elle achar, que só os plebeos recebiam aquella gratificação, ajuda de custo, soldo, ou como lhe queiram chamar? Talvez que si fosse obrigado a apresentar as provas da sua assersão, se visse na impossibilidade de produzi-las.

Não vêjo por tanto razão para rejeitar a genealogia, que os dous Farias nos apresentam como de Luiz de Camões, e que todos tem atégora adoptado; parece-me finalmente, que a fidalguia de Luiz de Camões é um facto, de que não póde duvidar-se á vista do Alvará d'El-Rei D. Sebastião, acima citado, porque lhe foi concedida a tença, e que começa assim. « Eu El-Rei faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao serviço, que Luiz de Camões, *Cavalleiro Fidalgo* da minha Casa me tem feito nas partes da India por muitos annos, e aos que espero que ao diante me fará. &c. »

É claro, que a qualificação de *Cavalleiro Fidalgo* se não daria naquelle tempo em documento official a quem não competisse de direito.

E N S A I O

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO V.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

C A P I T U L O I.

Rhythmas de Luiz de Camões.

—

Ainda que Luiz de Camões se não houvesse com os seus *Lusiadas* collocado na plana dos *Epicos* de primeira ordem, bastariam as suas composições lyricas para o reconhecermos como o primeiro, e o mais sublime dos nossos Poetas do seculo de ouro da nossa literatura.

Camões enriqueceu, e poliu a lingua, alfaçando-a com muitas palavras, e fórmãs de dizer novas; discriminou o dialecto poetico do prosaico até ali confundidos nos escriptos dos seus contemporaneos, e antecessores, elevou a versificação a um grau de apuro tal, que póde sem escrupulo affirmar-se, que foi elle o primeiro que entre nós fez versos, que podem dizer-se perfectos, foi o primeiro, que conheceu a harmonia imitativa, e soube usar della a proposito; que soube unir a facilidade com a elegancia, a graça com a força, e dar a cada assumpto o estylo particular, que lhe convinha.

Cultivou com esmero a Poesia Italiana, introduzida em Portugal por Miranda, e Ferreira, sem desprezar como o ultimo, a antiga Poesia Nacional, que levou ao grau de perfeição, de que era susceptivel, como póde vêr-se nos escriptos, não poucos, que neste genero nos deixou.

Outro merito peculiar deste Poeta, é que a sua linguagem não tem ainda envelhecido; muitas palavras, e phra-

ses de Poetas seus contemporaneos, e mesmo do seculo seguinte tem-se tornado baixas, obsoletas, e tem desaparecido do uso, e dos livros, ao passo que será mui difficil deparar nas Obras de Camões vocabulo, ou phrase, ou modo de dizer, que não possa inda hoje ter logar na mais elegante, e pollida escriptura, e esta circumstancia por si só prova, que ninguem como elle soube manejar o idyoma Lusitano, conhecer a sua indole, e os ornatos, que melhor lhe convinhão.

Luiz de Camões, que conhecia perfeitamente os Poetas da antiguidade, não deixava por isso de estudar os Poetas Italianos, e com especialidade Francisco Petrarcha, a cuja eschola pertenceu, e a quem procurava imitar, e é sem dúvida a esta imitação, que se deve o estylo ameneisado, as anthitheses, conceitos, e pensamentos rebuscados, que algumas vezes se encontram nos seus escriptos; mas quando solta as cadeias da imitação, quando vò a co'as proprias azas, e se abandona ao impulso do seu genio, então os seus vòos sam mais arrojados, as suas tintas mais vivas, e se mostra Poeta mui superior ao seu modelo, e a todos os discipulos da sua eschola; então os seus Poemas respiram uma força prodigiosa, e a Philosophia inspira, e illumina as suas concepções. Vê-se que o Poeta havia corrido o Mundo, emprehendido grandes cousas; pôsto toda a diligencia em alcançar a fortuna, sem que podesse consegui-lo, que havia luctado com todas as calamidades da vida, e que á borda da sepultura se descartava das illusões, que tanto o haviam encantado.

Entre os seus Sonetos ha muitos, que podem passar por obras primas no genero, bem pensados, bem deduzidos, e sobre tudo bem fechados, no que levam vantagem aos de Petrarcha, cujos tercetos, pela maior parte, não correspondem á belleza dos quartetos, como confessa o erudito Poeta Saverio Bettinelli a quem ninguem de certo disputará a competencia em materias de Poesia, e bom gosto.

Alguns dos Sonetos de Camões respiram a mais profunda melancholia, e mostram que a sua alma começava a vergar com o pezo do infortunio.

SONETO.

Que me quereis, perpetuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo, que se vai, não torna mais,
E, si tornar, não tornam as idades.

Razão he já, oh Annos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros, que passais,
Nem todos para hum gosto sam iguais,
Nem sempre sam conformes ás vontades.

Aquillo, a que já quiz, he tão mudado,
Que quasi he outra cousa, porque os dias
Tem o primeiro gosto já damnado.

Esperanças de novas alegrias
Não me deixa a Fortuna, o Tempo errado,
Que do contentamento sam espias.

O seguinte Soneto parece um grito de desesperação solto contra a desventura, que se enviperava em persegui-lo.

SONETO.

Que poderei do Mundo já querer?
Que naquillo, em que puz tamanho Amor,
Não vi si não desgosto, e desamor,
E morte emfim, que mais não pôde ser.

Pois vida me não farto de viver,
Pois já sei que não mata grande dôr,
Si cousa ha que magôa de maior,
Eu a verei, que tudo posso vêr.

A Morte a meu pesar me assegurou
De quanto mal me vinha, já perdi
O que perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou,
Parece que para isto só nasci.

Os Sonetos eroticos de Camões sam de ordinario os que mais adoecem do achaque dos conceitos, e affectação do Petrarchismo, e para isso me parece cooperar muito o serem muitos delles obra de encomenda, para satisfazer peditorios de amigos, em que trabalhava o espirito do Poeta desajudado do coração ; ha porém entre elles alguns, que sahem desta regra, e tem sido, com muita justiça, louvados. Tal é o seguinte

SONETO.

Hum mover d'olhos brando, e piedoso,
Sem vêr de que ; hum riso brando, e honesto,
Quasi forçado ; hum doce, e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quieto, e vergonhoso,
Hum repouso gravissimo, e modesto ;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio d'alma limpo, e gracioso :

Hum encolhido ousar, huma brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, e obdiente soffrimento ;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno,
Que póde transformar meu pensamento.

Não respira aqui o espirito de Petrarcha, e o seu collo-rido engenhoso ! Em qual dos Poetas contemporâneos se encontrará um Soneto escripto neste gosto ? Qual é o amador de poesia, que não sabe de côr o seguinte Soneto tão popular, tantas vezes glosado, ou paraphraseado por outros Poetas, e até traduzido em Castelhana por Quebedo, que o imprimio entre os seus, esquecendo-se de declarar que era traduzido.

SONETO.

Septe annos de Pastor Jacob servia
Labão, Pay de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao Pay, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella,
Porém o Pay, usando de cautella,
Em logar de Rachel, lhe dava Lia.

Vendo o triste Pastor, que com enganos
Assi lhe hera negada a sua Pastora,
Como si a não tivera merecida,

Começou a servir outros septe annos,
Dizendo « mais servira, si não fôra
« Para tão longo amor tão curta a vida !

Que poesia tão imaginosa ! Que viveza de pintura no
Soneto trinta, em que o Poeta refere como fôra salteado,
e ferido pelo Amor, quando mais descuidado estava disso.

SONETO.

Está o lascivo, e doce Passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida alegre, e brando
Despedindo no rustico raminho.

O cruel Caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a setta indireitando
Lhe dá no Estygio lago eterno ninho.

Desta arte, o coração, que livre andava,
Posto que já de longe destinado,
Onde meños temia foi ferido.

Porque o Frecheira cégo me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

Uma das manias do tempo do Poeta era transportar para a poesia as formulas, e idéas da Philosophia escolastica, e elle proprio se deixou algumas vezes arrastar da torrente da moda, como pôde vêr-se do seguinte

SONETO.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar ;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Si nella está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar ?
Em si sómente pôde descançar,
Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda, e pura Semidea,
Que como o accidente em seu sujeito,
Assi com a alma minha se conforma.

Está no pensamento como idéa,
E o vivo, e puro amor, de que sou feito,
Com a materia simples busca a fôrma.

Algumas vezes a imaginação do Poeta escandecida pela ardencia da paixão, lhe faz produzir idéas phantasticas, e brilhantes como no estado de um delirio, ou de um sonho.

SONETO.

Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
D'onde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dôr ao ~~soffrimento~~ doce, e leve.

Jura Amor, que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito; o sentimento
Endondece, si cuida que é verdade.

Olhai como Amor goza em um momento
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

Alguns Sonetos de Luiz de Camões podem ser contem-
plados como miniaturas de Idyllos cheias de amenidade
e de graça, tal é o XIII.

SONETO.

N'hum Jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos Amores
Com a Deosa da Caça, e da Espessura.

Diana tomou logo hũa Rosa pura,
Venus hum rôxo Lyrio, dos milhores,
Mas excediam muito as outras flores
As Violas na graça, e formosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquellas trez flores tomaria
Por mais suave, e pura, e mais formosa.

Sorrindo-se o Minino lhe tornava,
Todas formosas sam, mas eu queria
Viola, antes que Lyrio, nem que Rosa.

Este Soneto, dirigido, ao que parece, a louvar uma
Dama, que se chamava Violante, está escripto no estylo
de Moscho. O mesmo character de Idyllic encontraremos
no XX.

SONETO.

N'hum bosque, que de Nymphas se habitava
Sabella, Nympha linda, andava hum dia,
E, subida em huma Arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava
 A vir passar a sesta á sombra fria,
 Em hum ramo, arco, e settas, que trazia,
 Antes que adormecesse pendurava.

A Nympha como idoneo tempo vira
 Para tamanha empreza, não dilata,
 Mas com as armas fuge ao moço esquivo.

As settas traz nos olhos com que atira,
 Oh Pastores, fugi, que a todos mata,
 Senão a mim, que de matar-me vivo.

E no cincoenta e trez.

SONETO.

Apartava-se Nise de Montano,
 Em cuja alma, partindo-se, ficava,
 Que o Pastor na memoria a debuxava,
 Por poder sustentar-se deste engano.

Por humra praia do Indico Oceano
 Sobre o curvo cajado se encostava,
 E os olhos por as agoas alongava,
 Que pouco se doiam do seu dano.

« Pois com tamanha magoa, e saudade
 Dizia » quiz deixar-me a que eu adoro,
 » Por testemunhas tomo Ceo, e Estrellas,

» Mas si em vós, ondas, mora a piedade,
 » Levai tambem as lagrimas, que choro,
 » Pois assi me levaeis a causa dellas. »

Póde haver um quadro pastoril mais terno, mais mimoso, e mais delicado, que o que o Poeta nos apresenta nos amores de Daliana, Silvio, e Laurenio no Soneto cincoenta e um?

SONETO.

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana banhando o lindo seio,
Outras tantas de hum aspero receio
Salteado Laurenio a côr perdia.

Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para pode-lo vêr não tinha meio;
Ora como curara o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar podia?

Elle, que vio tão clara esta verdade,
Com soluços dizia, que a esperança
Inclinavam de magoa á piedade.

« Como póde a desordem da Natura
» Fazer tão differentes na vontade,
» Aos que faz tão conformes na ventura? »

Um dos Sonetos mais ternos, e patheticos, que sahi-
ram da penna de Luiz de Camões, é o que na collecção
tem o número setenta e dous, que Manoel de Faria e Sou-
sa julga mui superior aos de Petrarcha.

SONETO.

Quando de minhas magoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá n'huma solidade, onde estendida
A vista pelo campo desfallece,
Corro a poz ella, e ella me parece
Que mais de mim se alonga compelida.

Brado « Não me fujaes, sombra benina! »
E ella os olhos em mim com brando pêjo,
Como quem diz, que já não póde ser,

Torna a fugir-me; torno a bradar *Dina*,
 E antes que diga *mene*, accordo, e vêjo,
 Que nem um breve engano posso ter.

O Soneto quarenta, que ainda copiarei, é notavel pela originalidade das idéas, e pela belleza da poesia descriptiva.

SONETO.

Alegres campos, verdes arvoredos,
 Claras, e frescas agoas de cristal,
 Que em vós os debuxaes ao natural,
 Descorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos
 Compostos de concerto desigual,
 Sabei que sem licença do meu mal
 Já não podeis fazer meus olhos lêdos.

E pois já me não vêdes como vistes,
 Não me alegram verduras deleitosas,
 Nem agoas, que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
 Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
 E nascerão saudades do meu bem.

Temos dezeseite Canções de Camões, as mais bellas que possuímos em nossa lingua, ou se attenda á belleza dos pensamentos, ou á graça das pinturas, ou á elegancia do estylo, perfeição, e cadencia dos versos, córte dos ramos, ou estrophes, e á collocação musical das rymas; estes Poemas mostram o estudo, que o Poeta havia feito das Obras de Petrarcha, e a facilidade, com que o imitava: mostra porém de ordinario mais variedade, mais elevação, e mais força, que o seu modêlo; e, quando o assumpto o permite, sabe compôr os seus quadros com vivissimos rasgos de poesia descriptiva. Vê-se que os modêlos classicos lhe eram familiares, e que o collorido Grego, e Latino vinham muitas vezes animar as suas composições romanticas.

Esta combinação do estylo antigo, e moderno se vê
mui especialmente na Canção XII.

CANÇÃO.

Nem rôxa Flôr de Abril,
Pintor do campo ameno, e de verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á Donzella,
Cortez, alegre, e bella,
De sua May cuidado, e gloria pura,
Como a mim foi a inculta formosura,
Natural, que podera
A Saturno render na quarta esphera.

Natural fonte agreste,
Não lavrada de artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo
Não fez jámais tão lêdo
Cançado Caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado assi me fez contente,
De vêr tão descuidado
Que fez sereno a Jupiter irado.

Fructa, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por accerto,
A quem pintada a vê de sangue, e leite,
Não lhe dera o deleite,
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura.
E o toucado sem arte,
Que tornara Pastor ao bravo Marte.

A manhã graciosa,
Que derramando sae d'entre os cabellos
A flôr, o Lyrio, a Rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de arteficio
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,
10 *

A quem os vê tão puros, e singellos.
E esse innocente riso
Por quem Apollo, o Téjo torna Amphryso.

Outeiros corôados
Das Arvores, que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre que mão destra os não cultiva ;
Graça tão excessiva
Não fez na sua natural verdura
Quanto no desses olhos clara, e pura,
Deposita a Esperança,
Com que Amor gosto, a May tormento alcança.

Dos simples Passarinhos
A Musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos
Tão suave não he, tão deleitosa,
A quem na Selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está tão elevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubara a Mercurio o sceptro, e o siso.

De frescos rios d'agoa,
Que clara entre Arvoredos se devisa,
Cahindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
Dessa luz soberana,
Que faz conter a rustica Diana.

A tal luz, (oh Canção, que ousaste vê-la !)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda a Estrella.

Precorra o Leitor todas as Canções de Bernardes, Ca-

minha, e do mesmo Ferreira, e vêja si em alguma del-
las encontra esta variedade, esta abundancia, este esty-
lo pictoresco, esta facilidade, e fluidez de versificação
sempre harmonica, que murmura aos nossos ouvidos co-
mo o rumor de uma fonte, que brandamente se deslisa
por entre rochedos cobertos de musgo, e então conhece-
rá a grande differença, que vai de um Poeta de genio a
um Poeta d'arte, que caminha quando o outro vôa, e
que pensa quando elle improvisa.

A Canção III. principia com uma descripção da ma-
drugada tão amena, e formosa como o seu objecto; Luiz
de Camões amava o campo, como todos os grandes Poe-
tas, e quando se tracta de pintar as suas bellezas singel-
las, nem a sua imaginação se cança, nem as suas tin-
tas esmorecem.

Já a roxa Manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Os montes descobrindo,
A negra escuridão de luz avara;
O Sol, que nunca pára,
De sua alegre vista saudoso;
Traz ella pressuroso
Nos cavalloos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, e luminoso.
Os Passaros vôando
De raminho em raminho vam saltando.
E com suave, e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhã bella, e amena
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena,
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de Amor alto, e potente!
Pois permite, e consente,
Que eu donde quer que eu ande, ou donde esteja,
O Seraphico gesto sempre vêja,
Por quem de viver triste sou contente.

Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois o foi por em ti tão excellente,
Que representas tanta formosura.

Si alguma cousa ha reprehensivel nesta estrophe é o epitheto de *angelica* dado á verdura, não posso comprehender que cousa seja uma verdura angelica ! Mas cumpre confessar, que si a verdura é angelica, pouco póde admirar que o gesto seja *Seraphico* !

As Canções setima, e oitava tractam do mesmo assumpto, e dizem quasi as mesmas cousas, com pequenas alterações, vê-se bem que uma é o primeiro borrão da outra, que o Poeta emendou depois, mas não é tão facil dicidir qual dellas foi a primeira, qual preferio o Author, nem qual dellas seja a melhor.

A maneira impetuosa, e sem preambulo com que principia a Canção quinze, é perfeitamente no gosto de Horacio, e mostra que o Poeta arrebatado de subita inspiração rompe em um Canto não premeditado.

Que he isto ? sonho ? ou vêjo a Nympha pura,
Que sempre n'alma vêjo ?
Ou me pinta o desejo
O bem, que em vão cada hora me assegura ?
Mal póde a noite escura,
Amando a sombra fria
Mandar-me em sonho a luz formosa, e bella,
Que se não torne em dia
De seus lusentes raios inflammada.
Oh vista desejada
Da graciosa Nympha, e viva Estrella !
Que ha tanto que por este mar navego
Sem vér meu claro Polo escuro, e cego.

O espirito philosophico de Luiz de Camões se revella maravilhosamente na Canção quatorze, uma das mais bellas da collecção ; e este espirito philosophico se verá ainda mais vivamente estampado n'um grande número de Estanças do seu Poema.

CANÇÃO.

Quem com solido intento
Os segredos buscar da Natureza,
Quanto d'Athenas préza
Entregue ao mar irado, ao leve vento;
Nova Phylosophia
De experiencias feita, Amor me ensina.
Das leys do antigo tempo bem declina;
Que Amor a Natureza em mim varia,
Donde eschola de sabios nunca vio
Em natural sugeito
Quanto Amor em meu peito descobrio.

As aves no ar sereno,
O Gado de Prothéo nas agoas pasce;
Vive o Homem, e nasce
Neste Mundo, qual Mundo mais pequeno:
Em tudo desordeno
Em todos dividido;
A bocca no ar, na terra o entendimento
Dá-me esse Amor, dá-me essa o pensamento;
O coração no fogo he consumido;
Mas a agoa, que dos olhos sempre desce,
Tem effeito tão vario
Que em hum humor contrario o fogo cresce.

Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada,
Ley he já profanada,
Que quando a luz de hums olhos me feria,
Amando o que não via,
Qual de escopeta o lume
Primeiro o querer vi, que a causa visse;
Quem o desejo co'a esperanza unisse,
Cégo hiria apoz cégo, e vil costume;
Que eu desta alma, da Ley do Mundo isenta,
Morta a esperanza vêjo
Onde sempre o desejo se sustenta.

Em vão se considera,
Que hum semelhante a outro busca, e ama :
E que foge, e desama
Todo o Mortal a morte esquiva, e fera.
Sigo huma linda Fera,
Que esconde em vista humana,
Coração de diamante, e peito de aço ;
De meu sangue faminta ; e satisfação
Com cruel morte a sede deshumana,
Assi que sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E, si me entrego á morte, estou contente.

Cabe em maior defeito
Quem cuida ser Sciencia clara, e certa,
Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme effeito.
Rendeu-me hum lindo objecto,
Que sendo neve pura
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva ;
Que esta formosa Fera fugitiva,
Com ser neve do fogo se assegura,
Donde infiro por certo (e cesse a Fama
Vãa, mentirosa, e leve)
Que não desfaz a neve ardente chamma.

Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa donde pende,
Que o fogo mais se accende
Estando á vista, donde mais ausente ;
Mas n'alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite Amor, de dia o Pensamento :
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vêjo a Nympha amada,
Pois si sem luz Amor os olhos ceva,
Cégo, si não concede
Que em nada Amor impede a escura treva.

Erra quem atrevido
Prêgoa ser maior que a parte a todo ;

Amor me tem de modo,
Que estou n'huma alma minha convertido;
Desta gloria ha nascido
O temor de perde-la,
E posto que o receio a muitos finge
Lá na Imaginação Chymera, e Sphynge,
De mal futuro, que urde imiga Estrella,
Vêjo em mim por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.

Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sугeito o accidente :
Mas ainda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto ;
E tendo todo o resto
Da vida já perdida,
Neste tormento meu tão duro, e esquivo
A gostos morto estou, e a penas vivo.
E, sendo morto já, vive o sentido,
Porque ainda que n'alma despedida,
Póde em meu mal unir-se
O ficar, e o partir, a morte, e a vida.

Destas razões, Canção, enfiro, e creio
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mim mudada.

Não pertendo approvar, nem justificar algumas anthitheses, e contrapostos, que se encontram nesta Canção ; mas não póde negar-se que é perfeitamente escripta, e desempenha o que o mui fecundo, e elegante Poeta Genovez o Abbade Frugoni chama *philosophar de amor á maneira de Petrarca*.

Quegli in cor volge, e nelle lunghe notti,
E su le chete, e limpide mattine
Va meditando si pur possa a í fonti
Ber del culto Petrarca, e gentilmente,
Com' egle seo, *filosofar d'amore*.

Mas este *phylosophar d'amor* traz consigo um grave inconveniente, e é que no amor assim tractado brilha muito o espirito, e a imaginação, mas o coração é mudo, porque falta a paixão, que promove todo o interesse da poesia erotica, e que não pôde encontrar-se em assumptos phantasticos, e inventados só para descórre; este senão depara-se em Petrarcha, nos seus imitadores, e no mesmo Camões, como já em outro Capitulo adverti.

Poucas Canções de Luiz de Camões podem rivalisar com a decima sexta em variedade de pinturas, riqueza de imaginação, e amenidade. Este Poema tambem se distingue dos outros no artificio metrico, pois o Poeta misturou nelle alguns versos tetrasylabos, que produzem harmonia mais variada, e musical, como pôde vêr-se da Estrophe seguinte.

O doce Rouxinol n'hum ramo canta,
 E do outro o Pintasirgo lhe responde;
 A Perdiz d'entre a matta, em que se esconde,
 O Caçador sentindo se levanta:
 Vôando vai ligeira mais que o Vento,
 Outro assento
 Vai buscando;
 Porém quando
 Vai fugindo,
 Ritinando
 Traz ella mais veloz a setta corre,
 De que ferida logo cahe, e morre.

Esta mistura metrica é desconhecida dos Italianos, porém não dos Poetas de Hespanha, que algumas vezes a empregaram nas suas Canções.

Já fallei da bellissima Canção X.; que tem poucas na lingua Portugueza, que possam competir com ella em merecimento lyrico; e que diremos da undecima, que principia

Vinde cá, meu tão certo Secretario,

que os Criticos tem julgado pela melhor de todas, e em

que o Poeta, então vivendo na Asia, no centro de afflicções, e desgostos, passa resenho em sua imaginação e lembrança aos tristes lances, porque havia passado, aos acintes da adversa fortuna, e ás perseguições dos seus inimigos empenhados em encurtar-lhe, e amargar-lhe a existencia! Que poesia tão rica, e tão singella! Que dôr tão vehemente, e tão viva! Que melancholia tão profunda! Que voz tão lastimada, e tão pungente! Como o quadro das suas desventuras impressiona as nossas idéas, punge, e dilacera o nosso coração, e nos arranca as lagrimas dos olhos! Queremos fugir daquelle espectaculo de dôres, e de magoas, mas não podemos porque a doçura daquelle canto lugubre, nos prende, e nos encanta com os prestigios da sua magia, onde ha hi coração tão duro, que possa resistir a estes versos.

Desta arte a vida em outra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, e irado;
Que eu ainda assim por outra não trocara,
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o largo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida chara,
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu,

E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo;
Agora perigrino, vago, errante
Vendo Nações, linguagens, e costumes
Ceos varios, qualidades differentes.
Só por seguir com passos deligentes
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As edades levando-lhes diante
Huma esperanza em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahé se conhece,
Que he fragil vidro aquillo, que apparece!

Que poesia tão rica, tão robusta, que estylo tão desafectado, e singello! Aqui não ha conceitos, nem trocadilhos, nem rasgos de espirito! Tudo é sentido, tudo grave, porque é o coração que falla, porque se lamentam

desgraças verdadeiras ; não é neste tom, que o Poeta canta amores imaginados, rigores ficticios de Nymphas da fabrica Petrarchesca ! Prosigamos.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via
No perigo primeiro ; e no segundo
Terra, em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me emfim o tempo, e o Mundo.
Que segredo tão arduo, e tão profundo
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella !

E não poder perdella
Estando tantas vezes já perdida !
Emfim não houve transe da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do Mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros Homens poderosos,
Que eu não passasse atido á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços !

Póde haver um grito mais energico de um coração opprimido contra a violencia do oppressor ? A Estrophe seguinte não é menos bella, nem menos rica de sentimento, e poesia.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tromenta procelosa
Os casos della conta em porto lèdo ;
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar um só passo tenho medo.
Já do mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleça já pertendo,
Que para mim não val astucia humana,
De força soberana,
Da providencia emfim divina pendo.

Isto que cuido, e vêjo ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos:
As agoas, que então bebo, o pão que como,
Lagrimas tristes sam que eu nunca domo,
Si não com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.

Nestes versos exprime o Poeta na maneira mais natural a resignação Christãa, que tomava por escudo nos seus trabalhos, e estas idéas piedosas nos tornam mais interessante a sua causa.

Tem-se disputado muito si deve dar-se a preferencia ás Canções de Camões sobre as suas Odes, ou a estas sobre aquellas, Fernando Rodrigues Lobo da Surrupita preferio as Canções, o Padre Thomaz d'Aquino parece estar pelas Odes, sem querer agora erigir-me em Juiz deste pleito literario, não tenho dúvida em declarar-me pelas Odes, por ser as unicas de todas as que se escreveram naquele seculo, cujo estylo se aproxima ao estylo lyrico dos antigos.

Não quero dizer com isto, que nas Odes de Luiz de Camões se deparam os vôos arrebatados, e os rasgos luminosos de Pindaro, ou a censura energica, e as pinceladas sublimes, e engraçadas de Horacio, mas é certo que ellas se aproximam bastante do tom, e da linguagem pictoresca deste Poeta, posto que a necessidade da ryma o obrigasse a fazer um pouco mais longas as suas Estrophes.

Estas Odes sam doze em número, em versos hendecasyllabos, e septenarios, em Estrophes curtas como o exige a natureza do genero, e a rapidez, que deve reinar em um poema, que se julga improvisado, e escriptas com toda a pureza, e louçania do estylo lyrico. Isto prova que Camões havia aproveitado mais na leitura de Horacio do que o Doutor Antonio Ferreira, que pertendeu fazer Odes Horacianas com Estrophes mal clausuladas, versos duros, e mal cesurados, e estylo descollorido.

Uma das Odes de Camões, que os entendedores tem

elogiado mais é a primeira dirigida á Lua, e na verdade, que em nenhuma soube o Poeta conciliar tambem a graça da antiguidade com certa ternura romantica livre, e extreme da menor sombra de affectação. O exordio, que é uma invocação á Lua, é no mais puro estylo da Ode antiga; cumpre porém advertir, que as primeiras Estrophes sam imitadas de outra Ode tambem á Lua, que se encontra entre os *Amores de Bernardo Tasso*, mas do meio para diante as duas composições sam absolutamente diferentes, porque diferentes eram os assumptos, que o Poeta Italiano, e o Portuguez haviam escolhido.

Deve tambem notar-se, que mesmo quando o nosso Poeta copia as Estrophes de Bernardo Tasso, é sempre com liberdade, e melhorando muito pela expressão as idéas do original, que pecca ás vezes por nimia verbosidade; copiaremos alguns versos dos dous Poetas, e julguem os Leitores se tenho razão.

B. TASSO.

Pon freno, o Musa, a quel si lungo pianto,
 Ch'Amor t'apre d'al core,
 E vestita di ricco, e lieto manto
 Rendiamo a quella onore,
 Che col vago splendore,
 Faccendo il Cielo adorno
 Mostra quanto é piú oscuro em chiaro giorno.

CAMÕES.

Detem hum pouco, oh Musa, o largo pranto,
 Que amor te abre do peito,
 E vestida de rico, e lêdo manto
 Dêmos honra, e respeito
 A'quella, cujo objeito
 Todo o Mundo alumia,
 Tornando a noite escura em claro dia.

Este modo de dizer as mesmas cousas me parece muito superior ao outro; *pon freno* tractando-se de pranto, é expressão pouco propria *aquel si lungo pianto, rendiamo*

onore a quella.... facendo il Cielo adorno sam inutilidades, e formulas prosaicas, que mal convém á magestade, e concisão, que devem reinar na Ode.

Trocando a Noite escura em claro dia

E' cem vezes melhor por expressão, e por pensamento que o

Mostra quanto é piu escuro un chiaro giorno
do original.

B. TASSO.

Vedi il tuo Edemion souvra il suo colle,
Ch'il Ciel mirando fiso
Chiama il tuo nome col bel volto molle ;
E suovra il sasso assiso
Canta como conquiso
Fu dalla tua beltade
Senza trovar un tempo in te pietade.

CAMÕES.

Já veio Eudimião por estes montes
O Ceo, suspenso, olhando,
E teu nome co's olhos feitos fontes
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti huma hora piedadade.

Parece-me que não póde haver dúvida sobre a superioridade desta expressão; e excusado seria confrontar mais trechos, e apesar disto Bernardo Tasso é um dos Poetas, que mais houtra fazem á Italia tanto pelo seu Poema Romantico de Amadis, como pelas suas rymas, que o collocam entre os melhores lyricos do seu tempo, mas Camões será sempre superior pela elegancia do estylo, e pelo apuro da versificação a qualquer Poeta, com quem o comparem.

A Ode IX. é uma brilhante imitação da Ode VII. do quarto livro de Horacio ; nelle descreve o Poeta a chegada da Primavera, e logo a do Verão, do Outono, e do Inverno, que regularmente se seguem, e deste continuado giro das estações tira motivos para mui poeticamente moralisar sobre a pouca duração da vida do homem, e das propriedades mundanas.

ODE.

Fogem as neves frias
 Dos altos montes, quando reverdecem
 As Arvores sombrias,
 As verdes hervas crescem,
 E o prado ameno de mil flores tecem.

Zephyro brando espira ;
 Suas settas Amor afia agora ;
 Progne triste suspira,
 E Phylomella chora ;
 O Ceo da fresca terra se namora.

Já a linda Cytharea
 Vem do choro das Nymphas rodeada ;
 A branca Pasytea
 Despida, e delicada
 Com as duas Irmãas acompanhada,

Em quanto as officinas
 Dos Cyclopes Vulcano está queimando,
 Vam colhendo boninas
 As Nymphas, e cantando
 A terra co' ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte
 Diana, já cançada da espessura,
 Buscando a clara fonte
 Onde por sorte dura
 Perdeu Actheon a natural figura.

Assim se vai passando
A verde Primavera, o secco Estio :
O Outono vem entrando,
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por curto fio.

Hir-se-há embranquecendo
Com a frigida neve o secco monte ;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o Marinheiro o horisonte.

Porque emfim tudo passa ;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada ;
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa he acabada.

Que se fez dos Troianos,
Heitor temido, Eneas piedoso ?
Consumiram-te os annos,
Oh Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento,
Crias, que estava em ter thesouro ufano !
Oh falso pensamento,
Que a conta do teu dano
Do sabio Sólon creste o desengano !

O bem, que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte :
Que a bemaventurança
Duravel de outra sorte
Se hade alcançar na vida para a morte.

Porque emfim nada basta
Contra o terrivel fim da Noite eterna ;
Nem póde a Deosa casta
Tornar á luz superna
Hyppolito da escura sombra eterna.

Nem Theseo esforçado,
 Ou com manha, ou com força valorosa,
 Livrar pôde o ousado
 Perithoo da espantosa
 Prisão Lethea escura, e tenebrosa.

Não sam estes os sons da Lyra Romana ? Não é esta a voz do Venusino, não quando imitando Pindaro celebra as proezas de Druso, as victorias de Augusto, ou a inflexivel probidade de Regulo ; mas quando em sons mais pianos canta as graças de Lálage, a alegria dos banquetes, ou os brandos dictames da mais amavel phylosophia ? Nenhum dos nossos Poetas antigos possuio como Camões a arte de dar a cada Poema as côres, e o character de estylo, que lhe pertencia.

Nada mais digno da Ode Grega, em toda a sua pureza, que o exordio da Ode VI., que o Poeta endereçou a D. Manoel de Portugal.

A quem darão do Pindo as moradoras,
 Tão doudas como bellas,
 Florescentes cappellas
 De triumphante louro, ou myrtho verde ?
 Da gloriosa palma, que não perde,
 A presumpção sublime,
 Nem por força de peso algum se opprime.

A quem trarão nas fraldas delicadas
 Rosas a roxa Chloris,
 Conchas a branca Doris,
 Estas, flores do mar, da terra aquellas;
 Argenteas, ruivas, brancas, e amarellas,
 Com Dansas, e choreas
 De formosas Nereidas, e Napeas.

Não parece que escutamos os trez primeiros versos da segunda Olympica de Pindaro ?

Αναξιοφρμιγγες υμνοι
 τινα δεον, τινα ηρωα,
 τινα ανδρα κελαδησομεν;

Não parece que principiamos a lêr uma Ode de Antonio Diniz da Cruz e Silva aos Heróes da India?

O Poeta no quarto verso da segunda Strophe chama ás conchas *flores do mar*, aquelles que tem visto a collecção de conchas Orientaes, que possui o Sr. Arcebispo de Gôa, observado as bellezas das suas fôrmas, a viveza, e maravilhosa mistura das suas côres, é que podem sentir toda a graça, e propriedade desta methaphora.

Na Ode decima procura o Poeta provar com o exemplo dos heróes, e dos sabios da antiguidade, que o amor exerce um poder irrisistivel no genero humano, e o obriga a commetter os maiores excessos. Supponho, que ninguém ousará negar-lhe a verdade desta proposição, mas elle a prova com toda a louçania do estylo lyrico.

ODE.

Aquelle Moço fero
Nas Pelethronias covas doutrinado
Do Centhauro severo,
Cujo peito esforçado
Com tutanos de Tygre foi criado.

Na agoa fatal, Minino
O lava a May, presaga do futuro,
Para que ferro fino
Não passe o peito duro,
Que de si mesmo tem a si por muro.

A carne lhe endurece
Porque não seja de armas offendida,
Cêga! pois não conhece
Que póde haver ferida
N'alma, e que menos dóe perder a vida,

Que donde o braço irado
Dos Troyanos passava arnez, e escudo,
Ali se vio passado
Daquelle ferro agudo
Do Minino, que em todos póde tudo.

Ali se vio captivo
 Da captiva gentil, que serve, e adora.
 Ali se vio que vivo
 Em vivo fogo móra,
 Porque de seu Senhor a vê Senhora.

Já toma a branda Lyra
 Na mão, que o duro Pelias meneára,
 Ali canta, e suspira,
 Não como lhe ensinára
 O Velho, mas o Moço que o cegára.

Pois logo quem culpado
 Será, si de pequeno offerecido
 Foi todo a seu cuidado;
 No berço instituido
 A não poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante
 De outro mais poderoso foi sujeito,
 E para cego Amante
 Desde o principio feito
 Com lagrimas banhando o terno peito?

Si agora foi ferido
 De penetrante ponta, e força de herva,
 E si Amor é servido,
 Que sirva á linda Serva
 Para quem minha Estrella me reserva?

O gesto bem talhado,
 O airoso meneio, e a postura,
 O rosto delicado,
 Que na vista figura,
 Que se ensina por arte a formosura,

Como póde deixar
 De render a quem tenha entendimento?
 Que quem não penetrar
 Hum doce gesto attento,
 Não lhe é nenhum louvor viver isempto.

Aquelles, cujos peitos
Ornou de altas sciencias o destino,
Se viram mais sугeitos
Ao cégo, e vão Minino
Arrebatados do furor divino.

O Rey famoso Hebreo,
Que soube mais que todos, mais amou,
Tanto que a Deos alheo
Falço sacrificou,
Si muito soube, e teve, muito errou.

E o grão sabio, que ensina
Passeando os segredos de Sophia,
A' baixa concubina
Do vil Eunuchó Hermia
Aras ergueu, que aos Deoses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Phylosopho insigne namorado.
Doe-se a perpetua fama,
E grita, que culpado
De lesa Divindade he acusado.

Já foge donde habita,
Já paga a culpa enorme com desterro,
Mas, oh grande desdita!
Bem mostra em tamanho erro,
Que doutos corações não sam de ferro.

Antes na altiva mente
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
He mais conveniente,
E conforme sугeito,
Em que se imprime o brando, e doce effeito.

Na opinião, em que estavam os Gregos, de que o Poeta Lyrico cantava junto aos altares dos sacrificios, e nas grandes festividades nacionaes debaixo da influencia immediata da divindade, e arrebatado de um furor, e enthusiasmo divino como a Phebade sobre a tripode de Del-

phos, força era que acreditassem, que as suas idéas deviam tumultoar, e agitar-se rapida, e desordenadamente, passando de um objecto a outro sem ligação apparente; que o seu estylo devia ser remoto, e affastado, não só do dialecto da prosa, mas até da ordinaria linguagem dos outros generos de Poemas, animada de frequentes tropos, e figuras, de modos de dizer insolitos, de vocabulos desusados, novos, e compostos, resultando daqui ser a Ode o Poema menos accessivel ás intelligençias vulgares; daqui vem, que de cada dez pessoas em estado de lêr sem estorvo Homero, e Theocrito, Virgilio, e Ovidio, apenas haverá uma que seja capaz de entender bem Pindaro, ou Horacio. Os grandes Lyricos modernos trabalharam por conservar á Ode a sua grandiloquencia, e elevação de idéas, e linguagem, e aquella marcha livre, impetuosa, e desenvolta, que Boileau chamou com razão *bella desordem*, e isto segundo a indole mais, ou menos acanhada da lingua, em que escreviam.

É esta a razão porque Camões, que tinha o tacto tão fino, e o gosto tão delicado, fez uso nas Odes de uma linguagem mui differente daquella, que empregára nas Canções, amiudando os tropos, as figuras, e substituindo os nomes proprios pelas periphrases, nesta mesma Ode, por exemplo em lugar de dizer Achyles, diz o *Moço doutrinado pelo Cuttauro nas covas Pelethronias*, em lugar do Amor, diz o *Menino que pôde tudo em todos*. Em vez de dizer, que Achyles canta, não como lhe ensinára Chyron, mas como lhe ensinára o Amor « diz que canta não como o doutrinára o Velho, mas o moço, que o cegára. » Por setta hervada diz *ponta penetrante, e força de herva*. Salomão é o *Rey Hebreo, que soube, e amou mais que todos*, e finalmente Aristoteles é aqui designado pelo *sabio*, que ensinava passeando os segredos de Sophia.

Mas, perguntará alguém, quem ensinou a Camões esta linguagem figurada, e artificiosa, que os seus Contemporaneos não conheceram? Respondo, que elle a soube porque lha inspirou o genio, que os seus Contemporaneos a ignoraram, porque tinham só talento, e não genio; e só com talento pôde-se ser escriptor correcto, e elegante, porém não grande Poeta.

A Ode IV., que passo a transcrever, é uma das que

sempre me agradaram mais ; e me parece a mais repassada do espirito de Horacio.

ODE.

Formosa Fera humana,
Em cujo coração soberbo, e rudo,
A força soberana
Do vingativo amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas settas tinha, tem quebradas.

Amada Circe minha,
Posto que minha não, com tudo amada,
A quem hum bem, que tinha,
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei
E, si mais tenho, mais entregarei.

Pois Natureza irosa
Da Razão te deu partes tão contrarias,
Que sendo tão formosa
Folgues de te queimar em flammaz varias,
Sem arder em nenhuma
Mais que em quanto alumia o Mundo a Lua.

Pois triumphando vás
Com diversos dispojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juizo, e de sentidos,
E a quasi todos dando
Aquelle bem, que a todos vás negando.

Pois tanto de contenta
Vêr o nocturno Moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agoa, e vento solto,
A porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de magoa adormecido.

Esta só Estrophe, por força de expressão, e viveza de

estyllo, verdadeiramente Lyrico, vale mais que todas as Odes de Caminha, e de Ferreira, apesar das bellezas de outro genero, que possam conter.

Porque não tens receio
Que tantas insolencias, e esquivanças,
A Deosa que poem freio
A soberbas, e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero Amor?

Olha a formosa Flora
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Cappitam chora,
Que lá em Thessalia em fim vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, e nome santo.

Olha em Lesbos aquella
Em seu Psalterio insigne conhecida,
De muitos, que por ella
Se perderam, perdeo a chara vida,
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.

Por o Moço escolhido
Onde mais se mostraram as trez Graças,
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as Alfaças,
Pagou co'a morte fria
A sua vida, que a muitos já daria.

E vendo-se deixada
Daquelle, por quem tantos já deixára,
Se foi desesperada
Precipitar da infame rocha chara,
Que o mal de malquerida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

» Tomai-me, bravos mares,
» Vós me tomai, pois outrem me deixou,

Disse, e dos altos ares
Pendendo com furor se arremessou ;
Accude tu, suave,
Accude poderosa, e divina Ave.

Toma—a nas azas tuas,
Minino pio, illesa, e sem perigo,
Antes que nessas crúas
Agoas cahindo apague o fogo antigo,
He digno Amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.

Não ! que é razão que seja
Para as Lobas isemptas, que amor vendem,
Exemplo onde se vêja,
Que também ficam presas as que prendem,
Assi o deo por sentensa,
Némesis, que Amor quiz que tudo vença.

Entre as rymas de Camões encontram-se algumas Sextinas : estes Poemas, que D. Manoel José Quintana, com o bom gosto, que distingue todos os seus juizos, qualificou de *impertinentes*, estão hoje de todo fóra de moda ; e com razão, visto que é tal a ruindade de sua natureza, que nem Petrarcha, nem Camões as poderam tornar soportaveis.

Vinte, e uma são as Elegias, que nos restam de Camões, todas em tercetos, que o exemplo de Ferreira fez adoptar como a unica combinação rhythmica, que em nossa lingua convém a este Poema : depois dos Lusíadas, são estas as composições mais estenças do Poeta, e também aquellas, em que se deparam mais dados para ajuizar do character, e circumstancias pessoas do Author.

O erudicto Bouterweek, confessando o grande merecimento destas Obras, e a harmoniosa brandura, e suavidade da sua expressão, nota que em algumas dellas se acha confundido o estylo da Elegia com o da Epistola ; não quero totalmente negar esta opinião, mas é certo que esse defeito, muito leve no meu entender, é muito mais frequente em Bernardes, Caminha, e no mesmo Ferreira, do que em Luiz de Camões, que é mui proba-

vel que tivesse corregido essas imperfeições, se houvesse tido vida para rever, e emendar as suas rhythmas para as dar ao prélo; mas a gloria do Homero Portuguez não está em as suas Obras não terem defeitos, mas em conterem bellezas de ordem superior, e em número tal, que podem desconta-los, e consagrar seus escriptos á immortalidade; e que rios trechos de suave, e harmoniosa Poesia se não encontram acaso nessas Elegias de Camões, tal é o seguinte, extrahido da Elegia V.

Oh bemaventurado seja o dia,
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!
Oh bemaventurado o soffrimento,
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.

Faça-me quem me mata o mal que ordena,
Tracte-me com enganar, desamores,
Que então me salva quando me condena.

E si de tão suaves desfavores
Penando vive hum alma consumida,
Oh, que doce penar! que doces dôres!

E si hum condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh, que doce morrer! que doce vida!

E este elogio da vida rustica, que se lê na Elegia I., pôsto que em parte imitado de Virgilio.

Oh lavradores bemaventurados,
Si conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento,
Dá-lhes a fonte clara da agoa pura,
Mingem suas ovelhas cento a cento.

Não vêem o mar irado, a noite escura,
Para hir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.

Vive hum com suas Arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A gran cubiça de ouro relusente.

Si lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr d'Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado.

Si não tem as delicias de Corintho,
E si de Paro os marmores lhe faltam,
O Pyropo, a Esmeralda, e o Jacintho.

Si suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Ali lhe mostra o campo varias côres,
Vêem-se os ramos pender co' fructo ameno,
Ali se afina o canto dos Pastores.

Ali cantaram Tytero, e Sileno,
Em fim por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Ceo sereno!

Não sam menos bellos estes Tercetos, da Elegia segunda, escripta em Africa, quando o Poeta ali militava contra os Mauritanos.

A's vezes cuido em mim si a novidade,
E estranhezas das cousas, ou mudança,
Poderiam mudar huma vontade.

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo tracto humano,
A Estrangeira Progenie, estranha usança.

Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar mediterrano.

Dali estou tenteando adonde vio
O Pomar das Hesperides, matando
A Serpe, que a seu passo resistio.

Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando.

Porém do Herculeo braço subjugado
No ar deixáva a vida, não podendo
Dos soccorros da May ser ajudado.

Mas nem com isto emfim, que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.

Todas as cousas vêjo demudadas,
 Porque o Tempo ligeiro não consente,
 Que estejam de firmeza accompanhadas.

Vi já, que a primavera de contente
 Em variadas côres revestia
 O monte, o campo, o valle alegremente.

Vi já das altas Aves a harmonia,
 Que até duros penedos convidava,
 A algum suave modo de alegria.

Vi já, que tudo em fim me contentava,
 E que de muito cheio de firmeza
 Hum mal por mil prazeres me trocava.

Tal me tem a mudança, e estranheza,
 Que si vou para os prados, a verdura
 Parece que se secca de tristeza.

Mas isto he já costume da ventura,
 Porque aos olhos, que vivem descontentes,
 Descontente o prazer se lhe afigura.

Estas recordações dolorosas da primavera da vida, estas meditações saudosas da ventura passada, e estas observações amargamente phylosophicas sobre as cousas, que nos rodêam, e as circumstancias, em que nos achamos, convêm perfeitamente á indole da Elegia.

O exordio da Elegia decima é inteiramente no gosto antigo.

Que tristes novas, e que novo dano?
 Que inopinado mal incerto sôa,
 Tingindo de terror o vulto humano?

Que vêjo as praias humidas de Gôa
 Ferver com gente atonita, e turbada
 Do rumor, que de bocca em bocca vôa!

È morto D. Miguel!.. ah crúa espada,
 E parte da lustrosa companhia,
 Que alegre se embarcou na triste Armada.

Neste Poema deplora-se a morte de D. Miguel de Menezes, amigo do Poeta, e filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e Idanha a Velha; deprehende-se da Elegia, que morrêra na India pelci-

jando valorosamente em um combate naval, porém Manoel de Faria e Souza affirma, que sem embargo das mais exactas investigações, a que procedeu, não pôde averiguar quando, nem em que paragem tivera logar aquelle accoecimento.

Transcreverei agora por inteiro a Elegia III., uma das mais bellas, que o Poeta escreveu, a fim de que os Leitores possam melhor formar idéa do seu talento nesta qualidade de composições.

ELEGIA.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Vêr-se de seus Penates appartado,
Sua chara Mulher desemparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
Da sua Patria os olhos appartando,
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
Do seu escuro, e triste nascimento.

O Curso das Estrellas contemplava,
E aquella ordem, com que descorria
O Ceo, o Ar, e a Terra adonde estava.

Os Peixes pelo mar nadando via,
As Feras pelo monte procedendo
Como o seu natural lhe permitia.

De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal
A sua natureza obedecendo.

Assi só de seu proprio natural
Appartado se via em terra estranha,
A cuja triste dôr não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanhava
Nos saudosos versos, que escrevia,
E nos lamentos, com que o campo banha.

Desta arte me figura a phantasia
A vida, com quem morro desterrado,
De bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vêjo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se não merece.

Quando a rôxa Manhãa dourada, e bella
Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho,
E torna aos seus queixumes Phylomella.

Este cuidado, que co' somno atalho,
Em sonhos me apparece, que o, que a Gente
Por seu descanso tem, me dá trabalho.

E depois de accordado cegamente
Ou por melhor dizer desaccordado,
Que pouco accordo logra hum descontente,

De aqui me vou com passo carregado
A hum Outeiro erguido, e ahi me assento
Soltando toda a redêa a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
A' parte donde tinha o pensamento.

Não vêjo sinão montes pedregosos,
E sem graça, e sem flôr os campos vêjo,
Que já floridos vira, e graciosos.

Vêjo o puro, suave, e rico Téjo
Com as concavas Barcas, que nadando
Vam pondo em doce effeito o seu desejo.

Humas com brando Vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas agoas appartando.

Dali fallo co'a agoa, que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sai
Em lagrimas desfeita claramente.

Oh fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.

Até que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vós hides, livre, e lédo,
Mas tanto tempo quem o passaria?

Não pôde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará
Que se acabe tão aspero degedo.

Mas essa triste morte que virá
Si em tão contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde hirá?

Que si ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal pela memoria
Nem ao passar do Lethes lhe passasse.

Que si a Tântalo, e Ticio foi notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem terão por gloria.

Essa imaginação, que em fim me augmenta,
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consumida
Porque o mal, que possui, se resuma,
Imagina na gloria possuida.

Athe que a noite eterna me consuma,
Ou vêja aquelle dia desejado,
Em que a fortuna faça o que costuma,
Si nella ha hi mudar-se hum triste estado.

Esta Elegia foi escripta, segundo alguns querem, em Santarem quando o Poeta ahi estava desterrado; já disse que duvidava muito deste desterro, como acto judicial, ou do poder; parece-me que o desterro, que o Poeta lamenta é a ausencia da sua amada, tal é pelo menos o sentido destas expressões

desterrado

Do bem, que em outro tempo possuia.

parece-me tambem deduzir-se do texto, que Luiz de Camões sabira de Lisboa para desfarçar a magoa da sua amada se haver enfadado com elle sem razão bastante, e é a isto que aludem os versos

Aqui me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho,

e o Poema deve ter sido escripto para desarmar o enfado da Dama. Seja como fôr, o caso é que nesta *Elegia* se descobre toda a força de uma imaginação nova, e os sentimentos exaltados de um Poeta mancebo.

O resto das *Elegias* produzidas naturalmente durante as suas peregrinações pela Asia, pintam ao vivo os sentimentos do seu coração, e as saudades com que se lembrava da tranquillã ventura, de que lhe parecia ter gozado na Patria, ao passo que della havia sahido cheio de indignação, e despeito. E' por isso que nenhuma das suas obras excitam mais *sympathia* nos Leitores, nem mais compaixão dos seus infortunios.

Desejava saber em que razão se haviam fundado os Editores das Obras de Camões para imprimirem alguns Poemas em Oitavas debaixo do titulo vago, e indeterminado de *Estanças*, sendo estes Poemas verdadeiras *Epistolas Poeticas*, ou se considere o seu contheudo, ou o seu estylo; é muito natural que entendessem não podia haver *Epistolas* se não em *Tercetos*, porque em *Tercetos* sam escriptas as de Ferreira, Bernardes, Caminha, e Fr. Agostinho da Cruz, e esta razão é na verdade mui concludente. Está porém contra ella o ser uma das *Epistolas* de Ferreira em verso solto, e quasi todas as de Sá de Miranda, e algumas de Caminha em *Coplas octosylabas*.

A primeira destas composições é uma *Epistola moral* sobre as erradas opiniões dos homens, e a falsa idéa que formam da felicidade, escripta no estylo de das de Hagedorn, e Dusch, e que lhes não cedem nem em *Philosophia*, nem em força de expressão; vejamos alguns trechos.

Democrito dos Deoses proferia
Que heram só dois, a Pena, e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece he grande vicio
Em Deoses sem justiça, e sem razão,
Mas Democrito o disse, e Paulo não.

.....

Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão presado.
Diogenes, não vês que extremos são
Esses, que, segues de mais alto estado?
Pois si de desprezar te presas muito,
Já pertendes do Mundo fama, e fruto.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He faltar esta sede cubiçosa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa sumptuosa;
Deixo aquelles, que tomam por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que sam peiores.

Aquelle deixo a quem do somno esperta
O gran favor do Rei, que serve, e adora,
E se mantem desta aura falsa, e incerta,
Que de corações tantos é Senhora.
Deixo aquelles, que estão co'a boca aberta,
Por se encher de thesouros de hora, em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do Vulgo errado,
A que já não ha alguem, que contradiga;
Nem de outra cousa alguma é governado;
Que de huma opinião, e usança antiga;
Mas pergunto ora a Cezar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vence-las, que alcançou?

Cezar dirá « Sou digno de memoria,
» Vencendo Povos varios, e esforçados,
» Fui Monarcha do Mundo, e larga historia
» Ficará de mais feitos sublimados. »

He verdade ! mas esse mando, e gloria
Logras-te-o muito tempo ? os Conjurados
Bruto, e Cassio dirão, que, si venceste,
Em fim, em fim ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão « Por vér o Ethna, e o Nilo,
» Fui a Scicilia, a Egypto, e outras partes,
» Só por vér, e escrever em alto estylo
» Da natural Sciencia em muitas Artes. »
O tempo é breve, e queres consumi-lo,
Platão todo em trabalhos, e repartes
Tão mal do teu estudo as breves horas,
Que em fim de falso Phebo o filho adoras ?

Pois quanto des que vive já appartada
A alma desta prisão terrestre, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que, da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sente nada,
O Cynico dirá si por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os Cães, ou as Aves enxotava.

Esta maneira de poetar, esta *philosophia* tão ousada, e tão sublime, era nova não só na Poesia Portuguesa, mas na da Europa inteira, onde então não existia um só exemplo della. Camões a havia aprendido em Horacio, e delle havia imitado esta argumentação, esta arte de empregar o dialogo, e variar, e animar o discurso ; e não é isso pequena prova da superioridade do seu genio sobre os seus Contemporaneos.

Nesta mesma Epistola introduz elle muito a proposito a historia do Doido de Athenas, que se encontra na Epistola segunda do Livro segundo das de Horacio, e a imitação não tem que invejar ao Original.

De hum certo Trasilão se lê, e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo e siso teve
Por causa de huma grave enfermidade ;
E em quanto de si fóra doido esteve

Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas as náos que navegavam,
Quantas no Porto Pyreo ancoravam.

Por um Senhor mui grande se teria
Além da vida alegre, que passava,
Pois nas, que se perdiam, não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegando á Patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos Medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada,
Triste porque tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada,
As hervas Apolineas de improviso
O tornam á saude já passada,
Sisudo Trasilão ao charo irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque depois de vér-se no perigo
Do trabalho, a que o siso o obrigava,
E depois de não vér o estado antigo
Que a louca presumpção lhe appresentava,
» Oh inimigo Irmão com cõr de amigo,
» Para que me tiraste (suspirávã)
» Da mais quieta vida, e livre em tudo
» Que nunca pode ter algum sisudo?

» Por qual Senhor algúm eu me trocára,
» Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
» Que me dava que o Mundo se acabára,
» Ou que a ordem mudasse a Natureza?
» Agora me é penosa a vida chara,
» Sei que cousa he trabalho, e o que he tristeza,
» Torna-me ao meu estado, que eu te aviso
» Que na doudice só consiste o siso.

A segunda destas Epistolas é imitação livre da Epistola II. do segundo Livro das do Poeta Venusino, que principia

Cum tot sustineas, et tanta negotia solus

e foi dirigida a D. Constantino de Bragança, que então era Vice-Rei da India, e o mesmo que lhe havia levantado o degredo, a que o condemnára Francisco Barreto.

Neste Poema louva o Poeta aquelle Príncipe não só pela sua ascendencia real, e brilhantes acções dos seus antepassados, mas pela lealdade, e zelo do serviço do Rei, com que se havia exposto aos trabalhos, e tempestades do Oceano, quando a sua fortuna, e altas qualidades o isemptavam de hir governar a India, em circumstancias tão difficeis.

Sendo vós de tão alto e illustre preço,
A vida fostes pôr n'um fraco lenho
Por largo mar, e undosa tempestade,
Só por servir a Regia Magestade.

E depois de tomar a redea dura
Na mão do Povo indomito, que estava
Costumado á largueza, e á soltura
Do pesado Governo, que acabava.

Este pesado governo, que havia terminado, era o de Francisco Barreto, e apesar dos aggravos, que d'elle tinha recebido, da injusta perseguição, que lhe promovera, teve o Poeta a generosidade de não envectivar pessoalmente aquelle Governador, que tão pouco merecia o ser por elle poupado; e volta-se a D. Constantino louvando o quanto se empenhava em refrear a relaxação de costumes, e a immoralidade, que lavravam ás soltas por aquelle Estado, despresando os queixumes, e murmurações dos, que recusavam sujeitar-se ao jugo das Leis, e da Religião.

Quem não terá por santa, e justa cura,
Qual do vosso conceito se esperava,
A tão desesperada enfermidade
Applicar-lhe contraria qualidade?

Não é muito, Senhor, si o moderado
Governo se blasphema, e se desama
Porque o Povo a larguezas costumado
A' lei serena, e justa dura chama.
Pois o zêlo em virtude só fundado,
De salvar almas da Tartarea flamma,
Com a agua salutifera de Christo
Poderá por ventura ser malquisto?

Passa logo a agourar mui poeticamente grandes victorias, com que o novo Governador tem de accrescentar o Estado, e restabelecer os negocios de Portugal no Oriente, mas nisto se mostrava elle melhor Poeta do que Propheta.

Sei eu, e sabem todos, que os futuros
Verão por vós o Estado accrescentado
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado;
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sobre Orphãas amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

Quanto de infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por gloria grande póde ter-se
Si accrescentado, e próspero o deixou,
Nunca consentiu Roma emnobrecer-se
Com triumphos a quem, si não ganhou
Provincia, com que o Imperio se augmentasse,
Por maiores victorias que alcançasse.

Póde tomar o vosso nome dino
Damão por honra sua clara, e pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Bisancio aquelle, que ainda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no seio Gangetico a Natura
Te aposentou; de ser tão inimigo
Deste Estado, não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes Aves
Cortar a espumosa agua navegando ;
Ouviste o som das tubas não suaves,
Mas com temor horrifico soando,
Sentiste os golpes asperos, e graves
Do Lusitano braço nunca brando,
Não soffreste o gran brado penetrante
Que os trovões imitava do Tonante.

A terceira é endereçada a El-Rei D. Sebastião acompanhando uma setta, que o Summo Pontifice lhe enviára, como uma das que haviam servido ao martyrio de S. Sebastião.

A quarta contém uma declaração de amor a certa Dama, naturalmente obra de encomenda para servir algum amigo. As outras são glosas, segundo o costume de Castella.

O Poema de Santa Ursula, que se encontra com algumas alterações para peor, entre as Obras de Diogo Bernardes, foi revindicado para o nosso Poeta por Manoel de Faria e Sousa, assim como algumas Eclogas ; já no Capitulo do Cantor do Lima declarei, que me inclinava á idéa de Manoel de Faria ; mas a imparcialidade requer que declare aqui que muitos eruditos defendem Bernardes da inculpação de plagiato : taes são o Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa, o Bispo de Viseo D. Francisco Alexandre Lobo, o Poeta Inglez Mr. Southey, Bonlerweek, e outros, que seria excusado mencionar ; o Leitor comparando o estylo, e o talento de ambos decidirá como melhor lhe parecer este ponto de critica literaria.

Tornando porém ao Poema direi, que me parece defeituoso no plano, pobre de invenção, mas pelo estylo, e versificação muito superior á Santa Comba do Doutor Antonio Ferreira, e a todos os Poemas deste genero, que se tem publicado em portuguez.

Entre todas as poesias que compõem as rymas de Camões me parece que tem um logar mui distincto, se não o primeiro, as Eclogas ; ou se attenda á riqueza de imaginação, á invenção, e belleza dos quadros, ao pathetico, e simplicidade dos affectos, á viveza das pinturas ru-

raes, e elegancia do estylo, ao pictoresco da poesia, e á melodia, e variedade dos metros.

As margens do Têjo, e do Mondego sam quasi sempre o theatro destes pequenos Dramas, e os seus Pastores não habitam as montanhas da Arcadia, mas as planices da Lusitania; algumas destas Eclogas foram escriptas na sua adolescencia, isto é, quando o seu talento, e a sua imaginação estavam em todo o seu vigor, e os trabalhos, e as desventuras não tinham ainda amargurado o seu espirito. Outras foram escriptas na Asia, e é muito para sentir que os seus preconceitos classicos, lhe não deixassem conhecer o partido, que poderia tirar das formosas paizagens; de que aquella antiga terra lhe fornecia os modelos; o colorido local teria dado nova vida aos seus quadros, mas a sua educação, e os seus estudos mythologicos lhe faziam voltar os olhos continuamente para a Europa, e para a patria, lá estava o seu coração, todos os objectos de suas mais ternas affeições, e nada mais tinha interesse para elle.

Luiz de Camões tinha estudado a poesia bocolica em Virgilio, e Theocrito, e tinha mui fino gosto para não imitar as côres, e estylo daquelles grandes Poetas, e preferir-lhe o estylo rustico de que Sá de Miranda fizera uso, creio eu porque não sabia escrever de outro modo, pois as suas Eclogas sam escriptas como as suas Cartas, e as suas Cartas como as suas Eclogas. Os seus Bicitos e Gonçalves descreteam como phylosophos, e fallam como cabreiros. Manoel de Faria e Sousa, homem de muita erudição, e de gosto mui depravado; era grande seguidor desse chamado estylo rustico; e tão rustico que os seus Pastores a cada passo atropellam todas as regras grammaticaes, e estropiam os vocabulos; ao mesmo tempo que moralisam tanto, ou mais que os de Sá de Miranda, e desculpa-se disto dizendo, que não ha inverosimilhança em que os Pastores tenham livros, por onde adquiram instrucção. Não quero negallo, mas nesse caso é quasi um milagre, que os Livros, que ensinam as sciencias aos Pastores, lhes não ensinem ao menos a fallar regularmente a lingua!

Outra razão que alegam os que partilham esta opinião de Faria, é que a poesia é imitação da natureza, e que

como os Pastores usam de linguagem rude, e incorrecta no campo, devem usar da mesma nos Poemas. Isto não é razão, mas um grandissimo absurdo, que prova que elles não sabem distinguir, entre imitação, e copia: o fim das Artes é a imitação, e não a copia; as Artes imitam a Natureza aperfeiçoando-a, isto é, mostrando-a no seu aspecto mais favoravel. Nenhum pintor, que não seja perfeitamente louco, pintando as ruas de uma cidade, collocará no seu quadro os muladares, que nellas formam ás vezes os canos de despejo. Que succederia a um Actor, que, representando em scena o caracter de embriagado, se pozesse a vomitar no Theatro? pois isso acontece com frequencia aos bebados. Os Pastores de Theocrito, e de Moscho peccam ás vezes em demasiada grossaria, mas não deixam por isso de fallar em grego tão correcto, e tão puro como o de Homero, e de Anacreonte. Virgilio os imitou na pureza de estylo, e Camões com muito accerto seguiu as pisadas de Virgilio, e de Ferreira, que, ainda que pobre de genio, tinha sobrado gosto, e juizo sam para sentir o merito dos antigos, e imita-los conforme suas forças.

O celebre Sannazzaro, um dos primeiros Poetas da Latinidade moderna, e um dos melhores Bucolicos Italianos foi o primeiro que introduzio Pescadores nas Eclogas, e esta invenção recebida com grande applauso dos Literatos, foi um verdadeiro progresso para a Arte. Luiz de Camões, que tinha grande conhecimento da literatura Italiana, e que estimava muito Sannazzaro, não só o imitou nas Pescatorias, mas até inventou um novo genero de Ecloga mixta, em que introduzio Pastores, e Pescadores; assim o praticou elle na Ecloga VI. em que nos faz vêr

A rustica contenda desusada
Entre as Musas do bosque, e das Aréas,
De seus rudos cultores modulada.

Nesta Ecloga, que eu tenho pela mais bella de todas as suas, introduzio elle o Pastor Agrario, e o Pescador Alicuto cantando ao desafio, e usando cada um delles dos pensamentos, e linguagem proprios das suas respectivas profissões, em estylo natural, e poetico, sem que por isso saia dos limites da verosimilhança.

AGRARIO.

Vós semicapros Deoses do alto monte,
Phaunos longevos, Satyros, Silvanos,
E vós Deosas do bosque, e clara fonte,
E dos troncos, que vivem largos annos:
Si tendes prompta hum pouco a sacra fronte
A nossos versos rusticos, e humanos,
Ou me dai já a capella de Leureiro,
Ou penda a minha Lyra de hum Pinheiro.

ALICUTO.

Vós humidas Deidades deste pégo,
Tritões ceruleos, Prótheo com Palemo,
Vós, Nereidas do Sal, em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo,
Si as vossas sacras aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
Não consintaes que a musica marinha
Vencida seja aqui na Lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez um tempo o moço louro,
Que do Sol as carretas move, e guia;
Ouvio o Rio Amphriso a Lyra de ouro,
Que o seu claro inventor ali tangia.
Io foi Vacca, Jupiter foi Touro,
Manças Ovelhas junto da agoa fria
Guardou formoso Adonis; e tornado
Em Bezzerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO.

Pescador já foi Glauco, e Deos agora
He do mar, e Prothéo Phocas guarda,
Nasceo no pégo a Deosa, que é Senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Si foi Bezzerro o Deos, que cá se adora

Tambem já foi Delphim. Si se resguarda,
Vê-se que os Moços pescadores eram,
Que o escuro enygma ao primo Vate deram.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, si dos ninhos
Os implumes penhores já furtei,
A' doce Phylomella, e des Murtinhos
Para ti, feral as flores apanhei;
E si os crespos Medronhos nos raminhos
Com tanto gosto já te presentei,
Porque não dás a Agrario desditoso
Hum só revolver d'olhos piedoso!

ALICUTO.

Para quem trago d'agoa em vaso cavo
Os ruivos Camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral fui arrancando?
Senão para a formosa Lemnoria
Que co'hum só riso a vida me daria?

AGRARIO.

Quem vio o desgrenhado, e crespo Inverno
D'átras nuvens vestido, horrido, e feio,
Enegrecendo á vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheio,
Raios, chuvas, trovões, hum triste Inferno,
Que ao Mundo mostra um pallido receio,
Tal he o Amor cioso, a quem suspeita,
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO.

Si alguém vê, si alguém ouve o sibilante
Furor lançando flammás, e bramidos

Quando as pasmosas Serras traz diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
A braços derribando o já nutante
Mundo, c'os elementos destruidos,
Assi me representa a phantasia
A desesperação de a vêr hum dia.

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
Que os deleitosos campos pinta, e veste,
E, rindo-se, hum a côr aos olhos gera,
Que em terra lhe faz vêr o arco celleste,
As Aves, as Boninas, a verde Hera,
E toda a formosura amena, agreste,
Não he para os meus olhos tão formosa,
Como a tua que abate o Lyrio, a Rosa.

AGRARIO.

As conchinhas da praia, que presentam
A côr das nuvens quando nasce o dia,
O Canto das Sirenas, que adormentam,
A tinta, que no Murice se cria,
O navegar por ondas, que se assentam
C' o brando bafo, com que o Sol se esfria,
Não podem, Nympha minha, assi aprazer-me
Como o vêr-te, si em tanto chego a vêr-me.

AGRARIO.

A Deosa, que na Lybica Lagôa
Em fôrma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto sóa,
Os bellos olhos tem da côr do Ceo.
Garços os tem; mas hum a corôa
Das formosas do campo mereceo
Da côr do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não sam estes os formosos?

Não será este o estylo de hum verdadeiro discipulo de
Virgilio? Impede acaso a cultura da linguagem, e do

metro, que Alicuto, e Agrario só exprimam as idéas que sam proprias de um Pescador, e de um Pastor? Que falta fazem aqui os barbarismos, e soliciísimos com que Faria e Sousa maculou a dicção das suas Eclogas? Desengannemo-nos, não é o estylo elegante, e poetico de Ferreira, e de Camões, que desfigurá a Poesia Pastoril, mas as doutorices, e phylosophias com que Sá de Miranda, e Faria e Sousa fazem descursar os rusticos, que introduzem a fallar; porque essas é que sahem da verosimilhança, e muito mais quando se exprimem com linguagem plebea, ou barbara.

O judicioso Boileau no Canto II. da sua Arte Pòetica depois de censurar os que tractam assumptos heroicos em Eclogas, não tracta melhor os que as escrevem em estylo baixo, e rasteiro.

Au contraire cet autre, *abject en son langage*
 Fait parler ses Bergers *comme en parle au Village*.
 Ses vers plats, et grossiers, depouillés d'agrement,
 Toujours haissent la terre, et-rampent tristement
 Ou dirait que Ronsarde, en ses pipeaux rustiques,
 Vient encor fredonner ses Idylles Gothiques,
 Et changer, sans respect de l'orcille, et du son,
 Lycidas en *Pierrot*, et Phylis en *Toinon*.

Entre ces deux excés la route est difficile;
 Suivez pour la trouver Theocrite, et Vergile,
 Que leurs, tendres écrits, par les Graces dictés,
 Ne quittent point vos mains, jour, et nuit feulletés
 Seuls dans leurs doctes vers ils pourront vous apprendre
 Par quel art sans bassesse un Auteur peut descendre.
 Chanter Flore, les champs, Pomone, les vergers,
 Aue combats de la flute animer deux Bergers,
 Des plaisirs de l'Amour vanter la douce amorce,
 Changer Nascisse en fleur, convrir Daphné d'ecorce,
 Et par quel art encor l'Eclogue quelque fois
 Rend digne d'un Consul la Campagne, et les bois,
 Tel est de ce Poeme et la force, et la grace.

Quer pois Boileau, que segundo Voltaire, quasi sempre tem razão, que a Poesia Pastoril tracte assumptos cam-

pestres, mas com linguagem pura (sem a qual toda a composição é detestavel,) correcta, elegante, e poetica, e propõem para modelos deste estylo Theoprito, e Virgilio, que Camões seguiu, e imitou com a perfeição, e talento de que a natureza o havia enriquecido. Ora parece-me pois que neste caso a opinião de Boileau é de muito mais pezo que a de Surripita, e Thomaz de Aquino, e que a pratica, e doutrina de Faria e Sousa.

Que poesia tão rica, e tão imaginosa, e campestre se não depara na Ecloga I., que o Poeta tinha pela melhor das suas, vêja-se como Umbrano convida Frondelio a lamentar em seu canto a morte de Teonio.

UMBRANO.

Canta agora, Pastor, que o Gado paze
Entre as humidas hervas socegado,
E lá nas altas Serras, onde nace,
O Sacro Téjo á sombra recostado,
Com os olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir aparelhado,
E com silencio triste estão as Nymphas
Dos olhos destillando claras Limphas.

O prado as flores brancas, e vermelhas
Está suavemente presentando :
As doces, e solicitas Abelhas
Com susurro agradável vam vôando,
As candidas, pacificas Ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças: estão ao som divino
Que faz, passando, o Téjo cristalino.

O vento d'entre as arvores respira
Fazendo companhia ao claro rio ;
Nas sombras a ave garrula suspira
Sua magoa espalhando ao vento frio :
Toca, Frondelio, toca a doce Lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Phylomella entrestecida
Ao mais saudoso canto te convida.

Em qual dos nossos antigos Bolicos se encontra esta abundancia, esta suavidade, este rico manancial de poesia, que alegra a imaginação com a variedade de objectos, que lhe presenta, e recreia o ouvido com harmonia tão doce, e nunca interrompida? Vêjamos agora alguns trechos do Canto funebre de Frondelio, e nelle reconheceremos algumas imitações de Virgilio.

FRONDELIO.

Aquelle dia as agoas não gostaram
As mimosas Ovelhas, e os Cordeiros,
O campo encheram de amorosos gritos,
E não se penduraram dos Salgueiros
As Cabras de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a seus Cabritos.

Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem, oh Corvo, o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura
Vôando repetiste
A tyrannica ley da morte dura.

Tionio meu, o Tejo cristalino,
E as Arvores, que já desamparaste,
Choram o mal da tua ausencia eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste,
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o Mar, e a Terra se governa.

A noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, e triste
Si quer da tua idade não te dera
Que logrâras a fresca Primavera?
Não usára com elle tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem Pastor ha no campo sem tristeza.

Os Phaunos, certa guarda dos Pastores,
 Já não seguem as Nymphas na espessura,
 Nem as Nymphas aos Cervos dam trabalho,
 Tudo, qual vês, é cheio de tristura :
 A's Abelhas o campo nega as flores,
 Como ás flores a Aurora nega brialho,
 Eu, que cantando espalho
 Tristeza todo o dia,
 A frauta, que sohia
 Mover as altas Arvores tangendo,
 Se me vai de tristeza enroquécendo ;
 Que tudo vêje triste neste monte :
 E tu também correndo
 Manas envolta, e triste, oh clara fonte.

.....

Já diante dos olhos lhe vôavam
 Imagens, e phantasticas pinturas,
 Exercicio do falso pensamento ;
 Já pelas solitarias espessuras,
 Entre os penedos sós, que não fallavam,
 Fallava, e descobria o seu tormento,
 Em longo esquecimento
 De si, todo embebido,
 Andava tão perdido
 Que quando algum Pastor lhe perguntava
 A causa da tristeza, que mostrava,
 Sorrindo lhe tornava :
 « Si não vivesse triste, morreria. »

Apesar de que, como já disse, o Author contava esta como a melhor das suas Eclogas, não posso como Critico subscrever a esta opinião. A Ecloga é como o Drama, e deve ter como elle nexos, e desfecho, e sobre tudo unidade de interesse, e este me parece que falta nesta, é como duas Eclogas juntas n'uma ; na primeira os Pastores Umbrano e Frondelio deploram a morte do Pastor Tionio (D. Antonio de Noronha) na segunda a Nympha Aonia (a Princesa D. Joanna) lamenta a morte de seu Esposo (o Principe D. João) e esta duplicidade de assumpto, prejudica o interesse, dividindo-o ; accresce a isto, que os queixumes

de Aonia sam em verso Castelhana, o que me parece um verdadeiro defeito : quanto porém á belleza de pensamentos, riqueza de poesia, e apuro de estylo, e metro, não ha dúvida de que esta composição seja um dos partos mais felizes do talento do Poeta.

A Ecloga segunda é uma das mais vivas pinturas da paixão amorosa levada a ponto de delirio, e que resiste a todas as admoestações da prudencia, e conselhos da amisade.

Como sam ternos os queixumes namorados dos Pastores Frandoso, e Duriano na Ecloga IV.

FRANDOSO.

Isto he o que aquella verdadeira
Fé, com que te amei sempre merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento ?
Como, cruel Belliza, te esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento ?
Não vias meu tormento ?
Não vias tu a fé com que te amava ?
Porque não te abrandava
Este amor, que me tu tão mal pagaste ?
Mas pois já me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeu tambem a vida.

DURIANO.

Si os males, que por ti tenho soffrido
Oh Silvana, em meus males tão constante,
Quizesses que alguma hora te dissera ;
Inda que qual durissimo Diamante
Fôra o teu cruel peito endurecido,
Creio que á piedade te movêra ;
Já agora em branda cêra
Os montes sam tornados, e os penedos,
E os rios, que estão quedos,
Sentiram meus suspiros, minhas queixas,
Tu só, cruel, me deixas

Que hes mais que montes, e penedos dura,
E fugitiva mais que a fonte pura.

FRANDOSO.

Onde está aquella falla, que solia
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os Espiritos cançados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O Sol resplandecente ao meio dia?
Onde estam os cabellos delicados,
Que, aos ventos espalhados,
Escureciam o ouro, e a mi matavam?
E a quantos os olhavam
Causavam tambem novos accidentes?
Porque, cruel, consentes
Que outro goze da gloria a mim devida?
Perca quem te perdeu tambem a vida.

DURIANO.

Nenhum bem vêjo que a meu mal espere,
Si não fosse esperar que a morte dura
Me venha em fim a dar a saudade?
Vêjo faltar-me a tua formosura :
A vontade me diz que desespere,
Contradiz-me a Razão esta vontade,
Diz que em huma Beldade,
Em quem mostrou o cabo a Natureza ;
Não ha tanta crueza,
Que hum tão constante amor despresar queira,
E fé tão verdadeira ;
Mas tu, que da Razão jámais curaste,
Porque era dar-me a vida, ma tiraste.

FRANDOSO.

A quem, Belleza ingrata, te entregaste?
A quem deste, cruel, a formosura,
Que a meu tormento só, só se devia?
Porque huma fé deixaste firme, e pura?

Porque tão sem respeito me trocaste
 Por quem só nem olhar-te merecia ?
 O bem, que te eu queria,
 E que não perderei se não por morte,
 Não he de maior sorte
 Que quanto a cega fama estima, e preza ?
 Só a tua crueza
 Foi nisto contra mim endurecida ;
 Perca quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Levaste-me o meu bem n'hum só momento :
 Levaste-me com elle juntamente
 De cobra-lo jámais a confiança,
 Deixaste-me em logar delle sómente
 Huma continua dôr, hum gran tromento,
 Hum mal, de que não pôde haver mudança,
 Tu que eras a esperança
 Dos males, que, cruel, tu me causaste,
 De todo te trocaste
 Com Amor conjurada em minha morte,
 Porém si minha sorte
 Consente que por ti seja causada,
 Morte não foi mais bemaventurada.

FRANDOSO.

Não nasceste de alguma penha dura ;
 Não te gerou alguma Tygre Hircana ;
 Não te criaste, não, entre a rudeza,
 A quem, cruel, sahiste deshumana ?
 No Ceo formada foi tal formosura,
 Onde a mesma brandura he natureza,
 Pois logo essa dureza
 Donde teve principio, ou a tomaste ?
 Porque, dura, engeitaste
 De hum verdadeiro Amor, que tu bem vias,
 A fé, que conhecias,
 Por outra de ti nunca conhecida ?
 Perca quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Vai-se co' seu Pastor o manço Gado,
Porque d'amor entende aquella parte,
Que a natureza irracional lhe ensina.
O rustico Leão, sem alguma arte,
Do instinto natural só ensinado,
Aonde sente amor logo se inclina.

E tu, que de divina
Não tens menos que Venus, e Cupido
Porque, si quer co' ouvido,
Hum Amor verdadeiro não soccorres ?
Ah ! porque te não corres
De que o Leão te vença em piedade,
Si não te vence Venus em beldade ?

FRANDOSO.

A mi não me faltava o que se preza
Entre os Celestes Deoses, que formaram
A tua mais que humana formosura ;
Em mim os voluntarios Ceos faltaram ;
Em mim se preverteu a Natureza
De huma cruel formosa creatura,
Mas pois, Belliza dura,
Que do mais alto Ceo a nós vieste,
E em teu peito celleste
Hum tal contrario pôde apascentar-se,
Não he contrario achar-se
Tamanha fé tão mal agradecida.
Perca quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me aborrece ;
Abrolhos me parecem frescas flores ;
A doce Phylomella me entristece,
Todo contentamento me atormenta,
Com a contemplação dos teus amores ;

As festas dos Pastores

Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mi tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando :
Oh cruel ! até quando
Hade durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que soffre tal tormento.

Para que é citar mais ? Em cada Ecloga, que examine, encontrará o Leitor iguaes, ou maiores bellezas deste, ou de outro genero, que collocam seu Author acima, e muito acima, de todos os Bolicos do affamado seculo de quinhentos.

Posto que Luiz de Camões cultivasse com esmero a poesia italiana, introduzida em nossa lingua por Sá de Miranda, e tornada de moda pelo Doutor Antonio Ferreira, nem por isso seguiu o exemplo deste, que teve em tanto menoscabo a antiga poesia nacional, que nem um só verso nos deixou naquelle gosto.

Camões pelo contrario a cultivou, e levou ao grau de perfeição, de que era susceptivel, porque era do seu fado ou abrir caminhos novos, ou aperfeiçoar quanto os outros haviam feito. Uma parte das suas rymas pertence á Eschola dos Trovadores, e não sam estas as que menos abonam a fecundidade do seu estro, e a flexibilidade do seu talento. Vêjam-se as suas Redondilhas sobre o thema « *super flumina Babylonis*, tão louvadas pelos Criticos Nacionaes, e ainda mais pelos Estrangeiros; vêjam-se tantas Voltas cheias de graça, e de chiste, tantas Coplas eroticas, e satyricas cheias de veia, e de elegancia, e sobre tudo animadas de uma versificação fluida, harmoniosa, e corrente; que os antigos Trovadores nunca conheceram, e que compõem esta segunda parte das suas rhythmas. Parece impossivel que um homem só, no meio de perseguições, e dos trabalhos de uma vida errante, e miseravel, podesse moldar-se a todos os generos de composição, e deixar modelos em todos elles : quando penso nisto, confesso que até me envergonho de apontar algum descuido, de notar algum leve defeito em tal Escriptor, que os desconta, e compensa com tanta multidão de bellezas ! E muito mais quando me lembro de que não foi elle

quem publicou as suas Poesias, nem teve tempo para as limar, e corregir para o prélo.

O character habitual destas Poesias de Camões é a engenuidade, e singelleza dos pensamentos unidas á brandura, e graça da expressão, é isto, que se observa nas Coplas a uma Dama, que tinha o sestro de jurar pelos seus olhos.

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento
Que se faz aggravo a elles
Não crêr tão gran juramento.

Porém como em casos taes
Ando já visto, e corrente,
Sem outros certos signaes,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido que mente.
Então vendo-lhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crêr,
Só pela não constranger
A jurar falso por elles.

Pergunto agora si é possível ter mais espirito, mais delicadeza de expressão, e córar com mais graça nna censura?

As Glosas, isto é, o descorrer em uma combinação dada de rymas sobre o assumpto apresentado em um motte, proprio, ou alheio, ampliando, ou alterando o sentido, e repetindo no fim de cada glosa o verso do motte, que se tomou para assumpto, foi sempre um exercicio, em que os nossos Poetas folgaram de alardear seu engenho; e sempre, em Portugal, e Hespanha, os Amadores da Poesia se pagaram muito destes improvisos; Camões mostrou neste genero a mesma superioridade, que nos outros.

MOTTE ALHEIO.

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora tristes,
Que os dias, em que me vistes
Alegre, já sam passados.

VOLTAS.

Campos cheios de prazer,
Vós, que estaes reverdecendo,
Já me alegrei com vos vêr,
Agora venho a temer
Que intristêçaes em me vendo.
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vêjaes,
Para que sempre sejaes
Campos bemaventurados.

Porém, si por accidente
Vos pesar do meu tormento,
Sabereis que amor consente
Que tudo me descontente,
Sinão descontentamento.
Por isso vós, Arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Si mos quereis fazer lêdos
Mostrai-vos agora tristes.

Já me vistes lêdo ser,
Mas depois que o falço amor
Tão triste me fez viver,
Lêdos folgo de vos vêr,
Porque me dobreis a dôr.
E se este gosto sobejo
De minha dôr me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas, em que me vêjo,
Que os dias em que me vistes.

O Tempo, que he desigual,
De seccos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Si perguntaes, verdes prados,
Pelos tempos differentes,
Que de amor me foram dados,
Tristes, aqui sam presentes,
Alegres já sam passados.

Estes versos respiram ternura, e melancolia, e sentimento profundo dos desgostos, que opprimiram o Author: os seguintes tornam-se igualmente notaveis pelo mimoso da pintura, e a singelleza dos sentimentos; é preciso confessar que ninguem entre nós possuiu no mesmo grau que Camões aquella graça de estylo, que os Francezes designam pela palavra *naivité*, e em que tanto se distinguio Lafontaine.

MOTTE PROPRIO.

Na fonte está Leonor
Lavando a talha, e chorando,
A's amigas perguntando,
« Vistes lá o meu Amor ? »

VOLTAS.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Heram suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
A's amigas perguntando,
« Vistes lá o meu Amor ? »

O rosto sobre huma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cançados
Algum descanso lhe dão,

Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dôr, e em si tornando,
Mais pesada sente a dôr.

Não deita dos olhos agoa,
Que não quer que a dôr se abrande,
Amor, porque em magoa grande
Secca as lagrimas a magoa.
Depois que do seu Amor
Soube novas perguntando
De improviso a vi chorando,
Olhai que estremos de dôr!

Percorram-se todas as poesias, contheudas no Cancioneiro de Resende, e nos outros Cancioneiros, e vêja-se se ali ha cousa que corresponda, já não digo que iguale, pela variedade, elegancia de expressão, abundancia de quadros, e harmonia versificatoria, a Carta a uma Dama, que vamos transcrever.

CARTA.

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria
Vi a Amor, que me dizia
« Escreve que eu notarei. »
E como para se lêr
Não era historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna,
Com que me fez escrever.

Não é acaso no estylo de Ovidio este exordio tão poetico? É o Amor que nota a Carta, e é com uma penna tirada das suas azas, que o Poeta escreve: occorreria isto a Bernardim Ribeiro, a Christovão Falcão, ou Resende, que sam, os primeiros dos nossos Trovadores? E quando lhe occorresse, saberiam elles exprimir este pensamento com tamanha viveza, e graça?

E logo, como a tirou,
Me disse; « Aviva os espiritos,
» Que pois em teu favor sou,
» Esta penna, que te dou,
» Faça vóar teus escriptos. »
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que pozesse,
Pude emfim delle dizer
Que me deu com que escrevesse
O que me deu a escrever.

Eu que este engano entendi
Disse-lhe: « Que escreverei? »
Respondeu dizendo assi,
» Altos effeitos de mi,
» E daquella a quem te dei;
» E já que te manifesto
» Todas minhas estranhezas,
» Escreve, pois que te prezas,
» Milagres de hum claro gesto,
» E, de quem o vio, tristezas. »

Ah, Senhora, em quem se apura
A fé do meu pensamento!
Escutai, e estai attento,
Que com vossa formosura
Iguala Amor meu tormento.
E posto que tão remota
Estejaes de me escutar,
Por me não remediar;
Ouvi, que, pois Amor nota,
Milagres se ham de notar.

Escrevem varios Authores
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os Moradores
Vivem do cheiro das flôres,
Que nascem naquelle monte,
Si os sentidos podem dar
O mantimento ao viver,
Não he logo de espantar,

Si estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos vêr.

Esta tradição popular de que os moradores das cercanias da fonte do Ganges se sustentam do cheiro das flores, é aqui mui bem trazida para o intento do Poeta, seria porém grande injustiça ao seu bom senso, o julgar alguém que elle tinha por verdadeira esta Fabula.

Huma Arvore se conhece
Que na geral alegria
Ella tanto se entristece,
Que como he noite floresce,
E perde as flores de dia.
Eu que em vêr-vos sinto o preço,
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de vêr-me triste.

Falla o Poeta aqui da famosa *Arvore Triste* tão conhecida na Asia, e cuja origem poetica se depara na historia de Saladino, um dos mais bellos trechos da *Lusitania Transformada*, de Fernão Alvares do Oriente, e n'um Poemeto de Francisco Rodrigues Lobo, impresso na *Phenix Renascida*.

Hum Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque sendo costumado,
Não lhe podesse empecer,
Si depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Sinão quando me fallece.

Quem da doença real
De longe Enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são, vendo sómente

Hum volatil animal.

Do mal, que Amor em mim cria,
Quando aquella Phenix vêjo
São de todo ficaria ;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.

Da Vibora he verdadeiro,
Si a Consorte vai buscar,
Que em se querendo juntar
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar.
Assi quando me apresento
A' vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque damna
Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquivã,
De huma Estatua namorar-se ;
Depois por manifestar-se
Converteu-a em Mulher viva :
De quem me hirei eu queixando,
Ou quem direi que me engana,
Si vou seguindo, e buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vai tornando ?

De huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Si falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora, tyrannisaes,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa vêr mais.

Da Palma se escreve, e canta,
Ser tão dura, e tão forçosa,

Que peso não a quebranta,
Mas antes, de presumptosa,
Com ella mais se levanta.
Có' peso do mal, que dais,
A constancia, que em mim vêjo
Não sómente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Si alguém os olhos quizer
A's Andorinhas quebrar,
Logo a May, sem se deter,
Huma herva lhe vai buscar,
Que lhes faz outros nascer.
Eu, que os olhos tenho attento
Nos vossos, que Estrellas são,
Cegam-me os do Entendimento,
Mas nascem-me os da Razão,
De folgar em meu tormento.

Si para onde o Sol sahe,
Descobrimos, navegando,
Hum novo Rio admirando,
Que o lenho, que nelle cahe,
Em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as Gentes;
Mais razão será que espante
Hum coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se couverte em diamante.

Póde hum bruto nadador
Na linha, e cana influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do Pescador.
Si começam de beber
Deste veneno excellente
Meus olhos sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada, que se apresente.

Por esta Estrophe vê-se, que o Poeta tinha conhecimento do peixe, que os Naturalistas designam pelo nome de *Gymnotus Electricus*.

Isto sam claros signaes
Do muito, que em mim podeis,
Nem podeis desejar mais:
Que si vêr-vos desejais,
Em mim claro vos vereis.
E quereis vêr a que fim
Em mim tanto bem se poz?
Porque quiz Amor assim
Que, por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim.

Dos males, que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, si mos escutais
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.

Quântos contrarios consente
Amor por mais padecer!
Que aquella vista excellente
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vela se intende,
Que si se apaga c'o vento,
C'o mesmo vento se accende.

Exprimentou-se alguma hora,
Da Ave, que chamam Camão,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera a Senhora

Morre de pura paixão.
A dôr he tão sem medida,
Que remedio lhe não val,
Mas, oh ditoso animal,
Que pôde perder a vida
Quando vê tamanho mal.

Ainda não achei esta Ave mencionada em algum Naturalista! Mas si ella tinha a condicção, aquí apontada, e foi algum tempo moda te-las em casa, é muito probavel que se extinguisse esta especie, morrendo todas pela razão, que o Poeta aponta.

Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Si não fôra salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
Sam assi como as Harpias,
Que as mais doces iguarias
Vam converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
Não poder jámais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos, que tenho escripto,
C'os males, que heide escrever.
Não quero que se apregõe
Mal tanto para encobrir
Porque em quanto aqui se ouvir
Nenhuma outra cousa sôe,
Que a gloria de vos servir.

As poesias satyricas do Cancioneiro de Resende passam, e com razão, pelas melhores daquella collecção, mas entre todas ellas não se acha cousa, que valha estas En-dechas a uma Dama feia, e de má condicção.

Vós sois hũa Dama
Das feias do Mundo,
De toda a má fama
Sois cabo profundo.

A vossa figura
Não he para vér,
Em vosso poder
Não ha formosura.

Vós fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeita beldade
De vós he tirada.

Sois muito acabada
De taixa, e de glosa,
Pois quanto a formosa
Em vós não ha nada.

Do gran merecer
Sois bem apartada,
Andais alongada
De bem parecer.

Bem claro mostrais
Em vós fealdade,
Não ha hi maldade
Que não precedais.

De fresco carão
Eu vos vêjo ausente,
Em vós he presente
A má condição.

De ter perfeição
Mui alheia estais :
Mui muito alcançais
De pouca razão.

Ou estas Coplas a uma Dama resando por umas contas.

Peço-vos que me digaes
As orações, que resastes,
Si sam pelos, que matastes,
Si por vós, que assi mataes :
Si sam por vós, sam perdidas,
Que qual será a Oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas ?

Que si vêdes quantos vam
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir
Si vós não ouvis ninguém ?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão promptas,
Que si em hum a trazeis centas,
Em outra trazeis espada.

Si dizeis que encommendo
Os que matastes andais ;
Si resaes por quem matais
Para que matais resando ?
Que si na força de orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Não as ergueis para Deos,
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraes
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê
Para nunca vêrem mais.
Pois se assim forem tractados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
Sam as horas dos finados.

Pois logo si sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não reseis onde vos vêjam,
Ou vêde para dar vida ;
Ou si quereis excusar

Estes males, que causastes,
Resuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Ha algumas Coplas de Camões, que pelo seu pico, e mordacidade, merecem mais o nome de Epigrammas, que os de Ferreira, e Caminha. Tal é esta a certo fidalgo, que havendo-lhe promettido uma camiza, se não lembrára de cumprir a promessa

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Deve trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que Vossa Mercê,
Largueza tem por divisa
Como o Mundo todo vê,
He mister, que tanto dê,
Que venha a dar a Camiza.

E esta sobre o desconcerto do Mundo.

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos,
E para mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado,
Assim que só para mim
Anda o Mundo concertado.

E esta a certa Senhora, que lhe chamou Diabo.

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo
Vos queira tanto o Diabo.
Dais manifesto signal
Da minha muita firmeza,

Que os Diabos querem mal
Aos Anjos por Natureza.

E finalmente esta dirigida a D. Antonio, Senhor de Cascaes, que havendo-lhe promettido seis Gallinhas recheadas por ums versos, que lhe fizera, lhe mandou metade de uma por principio de pagamento.

Cinco Gallinhas, e meia
Deve o Senhor de Cascais,
E a meia vinha cheia
D'appetite para as mais.

Affirmam alguns Biographos do Poeta, sendo um delles Manoel de Faria e Sousa, que elle tivera amores com uma escrava preta, chamada Barbara, que vendia mexilhões, e ás vezes o soccorria com os seus pequenos lucros; este amor não é de admirar em homem, que gastára parte da vida perigrinando pela Asia, e além disso a belleza é de todas as côres. Parece que houve quem o censurasse desta paixão, ou capricho, e o Poeta respondeu a este reparo com os seguintes versos tão graciosos, e cheios de suavidade, que Anacreonte de certo não se enfadaria de lhos attribuirem.

Aquella Captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi Rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no Ceo Estrellas,
Me parecem bellas
Como os meus amores,
Rosto singular,
Olhos socegados
Pretos, e cançados,
Mas não de matar.

Huma graça viva,
Que nelles lhe mora
Para ser Senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos
Onde o Povo vão
Perde opinião
Que os Louros sam bellos.

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr.
Lêda mansidão,
Que o siso acompanha
Bem parece estranha,
Mas Barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa ;
Nella emfim descança
Toda a minha pena.
Esta he a Captiva,
Que me tem captivo,
E pois nella vivo,
He força, que viva.

Creio que não faltará quem lendo estes versos se persuada que Luiz de Camões estava doudo de amores pela gentil negrinha, e não ousarei dizer que não tem razão para isso ; eu com tudo me não capacitei de tal tão facilmente, porque me lembro da resposta dada pela Ama do Doutor Swift a uma Lady, que lhe dava os parabens de ser amada por homem de tanto engenho, e que tanto a celebrava nos seus versos. « Ah Senhora, dizeis isso, porque não sabeis que o Deão é capaz de dizer ainda finezas mais ternas, e cousas mais galantes em verso, á vassoura, com que eu varro a casa ! »

De proposito me tenho demorado com as poesias de Camões no antigo estylo nacional, porque me tem mostrado a experiencia que é esta a parte de suas Obras, que

menos se lê, e que por essa razão se lhe não dá o apreço, que merecem, e por isso julgo necessario chamar para ellas a attenção dos Leitores, a fim de que melhor se conheça quanto o nosso Homero era superior a quantos o precederam.

Luiz de Camões deixou trez Comedias, de que os Criticos, e os seus Editores tem fallado como de cousa pouco importante, e composições de rapaz. Eu pelo contrario as tenho como objecto de grande monta, porque descubro nellas tantos vestigios de um grande talento Dramatico, que estou convencido de que si Camões tivesse tido a fortuna de nascer em uma Cidade, onde houvesse um Theatro público, e permanente, e elle ali vivesse vida socegada, e desabafada de miseria, teria sido o Lope de Vega Portuguez, e disputaria a palma da Scena ao Castelhana, qualquer que seja o seu merito, que na verdade é extraordinario, e que ninguem aprecia mais do que eu.

« As Comedias de Camões sam no gosto de Gil Vicente » dizem os Criticos com uma indifferença verdadeiramente comica, e presumem que tem dito tudo.

Seguio, é verdade o systema de Gil Vicente, e o preferio á forma pedantesca classicamente de Sá de Miranda, e Ferreira, e nisso vêjo eu a primeira prova do tino Dramatico, de que era dotado.

Mas esses Criticos myopes não tiveram vista para descobrir o progresso da arte, que se manifesta nas Comedias de Camões. Ha nellas Fabula bem ordenada, acção progressiva, melhor ligação de scenas, que no seu modello, desenredo facil, e natural, caracteres bem sustentados, dialogo vivo, rapido, gracioso, e elegante sem com tudo sahir da esphera da Comedia, não se fatiga a attenção do Leitor com conversas prolixas, e monologos fastidiosos como nos Dramas de Ferreira, e Miranda, ou com as bravatas exaggeradas, e estravagantes, que nellas observamos.

A primeira Comedia que se intitula *El-Rei Seleuco*, versa sobre o facto historico de Seleuco I., que havendo-se, já em idade avançada, casado com a formosa Stratonica, a cedeu a seu filho, que estava a ponto de perecer pela desatinada paixão, que sua Madrasta lhe inspirava. O as-

sumpto era um pouco melindroso para apresentar-se em Scena, mas o Poeta soube tirar-se delle sem comprometter os caracteres das suas Personagens.

Para prova do grande talento Dramatico de Camões, citarei uma unica Scena desta Comedia.

O Medico do Principe, pela alteração do seu pulso, quando a Madrasta está presente, conhece que a causa da sua enfermidade é a paixão irresistivel, que por ella concebeu. Descobre logo o unico remedio, que pôde sara-lo, mas a difficuldade está em fazer sciente o Rei deste segredo; era na verdade cousa mui ardua o propôr a um marido velho, casado de pouco, e de mais a mais Rei, o ceder sua mulher a um rival, e que rival? seu proprio filho; e com tudo o Medico por seus artificios consegue collocar o Rei em circumstancias taes, que não pôde deixar de annuir: ouçamos as Personagens.

REI.

Neste mal, que não comprehendo,
Que meio dais de conselho?

MEDICO.

Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo
Yo quisiera nó entendello.

REI.

Porque?

MEDICO.

Porque hê entendido
Lo mas malo de entender
Para lo que puede ser;
Porque anda, Señor, perdido
D'amores por mi muger.

REI.

Santo Deos! que! tal amor
Lhe dá doença tão fera?
Que remedio achais melhor?

MEDICO.

Forçado será que muera,
Por que no muera mi honor.

REI.

Pois como? a hum só Herdeiro
Deste Reino não dareis
Vossa Mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não o engeiteis.
Dai-lha pois, porque eu espero
De vos dar dinheiro, e honras
Quanto eu para elle quero.

MEDICO.

No tira el mucho dinero
Las manchas de la deshonra.

REI.

Ora bem pouco defeito!
He pequice conhecida
Quando deixa de ser feito,
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveito.

MEDICO.

Quam facilmente aposfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió
Vestra Alteza que haria
Si agora fuesse yo?

REI.

A Mulher, que eu tivesse,

Dar-lha-hia; e oxalá
Que elle a Rainha quizesse.

MEDICO.

Pues de-la, si le parece,
Que por ella muerto está.

REI.

Que me dizeis?

MEDICO.

La verdad.

REI.

Sem dúvida tal sentistes?

MEDICO.

Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, aora tomad
Los consejos, que me distes.

REI.

Certamente que eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? porque via?

MEDICO.

Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oia.

REI.

E que maneira hade haver?
Que eu certo me maravilho
Possa mais o Amor do Filho

Do que póde o da Mulher.
Finalmente heide-lha dar,
Que a ambos conheço o centro,
Quero-o hir alevantar,
E hiremos para dentro
Neste caso praticar.

Eis aqui um Dialogo cerrado, vivo, sem inutilidades e cheio de artifício; estou certo que nem Moliere, nem Goldoni, os dous maiores mestres da Comedia moderna, se tirariam mais airosamente de situação tão delicada, do que o fez aqui um Poeta moço, sem experiencia de Theatro, mas a quem o Genio revelava os segredos da arte.

Maior progresso de arte se observa no Amphitrião, assumpto, que o Poeta tomou de Plauto, manejando-o tanto a seu modo, que um Leitor, que não conhecesse a Comedia latina, sem difficuldade julgaria esta por inteiramente original. Já aqui se encontra uma Fabula regularmente composta, e caracteres bem desenvolvidos, posto que os costumes estejam inteiramente modernizados, sem que isso comtudo enfraqueça a força, e interesse das situações. Nada mais gracioso que as scenas burlescas entre Sosia, e Mercurio, que toma a sua figura, como Jupiter toma a figura de Amphitrião para enganar Alcmena. Vêjamos a Scena VI. do Acto II. em que Mercurio pela primeira vez sahe ao encontro de Sosia, que vem do Porto para casa com um recado de Amphitrião.

MERCURIO.

Mil vezes comigo vêjo,
Para que meu Pai se affoute,
Pois em tão pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noite,
A' medida do desejo.
E pois que como possante
A mi todo se reporta,
Chego agora neste instante
A estorvar que este bargante
Me não chegue a esta porta.

SOSIA.

No sê que miedo, ó locura
Neste pecho se me cria :
Por Dios, que se mi afigura
Que hay mucho, que es noche escura,
Sin que venga el claro dia :
Mas sabed que pienso yo
Que el Sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que a noite quando cenó
Algum buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

MERCURIO.

Já sentes comprida a noite,
Que eu assim mandei fazer ?
Pois mais te quero dizer
Que sentirás muito açoitê,
Si cá quizeres vir ter.
Porém pois este bargante
Tem medroso coração,
Quero-me fingir Ladrão
Ou Phantasma, e por diante
Não hirá si vem á mão.
E com tudo, si passar,
A falla quero mudar
Na sua de tal feição,
Que couces, e porfiar
Lhe façam hoje assentar
Que sou Sosia, e elle não.
No veo passar nenguno,
En quien yo me pueda hartar.

SOSIA.

A quien oigo aqui hablar ?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera apporrear.

MERCURIO.

La carne d'algun humano
Me sería mui sabrosa.

SOSIA.

Oh ! que vos tan temerosa !
Hombres comes, oh mi hermano !
No es mejor otra cosa ?
Carne humana es mui mesquina !
Oh ! no comas d'esso, no !
Antes carne de Gallina.
Pero si mas s' avicina
Que mas Gallina que yo ?

MERCURIO.

Una voz de hombre agora
A la oreja me voló.

SOSIA.

Pesele quien me parió !
La voz traigo voladora ?
Ella quisera ser yo.
Pues mi voz pudo volar
Dó la pudiesses oir,
Por contigo no reñir
Me debiera de prestar
Las alas para huir :

MERCURIO.

Que buscas cabe essa puerta,
Hombre ? sé que eres Ladron.

SOSIA.

Ai ! que el alma tengo muerta !

Oh ! Jupiter me convierta
Las tripas en coraçon.

MERCURIO.

Quien eres ? quieres hablar ?

SOSIA.

Soy quien mi voluntad quiere.

MERCURIO.

Piensas que puedes burlar ?

SOSIA.

Y tu puedesme quitar
Que yo sea quien quisiere ?

MERCURIO.

Osas hablar tan osado ?
Don Vellaco beheron !
Di quien eres ?

SOSIA.

Un Criado
Del Señor Amphitrion.
Por nombre Sosia llamado.

MERCURIO.

Pienso que el siso perdiste,
Como te llamas, mal hombre ?

SOSIA.

Sosia soy, si no me oiste.

MERCURIO.

Como ? en persona tan triste
Osas de ensuciar mi nombre ?
Éstos puños llevarás
Pues tener mi nombre quieres,
Queresme decir quien eres ?

SOSIA.

Oh Señor, no me des mas,
Que yo sere quin tu quisieres.

MERCURIO.

Con tan nova falsedad
Andais por esta Ciudad,
Delante de quien os mira ?
Pues si sois Sosia, tomad.

SOSIA.

Si me das por la verdad,
Que me harás por la mentira ?

MERCURIO.

Y que verdad es la tuia ?
Que te quiero dar castigo.

SOSIA.

Si no soy Sosia que digo,
Que Jupiter me destruia.

MERCURIO.

Mirad el falso inemigo !
Tomad esso bofeton,
Que yo soy Sosia, e no vos.

SOSIA.

Tu Sosia !

MERCURIO.

Sosia por Dios,
Esclavo de Amphitryon.

SOSIA.

De modo que tiene dos !

MERCURIO.

No terá aunque tu quieres,
Que a mi solo conoció.

SOSIA.

Pues luego de quien soy yo ?

MERCURIO.

Si tu no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa ? nó.

SOSIA.

Enfin, has me de hacer crer
Que yo no soy quien soy yo ?

MERCURIO.

Quien solias ta de ser ?

SOSIA.

Tregoas me has de prometer,
Dirto-lo hey sin porfia.

MERCURIO.

Prometo.

SOSIA.

No me daras?

MERCURIO.

No, si no fuere razon.

SOSIA.

Pues, hermano, ta sabras,
Que mi amo Amphitryon. . . .

MERCURIO.

Tu amo? pues llevaras,
Mi amo es, que tuio nó.

SOSIA.

Ai que un braço me quebró.

MERCURIO.

Mas que luego te matasse.

SOSIA.

Ojalá Dios ordenasse
Que tu aora fuesses yo,
Y yo que te desmembrasse.

MERCURIO.

Essa tu tema tan loca
Puñadas te la han de quitar,
Dime, oh, verguenza poca,
Que hablas?

SOSIA.

Que puedo hablar?
Si me has quebrado la bocca?

MERCURIO.

Di quien eres sin fatiga.

SOSIA.

Soy un hombre, en quien tu das.

MERCURIO.

Dime pues que nombre has.

SOSIA.

Como quieres tu que diga
Para que no me des mas?

MERCURIO.

No me has de hablar contrahecho.

SOSIA.

Toda mi vida passada
Sosia fui, y con despecho
Aora soi.... que?... soy nada.
Que tus manos me han deshecho.

MERCURIO.

Cuyo eres, pues los sientes,
Dexando consejos vanos?
La verdad, que si me mientes
Das con la lingua en los dientes,
Y yo doite con las manos.

SOSIA.

Conoces Amphitrion?

MERCURIO.

Hombre sin seso te llamo,
Tan fuera estas de razon!
Piensas de mi, bevarron
Que no conosco a mi Amo?

SOSIA.

En su casa conociste
Uno que es Sosia llamado,
Hombre despreciado, y triste?

MERCURIO.

Dessa suerte lo dixeste!
Yo soy triste, y despreciado?
Pues sabe que te llegó
A la muerte tu fortuna.

SOSIA.

Pues luego si yo no soy yo,
Aunque nadie me mató,
Soy luego cosa ninguna.
Oh Dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto,
O morime la razon?
Yo no soy d'Amphitrion?
Y no me mandan del puerto?
Yo sé que no estoi loco,
De mi madre no naci?
No ando? no hablo aqui?

MERCURIO.

Pues sociega aora hum poco,

Que yo tambien diré de mi.
Yo no sé que yo soy yo?
Yo no te di con mis manos?
Mi Señor no me llevó
A la guerra, a dó mató
A quel Rey de los Thebanos?

SOSIA.

Yo esso mui bien lo sé.
Empero tu que hacias
Quando la batalla vias?

MERCURIO.

Escucha, yo lo diré,
Y cessaran tus profias.
Quando mi Señor andava
Peleando, y derramava
Lu sangre de algun mesquino,
Con una bota de vino
Yo lo mio accrescentava.

SOSIA.

Dice lo que yo hacia!
Con todo saber querria
Sola una cosa, si puedo,
Tu pecho entonces sentia...

MERCURIO.

De beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.

SOSIA.

Y despues?

MERCURIO.

Mui reposado
A dormir me eché de grado,
Desde el Sol hasta la Luna.

SOSIA.

Todo lo tiene contado.
Alfin tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna.
Pues de todo en un instante
Me has echado de mi fuera,
Aconseja-me si quiera
Que seré daqui adelante,
Pues no soy quien d'antes era.

MERCURIO.

Quando yo no ser quisiere
Esse que tu ser deseas,
Despues que yo Sosia no sea,
Darte hey, si te pluguiere,
Licencia que todo seas.
Y acojote luego amigo,
A buscar tu nombre digo,
Pues Dios vida te dexó,
Que el Sosia quedó amigo.

SOSIA.

Pues contigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.
Aora quiero hir alla
A do mi Señora esta,
Contar le como es venido
Mi Señor.... mas oh perdido!
Si un otro yo tiene alla
Todo lo tenia sabido.

MERCURIO.

Ah Hombre!

SOSIA.

Mi voz sonó!

MERCURIO.

Adonde vuelves aora ?

SOSIA.

Por Diós no sê onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena és mi Señora.

MERCURIO.

Adonde vas ?

SOSIA.

Con message
Para Alcmena.

MERCURIO.

Adó, Selvaje ?
Pues quebraste la omonaje
Ahi veras tu perdicion.
Yo doite consejos sanos,
Y porfias otra vez ?

SOSIA.

Altos Dioses Soberanos
Pues no me valen las manos,
Aqui me valgan los pies.

E' verdade que a situação é de Plauto ; mas o dialogo é de Luiz de Camões, e esse dialogo é rigorosamente comico. Faz riso, e dó a confusão do pobre Sosia, que atarantado do que ouve, e das pancadas que leva, chega a persuadir-se que não é nada ; igual chiste tem a Scena II. do Acto III. entre Amphitrião, e Sosia. A quarta do mesmo Acto entre Amphitrião, Alcmena, e Sosia : é igualmente bem concebida, bem executada, e summamente theatral a Scena I. do Acto IV. entre Jupiter, Alcmena,

e Sisia; e finalmente todo o Acto V. em que Amphitrião, attonito do que passa, se vê reduzido quasi a endoudecer. Confesso que em todas as Obras de Gil Vicente não encontro uma composição, que possa comparar-se com esta Comedia, que estou bem certo que, representada por bons Actores, ainda hoje seria applaudida no theatro.

A terceira Comedia de Camões tem por titulo *Filodemo*, e foi o primeiro modelo daquellas Comedias de fabulla emburilhada, que por tanto tempo reinaram no Theatro Hespanhol, e de que se encontram tantas entre as Obras dos seus mais famosos Poetas Dramaticos como Lope de Vega, Calderon, Moreto, Roxas, e Alarcon. O seu assumpto é o seguinte.

Havendo certo Fidalgo Portuguez, que andava na Costa de Dinamarca, agradado tanto á filha d'El-Rei, que achando-se a Princeza, em consequencia desses amores, ameaçada de passar de Donzella a Dona, tomaram ambos o unico partido, que lhe restava, que era fugir daquelle Reino.

Chegados á Costa de Hespanha, aonde elle tinha grandes possessões, sobreveio horrivel tempestade, que despedaçou o navio nos rochedos, perecendo todos os que nelle vinham, á excepção da Princeza, que pôde ganhar a terra sobre uma prancha, porém, apenas havia sahido em terra, deu á luz dous filhos, varão, e fêmea, e no mesmo momento expirou.

Os choros dos innocentes chamaram áquelle logar um Pastor daquellas visinhanças, que compadecido tomou conta delles, e os levou para sua casa, onde foram creados.

O minino, a quem deram o nome de Filodemo, levado de inclinação natural, abandonou os campos dirigindo-se a uma cidade, aonde por sua discrição, e pericia na musica alcançou grande valia em casa de D. Lusidardo, que era irmão de seu Pai.

Ignorando o parentesco, que os ligava, namorou-se de Dionisia, filha de seu amo, e foi correspondido nos seus amores; ao mesmo tempo que Venadoro, filho de D. Lusidardo, que era muito dado ao exercicio da caça, seguindo um Viado, separou-se dos companheiros, foi dar a uma fonte, onde Filomena, irmã de Filodemo estava enchendo o seu cantaro, e de modo se apaixonou por ella,

que não quiz mais apartar-se daquelle sitio. Lusidardo, depois de have-lo procurado largo tempo, sabendo por um Magico, chamado Duriano, que os orfãos eram seus sobrinhos, os reconhece como taes, e consente nesta união.

Esta Comedia a quem caberia melhor o nome de Novella Dramatica, destingue-se das outras em ter algumas Scenas escriptas em prosa como alguns Dramas de Shakespeare, assim dous Poetas de nações tão diversas, e que então communicavam tão pouco, tomaram sem communicação alguma o mesmo caminho. Pela minha parte não posso approvar esta mistura em uma Peça, ha muita differença entre a prosa, e o verso, para que a passagem repentina de uma destas linguagens para a outra, no mesmo Drama, possa fazer-se sem que se resintam os ouvidos de um espectador milindroso.

No Filodemo acham-se as Scenas sérias matizadas com as jocosas, e de umas, e de outras ha muitas excellentes: tem variados, e interessantes caracteres, affectos vivos, e sobre tudo é bem dialogada, como póde vêr-se na Scena VII. do Acto I., em que o gracioso Velardo, que surprehendeo o segredo de seu amo, se exprime desta maneira.

VELARDO.

Ora bem esta a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da Cama
Para ouvi-lo! esta tomada!
Assim a tome má trama.
E mais crede que quem canta
Ainda descantará:
E quem do leito, onde está,
Por ouvi-lo, se levanta
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar
Que Dama formosa, e bella,
Saltasse o Demonio nella,
Para a fazer namorar
De quem não é igual della?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz Celestina,

Que por não lhe haver inveja,
Tambem para si deseja
O que o desejo lhe ensina ?
Crede que si me alvoroço
Que a heide tomar por Dama ;
E não será gran destroço,
Pois o amo quer a ama,
Que a moça queira o Moço.
Vou-me, que véjo lá vir
Venadoro apercebido
Para á caça se partir.
E voto a tal, que he partido
Para vêr, e para ouvir.
Que he razão justa, e raza
Que seu folgar se desconte,
Em quem arde como braza ;
Que si vai caçar ao monte
Fique outro caçando em casa.

E igualmente perfeito, em outro estylo, o dialogo da
Scena II. do Acto III. entre Venadoro, e Florimena,
junto da fonte onde a encontra.

VENADORO.

Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveu,
Dizei-me, por qual ventura
Andareis nesta espessura,
Merecendo estar no Ceo ?

FLORIMENA.

Tamanho inconveniente
Andar na terra parece ?
Pois a ventura da Gente
Sempre he mui differente
Do que, ao parecer, merece.

VENADORO.

Tal resposta he manifesto

Não se parecer co'as Cabras,
Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co' gesto
Sinão inda com palavras?
No matto tudo he rudeza,
Ha tal gesto, e discrição!
Não o creio.

FLORIMENA.

Porque não?
Não suprirá natureza
Onde falta a criação?

VENADORO.

Já logo nisso, Senhora,
Dizeis, si não sinto mal,
Que de vosso natural
Não hera serdes Pastora.

FLORIMENA.

Digo, mas pouco me val.

VENADORO.

Pois quem vos pode trazer
A' conversação do monte?

FLORIMENA.

Perguntai-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crêr
Hum as faça, e outro as conte.

VENADORO.

Essa fonte que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA.

Senhor, mais não pergunteis,

Porque outra cousa de mi,
Sabei que não sabereis.
De vós agora sabeis,
O que não tendes sabido,
Si quereis agoa, bebei,
Si andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VENADORO.

Senhora, eu não vos pedia
Que ninguem me encaminhasse,
Que o caminho, que eu queria,
Si o eu agora achasse,
Mais perdido ficaria.
Não quero passar daqui,
E não vos pareça espanto,
Que em vos vendo me rendi,
Porque quando me perdi,
Não cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA.

Senhor, quem na Serra mora
Tambem entende a verdade,
Dos enganos da Cidade :
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual fôr mais sua vontade.

VENADORO.

Oh lindissima Donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como Estrella !
Quereis-me deixar a pena
E levas-me a causa della ?
E já que vós conjurastes
Vós, e Amor para matar-me,
Oh não deixeis de escutar-me !
Pois a vida me tirastes,
Não me tireis o queixar-me !
Que eu em sangue, e em nobreza

O claro Ceu me extremou,
E a Fortuna me dotou
De grandes bens, e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui
Apoz hum Cervo ferido,
Permittio meu fado assi
Que andando dos meus perdido
Me venha perder a mi.
E porque inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem me ensinasse
Porque via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittio
A Fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o Cervo ferio
Vá como o Cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte
Eu a elle, outrem a mi!
Huma differença ha aqui
Que elle vai sarar á fonte,
E eu nella me ferí,
E pois que tão transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA.

Dos Arminhos ha certeza,
Si lhe a cova alguém çujar,
Morar fóra antes de entrar.
De estimar muito a limpeza
Pela vida a vai trocar.
Tambem quem na Serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser Pastora,
Que perder a castidade

A troco de ser Senhora.

Si mais quereis, esta fonte

Vos descubra o mais de mim,

O que ella vio, ella o conte,

Porque eu vou-me para o monte

Porque ha já muito que vim.

Resta agora dar uma amostra da prosa comica de Camões, e será ella o monologo de Duriano, com que se abre o segundo Acto, escolho de pensado um monologo para que se conheça o tino dramatico de Camões, comparando este soliloquio tão breve, e tão rapido, o bem cortado de suas clausulas, e rhythmos tão apropriados á representação com as estiradissimas parlendas, que a cada passo se encontram nas Comedias de Ferreira, e Sá de Miranda, cuja verbosidade insoffrivel occupa ás vezes paginas inteiras, apurando a paciencia dos Leitores; e que faria a dos Espectadores se fosse possivel, que taes Dramas hoje subissem á Scena.

DURIANO.

Pois não creio eu em S. Pisco de pau, si heide pôr pé em ramo verde, the lhe dar trezentos açoutes. Depois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque não lhe mandei logo o setim para as mangas, fez de mim mangas ao Demo! Não desejo eu de saber sinão quem é o galante, que me succedeo!.. Que si vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado á minha!.. Ora tenho assentado que o amor destas anda com o dinheiro, como a maré com a Lua!.. Bolsa cheia, amor em aguas vivas; mas si se vasa, vereis espraiair este engano, e deixar em secco quantos gostos andavam como o peixe n'agua!

Temos visto até agora Camões superior em todos os generos de composição aos mais affamados Poetas Portuguezes do seu seculo; vêjamos agora como com o seu Poema se collocou a par dos Epicos de primeira ordem de todos os Paizes da Europa moderna.

CAPITULO II.

Os Lusíadas de Luiz de Camões.

Quando Luiz de Camões empreheendeu a composição dos Lusíadas não havia na Europa um só Poema vulgar, que podesse servir-lhe de guia. Que podia elle apprender da *Italia Liberata* de João Jorge Trissino, si não que seu Author succumbíra debaixo do pezo do seu assumpto, e que imita-lo era um meio seguro, e infalivel para não ser lido? E' certo que podiam ensinar-lhe muito Dante na sua *Divina Comedia*, Ariosto, no *Orlando Furioso*, e Baiardo no *Orlando innamorato*, mas nesse muito, que elles podiam ensinar-lhe, não se comprehendia a urdidura, o estylo magestoso, a simplicidade de acção, e o colorido, e versificação propria de um verdadeiro Poema Heroico!

Camões era, como Shakespeare um Genio poderoso, e original, e abriu na Epopeia um caminho novo como aquelle o havia praticado no Drama. Em vez de cantar um heroe, e uma acção, como haviam praticado os antigos Epicos, cantou todas as acções grandiosas, e sublimes dos seus patricios, prepondo-as, e unindo-as com tanto engenho, e artificio, que soube fazer dellas um todo regular, e harmonioso: mas esta concepção era demasiadamente sublime para os homens do seu tempo, e por isso escapou aos seus admiradores, que só o louvavam pela belleza, e elegancia do estylo, e pela vivacidade pitoresca dos quadros; e aos seus detractores, que á força queriam fazer entrar nas molduras das regras de Aristotelles, um painel que não havia sido feito para ellas; foi por tanto louvado, e censurado sem ser comprehendido.

No intervallo, que decorreu desde o tempo da publicação dos Lusíadas, até ao seculo passado, sómente um

homem atinou com a idéa fundamental daquelle Poema, este homem era grande Poeta, este homem foi Rochefort, que deu aos Francezes a mais elegante traducção em verso, si não a mais fiel, da Iliada de Homero. Fallando de Luiz de Camões nas bellissimas, e eruditas prefacções da sua Obra, diz elle « *Um espirito tão ardente como o seu não podia deixar de produzir um novo genero de Epopeia.*

Sim, foi elle o primeiro, o unico até ao seu tempo, que comprehendeu a idéa do Poeta, porque só ao genio é dado comprehender o genio, e para traduzir Homero como Rochefort o traduzio, é condicção indispensavel o ter genio.

Luiz de Camões, considerando as façanhas dos Heroes Portuguezes, vio que a mais importante de todas pelos seus grandes resultados, não só para este Reino mas para a humanidade, era o descobrimento da India por Vasco da Gama; conheceu mais, que Portugal entregue aos Jesuitas, á Inquisição, e a um Governo dominado por estas duas potencias maleficas, principiava a decahir do pinaculo da gloria, a que havia subido, e que tanta grandeza adquirida á custa de tamanhas fadigas, e tanto sangue heroico generosamente vertido, hiria em breve sumir-se no esquecimento; quiz pois salvar este thesouro das glorias nacionaes imprimindo-as em um monumento, que resistisse á foice do Tempo, e que nos seculos futuros dissesse ao Mundo inteiro « Eis aqui o que foi Portugal, respeitai-o, Povos da Europa, porque nenhum de vós fez tanto. »

O Homero Portuguez, para conseguir este grande fim levantou no Parnaso uma Pyramide mais soberba, que todas as do Egypto; collocou Vasco da Gama no cimo, porque a sua acção foi o remate das façanhas Lusas, e nas quatro faces da mesma Pyramide grupou sem confusão em baixo relevo todas as proezas dos seus Reis, e dos seus Heroes antigos, e modernos. Nenhum homem ainda consagrou á sua Nação um Monumento tão brilhante!

Esta idéa era grande, sublime, original: mas para leva-la á execução, para reduzir á unidade tantas, e tão variadas acções de tão differentes tempos, era necessario um genio gigantesco, um homem tão essencialmente Poe-

ta como Luiz de Camões, e a prova é, que foi necessario a phylosophia do nosso seculo para comprehende-lo bem, e avalia-lo devidamente! E que será se nos lembrarmos que para tão grande empreza Camões achou uma lingua, que apenas começava a depurar-se das fezes Godas; em que pouco se havia escripto, e, que podesse dizer-se bom, muito menos? Que Camões a aperfeiçoou, creando o dialecto poetico, separando-o da prosa, com que até ali andava confundido, elevando-o de repente a par dos magestosos quadros, que traçara em sua idéa creadora, introduzindo novas palavras, e novas formas de dizer tão elegantes, tão puras, que ainda não envelheceram, quando a linguagem dos seus contemporaneos se tem tornado em grande parte obsoleta?

Mal o avaliavam porém os Criticos myopes, que enfiados de um saber pedantesco, e dominados pelos preconceitos escolasticos, se obstinavam em que os *Lusiadas* eram fundidos nos moldes da *Iliada*, e da *Eneida*, em que Vasco da Gama era o Heroe do Poema, e o descobrimento da India o seu assumpto, e em chamarem episodios á Historia dô Reino, e a todas as narrações de façanhas de Heroes Lusitanos! Mal pensavam elles, que esses chamados episodios eram partes integrantes do assumpto, e que os episodios dos *Lusiadas* consistem apenas na parte mythologica, e em algumas descrições como a da Europa, e da Ilha dos Amores; a Historia de S. Thomé, as exclamações do Velho na praia, a narração de Monçaide, &c.

Com o mesmo fundamento atacaram o Titulo, e a Proposição, dizendo que o Poeta ignorava os principios da arte, porque no primeiro indicava muitos heroes, e não um só, e na segunda misturava episodios com a acção; mas pela razão acima apontada se vê, que o Titulo, e a Proposição eram o que deviam ser, e que os Criticos é que não os entendiam.

A maneira porque Luiz de Camões teceu a fabula do seu Poema é na verdade muito engenhosa, e cheia de artificio, mas como em todas as causas humanas se encontra o sello da imperfeição, cumpre confessar, que este plano é pouco favoravel para o grande desenvolvimento dos caracteres, mas o interesse, que resulta deste desen-

volvimento é sobejamente compensado pelo patriotismo ardente, e enthusiasmo pela gloria da patria, que passando do coração do Poeta para a sua Obra, fez dos Lusíadas o Poema mais nacional, e popular que até agora tem apparecido na Europa.

Alguns Criticos tem condemnado o Homero Lusitano por haver fundado o maravilhoso da sua Epopeia na Mythologia Grega, e Romana, que elles julgam inconveniente em um Poema de assumpto moderno, e cujos heroes são christãos; quizeram alguns defende-lo por meio da alegoria, e o Cardeal du Perron de Castera nas notas da sua traducção em prosa franceza não duvidou de affirmar, que por Marte se entendia Jesus Christo, e por Venus a Virgem Maria, na verdade que, si fosse assim, os symbolos não podiam ser melhor escolhidos!

Sem tomar tanto trabalho, sem gastar tanta subtileza, direi para defender Camões, que a mythologia no seu tempo, era considerada como parte essencial de toda a Poesia; que ella apparece, mais, ou menos, nos Poemas mais affamados da Italia, no Orlando de Baiardi, no de Ariosto, no Goffredo de Tasso, e até mesmo no *Parto da Virgem* de Sannazzarro, e porque hade fazer-se-lhe um crime de praticar o que todos praticavam, e de seguir a opinião do seu seculo?

Ainda mais, haverá alguém tão insensivel aos encantos da grande poesia, que negue que muitas das bellezas mais sublimes do Poema, como o Adamastor, a Ilha dos Amores, o Sonho d'El-Rei D. Manoel, a Pintura dos Paços de Neptuno, as Nymphas salvando as Náos, tem fundamento nessa mythologia, e que sem ella não existiriam? Não por certo; pois essa é a melhor defeza de Camões, porque um defeito que produz belleza de ordem superior, e em grande numero, já mais póde considerar-se defeito, si não pelas almas de gêlo, que raciocinam, e não sentem: para avaliar obras de imaginação é preciso ter imaginação, como para julgar de musica é necessario não ser surdo.

Um dos principaes predicados de Camões como Poeta Epico é a dexteridade de fundir a sua muita erudição na poesia, sem cahir na pezadez, e na pedantaria, como muitas vezes acontece a Vasco Mosinho de Quevedo no seu

Afonso Africano, em que parece que tem mais empenho em passar por erudito, que por Poeta.

O seu espirito phylosophico brilha nas sentenças, e moralidades cheias de bom senso, e que indicam grande conhecimento do mundo, com que deu realce ao seu Poema. É verdade que o Padre Francisco José Freyre na sua Arte Poetica as julgou demasiadas, tendo a multiplicidade das sentenças por mais propria da Tragedia; mas eu não posso ser desta opinião, nem acabo de entender que ao Poeta Tragico, que falla por entrepostas pessoas caiba mais liberdade para moralisar que ao Epico, que falla por si, e se supõe inspirado immediatamente por uma divindade.

Outros acham muito amiudadas as suas digressões, mas essas digressões são tão patheticas, e cheias de interesse quando o Poeta falla de si, tão energicas, e vehementes quando o zêlo patriotico o leva a invectivar a corrupção dos costumes do seu seculo, a degeneração dos brios da nobreza, a ambição dos grandes, os abusos do Poder, que de certo não sei quem terá animo para condemnal-os, quem ha ahi tão barbaro que deseje vêr supprimida as invectivas que elle faz no principio do Canto VII. contra as Nações da Europa, que se dilaceravam em discórdias civis, e guerras religiosas, em proveito dos inimigos da fé.

Vêde-los Alemães, suberbo Gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do Successor de Pedro rebellado,
Novo Pastor, e nova Seita inventa:
Vêde-lo em feias guerras occupado,
Que inda co'cego error se não contenta:
Não contra o superbissimo Othomano
Mas por sahir do jugo soberano.

Vêde-lo duro Inglez, que se nomêa
Rey da velha, e antiquissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorêa:
Quem vio honra tão longe da verdade?
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade,

Para os de Christo tem a espada núa,
Não por tomar a terra que era sua.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rey
A Cidade Hierosolyma terrestre,
Em quanto elle não guarda a Santa Ley
Da Cidade Hyerosolyma celeste;
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto,
E não contra o Cynipho, e Nilo Rios
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se ham de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz o nome, e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles, que em delicias
Que o vil Ocio no Mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divicias
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da Tyrannia inimicicias
Que o Povo forte tem de si inimigo:
Contigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesmo adversa.

Oh miseros Christãos! pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparsidos,
Que hums aos outros se dam a morte dura
Sendo todos de hum Ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de Cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pola guerra?

Vêdes que tem por uso, e por Decreto,
Do qual sam tão inteiros observantes,

Ajuntarem Exército inquieto
Contra os Povos, que sam de Christo amantes;
E entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear zisanias repugnantes,
Olhai si estaes seguros de perigos,
Que elles, e vós, sois vossos inimigos.

Si cobiça de grandes Senhorios
Vos faz hir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo, e Hermo rios
Ambos vovem auríferas aréas?
Em Lidia, Assiria lavram d'ouro os fios,
Africa esconde em si lusentes veias,
Mova-vos já si quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa Santa.

Aquellas invensões feras, e novas,
De Instrumentos mortaes, de Artelharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bisancio, e de Turquia,
Fazei que torne lá ás silvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scithia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armeneos, Georgeanos
Bradando-vos estam, que o Povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão!... duro tributo!...
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queiraes louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas em tanto que cégos, e sedentos,
Andaes de vosso sangue, oh Gente insana,
Não saltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena Casa Lusitana.
Na Africa tem maritimos assentos,

He na Asia mais que todas soberana,
 Na quarta parte nova os Campos ára,
 E, si mais Mundo houvera, lá chegára.

Aqui a elegancia do estylo, a viveza das imagens, a força da expressão, e do metro estam a par da elevação das idéas, e era esta a primeira vez que as Musas Lusitanas ousavam cantar neste tom. Dirá alguem que este bello trecho prejudica o Poema, ou é indigno da magestade da Epopeia?

Não é menos bella a digressão que se lê no Canto oitavo, Estança cincoenta e quatro sobre o escrupulo, que os Reis devem ter na escolha dos seus Conselheiros.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
 De olhar que os Conselheiros, ou privados,
 De consciencia, e de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados!
 Porque como esté posto na superna
 Cadeira, pôde mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua Conselheira.

Nem tão pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa, e certa,
 Que se enleve n'hum pobre, e humilde manto
 Onde ambição acaso ande encoberta;
 E quando hum bom em tudo he justo, e santo
 Em negocios do Mundo pouco acerta,
 Que mal com elles poderá ter conta
 A quieta innocencia em só Deos prompta.

Esta doutrina é muito conforme com a boa razão, e a boa politica, e nella transflora o despeito patriotico do Poeta, vendo todos os negocios publicos mover-se pela influencia, e interesse dos Jesuitas, em quem D. Sebastião tinha uma confiança cega, e elle previa que disto viria, como veio, a ruina do Estado.

No Canto nove, Estança dezeseis tornou o Poeta de novo a censurar os erros daquella Côrte, governada por Frades, e os vicios dos Cortezãos, que uns, e outros de

tudo cuidavam, com tudo se entrometiam, mas sem lembrar-se de remediar as desgraças do povo.

Via Acteon na caça tão austero
De cégo na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero
Foge da gente, e bella fôrma humana,
E por castigo quer doce, e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana,
E guarde-se não seja inda comido
Desses Cães, que agora ama, e consummido.

Quem se lembrar que D. Sebastião era, segundo a phrase da Escriptura *um poderoso Caçador diante do Senhor*, que com o engodo da caça o seu Confessor Jesuita, e o seu Escrivão da Puridade, irmão do Confessor, o traziam sempre fóra da Capital, para desvia-lo da conversação, e tracto dos Fidalgos velhos, carregados de serviços, e experiencia, e zelosos do bem público, facilmente conhecerá o alvo, a que é dirigido este tiro.

As pinturas dos Lusíadas sam cheias de movimento, de acção, verdade, e colorido; parece que não ouvimos o que narra o Poeta, mas que os factos se passam diante dos nossos olhos, tal é a seguinte do Canto primeiro.

Andam pela ribeira alva, arenosa
Os bellicosos Mouros accenando,
Com a adaga, e co'a hasta perigosa
Os fortes Portuguezes incitando;
Não soffre mais a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando,
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

Qual no corro sanguineo o lêdo Amante,
Vendo a formosa Dama desejada,
O Touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, accena, e brada!
Mas o animal atroz nesse instante
Com a fronte cornigera inclinada,

Bramando duro corre, os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põem por terra.

Esta comparação é original, e refere-se a um espectáculo privativo dos habitantes da Península Iberica, mas parece traduzida de Homero pela viveza das côres, e a valentia da expressão. Prosigamos

Eis nos Bateis o fogo se levanta
Da furiosa, e dura Artelharia,
A plumbea pella mata, o brado espanta
Ferido o ar retumba, e assovia :
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria ;
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureiro !

Que abundancia ! que viveza de colorido ! que energia
de expressão ! que verdade ! e que judiciosa escolha de
circunstancias !

A plumbea pella mata, o brado espanta
Ferido o ar retumba, e assovia.

Sam dous versos, que Virgilio, e Homero invejariam, cheios
de harmonia imitativa, e em toda esta Estança, não ha
uma palavra ociosa, um termo improprio, um verso me-
diocre ; e no Poema ha centenaes dellas, de que póde
dizer-se o mesmo ; que admira pois que um Poema es-
cripto desta maneira goze de uma reputação Europea !

Não se contenta a gente Portugueza,
Mas, seguindo a victoria, estrue, e mata,
A Povoação sem muro, e sem defeza
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou compra-la mais barata.
Já blasphema da guerra, e maldizia
O Velho inerte, e a Mãe, que o Filho cria.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,

A pedra, o pau, o canto arremessando,
Dá-lhe armas o furor desatinado,
Já a Ilha, e todo o mais desamparando,
A terra firme foge amedrontado.
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a Terra em torno cerca, em pouco espaço.

Huns vam nas Almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado deligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os Pangaios subtis da bruta gente,
Desta arte o Português em fim castiga
A vil malicia, perfida, e inimiga.

Tornam victoriosos para a Armada
C'o despojo da guerra, e rica presa,
E vam a seu prazer fazer agoada
Sem achar resistencia, nem defeza,
Ficava a Moura Gente magoada,
No odio antigo mais que nunca acceza,
E, vendo sem vingança tanto damno,
Sómente estriba no segundo engano.

Para descrever esta escaramuça com tamanha propriedade, e viveza, não bastava ser Poeta; era necessario juntar a esta qualidade as de Navegador, e Soldado, e haver presenciado, e tomado parte em factos identicos. Neste trecho só ha dous versos que me descontentam, não porque sejam ruins, mas porque descem um tanto da magestade de estylo do resto.

Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou compra-la mais barata.

É sobre tudo nas descripções maritimas, que mais realça o talento de Luiz de Camões, vejã-se as Estanças quarrenta, e cinco, e seguintes do mesmo Canto.

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos Bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o largo mar com larga véla :
A Gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della,
« Que Gente será esta ? (em si diziam)
« Que costumes ? que Leys ? que Rey teriam ? »

As Embarcações heram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas,
As vélas, com que vem, heram de esteira,
De humas folhas de Palma bem tecidas.
A Gente da côr hera verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao Mundo deu, de ousado e não prudente,
O Pado o sabe, e Lampethusa, o sente.

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias côres, brancos, e listados ;
Huns trazem de redor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados.
Das cintas para cima vem despidos,
Por armas tem adagas, e traçados,
Com toucas na cabeça, e, navegando,
Anafins sônoros vem tocando.

C'os pannos, e c'os braços acenavam
A's Gentes Lusitanas, que esperassem,
Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás Ilhas amainassem :
A Gente, e Marinheiros trabalhavam
Como si aqui os trabalhos se acabassem,
Tomam vélas, amaina-se a verga alta,
D'ancora o mar ferido em cima salta.

Não heram ancorados quando a Gente
Estranha pelas cordas já sobia,
No gesto lédos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As Mezas manda pôr incontinente ;

Do licor que Lieu plantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada enjeitam.

O que dá mais interesse a esta pintura, é o escrupulo, com que o Poeta notou todas as circumstancias deste encontro, que os Portuguezes tiveram com aquelles barbaros, a fórma dos bateis, sua ligeireza, suas vélas tecidas de folhas de palmeira, a côr dos novos mareantes, seus trages listados, uns cingidos ao corpo, outros sobraçados, as toucas, ou turbantes, que traziam na cabeça, as armas de que usavam; é isto o que se chama colorido local, e é pena que o Author tanto amiudo se esquecesse delle! Mas como é natural a alegria dos Portuguezes vendo apparecer aquelles bateis em taes paragens! as considerações que fazem a respeito daquella gente estranha! o alvoroço dos barbaros ao descobrir embarcações tão differentes das suas, aquelle acenar com os pannos, e com os braços para que os esperassem! aquelle trepar pelas cordas para entrar nas naus apenas ancoradas, a franqueza com que comem, e bebem quanto se lhe apresenta, tudo isto sam pinceladas de mestre, tudo isto é palpitante de verdade! A versificação não desmerece das idéas, e

Tomam vélas, amaina-se a verga alta,
D'ancora o mar ferido em cima salta

sam dous versos daquelles, que só Camões sabia fazer.

As Estanças cincoenta, e oito, e cincoenta, e nove, contém as duas mais breves, mais amenas, e graciosas pinturas de uma noite de luar, e do nascer da Aurora, observadas do mar, que a poesia até agora produziu.

Da noite os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas.
Os furiosos Ventos repousavam
Pelas covas escuras, peregrinas,
Porém da armada a Gente vigiava
Como por longo tempo costumava.

Mas assim como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a rôxa entrada
Ao claro Hyperionio, que accordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou
Por receber com festas, e alegria
O Regedor das Ilhas, que partia.

Como esta pompa, e alegria maritima, e militar se combina bem com o espectaculo de uma formosa madrugada! Como era formosa, e rica a imaginação, que produzia sem custo estes quadros!

Igual viveza, e força de colorido maritimo encontramos no quadro do Canto segundo, em que Venus, e as Nymphas do Mar, impedem a armada de entrar no Porto de Mombaça, onde os Mouros lhe tinham apparelhada a destruição.

As ancoras tenaces vam levando
Com a nautica grita costumada,
Da prôa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalisada,
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a Gente assignalada,
Vendo a Cidade grande, e tão secreta,
Vôa do Ceo ao Mar como uma setta.

Convoca as alvas Filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar nasceo
Das aguas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Já n'agoa erguendo vam com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma,
Doto c'opeito corta, e atravessa
Com mais furor o mar, do que costuma:

Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima d'agua crespa em força summa,
Abrem caminho as ondas encorvadas
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa ;
Não sente quem a leva o grave pezo
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento tezo
Enche as vélas da frota belicosa,
Repartem-se, e rodêam nesse instante
As Naus ligeiras, que hiam por diante.

Põem-se a Deosa com outras em direito
Da prôa Capitanea, e ali fechando
O caminho da barra estam de geito,
Que em vão assopra o Vento a véla inchando.
Põem no madeiro duro o brando peito
Para de traz a forte Nau forçando,
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Quaes para a cova as providas Formigas
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam de inimigas
Do inimigo Inverno congelado.
Ali sam seus trabalhos, e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado,
Taes andavam as Nymphas estorvando
A' Gente Portugueza o fim nefando.

Torna para detraz a Nau forçada
A pesar dos, que leva, que, gritando,
Maream vélas, ferve a Gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atravessando,
O Mestre astuto em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a Nau lhe mete medo.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro, que trabalha :
O grande estrendo a Moura Gente espanta,
Como si vissem horrida batalha ;
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuidam que seus enganos sam sabidos,
E que ham de ser por isso aqui punidos.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus Bateis veloces, que traziam ;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam.
D'hum bordo, e de outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do, que viam,
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assim como em Selvatica alagôa,
As Râas, em outro tempo Lycia Gente,
Si sentem por ventura vir Pessoa
Estando fôra, d'agua incautamente,
Daqui dali saltando, o chârco sôa,
Por fugir do perigo que se sente,
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças n'agua lhe apparecem.

Assim fogem os Mouros, e o Piloto,
Que ao perigo grande as Naus guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge saltando n'agua amara.
Mas por não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce, e chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

E accreditará alguém que um quadro tão pictoresco, tão rico de poesia, achasse barbaros, que o suprimissem em uma edição, substituindo-o por prosaicas trivialidades! Pois os Jesuitas não tiveram péjo de commetter esse sacrilegio poetico em as edições, em que mutilaram, e desfigu-

raram o Poema para desacreditar o Author, e ultrajar a sua memoria, maculando a reputação, que tanto os encomodára !

Tenho lido em Poemas nossos, e estranhos, muitas pinturas de tempestades, e algumas dellas notaveis pela belleza da poesia, mas em nenhuma encontrei ainda tanta verdade, energia, e movimento como na que o Poeta descreve no seu Canto VI., essas circumstancias sam tambem escolhidas, como o poderia fazer um homem acostumado a encontrar-se naquelles terriveis lances. É de noite, os Navegantes, que estavam de quarto, fiados na serenidade do tempo acabavam de escutar as aventuras dos Doze de Inglaterra, e já Veloso se prepára para fazer a narração das proezas, e cavallarias do gran Magriço.

Mas nesse ponto assim promptos estando,
Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca ; acodem despertando
Os Marinheiros de huma, e d'outra banda ;
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das Gaveas tomar manda.
« Alerta, (disse) estai, que o vento cresce
« Daquella nuvem negra que apparece. »

Não heram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita Procella,
« Amaina » disse o Mestre a grandes brados,
« Amaina » disse « amaina a grande véla. »
Não esperam os ventos indignados
Que amainasse, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, com ruido,
Que o Mundo pareceu ser destruido.

O Ceo fere com gritos nisto a Gente
Com subito temor, e desaccordo,
Que no romper da véla a Nau pendente
Toma gran somma d'Agua pelo bordo.
« Aloja ! » disse o Mestre rijamente,
« Aloja tudo ao mar não salte accordo ;
« Vam outros dar á bomba não cessando,
« A' bomba, que nos himos alagando.

Correm logo os Soldados animosos
A dar á bomba ; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á Nau, a hum bordo os derribaram,
Trez marinheiros duros, e forçosos.
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham de huma, e de outra parte,
Sem aproveitar de Homens força, ou arte.

Os Ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força de impeto cruel
Si para derribar então vieram
A fortissima Torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura de um Batel
Mostra a possante Nau, que move espanto
Si acaso se sustem nas ondas tanto.

Até aqui mostra o Poeta, digamo-lo o assim, em globo o effeito de uma tempestade repentina, o apito do Mestre, que chama a gente a póstos, e manda tomar os traquetes das gaviás, e ficar de prevenção para a tormenta annunciada pela nuvem negra, que se percebe ao longe ! Rompe a tormenta, os ventos despedaçam a véla grande, que hia amainar-se, os soldados correm á bomba, os marinheiros sam derribados n'um bordo pelos balanços da nau ; trez delles não bastam para menear o leme, mesmo pondo-lhe talhas ; a nau levantada, e suspendida no ar por serras de vagalhões parece á vista um pequeno batel ; nada ha que desvie a nossa attenção deste quadro medonho, não escutamos mais que o rugir das vagas, o bramar dos ventos, o ranger dos cabos, e das roldanas, a celeuma dos marinheiros, e de espaço a espaço a voz do Mestre mandando manobrar, em termos laconicos, precisos, e verdadeiramente maritimos !

Depois de desenhado este quadro com pincel Homérico, é que o Poeta passa a campi-lo, passando da generalidade á especialidade, e presentando-nos os perigos de cada nau, e os phenomenos, que acompanham estes horrores da natureza.

A Nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada; a gente chama
Aquelle que a salvar o Mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a Nau de Coelho com receio,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o Vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a vêr parece que desciam
A's intimas entranhas do profundo.
Noto, Astro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do Mundo,
A noite negra, e fera se alumia
Co' os raios, em que o Polo todo ardia.

Nada mais sublime que esta Estança, e sobre tudo os
dous ultimos versos.

As Halcyoneas Aves triste pranto
Junto da Costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram,
Os Delfins namorados entretanto,
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nesta Estança, e nas duas seguintes o Poeta soltando
alguns rasgos amenos sem disparate, nos faz conhecer
indirectamente a grandeza daquella procella, pelos seus
effeitos; com tão admiravel artificio sabia elle servir-se
da mythologia!

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gran Ferreiro sordido, que obrou
De Enteados as armas radiantes;
Nem tantos o Tonante arremessou

Relampagos ao Mundo fulminantes,
No gran diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em Gente as pedras converteram.

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas !
Quantas Arvores velhas arrancaram
Do Vento bravo as furias indignadas !
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Segue-se a deprecação do Gama, implorando o auxilio do Ceo, e finda ella o Poeta accrescenta.

Assim dizendo os Ventos, que luctavam
Como Touros indomitos bramando,
Mais, e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros tufões, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

O Poeta não pinta com menos exacção as terras, que se levantam como nuvens nos confins do horisonte, os vapores erguendo-se do Oceano, e condensando-se em nuvens, e todos os mais phenomenos da navegação.

Alguns Criticos deparando nos Lusiadas alguns trechos imitados de Poetas antigos, e modernos, accusaram Camões de falta de invenção, e de se enfeitar com pennas alheias, esta accusação é injusta, Camões imitou alguns trechos de Virgilio, e de outros, como Virgilio imitára alguns rasgos de Homero, e Appolonio Rhodio, pela maior parte melhorando-os ; mas ninguém levou tão longe esta calumnia como José Agostinho de Macedo, que não teve pêjo de afirmar, que tudo o que havia bom nos Lusiadas era furtado a outros Poetas, mas que o seu plágio chegava a ponto de copiar todas as suas narrações de Casta-

nheda, e João de Barros, sem mais trabalho, que pôr em verso a prosa daquelles Historiadores.

Quando tractar daquelle Zoilo, em logar competente, farei vêr pela comparação dos trechos, que se dizem imitados, com os originaes, que essas imitações se reduzem ás vezes á semelhança de uma só palavra, e que por isso José Agostinho foi um infame calumniador. Agora pelo que respeita aos Historiadores, direi, que uma Epopeia é uma narração de factos, e que, esses factos vai o Poeta procura-los á Historia para os pintar depois com todos os adornos da poesia, e que é tamanha estupidez chamar por isso plagiario a um Poeta, como a um Escultor por fazer uso da madeira, ou da pedra para formar as suas estatuas. Passemos aos exemplos, que instruem mais do que os argumentos.

Diz José Agostinho, que Camões no Canto primeiro, Estança sessenta e oito, quando disse

Está a Gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia de admirada,
Notando o Estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enredada.
Tambem o Mouro astuto está confuso
Olhando a côr, o trage, a sorte armada,
E perguntando tudo lhe dizia
Si por ventura vinham da Turquia?

Furtára a Castanheda Liv. I. Capitulo VI. estas palavras « O Sultão perguntou a Vasco da Gama si vinha da Turquia.

Não é isto um plagiato bem comprovado? Castanheda conta na sua historia o facto, de que o Sultão perguntou ao Gama si vinha da Turquia; Camões refere esse mesmo facto, não como historiador, mas como Poeta, ornando-o de circumstancias pictorescas, como a gente trepada pelas enxarcias, as suas reflexões, sobre o modo, trajo, linguagem, e usos dos estrangeiros; junta-lhe a confusão do Mouro, e occupando com isto, de que não ha vestigio em Fernão Lopes de Castanheda, quasi toda a Estança, só na metade do setimo verso, e no oitavo é que faz que o Mouro pergunte *si vinham da Turquia*, e

é por isso que o maledico detractor ousa affirmar que roubára a Fernão Lopes. Raciocinando assim é claro que o Doutor Antonio Ferreira na sua *Castro* foi tambem um plagiario porque fortou aquelle assumpto das Historias de D. Affonso IV., e D. Pedro I.

A accusação de fazer Oitavas pendo em verso a prosa de Barros é outra mentira infame daquelle calumniador; e não queremos mais prova disto, que o mesmo exemplo que elle cita nas suas *Reflexões Criticas sobre o Episodio do Adamastor*. Eis aqui o que diz Barros.

« Porém de todo o Gado vaccum, que traziam, nunca poderam haver delles huma só cabeça : parece que o estimam ; porque alguns Bois mochos, que os nossos viram, andavam gordos, e limpos, e vinham as Mulheres em cima delles, em humas albardas de tabua. »

Diz Camões no Canto quinto, Estança sessenta, e duas, e sessenta, e trez.

A gente, que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiópes heram,
Mais humana no tracto parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As Mulheres consigo, e o manso gado,
Que apascentavam gordo, e bem criado.

As Mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos Bois ali sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima
Que todo o outro Gado das manadas.
Cantigas pastoris em prosa, ou ryma
Na sua lingua cantam concertadas
C'os doces sons das rusticas avenas
Imitando de Tytiro as Camenas.

Dirá alguem de boa fé que nestas Oitavas se acha versificada a prosa acima transcripta ? Tudo o que ha de commun entre a primeira Estança, e a prosa de Barros é o

epitheto gado applicado a gado. No segundo é o dizer-se, que as mulheres *vinham montadas nos bois*, e sendo isto uma pintura de costumes, força era que o Poeta o apresentasse, inda que João de Barros não tivesse fallado em tal. Barros diz que parecia que os Negros estimavam muito os bois, Camões affirma sem escrupulo, ou dúvida, que elles os estimavam mais, que todo o outro gado das manadas; e isto é um pouco differente; e onde disse Camões, que os Negros não quizeram ceder aos Lusitanos uma só cabeça de gado *vaccum*? E onde fallou Barros, na citada prosa, nos bailes, festejos, e cantigas, em que falla Camões? Onde está pois o plagiato em cousas tão differentes? Aonde? No descaramento, e malevolencia do detractor; e eis aqui com que justiça tem sido criticado o grande Poeta.

Quintiliano disse, fallando de Lucano, que merecia mais ser contado entre os Oradores do que entre os Poetas: e eu digo, e talvez com mais razão, que Camões foi o homem mais naturalmente eloquente, que Portugal tem produzido, mesmo sem exceptuar o proprio Vieira. Nos discursos dos seus *Lusiadas*, encontram-se modelos de todos os generos de eloquencia. Poderia o militar mais facundo exprimir-se melhor, em circumstancias identicas, do que o Condestavel no Canto quarto deste Poema? Vêde como se levanta no Conselho de Guerra, e

A mão na espada irado, e não facundo,
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo

sem exordio, e sem melindre se dirige aos, que se mostravam desanimados.

Como? da gente illustre Portugueza
Hade haver quem refuze o patrio Marte?
Como? desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Hade sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, e o amor, o esforço, e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio Reyno queira vêr sujeito?

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros, e valentes
Venceram esta Gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa, que tiveram?

Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz, e seu Filho sublimados
Sinão com vossos fortes Pais, e Avos?
Pois si com seus descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assim vos poz,
Trouxe-vos vossas forças o Rey novo,
Si he certo que c'o Rey se muda o Povo.

Rey tendes tal, que si o valor tiverdes
Igual ao Rey, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E si com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos ao vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só, com meus Vassallos, e com esta....
E dizendo isto, arranca meia espada,
Defenderei da força dura, e infesta
A Terra nunca d'outrem subjugada.
Em defeza do Rey, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu Rey forem contrarios.

Parece que estamos ouvindo aquellas allocuções tão
concisas, e tão energicas, que Napoleão dirigia aos seus
Soldados no momento de dar uma acção, electrizando-os
para carregarem o inimigo sem susto, e sem receio.

Não é menos bello neste genero o discurso de Marte,

que se lê no primeiro Canto. Como é cheio de ternura, e de affectos ternos o discurso da Rainha D. Maria de Castella pedindo a seu Pai D. Affonso IV. que socorra seu marido contra os Mouros, que haviam invadido o seu reino.

Quantos Povos a terra produzio
De Africa toda, Gente fera, e estranha,
O Gran Rey de Marrocos conduzio
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se vio
Depois que o salso Mar a Terra banha;
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle, que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
C'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada.
E si não fôr contigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do Reyno ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura
Sem marido, sem Reyno, e sem ventura.

Por tanto, oh Rey, de quem com puro medo
A corrente Moluca se congella,
Rompe toda a tardança, accude cedo,
A' miseranda Gente de Castella,
Si esse gesto, que mostras claro, e lêdo,
De Pai o verdadeiro Amor assella,
Accude, e corre, Pay, que si não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

Superior a este discurso pelo artificio oratorio, e pela passagem prompta de ums para outros affectos julgo eu a supplica, que Venus no Canto II. dirige a Jupiter a favor dos Portuguezes.

E mostrando no angelico semblante
Com riso huma tristeza misturada,
Como Dama, que foi do incauto Amante

Em brinços amorosos maltratada,
Que se aqueixa e se ri no mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste ao Padre falla.

Sempre cuidei, oh Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito anrasse,
Te achasse brando, affavel, e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pesasse;
Mas pois que contra mim te vêjo iroso
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim, que fui mofina.

Este Povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vêjo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo
Sendo tu tanto contra o meu desejo.
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pejejo,
Ora pois, porque o amo he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas morra em fim ás mãos das brutas Gentes,
Que pois eu fui..... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes
Como c'o orvalho fica a fresca rosa;
Callada hum pouco como se entre dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a segui-la, e hindo por diante,
Lha atalha o poderoso, e gran Tonante!

Nada mais perfeito que este quadro! Aquella tristeza
misturada de riso, que anuvia um pouco o lindo semblan-
te de Venus; a linda comparação, e nova da dama in-
cautamente offendida pelo amante nos brinços amorosos,
que chora, e ri ao mesmo tempo; a maneira engenhosa
porque a Deusa no seu exordio capta a benevolencia de
Jove, aquelle receio, que finge, de que Baccho possa mais

do que ella com Jove, a resignação ironica com que termina a Estança.

Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim que fui mofina.

Aquelle tornar logo ao assumpto, fazer sua a causa dos Lusos! *Este Povo que é meu* (diz ella) o attribuir á sua protecção os seus trabalhos, accrescentando,

Ora pois, porque o amo he maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Aquelle interromper de subito o discurso com lagrimas, e só produzir sons inarticulados, tudo isto sam rasgos de mestre; que sabe aproveitar todos os recursos oratorios, e tirar partido até do silencio; até a comparação da Deosa lavada em lagrimas com a rosa orvalhada pelo rocio da manhã produz uma sensação deliciosa.

A resposta de Jupiter é um perfeito modelo do estylo sublime, e magestoso, que compete áquelles que reúnem a vontade, e o poder, que ordenam quando explicam. Nunca o pai dos homens e dos Deoses, na Iliada, e na Eneida se expressou com tanta dignidade, e eloquencia, e sem sombra de arrogancia, como fallando pela bocca do Homero Lusitano.

Formosa Filha minha, não temais
Perigo algum aos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometto, Filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos que esta Gente,
Hade fazer nas partes do Oriente.

Todos os versos desta Estança correm fluidamente, uniformes na cesura, sem interrupção de sentido, e sem que este vá completar-se no hemestichio do verso seguinte; é a Omnipotencia que falla; e não admite dúvida, nem hesitação no que pensa; ou no que diz.

Que si o facundo Ulysses escapou:
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilyricos, e a fonte do Tymavo:
E si o piedoso Eneas navegou
De Scilla, e de Charybdis o mar bravo,
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos Mundos ao Mundo hirão mostrando.

Fortalezas, Cidades, e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros
Delles sempre vereis desbaratados,
Os Reis da India, livres, e seguros
Vereis ao Rey potente subjugados;
E por elles, de tudo em fim Senhores,
Serão dadas nas terras leys melhores.

Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar delle Neptuno de medroso
Sem vento suas agoas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso
Que trema, e ferva o mar em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della ham medo os Elementos!

Vereis a terra, que agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum Porto mui decente,
Em que vam descansar da longa via
As Naus, que navegarem do Occidente;
Toda esta Costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello e enfiado,
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado, e subjugado.
Ali vereis o Mouro furioso

De suas mesmas setas traspassado,
Que quem vai contra os vossos claro vêja,
Que, si resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnável Dio forte,
Que dous Cercos terá dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, e sorte
Feitos d'armas grandissimos fazendo;
Invejoso vereis o gran Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo,
Do Mouro ali vereis que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

Góá vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser Senhora
De todo o Oriente, e sublimada
C'os triumphos da Gente vencedora:
Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os Idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a Terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
Do Cananor com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se
Cidade populosa, e tão potente;
E vereis em Cochim assignalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cythara jámais cantou victoria,
Que assim mereça eterno nome, e gloria.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate quando Augusto
Nas Civis Accias guerras animoso
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos Povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactro Scythico, e robusto
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypsia linda, e não pudica.

Esta Estança é poetica, e sublime imitação dos seguintes versos de Virgilio.

*In medio classes oratas, Actia bella,
Cernere erat, totum que instructo Marte videres
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus;
Hinc Augustus agens Italos in praelia Cesar
Hinc ope barbarica, variis Antonius armis,
Victor ab Auroræ populis, et littore rubro,
Ægyptum, viresque Orientis, et ultima secum
Bactra trahit, sequiturque, nefas! Ægyptia Conjux.*

José Agostinho, que tantas vezes no seu Oriente, paraphrasea, e peiora Oitavas dos Lusiadas, chama a isto roubo, e plagiato: mas vejam como Francisco Dias Gomes, melhor Poeta, e melhor Critico que José Agostinho, avalia, e analysa esta imitação semelhante ás que Virgilio fizera de Homero.

« Ainda querem vêr poesia mais elevada, mais cheia de fogo, e movimento? Vamos por partes. *Marte instructo e furioso* é traducção de *totumque instructo Marte* com um epitheto de mais, *furioso*, que augmenta a força do colorido, sobre a novidade do particípio *instructo*, com que o Poeta enriqueceo o nosso idyoma, de modo que nesta elegancia fica a Latina vencida da Portugueza. *Se vio server Leucate*, é traducção de *videres fervere Leucaten*; quando *Augusto nas Civis Actias guerras animoso*, o é tambem de *Actia bella Hinc Augustus agens Italos*; conhecidamente superior a esta do Epico Latino pela harmonia, e pela força do adjectivo *animoso*. *O Capitão venceu Romano injusto*, tambem esta excessivamente se avanta a que traduz *Antonius*, que sem nomear este regimen do verbo *venceu* o faz conhecido pelos accidentes caracteristicos. *Que dos Povos da Aurora*, é traducção da formula *ab Auroræ populis*, assim como *e do famoso Nilo*, é de *Littore rubro Ægyptum*, onde acho mais sublime a elegancia Portugueza na mithonymia de Nilo por Egypto, que é certamente mais poetico por ser combinado com o predicoado *famoso*. Tambem se deve reparar na discrição, com que o Poeta deixou de traduzir a clausula *littore rubro* por ociosa, estando *Ægyptum*. De *Bactro Scythico*, e robusto, é a formula Latina *et ultima secum Bactra vehit*, posto que a traducção não exprima a idéa incluída no adjectivo *ultima*, eu acho com tudo a formu-

la Portugueza mais forte, e mais poetica nos dous adjectivos *Scythico*, e *robusto*, si bem que a palavra *ultima* suscita na intelligencia uma idéa de extensão, exprimindo longinquidade, por assim dizer, que faz a expressão bem attendivel. A *victoria trazia*, tambem acho este membro mais significativo, e poetico que o simples *Victor* do original Latino. — *Preso da Egypcia linda*, tambem excede a clausula Latina, que traduz sequiturque *Ægyptia Conjux*. O excesso está no predicamento na voz *linda*, que quer dizer formosa em grau subido, a qual idéa se não acha no original. — *Não pudica*, é traducção do admirativo *nefas!* cujo sentido tambem se pôde referir á aversão que os Romanos tinham a casamentos com estrangeiras. Tambem o adjectivo pudico foi introduzido no idyoma pelo grande Camões. »

« Não ha dúvida que a traducção não expendeu as seguintes formulas do original. *In medio classes aratas — auroque effulgere stultus — ope barbarica — littore rubro*, as quaes elegancias o nosso Poeta julgou meros ornatos não essenciaes ao todo, e por isso os não introduzio no seu quadro, e lhes substituiu outras formulas, que sam necessarias á pintura, e não se acham no texto, as quaes sam — *furioso — civis — animoso — Romano injuslo — famoso Nilo — Scythico — robusto — linda*, e *não pudica*. »

Concordo perfeitamente com o expendido nesta analyse por Francisco Dias, excepto com a sua ultima asserção. Não foi, como elle pensa, pelas julgar meros ornatos não essenciaes, que Camões despresou essas clausulas omittidas. Si elle fizesse uma traducção não deixaria de traslada-las, mas fazia uma imitação, e as deixou porque não convinham ao seu intento. Ha muita differença entre descrever os relevos historicos, que adornam um escudo, como Virgilio fez, ou citar um facto como Jove pratica neste discurso.

Desta analyse, e comparação feita por um homem conhecido por juiz mui competente nestas materias, resulta, que Luiz de Camões imitando um quadro de Virgilio ficou mui superior ao original; e eu accrescento, que taes imitações não podem nem devem ser classificadas como plagiatos, ou roubos, e tenho a meu favor a opi-

nião do judicioso Boileau, que merece mais credito que José Agostinho, o qual chamava a estas imitações *luctar gloriosamente com os antigos*.

Como vereis o mar servendo acceso
C'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De Nações differentes triumphando,
E sugeita a rica aurea Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

De modo, Filha minha, que de geito
Amstrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano.
Nem das Boreas ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o Mundo de affrontados
Resuscitassem todos os passados.

A estes discursos poderíamos juntar o de Baccho meditando a ruina dos Lusos em Moçambique, no Canto I., o do Embaixador de Mombaça no Canto II., o do Enviado do Gama ao Rei de Melinde, no mesmo Canto, o do Velho na praia de Rastrelo, no Canto IV., o de Baccho, no Canto VI., instigando as Deidades maritimas para destruir a frota Portugueza, e finalmente no Canto VIII. a falla do Çamorim ao Gama, e a resposta deste justificando-se, e confundindo as calumnias dos Mouros, e dos Catuaes corrompidos por elles.

Si os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteu na prisca idade,
Não causaram que o Vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua innimecicia
Na geração de Adão co' a falsidade,
Oh poderoso Rey, da torpe seita,
Não concebêras tu tão má suspeita.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Si não cresses em quem não crêr devias.

Porque si eu de rapinas só vivesse
Undivago, e da Patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito, apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria exprimentando o Mar irado,
Os Antarticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

Si com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu Reyno antigo,
Mas si a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha Patria, e Reyno amigo
Então verás o dom soberbo, e rico
Com que minha tornada certifico.

Si te parece inopinado feito
Que o Rey da ultima Hesperia aqui me mande,
O coração sublime, o Regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e gran conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que creia delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos que os antigos
Reys nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos, e perigos
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram.
E descobrindo os mares inimigos

Do quieto descanso, pertenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rey, que arou primeiro
O mar, por hir deitar do ninho claro
O Morador de Abyla derradeiro.
Este por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crescendo c'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco a pouco caminhos estrangeiros,
Que hums, succedendo aos outros, proseguiram.
De Africa os Moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammæ viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

Assim com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos por a ultima columna.
Rompendo a força do liquido estanho,
Da Tempestade horrificæ, importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Esta he a verdade, Rey; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia
Tão longo, tão fingido, e vão proemio.
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado, e fero gremio
Da Madre Thetys qual Pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que, oh Rey; si minha gran verdade,
Tens por, qual he, sincera, e não dobrada,

Ajunta-lhe ao Despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juízo pôde vêr-se,
Que facil é a verdade de entender-se.

Luiz de Camões quando descreve batalhas tem tanto fogo como Homero, sem com tudo o imitar na diffusão. Os seus heroes não gastam o tempo em insultar os inimigos, nem em deslindar genealogias como a cada passo fazem os Guerreiros da Iliada. O nosso Poeta, que era militar, e que pintava lances, que tinha tantas vezes presenciado, e de que fizera parte, nunca se arreda da verdade, porque tracta de despertar nos leitores, as sensações, que elle proprio havia provado. Os encontros das massas, e os combates particulares succedem-se com uma rapidez, e viveza assombrosa, parece que vêmos a marcha das tropas, o estrondo dos golpes, a grita dos combatentes; ás fallas dos Generaes sam breves, e proprias das circumstancias, é o patriotismo ardente do Poeta que se explica pela bocca delles de uma maneira nervosamente eloquente. Em taes casos a sua versificação sempre forte, e harmoniosa, toma novas forças, e desenvolve todos os recursos da harmonia imitativa. Que fogo! que impetuosidade de estylo na Batalha de Campo de Ourique.

Qual c'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido Moloso
Contra o Touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso.
Ora pêga de orelha, ora de lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

Esta comparação tão frisante, e tão vivamente descripta só podia ser assim executada por um Poeta nascido, e criado em Paiz, em que eram tão frequentes os combates de Touros.

Tal do Rey novo o estomago accendido
 Por Deos, e pelo Povo juntamente,
 O Barbaro comette apercebido
 Com animoso Exercito rompente.
 Levantam nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocam a arma, ferve a Gente
 As lanças, e arcos tomam, tubas sôam,
 Instrumentos de guerra tudo atrôam.

Bem como quando a flamma que ateadada
 Foi nos aridos campos, assoprando
 O sibilante Boreas, animada
 C'o vento o secco matto vai queimando,
 A pastoral companha que deitada
 C'o doce somno estava, despertando,
 Ao estridor do fogo, que se atêa,
 Recolhe o Fato, e fuge para a Aldêa.

Fato neste lugar significa *rebanho*, ordinariamente de Cabras. Faço esta advertencia porque sam mui raras os nossos Dictionarios, que trazem este vocabulo com semi-lhante significação; o que foi causa do mais moderno, e sem dúvida o melhor Traductor Italiano dos *Lusiadas*, se enganar com este verso, que traduzio assim.

Trepido i panni aduna, e via sen fugge.

Não reparou este grande Traductor, e grande Poeta que os Pastores, que ficam no campo guardando o gado, não se despem porque não tem mais cama que a terra, e por isso não tinham roupa, que recolher, e por tanto só podiam cuidar em juntar o gado para conduzi-lo á povoação, ou aldêa como diz o Poeta.

L'Incendio intanto sue speranze strugge.

Este verso com que o Sr. Bricolani termina a Estança, além de não estar no original, é outro contrasenso. Aqui não se tracta de searas maduras, mas de *matto secco*, e a queima deste estava tão longe de estragar as esperanças dos Pastores, que pelo contrario lhas augmentava; pois todos sabem que os Pastores mui de proposito fa-

zem *queimadas*, isto é, põem fogo ao matto secco, para que, adubados os campos com as cinzas lhe produzam mais hervas na estação chuvosa.

Desta arte o Mouro attonito, e turbado
Toma sem tento as armas mui depreça :
Não foge ; mas espera confiado,
E o Ginete belligero arremessa,
O Portuguez encontra-o denodado,
Pelos peitos a lança lhe atravessa ;
Hums cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

Ali se vem encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos
Que Neptuno amostrou ferindo a Terra ;
Golpes se dam medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava acceza a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

Cabeças pelo campo vam saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E de outro as entranhas palpitando,
Pallida o côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o Exercito nefando,
Correm Rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde,

E' isto o que se chama pintar a grandes traços ; e assim caminha descrevendo o choque de um pequeno exercito contra uma multidão de Barbaros. Não acontece porém assim quando o Poeta descreve a batalha de Aljubarrota ; então particularisa as manobras decada devião, destaca os individuos das massas, e mostra as proezas, e as providencias dos Chefes, e abala o coração dos Leitores com as differentes phases do combate, e a alternativa de bons, e ruins resultados dos esforços dos dous Contendores, e lança mão de todos os accessorios.

que podem dar mais luz, e vida ao grandioso quadro, que desenhava.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne invicto sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Téjo logra as agoas abundantes.
Os primeiros Armigeros regia
Quem para reger hera os mui possantes
Orientaes Exercitos sem conto
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos,
Outro tambem famoso Cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

E da outra ala que a esta corresponde
Antão Vasques d'Almada he Capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das Gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na rectaguarda não se esconde
Das Quinas, e Castellos, o pendão,
Com Joanne Rey forte em toda a parte
Que escorecendo o preço vai de Marte.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias
Resando as Mães, Irmãs, Damas, Esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as Esquadras belicosas
Defronte das Imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todos grande dúvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e Atambores,

O ardente amor da patria, e da independencia nacional arrancou esta apostrophe ao coração do Poeta contra os irmãos do Condestavel, e os mais Portuguezes partidistas de Castella, e o que lhe dá maior pezo, e abono á sua sinceridade, é saber-se que um de seus Avós militava nesta batalha no exercito hespanhol; e como poderia um Poeta animado de tão generosos sentimentos deixar de incorrer no odio dos Jesuitas, e dos seus devotos, que machinavam surdamente a entrega de Portugal á Hespanha?

Rompem-se aquí dos nossos os primeiros,
Tantos dos Inimigos á elles vão!
Está ali Nuno qual pelos Outeiros
De Ceuta está o fortissimo Leão,
Que cercado se vê dos Cavalleiros,
Que os Campos vam correr de Tetuão:
Perseguem-no co'as lanças, e elle irroso
Turbado hum pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê; mas a Natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o Cavalleiro, que a verdura
Tinge c'o sangue alheio. Ali perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a Virtude contra tanta gente.

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno, que, como sabio Capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença, e palavras coração.
Qual parida Leoa fera, e brava,
Que os Filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quante o pasto lhe buscara,
O Pastor de Massylia lhos furtara;

Corre raivosa, e freme; e com bramidos
Os montes sette Irmãos atrôa, e aballa;
Tal Joanne com outros escolhidos

Cavalllos trema a terra, os valles soam.
 Espedacam-se as lanças, e as frequentes
 Quédas, co'as duras armas tudo atroam.
 Recrescem os inimigos sobre a pouca
 Gente do ferro Nuno, que os apouca.

Nesta Estança todas as expressões fazem imagem, e não se encontra nella um termo improprio, um vocabulo inutil, os sons imitam perfeitamente os objectos,

as frequentes

Quédas co'as duras armas tudo atroam.

Vêja-se como *quédas*, com a primeira longa, e depois da pausa, que a voz é obrigada a fazer na palavra *frequentes* do verso antecedente imita bem a cahida de um corpo, e o resto do verso pinta ao vivo o echo do rumor das armas! Procure-se nos Poetas anteriores a Camões tão repetidos exemplos de harmonia imitativa!

Eis ali seus Irmãos contra elle vão
 Caso feio, e cruel, mas não espanta;
 Que meaos he querer matar o Irmão
 Quem contra o Rey, e a Patria se levanta!
 Destes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra Irmãos, e Parentes, caso estranho
 Qual nas guerras civis de Julio, e Manho.

Assi se pronunciava antigamente a palavra *Magno*, soando o *g* antes de *n* como hoje soa *nh*, pronuncia, que os Italianos inda conservam.

Oh Tu Sertorio, oh nobre Curiolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas Patrias com profano
 Coração vos fizestes inimigos:
 Si lá no Reyno escuro de Sumano
 Receherdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

Muitos tambem do Vulgo vil, sem nome
Vam, e tambem dos Nobres, ao profundo,
Onde o trisauce Cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste Mundo,
E porque mais aqui se amanco, e dome
A soberba do Imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
A multidão da Gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as costas dam, e as vidas ; já fallece
O Furor, e sobejam as lançadas ;
Já de Castella o Rey desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

O campo vai deixando ao Vencedor
Contente de lhe não deixar a vida,
Seguem-no os que ficaram ; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da Fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste enojo
De vêr outrem triumphar do seu despojo.

Alguns vam maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no Mundo,
Outros a sêde dura vam culpando
Do peito ambicioso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas Mães, tantas Esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

O Vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no Campo em grande gloria :
Com offertas depois, e Romarias
As graças deo a quem lhe deo victoria.

Para em tudo ser perfeito, e acabado este quadro nem esqueceu ao Poeta mencionar os queixumes, maldições, e murmurios dos Soldados de Castella, que fugiam em debandada, ao passo que o vencedor mantinha o campo da batalha trez dias, segundo o estylo, e a bizarria do tempo, e as graças dadas depois ao Altissimo por victoria tão assignalada, que firmava a côroa na cabeça do Rei popular, e assegurava a independencia do reino. A pintura dos costumes é um dos principaes deveres do Poeta Epico.

Iguaes bellezas encontraremos no combate dos Doze de Inglaterra, um dos trechos mais valentes, e energicamente escriptos, que se encontram em todo o Poema dos Lusíadas. Citarei sómente os logares mais importantes, e notaveis pela expressão.

Já n'hum sublime, e público Theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Côrte,
Estavam trez, e trez, e quatro, e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não sam vistos do Sol do Téjo ao Batro
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os Cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante.
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido Diamante.
Mas enxerga-se n'hum, e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a Gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboiço;
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, Cavallo, ao bellico serviço.
Ao Rey, e ás Damas falla; logo se hia
Para os Onze, que este hera o gran Magriço.
Abraça os Companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

Muitos tambem do Vulgo vil, sem nome
Vam, e tambem dos Nobres, ao profundo,
Onde o trisauce Cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste Mundo,
E porque mais aqui se amanco, e dome
A soberba do Imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
A multidão da Gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as costas dam, e as vidas ; já fallece
O Furor, e sobejam as lançadas ;
Já de Castella o Rey desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

O campo vai deixando ao Vencedor
Contente de lhe não deixar a vida,
Seguem-no os que ficaram ; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da Fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste enojo
De vêr outrem triumphar do seu despojo.

Alguns vam maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no Mundo,
Outros a sêde dura vam culpando
Do peito ambicioso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas Mães, tantas Esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

O Vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no Campo em grande gloria :
Com offertas depois, e Romarias
As graças deo a quem lhe deo victoria.

Para em tudo ser perfeito, e acabado este quadro nem esqueceu ao Poeta mencionar os queixumes, maldições, e murmurios dos Soldados de Castella, que fugiam em debandada, ao passo que o vencedor mantinha o campo da batalha trez dias, segundo o estylo, e a bizzarria do tempo, e as graças dadas depois ao Altissimo por victoria tão assignalada, que firmava a côroa na cabeça do Rei popular, e assegurava a independencia do reino. A pintura dos costumes é um dos principaes deveres do Poeta Epico.

Iguaes bellezas encontraremos no combate dos Doze de Inglaterra, um dos trechos mais valentes, e energicamente escriptos, que se encontram em todo o Poema dos Lusiadas. Citarei sómente os logares mais importantes, e notaveis pela expressão.

Já n'hum sublime, e público Theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Côrte,
Estavam trez, e trez, e quatro, e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não sam vistos do Sol do Téjo ao Batro
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os Cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante.
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido Diamante.
Mas enxerga-se n'hum, e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a Gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebolico;
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, Cavallo, ao bellico serviço.
Ao Rey, e ás Damas falla; logo se hia
Para os Onze, que este hera o gran Magriço.
Abraça os Companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

Consigo traz o Filho, bello infante
No numero dos Deoses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela arêa
No colo a toma a bella Panopêa.

Póde pintar-se com mais viveza, e graça os costumes
de uma creança.

E o Deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude de herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste damno
Lhe resultou Deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, della sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

Encontra-se neste trecho a pintura de Tritão, que tão
elogiada tem sido pelos Criticos, e pelos Commentado-
res do Poema.

Tritão que de ser Filho se gloria
Do Rey, e da Salacia veneranda,
Hera Mancebo grande, negro, e feio,
Trombeta de seu Pai, e seu Correio.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos heram
Hums limos prenhez d'agoa, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram,
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros Mexilhões, que ali se geram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de Lagosta.

O corpo nú, e os membros genitacs
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animaes,
De mar todos cobertos cento a cento.

Camarões, Carangueijos, e outros mais
Que recebem de Phebo o crescimento,
Ostras, e Mexilhões de musgo çujos,
A's costas com a casca os Caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia com força já tocava
A voz grande, e canora foi ouvida
Per todo o mar, que longe retumbava.

Não quero contradizer a apinião de Garcez Ferreira, e do Padre Francisco José Freyre, que classificam esta pintura de excellente hypothipose, só direi que o merito da execução á parte, desejava antes encontra-la na *Secchia rapita* de Tassoni, do que nos *Lusiadas*. A casca de lagosta servindo de gorra, os mexilhões, carangueijos, ostras, e caramujos, que fazem de Tritão um embrexado vivente, e nadante, formam um monstro tão grotesco, que me parece mais proprio para figurar em uma composição burlesca, que na magestade do Poema Epico.

Não parecem traços do pincel Grego aquelles com que o Poeta nos apresenta a marcha de Venus em demanda de Jupiter para o implorar a favor dos Portuguezes?

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida
D'entre as Nymphas se foi que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as Estrellas luminosas,
E na terceira esphera recebida
A'vante passa, e lá no Sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

E como hia affrontada do caminho
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, o Ceo, e o Ar visinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos donde faz seu filho o ninho
Hums Espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados accendia,
E tornava de fogo a Esphera fria.

E por mais namorar ao Soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na Selva Idéa já se apresentára ;
Si a vira o Caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos Galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia ;
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com que o Amor brincava, e não se via.
D'alva petrina flammaz lhe sabiam,
Onde o Minino as almas accendia,
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como Hera se enrolavam.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo ;
Porém nem tudo encobre nem descobre
O véo de roxos lyrios pouco avaro.
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
Com riso uma tristeza misturada
Como Dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri no mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

O que ninguem iguala é esta poesia deliciosa, e a que se depára no trecho bellissimo, e original em que o Poeta descreve a Estança dos Amores na Idalia, e os seus trabalhos, e os seus exercicios.

Camarões, Carangueijos, e outros mais
Que recebem de Phebo o crescimento,
Ostras, e Mexilhões de musgo çujos,
A's costas com a casca os Caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia com força já tocava
A voz grande, e canora foi ouvida
Per todo o mar, que longe retumbava.

Não quero contradizer a apinião de Garcez Ferreira, e do Padre Francisco José Freyre, que classificam esta pintura de excellente hypothipose, só direi que o merito da execução á parte, desejava antes encontra-la na *Sechia rapita* de Tassoni, do que nos *Lusiadas*. A casca delagosta servindo de gorra, os mexilhões, carangueijos, ostras, e caramujos, que fazem de Tritão um embrexado vivente, e nadante, formam um monstro tão grutesco, que me parece mais proprio para figurar em uma composição burlesca, que na magestade do Poema Epico.

Não parecem traços do pincel Grego aquelles com que o Poeta nos apresenta a marcha de Venus em demanda de Jupiter para o implorar a favor dos Portuguezes?

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida
D'entre as Nymphas se foi que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as Estrellas luminosas,
E na terceira esphera recebida
A'vante passa, e lá no Sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

E como hia affrontada do caminho
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, o Ceo, e o Ar visinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos donde faz seu filho o ninho
Hums Espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados accendia,
E tornava de fogo a Esphera fria.

E por mais namorar ao Soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na Selva Idéa já se apresentára ;
Si a vira o Caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos Galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia ;
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com que o Amor brincava, e não se via.
D'alva petrina flammæ lhe sahiam,
Onde o Minino as almas accendia,
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como Hera se enrolavam.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergouha he natural reparo ;
Porém nem tudo encobre nem descobre
O véo de roxos lyrios pouco avaro.
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
Com riso uma tristeza misturada
Como Dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri no mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

O que ninguem iguala é esta poesia deliciosa, e a que se depára no trecho bellissimo, e original em que o Poeta descreve a Estança dos Amores na Idalia, e os seus trabalhos, e os seus exercicios.

Muitos destes Mininos voadores
 Estam em varias obras trabalhando,
 Hums amolando os ferros passadores,
 Outros hastas de settas delgaçando.
 Trabalhando, cantando estam de amores
 Varios casos em verso modulando,
 Metodia senora, e concertada,
 Suave a letra, angelica a toada.

Nas fragoas immortaes onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes
 Por lenha corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes.
 As agoas, em que os ferros temperavam
 Lagrimas sam dos miseros amantes,
 A viva chamma, o nunca morto lume
 Desejo he só que queima, e não consume!

Mostrem-me em algum Poema moderno uma Estança, que emparelhe com esta nas idéas, no engenhoso da allegoria, na graça das imagens, na originalidade, na força de expressão, e na elegancia de linguagem, e metro! Quando leio estes, e tantos outros trechos semelhantes, de que abundam os *Lusiadas*, confesso que me falta o animo para accusar o Poeta por haver lançado mão de um maravilhoso, que lhe forneceu bellezas de tão subido preço.

Voltaire, que de certo sabia sentir, e conhecer a boa poesia, diz fallando do Episodio do Adamastor, no seu Ensaio sobre a Poesia Epica. « Lorsque la Flotte est prêtée à doubler le Cap de Boune Espérance, appelé alors le Promontoire des tempêtes, on aperçoit tout-à-comp un formidable objet. C'est un Fantome, qui s'élève du fond de la mer. Sa tête touche aux nues; les tempêtes, les Vents, les meteores sont autour de lui, ses bras s'étendent un loin sur la surface des flots, ce monstre, on ce Dieu est le Gardien de cet Océaa, dont aucun Vaisseau n'avait encors foudu les flots. Il menace la flotte, il se plaint de l'audace des Portugais, qui viennent lui disputer l'Empire de ses mers. il leur annonce toutes les calamités « qu'ils doivent essayer dans leur intre-

priso. *Cela est grand en tous Pays sans doute.* » E que outra cousa pôde dizer-se quando se encontram versos como estes.

.....
 Huma nuvem que os ares escurece
 Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que poz nos corações um grande medo,
 Bramindo o negro mar de longe brada
 Como se dera em vão n'algum rochedo
 «Oh potestade (disse) sublimada,
 «Que ameaço divino, ou que segredo
 «Este clima, este mar nos apresenta
 «Que mór cousa parece que tormenta?»

Não acabava quando hum a Figura
 Se nos mostra no ar robusta, e válida,
 De desforme, e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esquallida!
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha, e má, a côr terrena, e pallida,
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande hera de membros, que bem posso
 Certificar-te que este hera o segundo
 De Rhodes extranhissimo Collosso,
 Que hum dos sete milagres foi do Mundo.
 Com tom de voz nos falla horrendo, e grosso,
 Que pareceu sahir do mar profundo,
 Arrepiam-se as carnes, e o cabello
 A mim, e a todos só de ouvi-lo, e vê-lo.

E disse «Oh Gente ousada mais que quantas
 «No Mundo commetteram grandes cousas,
 «Tu, que por guerras cruas, taes, e tantas
 «E por trabalhos vãoos nunca repousas,
 «Pois os vedados terminos quebrantas,
 «E navegar meus longos mares ousas.

E dando hum espantoso, e grande brado,
 Me respondeu com voz pesada, e amara
 Como que da pergunta lhe pesara.

“Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
 “A quem chamais vós outros tormentorio
 “Que nunca o Ptolomeu, Pompono, Strabo,
 “Plinio, e quantos passaram fui notorio,
 “Aqui toda a Africana costa acabo
 “Neste meu nunca visto Promontorio,
 “Que para o Polo Antartico se estende,
 “A quem vossa ousadia tanto offende.

“Fui dos Filhos asperrimos da Terra
 “Qual Encelado, Egeo, e Centimano,
 “Chamei-me Adamastor, e fui na guerra (*)
 “Contra o que vibra os raios de Vulcano.
 “Não que pozesse Serra sobre Serra,
 “Mas conquistando as ondas do Oceano,
 “Fui Capitão do mar, por onde andava
 “A armada de Neptuno que eu buscava.

“Amores da alta Esposa de Peleo
 “Me fizeram tomar tão grande empreza,
 “Todas as Deosas despresei do Ceo
 “Só por amar das agoas a Princeza.
 “Hum dia a vi co’as filhas de Nereo
 “Sahir nua na praia, e logo presa
 “A vontade senti de tal maneira,
 “Que inda não senti cousa que mais queira.

(*) José Agostinho de Macedo em um Folheto em que pertende provar, que o *Episodio do Adamastor* é o maior entre os despropositos de *Luis de Camões*, diz, que o nome do Gigante é furtado da Gigantomachia de Claudiano, e nisto diz uma falsidade, e um despropósito, porque o Gigante, de que falla Claudiano, chama-se *Damastor*, e não *Adamastor*.

Sævus que Damastor,
 Ad depellendos jaculum dum quereret hostes,
 Germani rigidum misit pro rupe cadaver.

“ E consigo trará formosa Dama,
“ Que amor por gran mercé lhe haverá dado.
“ Triste ventura, negro fado os chama
“ Neste terreno meu, que duro, e irado
“ Os deixará de hum crú naufragio vivos
“ Para verem trabalhos excessivos.

“ Verão morrer com fome os filhos charos
“ Em tanto amor gerados, e nascidos,
“ Verão os Cafres asperos, e avaros
“ Tirar á linda Dama os seus vestidos,
“ Os cristalinos membros, e preclaros
“ A’ calma, ao frio, ao Sol verão despidos :
“ Depois de haver pisado longamente
“ C’os delicados pés a aréa ardente.

“ E verão mais os olhos, que escaparem
“ De tanto mal, de tanta desventura,
“ Os dous amantes miseros ficarem
“ Na fervida, implacavel espessura,
“ Ali depois das pedras abrandarem
“ Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
“ Abraçados as almas soltarão
“ Da formosa, e miserrima prisão.

D. Leonor de Sá não espirou nos braços de seu marido Manoel de Sousa de Sepulveda ; mas o Poeta com o excellentino, de que era dotado, não duvidou em alterar a historia neste ponto para tornar mais pathetica a sua narração ; é isto o que Guilherme Schlegel chama transportar a verdade historica para a verosimilhança da poesia. Compare-se este quadro tão terno com o que traçou Côrte Real no seu Poema, e se verá a grande differença, que se dá entre o grande Poeta, e aquelle que o deseja ser.

Mais hia por diante o Monstro horrendo
Dizendo nossos fados quando alçado
Lhe disse eu “ Quem hes tu, que esse estupendo
“ Corpo, certo me tem maravilhado.”
A bocca, os olhos negros retorcendo,

E dando hum espantoso, e grande brado,
 Me respondeu com voz pesada, e amara
 Como que da pergunta lhe pesara.

“ Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo
 “ A quem chamais vós outros tormentorio
 “ Que nunca o Ptolomeu, Pompono, Strabo,
 “ Plinio, e quantos passaram fui notorio,
 “ Aqui toda a Africana costa acabo
 “ Neste meu nunca visto Promontorio,
 “ Que para o Polo Antartico se estende,
 “ A quem vossa ousadia tanto offende.

“ Fui dos Filhos asperrimos da Terra
 “ Qual Encelado, Egeo, e Centimano,
 “ Chamei-me Adamastor, e fui na guerra (*)
 “ Contra o que vibra os raios de Vulcano.
 “ Não que pozesse Serra sobre Serra,
 “ Mas conquistando as ondas do Oceano,
 “ Fui Capitão do mar, por onde andava
 “ A armada de Neptuno que eu buscava.

“ Amores da alta Esposa de Peleo
 “ Me fizeram tomar tão grande empreza,
 “ Todas as Deosas despresei do Ceo
 “ Só por amar das agoas a Princeza.
 “ Hum dia a vi co’as filhas de Nereo
 “ Sahir nua na praia, e logo presa
 “ A vontade senti de tal maneira,
 “ Que inda não senti cousa que mais queira.

(*) José Agostinho de Macedo em um Folheto em que pertende provar, *que o Episodio do Adamastor é o maior entre os despropositos de Luiz de Camões*, diz, que o nome do Gigante é furtado da Gigantomachia de Claudiano, e nisto diz uma falsidade, e um despropósito, porque o Gigante, de que falla Claudiano, chama-se *Damastor*, e não *Adamastor*.

Sævus que Damastor,
 Ad depellendos jaculum dum quereret hostes,
 Germani rigidum misit pro rupe cadaver.

» Como fosse impossivel alcança-la
 » Pela grandeza feia do meu gesto,
 » Determinei por armas de toma-la,
 » E a Doris este caso manifesto.
 » De medo a Deosa então por mim lhe falla,
 » Mas ella com formoso riso honesto,
 » Respondeu : « Qual será o amor bastante
 » De Nympha, que sustente o de hum Gigante ?

» Com tudo por livrarmos o Occeano
 » De tanta guerra, eu buscarei maneira
 » Com que com minha honra esquivae o damno.
 » Tal resposta me torna a mensageira.
 » Eu que cahir não pude neste engano,
 » Que he grande dos amantes a cegueira !
 » Encheram-me com grandes abundanças
 » O peito de desejos, e esperanças. »

O engano estava na equivoeca intelligencia das palavras de Thetis, que tanto podem significar « *buscarei maneira com que evite o damno á custa da minha honra* » como « *buscarei maneira de evitar o damno por modo que me faça honra* » mas geralmente estas phrases de sentido doble só tem bom logar na Poesia Comica, e desdizem da dignidade do Poema Heroico. Quanto ao verso

Eu que cahir não pude neste engano,

deve advertir-se que a phrase *cahir no engano*, que hoje significa *deixar enganar-se*, vale aqui *descobrir o engano*, que era a accepção que tinha no seculo do Poeta, como póde vêr-se de muitos exemplos dos Classicos.

« Já nescio, já da guerra desistindo,
 « Huma noite de Doris promettida
 « Me apparece na praia o gesto lindo
 « Da branca Thetis, unica, despida.
 « Como doudo corri de longe abrindo
 « Os braços para aquella, que era vida
 « Deste corpo, e começo os olhos bellos
 « A lhe beijar, e as faces, e os cabellos.

« Oh ! que não sei de nojo como o conte ;
 « Que, crendo ter nos braços quem amava,
 « Abraçado me achei com duro monte
 « D'aspero matto, de espessura brava.
 « Estando c'hum penedo fronte a fronte,
 « Que eu pelo rosto angelico apertava,
 « Não fiquei Homem, não ! mas mudo, e quedo,
 « E junto de hum penedo outro penedo.

« Oh Nympha a mais formosa do Oceano,
 « Já que a minha presença não te agrada,
 « Que te custava ter-me neste engano,
 « Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada !
 « Daqui me aparto irado, e quasi insano
 « Da magoa, e da deshonra ali passada,
 « A buscar outro Mundo, onde não visse
 « Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

« Heram já neste tempo meus Irmãos
 « Vencidos, e em miseria extrema postos,
 « E por mais segurar-se os Deoses vão
 « Alguns a varios montes sottopostos.
 « E como contra o Ceo não valem mãos,
 « Eu, que chorando andava meus desgostos,
 « Comecei a sentir do Fado imigo
 « Por meus atrevimentos o castigo.

« Converteu-se-me a carne em terra dura,
 « Em penedos os ossos se fizeram ;
 « Estes membros, que vez, e esta Figura
 « Por estas longas agoas se estenderam.
 « Em fim minha grandissima estatura
 « Neste remoto Cabo converteram
 « Os Deoses, e por mais dobradas magoas,
 « Me anda Thetys cercando destas agoas. »

Assim contava, e com medonho choro
 Subito d'ante os olhos se apartou,
 Desfez-se a nuvem negra, e com sonoro
 Bramido, muito longe o mar sôou.

Idéa, estylo, linguagem, invenção, affectos, colorido,

versos, harmonia imitativa, tudo justifica os louvores, e enthusiasmo, com que Voltaire, La Harpe, Delille, Mickle, Bouterwéeck, Sismondi, e os mais abalisados Criticos tem proclamado este Episodio pelo mais sublime rasgo não só dos *Lusiadas*, mas da Epopeia moderna, e é necessario ser José Agostinho para não ter peijo de dizer, que *a Fabula de Admator era o maior despropósito de todos os despropósitos de Luiz de Camões!* Lauder não disse a respeito de Milton tamanha heresia literaria, tamanha blasphemia contra o bom senso, e foi condemnado a desdizer-se no Pelourinho. Estou bem longe de approvar o fanatismo, que dictou esta sentença; detesto toda a casta de fanatismo, e o literario tanto como os outros, mas não posso abster-me de rir do Zoilo, que proferio esta infamia, e dos Semidoutos, que tiveram a baixeza, ou a ignorancia, de applaudi-la.

Na mesma plana em que collocam pelo sublime a Fabula de Admator, collocam os Criticos pelo pathetico o quadro da morte de D. Ignez de Castro, em que o Poeta empenhou toda a suavidade do seu estylo, e o caudal da ternura, que trashedava de seu coração, naturalmente apaixonado; quasi a par destes dous trechos originaes, e admiraveis, podemos por o sonho d'El-Rei D. Manoel tão cheio de imaginação, e de Poesia; um Poema, que contem taes bellezas, é um magnifico padrão da gloria nacional, que a foice do tempo não tem força para destruir.

Uma das cousas, que Voltaire notou nos *Lusiadas* como admiraveis, foi a formosura, e perfeição do estylo; e razão teve, porque ali a cada passo se encontram idéas expressadas por um modo tão novo, e tão brilhante, que sorprehendem, e arrebatam a quem tem coração para senti-las. Citarei alguns exemplos: eis aqui como o Mourro Monçaide designa ao Çamorim a Religião Christãa.

Tem a ley de hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi, tal que por bafo está approvedo
Do Deos, que tem do Mundo o regimento.

Vêjamos agora como Vasco da Gama explica o mesmo objecto.

A Ley tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil,
 Aquelle, que creou todo o Hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil ;
 Que padeceu affronta, e victuperio
 Sofrendo morte injusta, e insoffribil,
 E que do Ceo á terra em fim desceo
 Por subir os mortaes da Terra ao Ceo.

Direi de passagem, que estes ultimos versos foram aproveitados por Dryden na sua formosa Ode a Santa Cicilia.

He rais'ed a mortal to the skies,
 She drew an Angel down.

Estas duas expressões sam excellentes, e proprias das diversas circumstancias das pessoas, que as proferem. Monçaide, que é um Mouro, falla de uma Religião, que lhe é estranha, e que só conhece por tradicção, e caraterisa-a por um facto isolado ; mas Vasco da Gama, que professa o Christianismo dá uma idéa breve, e clara dos seus fundamentos.

No Canto I. um Mouro de Moçambique, fallando de Mahomet, designa-o por esta periphrase.

Nós temos a Ley certa, que ensinou
 O claro Descendente de Abrahão,
 Que agora tem do Mundo o Senhorio,
 A Mãi Hebreá teve, o Pai Gentio.

Póde acaso indicar-se mais poeticamente o Islamismo, e o seu Propheta ?

Que Poeta soubera pintar assim a estranheza de um Povo Barbaro, ouvindo pela primeira vez o estrondo da Artelharia.

As bombardas horrisonas bramavam
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando,
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

Onde ha versos mais formosos, e engraçados que estes?

Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que, como Hera, se enrolavam.

Ou estes

Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas.

.....
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho

.....
O Vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

.....
As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram,
O nome lhe pozeram, que inda dura
Dos amores de Ignez que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que as lagrimas sam agoa, o nome amores!

Esta Estança é digna de Ovidio.

Que hum fraco Rey faz fraca a forte Gente!

.....
Quem como Astianax precipitado,
Sem lhe valerem Ordens, da alta torre!
Quem nem ordens, nem aras, nem respeito!
Quem nú por ruas, e em pedaços feito!

.....
A plumbea péla matta, o brando espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia!

.....
A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

.....
Vimos as Ursas, apesar de Juno
Banharem-se nas ondas de Neptuno:

Seria necessario copiar pelo menos trez quartas partes do Poema, si quizessemos apontar todos os trechos, que nelle se encontram notaveis por aquella novidade de expressão, e bizzarria de côres, que os mestres da arte denominam poesia de estylo, dote muito mais raro de encontrar n'um Poeta, que a faculdade de bem dispôr a materia, e o juizo, e solidez dos pensamentos.

Foi tambem Camões o primeiro, que introduzio em nossa lingua a poesia discriptiva, derramando-a profusamente no seu Poema. Tinha em suas longas peregrinações tido sobejo lugar, e tempo para observar a Natureza de baixo dos differentes aspectos, em que ella se apresenta nos differentes climas, e desvairadas regiões do Mundo: é por isso que elle retrata com exactidão, e energia os variados phenomenos, que observára, achando sempre para exprimi-los os vocabulos mais proprios, que nunca faltam a quem falla de objectos, que conhece bem.

Quem não se arrebatava vendo como elle nos pinta a evaporação das aguas do Oceano condensando-se em nuvens na atmosphera, e produzindo as mangas tão perniciosas aos navegantes, e os fogachos, ou reverberações electricas, que os antigos julgavam annunciar a presença de Castor, e Polux, serenadores das tempestades, e que os nossos marinheiros denominam fogo de Santelmo.

Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo;
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto:
Nem menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo d'alto espanto,
Vêr as nuvens no mar, com largo cano
Sorver as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente, e não presumo
Que a vista me enganava, levantar-se
No ar hum vaporsinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se.
Daqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se

Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco a pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrössava;
Aqui se estreita, ali se alarga quando
Os golpes grandes d'agoa em si chupava,
Estava-se co'as ondas ondeando;
Della em cima uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
C'o cargo grande d'agoa em si tomada.

Depois desta pintura tão viva, e tão propria, inda o Poeta acha meios de realça-la, applicando-lhe uma comparação tão justa, como elegantemente expressa; e, o que é mais, original, e filha toda do seu grande engenho.

Qual roxa Sanguessuga se veria
Nos beijos da Alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar c'o sangue alheio a sêde ardente,
Chupando mais, e mais se engrossa, e cria,
Ali se enche, e se alarga grandemente.
Tal a grande columna enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

José Agostinho de Macedo sempre prompto a deprimir o merito do Homero Lusitano, tentou negar a originalidade desta comparação, dizendo que era traduzida daquelle verso da Poetica de Horacio

Non missura cutem nisi plena cruoris, hirudo.

Esta asserção é uma perfidia. Horacio comparou a tenacidade de um recitador impertinente, que não larga a pessoa, que involuntaria o ouve, sem ter acabado de lhe lêr todos os versos do seu canhenho, com a tenacidade da bicha, que não larga a pelle, si não depois de farta de sangue, e Camões explica o mechanismo, com que se fórma a manga, attrahindo, ou chupando, como elle diz, o vapor do Oceano pelo mechanismo, com que a sanguessu-

ga extrahe o sangue por meio da sucção: duas cousas inteiramente diversas, e que o Zoilo não entendeu, ou maliciosamente confundio.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo em fim vóou
Porque co'a agoa a jacente agoa molhe,
A's ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do Sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na Escriptura,
Que segredos sam estes de Natura!

Entre os mais bellos trechos descriptivos de Camões notam-se com preferencia a descripção da Europa, da Esphera Celeste, dos Paços de Neptuno, da Tempestade, e sobre tudo a da Ilha dos Amores, muito superior sem dúvida pelo colorido, e naturalidade á da Ilha de Alcina, no *Orlando Furioso*, de Ariosto, e á do Jardim de Armida, na *Jerusalem Libertada*, de Torquato Tasso.

Mas ainda que ninguem estima, e admira mais do que eu o prodigioso genio de Luiz de Camões, que tantos serviços fez á Poesia, e á Lingua Lusitana, ainda que o considero como um dos dous maiores Poetas Portuguezes, e um dos poucos Epicos de primeira ordem da Europa moderna, não é tão cega a minha admiração por elle, que degenere em enthusiasmo frenetico, que pretenda sustentar rediculamente, que o seu Poema não tem defeitos; si tal fosse teria elle gozado um privilegio, que atégora nenhum homem gozou, nem gozará. A gloria dos grandes Escriptores não está, como bem advertio Longino, em não ter defeitos, mas em ter produzido numerosas bellezas de primeira ordem, que desculpem, e obscureçam esses defeitos: as-faculas, e manchas que ás vezes observamos no disco do Sol, não impedem que elle seja o mais brilhante de todos os Astros, pelo menos em relação aos habitantes do nosso Planeta.

Póde alguém negar que nos *Lusiadas* os quadros maritimos estão mais bem pintados, que os terrestres? Que a pintura da Ilha dos Amores, perfeitissima, si a consideramos isoladamente, deixa muito a desejar considerada

como Episodio do Poema ! Pelo menos eu desejára , que em vez de o Poeta me apresentar ali uma floresta , que pôde ser , se quizerem , o jardim de Venus em Chypre , dando de avesso a todas as suas reminiscencias classicas , e mythologicas , me transportasse a uma floresta virgem da Asia , nutrida de toda a riqueza selvatica da rica vegetação dos Tropicos , e que as arvores , as plantas , e as flores , que a embelecem alardiassem o character particular , e as fôrmas que as differencam das arvores , das flores , e das plantas da Europa .

Quizera igualmente que Luiz de Camões tivesse tirado maior partido do Islamismo , das Ceremonias da Religião Braminica , e dos Costumes Orientaes .

No Canto oitavo , e nono nos informa o Poeta de que os Mouros instigados contra os nossos pelo odio religioso , e pelo ciume dos interesses commerciaes , de que até ali haviam feito monopolio , sobornaram os Catuaes para embarçar o despacho do Gama , e talvez para destruir a frota no porto de Calicut : é isto certamente o que me diz a historia ; mas eu quereria que o Poeta transportasse aqui a verdade historica para a verosimilhança poetica ; dramatisasse este facto , e nós fizesse assistir aos conciliabulos dos Sarracenos , e dos Indios ; escutar as suas discussões , e expôr os motivos das suas intrigas , e os meios , com que contassem para leva-las ao cabo . Parece-me que Monçaide afeiçoado aos Portuguezes , que tantos serviços lhe fez , e que os seguiu á Europa abraçando a Religião Christã , podia representar nisto um papel tão brilhante , como Abdiel no conciliabulo dos Demonios no Paraíso Perdido de Milton .

Tambem me parece , que o Gama faz uma tristissima figura epica quando reconhece

Que elle não hera mais que hum Diligente
Descobridor das Terras do Oriente .

E quando

Escreve a seu Irmão , que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse .

Quanto á verosimilhança não deixa de haver nos Lusíadas alguma cousa digna de censura . As façanhas de

alguns Lusitanos antigos, e modernos pintadas nas bandeiras, sam invenção desgraçada, porque nas bandeiras nunca se pintam senão armas dos Principes, ou das Nações a quem ellas pertencem : aquellas memorias só poderiam ter logar em paineis, ou em tapeçarias, que guarnecessem a camara do Capitão.

Desgosta tambem que o zêlo religioso de Camões o levasse a fazer que o Gama, contando ao Rei de Melinde a Historia de Portugal, todas as vezes que falla em Mouros lhe applique os epithetos de *nefandos*, *barbaros*, *torpes*, *cães*, *perros*, não se lembrando que fallava com um Principe Mahometano, e que este o recebia com tanta affabilidade, e agasalho ; isto é peccar não só contra o decoro poetico, mas contra as regras da civilidade, e boa criação : mas serão taes estes defeitos, que obscureçam a gloria do Poeta, e façam dos Lusiadas uma Obra secundaria ? Não, responde a admiração de trez seculos, e essa admiração me parece um abono seguro da perpetuidade da sua fama.

A estima, e o applauso das Obras de Camões, e muito especialmente dos seus Lusiadas, tem progredido, e augmentado na razão directa dos progressos do bom gosto, da boa critica, e das sciencias ; porém essa estima para vergonha nossa, é ainda maior entre os Estrangeiros, que entre os Portuguezes, sempre tibios apreciadores das proprias riquezas.

Foi neste seculo, epocha a mais brilhante da gloria de Camões, quando o seu nome era pronunciado com mais respeito entre as nações da Europa, quando os Criticos Alemães, Inglezes, Italianos, e Francezes se occupavam em analysar as suas bellezas, quando acabava de apparecer em Inglaterra a nova traducção de Lord Strangford, e na Italia a de Bricolani, que entre nós se ergueo do pó da terra um charlatão literario blasonando de aniquillar o que elle chamava a *maldita Seita Camoniana*, que até por moda se hia propagando pela França.

Esta mania lhe fez produzir não só os Artigos do Espectador, mas dous grossos volumes recheados de absurdos, ineptias, ignorancia, calumnias, e desaforos contra Camões. Ahi existem impressos para perpetuo ludibrio, e vergonha de seu author esses dous volumes, e o Dis-

curso Preliminar do Poema *Oriente*; porém esse Poema *Oriente* julgo eu mais honroso para o nosso Poeta, que todos os louvores, que lhe prodigalisou Faria e Sousa. Julgamos que a sua composição foi uma rigorosa penitencia, que José Agostinho se impoz pelos seus peccados literarios contra Camões. Pôr aquelle Poema ao lado dos *Luíadas* foi dizer « eis aqui o que de um assumpto difficil tirou um homem de genio; eis aqui o que d'elle tirou um escrevinhador sem talento; sirva o nada, que eu fiz, de ponto de comparação para se conhecer o muito que fez Luiz de Camões. » Debaixo deste ponto de vista, deve consagrar-se que José Agostinho de Macedo foi o mais generoso dos Criticos.

Ainda ha pouco a Inglaterra levantou uma Estatua a Sir Walter Scott!... E nunca chegará o tempo de pagarmos a nossa divida de gratidão ao mais nacional, e ao mais patriotico dos nossos Poetas? Ficarão os ossos do Homero Portuguez perpetuamente esquecidos sob o altar do côro debaixo do Convento de Santa Anna? Não serão jámais transferidos para um tumulo decente, que todos contemplem, que desperte a veneração dos seus compatriotas, e inflamme novos genios de briosa emulação? Continuaremos a ser por muito tempo a respeito das bellas artes, e com especialidade da poesia

Tão rudes, e de engenho tão remisso,
Que a muitos dará pouco, ou nada disse.

Como elle dizia dos seus contemporaneos, no seio da miseria, e da angustia?

Em mil oito centos, e dezoito, alguns admiradores de Camões, Inglezes, e Portuguezes residentes em Londres, ordenaram uma subscrição para levantar um monumento, onde descançassem honrosamente os ossos do cantor das nossas glorias; o celebre professor João Domingues Bomtempo foi incumbido da composição da musica para as exechias, e tinha já desempenhado esta honrosa commissão por um modo digno dos seus talentos; mas quando se diligenciou a licença para se levar a effeito esta empreza, foi ella denegada pelo judicioso motivo de que o *Monumento havia de ser em Praça Pública!!*

Mr. Adamson na sua Vida de Luiz de Camões, obra cheia de erudição, de boa critica, e que mostra um profundo conhecimento da Literatura Portugueza traz uma longa lista de todas as traducções dos Lusíadas em Latim, Hespanhol, Italiano, Inglez, Francez, e Alemão, transcrevendo de todas ellas a morte de D. Ignez de Castro, exceptuando, a que Sulpicio Goubier Barrault, Major da Praça de Lisboa, fizera dos Episodios de Admastor, e D. Ignez de Castro, que elle afirma que, apesar de todas as diligencias, não podéra descobrir, mesmo em Portugal, onde as fizera procurar. E' na verdade rara, e como possuo um exemplar desta traducção com ella terminarei o que tinha a dizer á cerca de Camões.

LA MORT D'INÉS DE CASTRO.

Tu vivais, belle Inés, et tranquille, et contente,
 Tu cueillais les doux fruits d'un age ou tout enchante,
 Dans cette erreur de l'ame, et ce calme trompeur,
 Dont le sort vint bientôt t'arracher la faveur.
 Aux bords du Mondego sereins, et pleins de charmes,
 Que tes beaux yeux toujours mouilleient de quelques larmes,
 Aux monts, aux prés, aux bois, à la plus tendre fleur
 Tu repetais le nom le plus cher á ton cœur.
 Pédre était loin de toi, mais te voyait sans cesse,
 Du plus doux souvenir il paioit ta tendresse,
 La nuit, d'un songe heureux la seduisante erreur,
 Ennivrait ses esprits, t'offrait á son ardeur :
 Le jour, ses tendres vœux, ses soupirs, ses pensées
 Volaint jusques á toi, sur l'aile des idées.
 Objets, songes, desirs, tout porte dans son cœur
 L'empreinte de la joie, et l'attrait du bonheur.

Ce Prince fait l'hymen, et l'espoir des caresses
 Des plus touchants objets, des plus belles Princesses,
 Vaincu d'un doux regard, d'un chaste amour épris,
 Ce qui n'est pas Inés n'obtient que ses mepris,

Mais cet étrange amour allarme enfin son Pere ;
 Ce Veillard circumspect pesc en juge severc
 Le murmure du Perple, et le gout dangereux,

Qui maîtrisant son fils, l'éloigne d'autres nœux,
Pour arracher ce Prince au piège, qui l'arrête,
Le Roi condamne Inés, et proscrivant sa tête,
Croit noyer dans un sang, qu'il verse indignement,
Du plus fidel amour le feu le plus ardent.
Oh fureur ! il fallait que ce fer invincible
Qui fit mordre la poudre à l'Africain terrible,
Vit souiller son triomphe en portant le trepas
Dans le sein delicat d'un objet plein d'appas !

D'horribles meurtriers une troupe farouche
La traîne aux pieds du Roi : ce spectacle le touche...
Mais le Peuple, que avengle un feroce transport,
La poursuit à grands cris, et demande sa mort.
On entendait d'Inés les accens lamentables,
Qui cherchaient à flechir des cœurs impitoiables ;
Moins sensible à ses maux, à ses beaux jours ravis,
Qu'aux douleurs de son Prince, et qu'au sort de ses fils,
Elle elevait aux Ciel ses yeux remplis de larmes,
De ses duniars momens seules, et faibles armes ;
Tandis que lachement un de ses assassains
D'un unfamie lien deshonorait ses mains,
Puis baissant ses regards, sa tendresse envisage
Ses enfans de l'amour et le fruit, et l'image ;
Et pour ces Orphelins craignant de nouveaux maux,
A' leur Ayeul cruel elle adresse ces mots.

« Entre ces animaux féroces par nature,
« Qui du carnage seul tirent leur nourriture ;
« Et parmi ces Oiseaux de rapine, et de sang,
« Qui, fondant sur leur proie, en déchirent le flane,
« De malheureux enfans pros crits des leur naissance
« Out trouvé la pitié, des secours, l'existence,
« Ainsi Semiramis vit ses jours conservés,
« Rome, tes fondateurs ainsi furent sauvés :
« Oh toi, qui des humains portes la ressemblance ;
« Si c'est l'être en effet d'assouvir sa vengeance,
« D'abuser sans remords d'un pouvoir inhumain,
« D'outrager la nature, et de tremper sa main
« Dans le sang d'une femme innocente victime,
« Sans force, sans secours, et qui n'a d'autre crime

“ Que d'avoir captivé la tendresse d'un cœur,
“ Que du sien, jeune encor, fut l'unique vainqueur :
“ Alphonse ! vois mes fils, respicte leur enfance,
“ Si ma fatale mort, mon sang, ni ma naissance
“ Ne peuvent t'émouvoir en ma propre faveur,
“ Ne les entraîne pas, du moins, dans mon malheur,
“ Suspend ce fer, ces feux, que justes dans la guerre,
“ Sur le superbe Maure ont servi ta colere,
“ Econte la clemence, et conserve des jours
“ Qui n'ont pas mérité que tu tranches son cours.
“ Ne sois pas inflexibel ! ah ! si mon innocence
“ Pouvoit prendre en ton cœur un moment ma defence
“ Si la pieté pouvoit t'arracher un regret.
“ D'un exil éternel prononce moi l'arret,
“ Aux glaçons de Scythie, aux sables de Libie,
“ Dans des pleurs éternels j'irais trainer ma vie,
“ Choisis quelque desert affreux, inhabité
“ Theatre de carnage, et de ferocité,
“ Là toute à mon amour, à cet amour extreme,
“ Qui quand je perds le jour, survit à la mort meme,
“ Mes mains eleveront ces restes précieux,
“ Ces tendres innocents, vois leurs traits ! vois leurs yeux !
“ Ce regard, que te dit que ton fils est leur pere !
“ Eux seuls consoleront leur miserable Mere ;
“ Les Tygres, les Lions nous seront moins cruels,
“ Que les cœurs endurcis des barbares mortels.

Le Monarque attendri penchait vers la clemence,
Il vouloit revoquer la fatale sentence,
Un Peuple opiniatre, et le destein d'Inés
S'acharnait à sa perte, et hatait les forfaite,
Ainsi le sort le veut, et la troupe complice
Couvrant son attentat du faux nom de justice,
Faisant briller le fer, que guide la fureur,
Sert une rage injuste, et croit servir l'honneur.

Telle antrefaix l'aimable, e jeune Polixene,
D'une mere monrante et l'espoir, et la peine,
Quand Pyrrhus la trainait le poignard à la main,
Fixait sa tendre mere, avec cet air serain
D'une jeune brebis, qu'on mene au sacrifice,

Deconvrait son beau sein, et s'offrait au suplice ;
Telle Inés présentait aux bourreaux de ses jours
Cette tete charmante, ouvrage des amours ;
Cette tete, ou depuis, et malgré la mort meme,
La vingeance, et l'amour mirent le diademe.
A' l'aspect des poignard retirés, de son flanc,
Arrosés de ses pleurs, et baignés de son sang,
Ces monstres s'acharnant encor sur la victime,
Bravaient les chatiments reservés á leur crime.

O soleil, tu devaist dans cet horrible jour
Priver de tes rayons ce coupable sejour,
Ainsi que tu le fis dans ce moment funeste,
Quand Atrée insultant á son frere Thyeste,
Fit servir a ce Roi credule, et malheureux,
Les membres de son fils dans un festin affreux.
Pédre !.. est le dornier cri qui jette Inés mourante,
Echos, vous le sçavez, et lors que á cette amante
Eteinte par la mort la voix se refusoit,
Sur ses levres encor ce nom cher palpitait.

Telle la fleur des champs dont la jeune Bergere
S'empresse de former sa couronne legere,
Coupée avant le temps se flettrit sous sa main,
Perd son eclat brillant, et son parfum divin ;
Telle cette Beauté ravie á la lumiere ;
Les voiles de la mort ont couvert sa paupiere,
Sa paleur a terni l'albatre de son sein,
Et son sonfle a seché les roses de son tein.

Nimphes du Mondegó, des larmes les plus tendres,
Vos tristes yeux loutemps ont arrosé ses cendres,
Et pour eterniser vos profondes douleurs
L'Amour meme en fontaine a transformé vos pleurs,
Le nom d'Amours d'Inés, qu'elle conserve ancora
Lui fut donné par vous, qui la vites eclore ;
Et vous dites sans cesse en regardant son cours,
Nos larmes sont ses eaux, et son nom les amours.

ADAMASTOR.

Dejá depuis cinq jours, au gré d'un vent heureux,
 Nos vaisseaux s'éloignaient de ces bords dangereux,
 Vous guoient sur une mer jusqu'alors ignorée,
 Une nuit, qu'au repos la flotte était livrée,
 Je veillais, observant sous des astres nouveaux,
 La sillomante proue ouvrir le sein des canx,
 Sur nos têtes soudain une effroiable nue,
 Se forme, obscurcit l'air, y parait suspendue.

Ce nuage roulait, si chargé de vapeurs,
 Qu'à son horrible aspect l'efroi glaça nos cœurs,
 De la mer, qu'il noircit, les flots un loin mugissent,
 Tels quand de leurs brisants les rochers retentissent.
 O sublime pouvoir ! m'écriai-je à l'instant,
 Est-ce un nouveau mistere, est-ce un ciel menaçant,
 Dont ces mers, ces climats nous présentent l'image ?
 Prodiges plus affreux que la foudre, et la orage !

A peinc j'achevais, que dans l'air tenebreux
 Un Phantome apparait robuste, vigoureux,
 Sa figure est diforme, et sa taille etonnante.
 Il a les traits chargés, la barbe degoutante,
 L'air terrible, et mechant, le tein pale, et terreux,
 Les yeux creux, les cheveux et crépus, et fangeux,
 Sa bouche affreuse, et noire, et ses levres pendantes,
 Offrent l'aspect hideux de ses dents jaunissantes.

D'abord, je te l'assure, à son corps monstrueux
 De Rhodes je crus vois ce Collosse fameux,
 Dont l'étrange grandeur n'eut jamais de pareilles,
 Et que le monde compte entre ses sept merveilles,
 D'un son horrible, et rauque il frappe enfin les airs,
 Sa voix parait sortir de l'abime des mers,
 A' l'entendre, à le voir nos cheveux se herissent,
 Tout, notre corps frissonne, et nos veines tarissent.

« Hardis mortels, (dit-il) et plus audacieux
 « Que tons ceux, qui du monde ont étonné les yeux,

« Vous dont de vains travaux, tant de cruelles guerres,
« N' ont jamais pu lasser les armes temeraïres,
« Vous osez donc briser ce terme limité ?
« Vous osez de ces flots courir l'immensité ?
« De ces flots, dont toujours j'ai gardé la surface,
« Dont jamais gouvernail n'a sillonné l'espace ?

« Eh bien! puisqu' aujourd'hui d'un regard pénétrant
« Vous scrutez la nature, et l'humide élément,
« Et sondez des secrets, dont des mortels célèbres,
« D'un nom, même immortel, n'ont percé les ténèbres ;
« Je lis dans avenir, écoutez les malheurs,
« Dont votre trop d'audace essuira les horreurs,
« Tant sur ces vastes mers, que par toute la terre,
« Qu'il vous fant subjuguier par la plus dure guerre.

« Voyez votre voyage, et sa fatalité ;
« Tous ces voiles armés par la témérité
« Auront pour ennemis, à jamais, ces rivages,
« Ou se rassembleront les vents, et les nuages !
« Et des premiers Vaisseaux contre moi révoltés,
« Qui franchiront ces flots jusqu'ici respectés,
« Le chatiment subit fera de tels ravages,
« Que vos perils seront moins grands que vos naufrages.

« Ma vengeance, j'espère, un jour dans ce climat
« De qui me decouvrit expiera l'attentat ;
« Et l'ardeur de punir votre audace obstinée
« A son seul chatiment ne sera point bornée,
« Oui, si la vérité se decouvre à nos sens,
« Tous les ans vous verrez, fréles jouets des vents,
« Vos Vaisseaux engloutis, et tant de maux à craindre,
« Que d'eux tous ressemblés la mort sera le moindre.

« Au premier Chef illustre, et parmi vous fameux,
« Dont les faits porteront le renom jusqu'aux Cieux,
« Je dois par des decrets, qu'aux humains un Dieu cèle,
« Servir de sepulture éternelle, et nouvelle,
« De la flotte du Turc c'est dans ces mêmes lieux
« Qu'il lui faudra laisser le trophée orgueilleux.

“ Quiloa renversée, unie avec Mombaco
 “ De sa perte infailible avec moi le menace.

“ Aprez lui doit paraître un Heros genereux
 “ Issu d'un noble sang, plein d'honneur amoureux ;
 “ Pour compagne el aura l'objet le plus aimable,
 “ A l'amour il devra ce prix inestimable ;
 “ Mais trahis par le sort, et par leurs noirs destins,
 “ Et jettés sur mes bords arides, inhumains,
 “ Ils sortiront vivants du plus cruel naufrage,
 “ Pour souffrir des travaux plus forts que leur courage.

“ Ils verront leurs enfans, objets de leur amour,
 “ Par la faim dévorés, expirer tour à tour ;
 “ On verra l'affreux Cafre avide, et plus barbare
 “ Depouiller sans pitié la beauté la plus rare,
 “ Et ce corps, dont l'eolat efface le cristal,
 “ Nud souffrir la chaleur, le froid, un air fatal,
 “ Laisant de toute part sur l'arene brulante
 “ De ses pieds delicats l'empreinte encor sanglante.

“ Echappés à ces maux, à ces tourments divers,
 “ Ces amans survivront à leur affreux revers,
 “ Pour languir, pour souffrir, dans leurs sort déplorable
 “ Des arides forests la chaleur implacable,
 “ C'est la qu' apres avoir à force de malheurs
 “ Amolli les rochers pas leurs cris de douleurs ;
 “ Ils verront embrassés fuir leur ame immortelle
 “ De la triste prison, qui pour eux fut si belle

“ Poursuivant son discours, ce Monstre horribel enfin
 “ Predisait nos destins ; quand me levant soudain
 “ Qui es-tu ? (di-je) toi, qui sous ce corps informe
 — Nous viens émerveiller de ta stature enorme ?
 Tournant alors la bouche, et roulant ses yeux creux,
 Il pousse avec effort un hurlement affreux,
 Et répond d'un ton dur, que l'amertume enflamme,
 Comme si ma demande cut opprimé son ame.

“ Je suis ce Cap fatal, oculte, e renommé,
 “ Que le Cap orageux vous meme avez nommé,

« Ptolomée, et Strabon, Pomponius, ni Plin,
 « En un mot nul mortel n'a sçu mon origine,
 « Ni vu mon Promontoire inconnu jusqu'alors,
 « Dela Côte Africaine il borne ici les bords,
 « E commandant ces mers s'étend sur leur surface,
 « Vers le Pole Antarctique outré de votre audace.

« La Terre me compta parmi ses fiers enfans,
 « Centimane, Enclade, Egée, et les Titans,
 « Je suis Adamastor, et pris part à la guerre
 « Contre le Dieu puissant, que lance le tonnerre;
 « Mais on ne me vit point entasser monts sur monts;
 « Conquerant l'Océan, et ses antres profonds,
 « Je me chargeai des mers, ou courant la fortune
 « Je cherchais farieux la flotte de Neptune.

« De ce hardi projet l'Amour fut le moteur,
 « L'Epouse de Pelée avait seduit mon cœur;
 « A' la Reine des eaux seule rendant les armes,
 « Des Deesses du Ciel je meprisai les charmes,
 « Sur les bord de la mer je la vis nue un jour,
 « Les Filles de Nérée embellissaient sa cour,
 « Soudain mon cœur fut pris, mais de telle manière,
 « Qu'a tout dans l'univers encor je la préfère.

« De mon énorme corps l'effrayante grandeur,
 « D'obtenir son aveu m'otant l'espoir flateur,
 « Je voulus l'emporter par la force des armes,
 « Je le dis à Doris; la Deesse en allarmes
 « Court tremblante d'effroi parler en ma faveur;
 « Thetis, lui souriant de l'air de la candeur
 « Quelle Nymphé pourrait (dit elle avec finesse)
 « A l'amour d'un Geant igaler sa tendresse?

« Mais enfin pour sauver d'Océan aux abois
 « D'une guerre si longue, essaions, toute foix
 « Sans blesser mon honneur, d'arreter le carnage,
 « Ma confidente ainsi me rendit ce message,
 « Je n'en soupçonnai point le piege seduisant,
 « Des amants insensés tel est l'avenglement

« Abondamment rempli de vaine confiance
 « Mon cœur bercé d'erreurs se gonfla d'espérance.

« Ridicule jouet de l'imbecilité
 « De la guerre déjà je m'étais desisté,
 « Par Doris une nuit m'est promise ; j'arrive,
 « Et je crois voir Thetis seule au loin sur la rive.
 « Aucun voile jaloux ne convrait ses appas,
 « C'est son port, sa blancheur!.. j'ouvre aussi tot les bras,
 « Je cours baiser ce corps, j'y sens voler mon ame,
 « Sa bouche, ses cheveux, son bel œil... tout m'inflamme.

« Ah! je ne puis conter sans honte, et sans regrets,
 « Que croiant embrasser la beauté, que j'aimais,
 « Je me vis embrassant un mont dur, effroyable,
 « Convert d'une forest epaisse, impenetrable ;
 « Et trouvant face à face un rocher dans mes bras,
 « Quand je croit presser d'angeliques appas ;
 « L'Homme en moi disparut, muet, presque sans vie,
 « Je devins une roche a une autre roche unie.

« Nymphes de l'Océan la plus riche en attrait,
 « Que t'en eut-il coûté si je te déplaisais,
 « De me laisser au moins l'erreur d'un bien supreme,
 « Fut-ce un songe, une nue, un mont, le neant meme ?
 « Fuiant enfin ces lieux, insensé de fureur,
 « Outré d'affliction, et de mon deshonneur,
 « Je fut chercher un monde, ou delivré d'alarmes,
 « Je ne visse personne insulter à mes larmes.

« Mes freres dès longtemps étaient déjà vaincus,
 « Et dans leur triste sort sans ressource abatus,
 « Pour plus de sureté les Dieux dans leur vengeance
 « Les avaient ecrasés sous des roches immenses,
 « Ainsi contre le Ciel tous les efforts sont vains,
 « Tandis que je me traine en pleurant mes chagrins,
 « Des destin ennemis trop coupable victime,
 « Je commence à sentir la peine de mon crime.

« En terre dure un jour je vis changer mes chairs,
 « Mes os pétrifiés formerent des rochers

« Ces membres, que tu vois, cette figure enorme
« S'allongeant sur les eaux, prirent un autre forme ;
« En ce cap reculé les Dieux vengeant leurs torts,
« Convertirent enfin mon gigantesque corps :
« Et pour rendre á jamais mes douleurs plus profondes,
« Thetis meme, Thetis m'entoure de ses ondes.

Ce monstre ainsi parla pleurant affreusement,
Et de nos yeux surpris disparaít á l'instant :
Avec lui disparut le tenebreux nuage,
D'un long gémissement la mer, et le rivage
Retentirent au loin : moi j'élevai les mains
Vers le Ciel, qui nous guide en ces climats lointains,
Le priant d'éloigner les disgraces futures,
Qu'Admator predit dans ses tristes augures.

Sulpicio Goubier Barrault.

Da Dedicatória desta Traducção a El-Rei D. Joseph se vê que o Traductor estava resollvido a emprehender a versão completa do Poema, si fosse para isso auxiliado pelo Governo. Por desgraça o Marquez de Pombal, que não era grande amador da poesia, não julgou que a offerta merecesse galardão, e assim perdemos o ter uma boa Traducção, dos *Lusiadas* em verso Francez, cousa que ainda não existe.

CAPITULO III.

Pedro da Costa Perestrello.

Si as Obras deste Poeta sam pouco conhecidas, menos conhecidas ainda sam as circumstancias da sua vida, a sua familia, a sua patria, os seus estudos, a sua fortuna, e o anno, e local da sua morte.

Nada disto consta da pequena noticia que delle nos dá Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, nem da que o professor de rhethorica, António Lourenço Caminha, ruim Critico, e mais ruim Poeta, collocou á frente de algumas Obras deste Poeta, cujos manuscriptos descobriu, e deu á luz; posto que eu duvido da authenticidade de algumas dellas. Esta noticia que elle diz extrahida de Barbosa, é verdadeiramente copiada delle sem alteração de uma virgula. Na falta pois de outras noticias somos obrigados a seguir o que diz Barbosa, e as conjecturas que podermos formar de alguns logares das suas poesias.

Parece pois que Pedro da Costa Perestrello seguiu nos seus primeiros annos a vida militar, e servio em Hespanha, pois consta que assestira, no posto de Capitão, á celebre Batalha de Lepantho, no anno de 1571.

Esta batalha foi ganhada naquelle golfo sobre uma poderosa armada Othomana, com que o Sultão dos Turcos ameaçava a Christandade, e com especialidade a Italia, por D. João de Austria, filho do Imperador Carlos V., e irmão de Filippe II., Rei de Hespanha: aquelle Principe commandava em chefe as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova, e as galeras do Papa, e desejoso de gloria, deliberou-se a combater o inimigo, apesar das instrucções secretas, que tinha em contrario, e da opposição

do celebre André Doria, Almirante da Senhoria Genoveza, que não podendo al fazer, se conservou com as suas gale-ras em inacção, como simples espectador da batalha, e da victoria.

Esta victoria, que salvou a causa da Religião Christãa, fez grande estrondo na Europa, e foi celebrada pelos mel-hores Poetas do tempo; ella inspirou a Herrera uma Can-ção, e uma Ode, que se contãem entre as trez mais subli-mes composições daquelle grande Poeta; João Rufo, e Jeronymo Côrte Real a cantaram nos seus Poemas Epi-cos a *Austriada*, e a *Victoria de Lepantho*, e tornou o no-me de D. João d'Austria summamente popular tanto na Hes-panha, como na Italia, mas por isso mesmo despertou o ciume, e a desconfiança de Filippe II., que festejando a gloria do triumpho das suas armas, olhou desde então com sobrenho o triumphador, que procurou sempre affas-tar de si, removendo-o com especiosos pretextos para os Paizes Baixos, sem as forças necessarias para vencer os rebeldes, e fazendo-o cuidadosamente espionar como consta de Estrada, Hogo Groot, Bentivoghio, e outros historia-dores, que tractaram das campanhas da Belgica.

Tambem parece, que a sua estada em Castella não contentou muito a Perestrello, talvez por vêr mal recom-pensados os seus serviços; é pelo menos o que pôde col-ligir-se da seguinte Satyra violenta, por elle publicada contra a cidade de Madrid, capital daquelle monarchia.

O Madrid, escuro Inferno,
Emulo del bien humano,
Que amontonas con tu mano
Muladares en Inbierno,
Para comer de Verano.

Tus apparecias serenas,
Por mi mal las conoci,
Por que otro bien non le vi,
Sinon tus salidas buenas,
Por que son salir de ti.

Desterraste al niño ciego,
Y del Mundo el bien maior,

Donde con poco valor
Arden tus Damas sin fuego,
Que aman todas sin amor.

Ala voz dulcisonante
Que en la Cythara se apura,
Diste nombre de loucura,
Y al mas grossero amante
Dás por dinero hermosura.

Las discretas, y las necias,
De todas no quitando una,
Tractas en igual fortuna;
Tienes corruptas Lucrecias,
Mas no se mata ninguna.

El Tarquinio es el dinero,
Que quita fuerça, y dolor;
El Intereis, el Amor;
Y de bravo es ya Cordero
Qualquer Bruto vengador.

En las tierras dó yo moro,
Cien Galinas toma un Gallo,
Al Carnero tantas hallo
Ovejas, Vaccas al Toro,
Tantas Yeguas al Caballo.

Y tus hembras infernales,
Que assi quiero que los nombres,
Indinas d'otros renombres,
Mas que brutos annimales,
Cada qual tiene cien hombres.

Prado tienes de placer,
Cercado de bosque ameno,
Fuera de ti como ageno,
Porque assi fu'e menester
Para ser el prado bueno.

Secas de Verano el Rio,
Llevas do invierno la puente,
Eres seco indiferente,
Eres mas que el hielo frio
Mas que la fragoa caliente.

Quin te busca no se alabe,
Sino despues que te viere,
Que dirá, si sabio fuere,
Quien te quiere no te sabe,
Quien te sabe no te quiere.

Tambem me persuado, que voltando á pátria desgosto-
so de Castella, é que alcançou o lugar de Secretario d'El-
Rei, de que falla o Abbade Barbosa Machado, o que me
parece provar, em primeiro lugar, que era fidalgo, pois
sem essa circumstancia, não é probavel, que fosse assim
empregado; em segundo lugar, que era hem visto na Cór-
te, talvez pelo talento de Poesia, que então andava mui-
to estimada, e cultivada dos Cortezãos.

Não admira que a victoria de Lepantho, que tanto enthu-
siasmo tinha produzido, não só nos Poetas Castelhanos,
mas nos Estrangeiros, pois que a numerosa collecção de
Poetas Italianos, que escreveram em Latim, está cheia de
Poemetos a esta Batalha Naval, suscitasse o desejo de
celebra-la em um Poeta que tinha ajudado a ganha-la
com a sua espada: e assi acconteceu, porque Perestrello
escreveu effectivamente com o titulo de *Batalha Ausonia*
um Poema em seis Cantos, e em ditavas, que o Abbade
Barbosa diz, que principiava por estes versos

La Santa Liga de Christianos canto,
De Austria las armas, y el Varon potente,

e termináva com estes

Unida destes Principes la mano,
Los sceptros partirán del Othomano.

Accrescenta mais que, no último Canto traz pintado o
Estandarte Real, que os Christãos, haviam tomado aos

Turcos naquella combate naval; é pois evidente que Diogo Barbosa Machado tinha lido este Poema, porém não nos diz si impresso ou manuscrito, pela minha parte julgo que seria manuscrito, porque nem o achei de venda em Lisboa apesar de toda a diligencia que fiz para encontra-lo, nem conheci ainda pessoa, que o tivesse visto, e fazendo-o procurar em Madrid, e em Cadiz, tive em resposta, que os livreiros ali não tinham conhecimento de semelhante obra. Não posso attribuir isto ao descuido das pessoas a quem incombi dessa diligencia, pois quem procurou, e mandou outros, que eu encommendára, também mandaria este se o encontrasse; igualmente não deparei com o seu titulo em algum dos Catalogos das Bibliothecas desta cidade, que examinei.

Lê-se mais na Bibliotheca de Barbosa, que Pedro da Costa Perestrello escrevera outro Poema, sobre a viagem de Vasco da Gama para a India, pelo Cabo da Boa Esperança, mas que não o publicára, por vêr que sahira á luz o Poema de Camões, e vem citadas as seguintes palavras de Manoel de Faria e Sousa, no Index dos Authores Portuguezes, de que Barbosa diz que tinha visto o original. « *Viendo la Lusitana cayeron sus osadias, y su Poema por el suelo: fué todavia ventaja grande el reconocer la ventaja agena; hizo otras cosas, y buenas.* »

Confesso que esta anedocta não me parece verosimil; seria demasiada modestia em um Poeta de reputação como Perestrello, o sacrificar ao esquecimento um Poema Heroico, cuja composição forçosamente lhe havia ter dado muito trabalho, só porque se havia publicado outro sobre o mesmo assumpto, não posso crêr que Perestrello tivesse em tão pouca conta a sua Obra, e o seu talento!

Tenho para mim, que a razão porque Perestrello não imprimio a sua *Batalha Ausonia*, e as suas outras Poemas, foi a mesma que fez com que elle não desse á luz o seu Poema do descobrimento da India; esta pelo menos será a minha opinião, em quanto não vir o facto abonado por pessoa para mim de mais authoridade que Manoel de Faria e Sousa cujo zêlo irreflectido pela gloria de Camões podia leva-lo a accreditar, que Perestrello obra-
ra assim pelos motivos que elle lhe supõem.

Tem havido entre nós nestes ultimos tempos tantas re-

surreições de poesias, que dormiam na sepultura do esquecimento, que não seria grande admiração que o *Descobrimento da India*, e a *Batatha Ausonia*, viessem fazer gemer os prêlos, como o *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz*, e o do Conde de Barcellos, e á vista delles poderíamos então avaliar com exatidão o merecimento poetico de Perestrello, e assignar-lhe o logar que com justiça lhe compete no Parnaso Portuguez; mas não podendo agora avalia-lo si não pelas poesias descobertas, e publicadas por Antonio Lourenço Caminha, não podemos tê-lo em conta si não de Poeta mediocre; esta collecção de que o editor tece um elogio tão enfatico, e exaggerado, que apenas poderia caber á Camões, consta da traducção de algumas Lições de Job, feita em terciaria rima, de uma Canção a Nossa Senhora, que o editor imprópriamente qualificou de Ode, de cinco Odes, duas Epistolas, uma ao Marquez de Castello Rodrigo, e outra a El-Rei D. Sebastião, seis Epigrammas, a Satyra á Madrid, uma Ecloga, sete Oitavas a S. Pedro, dez Sonetos a diferentes assumptos, sendo alguns delles em Castelhana, umas Voltas a um Motte, e uma Oitava sobre a morte de Lucrecia.

De todas estas composições a mais importante a meu vêr, é a traducção, ou paraphrase das Lições de Job; é ella escripta em linguagem pura, e apresenta bastantes Tercetos bem fabricados, e de quando em quando dá seus ares da energia, e força na Poesia Biblica. Não pertendo porém dizer com isto, que Perestrello possa neste trabalho igualar-se com Frey Luiz de Leão, e á comparação de alguns versos dos dous Poetas fará conhecer a differença.

PERESTRELLO.

Porque, Senhor, lhe diz, hes contra mi,
E queres opprimir á força pura
A obra de tuas mãos, feita por Ti?

Parece-te justiça por ventura
Os Maus serem de Ti favorecidos,
Condemnados os bons tua feitura?

Teus olhos por ventura esclarecidos
Sam de carne, Senhor, e corporaes,
Quaes vêmos os dos Homens cá nascidos?

Ou sam, Senhor, teus dias naturaes
Quaes nossos dias sam? ou os teus annos
C'os tempos vam correndo desiguaes?

Porque, Senhor, por termos inhumanos
Meus peccados inquires, e maldade,
E sem culpa padeço tantos annos?

Justiça peço a Ti, Deos de verdade,
Livre de Vicios, e desejos vãos,
Pois ninguem com peccados, ou maldade
Póde, Senhor, fugir das tuas mãos.

Vêjamos agora como o grande Lyrico Hespanhol exprimio as mesmas idéas.

FREY LUIZ DE LEÃO.

Este morir viviendo noche, y dia
Assi me enfada ya, que sin respeto
Las riendas soltaré a la lingua mia.

Diré mis amarguras en secreto;
Señor, condemnarás a un atrevido,
Ni me dirás razon de aqueste aprieto?

Es bueno ante tus ojos oprimido
Tener con violencia al que es tu hechura,
Y dar calor al malo? a su partido?

Tus ojos son de carne por ventura?
Tu vista qual la humana? tu partido,
Tu ser es como el ser de la Criatura?

Pesquisas lo que dudas engañado
Por dicha, o por sospecha manifesto?
Tu sabes que jamas te fui culpado.

No sabes mi ignorancia? mas ni aquesto
Ni fuerza, ni saber alguno humano
Descarga de mis hombros lo que has puesto.

PERESTRELLO.

Tuas mãos que de nada me fizeram,
De graças mil, e dotes rodeado,
Contigo contra mi te converteram.

Pois lembre-te, Senhor, que sou formado
De lodo, e pó, que em carne converteste,
E de preça serei nelles tornado.

Qual leite me mungiste, e composeste,
Como massa do queijo me ajuntaste.
De carne, nervo, e ossos me fizeste.

De piedade, e vida me dotaste,
Com teu soccorro, e bem favorecido,
Vesitaste minha alma, e me amparaste,
Espirito me deste engrandecido.

FREY LUIZ DE LEÃO.

Tus dedos me formaron, con tu mano,
Señor, me composiste a la redonda:

Y aora me despeñas inhumano?

Acuerdate que soy vileza hedionda:
Del polvo me hiciste encenizado
Hora es que el mesmo polvo en mi se esconda.

Como se forma el queso, assi yo puedo
Decir-te, d'una leche sozonada
Me compusiste con tu sabio dedo.

Vestisteme de carne rodeada
De cuero delicado, y sobre estables
Huessos con firmes nervios assentada.

Vida me diste, y bienes no estimables
Y con tu vestidura perservera
Mi huelgo flaco, y dias deslenables.

Parece-me que não será difficil o decidir de que parte
está a superioridade.

Tenho a seguinte Lição por um dos melhores trechos
desta imitação poetica.

Dita fôra mui grande, em que me vira,
Si dentro dos Infernos me amparasses,
E me escondesses the passar tua Ira;

E tempo certo algum me lemitasses,
Em que depois daquelle pena esquiva
De dar fim a meus males te lembrasses.

Qual Homem morto cuidas tu que viva?

Meus males cessem, e do corpo austero

Desejo desatar a alma captiva.

E, si me chamas responder-te quero,

“Sou obra de tuas mãos, dá-me a direita,

“Em que salvar-me do naufragio espero.

“De meus passos tomaste a conta estreita,

“Vistos os teus, Senhor, e numerados,

“A conta que fizeste hei por bem feita,

“Mas tu, bom Deos, perdoa os meus peccados.”

A Lição quinta é uma das mais bellas da Obra, pela facilidade da expressão, e pela melodia dos versos.

Homem nascido da Mulher, e enfermo

De pouca vida, e de misérias cheia,

Que passa como a Flor em breve termo.

E quasi ao vento como solta areia

Fugindo em sopro a nós desaparece,

Ou como sombra, que do Sol se alheia.

Que no mal, e mudanças que padece,

Não teve, nem terá alegre hum dia,

Nem nunca n'hum estado permance.

A este pois, Senhor, nesta agonia

Com sanha abres teus olhos, e o destinas

A juizo severo em tal porfia?

Quém podera, bom Deos, obras indinas

Do cujo Peccador fazer limpeza,

Si não as tuas mãos, que são divinas?

Do Homem breves são por natureza

Os dias, e os mezes, mas consiste

Em ti delles o termo, e a certeza.

O quanto ham de durar constituiste,

Que traspassar não póde a humana Gente:

Que queres pois, Senhor, ao Homem triste?

Delle te aparta piedosamente,

E deixa hum pouco de lhe ser contrario,

Porque gozê de ti suavemente,

E seja de seus dias mercenario.

É opinião de alguns Criticos, e sabios orientalistas, que o Livro de Job, não foi originalmente composto na

lingua Israelita, mas a traducção Hebraica de um Poema Arabe; esta opinião tem muita probabilidade attento o estylo figurado da obra, as suas comparações tiradas do sol, da luz, das aéas, as maneiras metaphoricas de expressar as cousas, e a menção de animaes, e aves, proprias da Arabia. E se compararmos este Poema, um dos mais sublimes que se tem escripto no mundo, com os Psalmos, e o Cantico dos Canticos, e outros que sam indubitavelmente hebraicos, notaremos entre elle, e elles não pequena differença nas idéas, e no estylo.

As Lições setima, e oitava podem dar ao Leitor idéa clara da differença, que corre entre a poesia das nações barbaras, e das nações civilisadas, e modernas; especialmente na escolha dos objetos de imitação.

LIÇÃO VII.

O meu espirito perderá seu brio,
Acabando-se hirão meus poucos dias,
E fica-me o sepulchro escuro, e frio.

Em amarguras, e melancholias
Meus olhos se detem, e eu sem peccado
Em ancias me desfaço, em agonias.

Mas si de ti, hom Deos, sou amparado,
Não poderei temer as Legiões
Do Mundo todo contra mim armado.

Atraz os dias, as imaginações
Dessipadas desta alma, e divertidas,
Me dá nella mortaes perseguições.

As noites passo em dias convertidas,
Depois das trevas luz, e Sol espero,
As nevoas de meus olhos consumidas.

No que posso durar bem considero
Ter minha casa no profundo Inferno,
Meu leito nelle temeroso, e fero.

Corrupta podridão co'pranto eterno.
Por Pai quero chamar, por Mãe, e Irmã
Os Bichos desse Abysmo sempiterno.

A Paciencia co'a Virtude sã
Promptas, meu Deos, para serviço teu,
Livres as tenho de Esperança vã,
Em ti postas, Senhor, justo Deos meu!

Qual seria o Poeta moderno, que ousasse escrever em um Poema original « *Eu quero chamar Pai á Podridão, e Mãe, e Irmãos aos Bichos do Sepulchro?* » com tudo, estas idéas, que em outra parte pareceriam sordidas, e extravagantes, suportam-se nas versões poeticas dos Livros Sagrados, que estamos acostumados a lêr, e a respeitar desde a infancia. Esta explicação vale para algumas imagens da Lição seguinte.

LIÇÃO VIII.

Pegou-se a minha pelle á minha bocca,
A carne já tão fraca, e consumida,
Que só c'os beiços a meus dentes toca.

A Gente por mim chore entristecida,
E pelo menos meus amigos sintam
A dôr da minha trabalhosa vida.

E nunca desfavores teus consintam
Debaixo de tua mão ser perseguido
Daquelles, que os desastres meus requintam.

Que quer dizer o peito endurecido
Dos Homens, sinão Deos ser-me inimigo
Farto de carne, que me tem comido?

Oh! quem poderá neste gran perigo
Vêr que se escrevam declaradamente
Minha voz, e palavras como as digo!

Oh quem me dera que destintamente
Em chumbo as escrevesse ó ferro duro,
Ou pedrenéira mais que o fogo ardente!

Que vivo, meu bom Deos, estou seguro,
Que da Terra no dia derradeiro,
Em carne, pelle, e osso vivo, e puro,

Homem resurgirei, qual fui primeiro,
Com olhos proprios meus, e não alheios,
Verei então a ti, Deos verdadeiro
C'os d'alma em tanto de esperanças cheios.

A Lição nona é um pungente grito de desesperação,
que o Traductor exprime com bastante energia.

Porque, Senhor, das corporaes entranhas
Da mulher me tiraste, e fui trazido
A vêr misérias tantas, e tamanhas?
Melhor me fôra então ser consumido,
E não me vira em tanta desventura
Si quasi sem nascer fôra nascido?
E do ventre levado á Sepultura,
O fim se anticipára de meus dias,
Que sei sam breves, e de pouca dura.
Deixa-me pois, Senhor, as agonias,
E dôres lamentar desta alma tua
Antes de entrar nas tenebrosas vias.
E assim comigo de tornar me exclua
A vêr terra tão secca, e tenebrosa
De misérias coberta, e morte crua.
E da sombra me guardes espantosa,
Onde só trevas, e clamor do Inferno
Em confusão habitam lastimosa,
Desordem, dôr, temor, e pranto eterno.

Pedro da Costa Perestrello rompeo aqui um caminho novo, fazendo pela primeira vez ouvir na Lyra Lusitana alguns sons da Musa do Deserto, e do Cinnor Hebraico! pena é que não comprehendessê a versão completa do Livro de Job, Poema sublime, cheio de imagens grandes, e de elevadas sentenças! Trabalho é este, que ainda espera por um Poeta, que o empheenda, e desempenhe com a mesma perfeição, com que o Padre Antonio Caldas desempenhou a versão de uma parte dos Psalmos.

O menor defeito da Canção, ou Ode a Nossa Senhora é a sua descommunhal estensão; tenho para mim que esta composição não é de Perestrello; não só porque a linguagem me parece muito mais moderna, mas porque está tão cheia de versos errados, outros duros, e outros prosaicos, que seria ridiculo attribui-la a um Poeta, que foi estimado no seu tempo.

Igualmente duvido da authenticidade das Odes, não porque ellas façam vergonha, a quem as compoz, mas porque vêjo nellas a imitação directa de Horacio, o que é contrario á pratica dos Poetas contemporaneos, que imitando as idéas dos antigos, guardavam sempre a forma

externa da Poesia Italiana, como pôde observar-se em Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões: até a escolha dos assumptos parece indicar um gosto mais moderno. Para que o Leitor possa avaliar a minha opinião transcreverei aqui algumas Strophes.

Leva por ondas a Cubiça humana
N'hum pobre lenho rôto, e mal vedado
Milhares d'Homens, d'onde o Sol se põe
Onde elle nasce.

Por Scillas, e Carybdis vam rompendo
Ignotos mares, bravas tempestades,
Perigos, e Vulcões, que a Morte fera.
Lhe põem diante.

As riquezas, que vam buscar tão loage,
Alijam pelo mar com pena grave,
Puxam, e affrouxam, e em roda viva
Todos trabalham!

As frouxas calmarias vam soffrendo,
Quando nas ondas falta o solto Vento,
As furias, que depois o Tormentorio
Cabo levanta.

Sujeitos a naufragios, e a tromentas
Hums ficam por manjar aos simples Peixes,
Outros, vagando em asperos desertos,
Morrem nas praias.

Outros, que escapam, procurando a vida,
Nas montanhas de Cafres habitadas
A vam perdendo lastimosamente
Ao desamparo.

Dirá alguem que esta linguagem, estas idéas, estas Strophes Horacianas não rymadas pertencem ao seculo de quinhentos? Não indicam ellas antes uma epocha posterior á Arcadia? Suspeito muito que estas Odes sejam do professor Antonio Lourenço Caminha, que quiz com

ellas engrossar o número das poucas poesias de Perestrello; mas seja, ou não seja assim, ellas posto que valham alguma cousa pelos pensamentos, valem pouco pela versificação, em que apparecem versos prosaicos, duros, e agudos, e mostram em quem a compoz grande ignorancia do metro da Ode; basta dizer, que todas as Strophes são compostas de trez hendicasylabos, e um adonico, o que produz uma disonancia insoportavel. O verso septenario é o unico que se casa bem com o hendicasylabo, porque a voz passa com facilidade, e sem repelão de um para outro. Substitui um octosylabo ao septenario final da mais bella Strophe de Garção, ou de Francisco Manoel, e destruirá toda a sua graça, e harmonia. O verso adonico produz excellente effeito no fim de uma Strophe composta de versos saphicos, mas se o collocaes depois de trez hendecasylabos, a Strophe, como vulgarmente se diz « *vai de ventas a terra* » tão escandalisado fica o ouvido, com aquelle choque violento, entre dous versos de tão differente natureza. Nunca poderá ser grande lyrico quem não estiver bem penetrado destes segredos da harmonia metrica, conhecimento, cuja falta se nota em alguns Poetas de merecimento como Antonio Ribeiro dos Santos, mas cuja escrupulosa observancia se encontra sempre em Garção, Domingos Maximiano Torres, e Francisco Manoel.

Nada mais differente do que nós chamamos Epigrammas do que os de Pedro da Costa Perestrello; á maior parte caberia melhor o titulo de Epistolas moraes, tanto pelos assumptos, como pela extensão; neste caso me parece estar muito especialmente o que é dirigido a Philippe II. de Castella, e I. de Portugal.

Catholico Monarcha, cujo Imperio
De hum Polo ao outro, terra, e mar profundo
Dos Hemispherios rege o Hemispherio.

Grão Monarcha primeiro, e sem segundo,
Que d'onde nasce o Sol, onde se põe
O sceptro, e formosura tens do Mundo.

Que tudo quanto nelle persopõe,
As barbaras Nações mais apartadas
A teu querer, e acceno se dispõe,

Que as trez partes das terras habitadas,
Europa, Africa, e Asia mais remota,
Ao só teu nome estão domesticadas.

Que a nova Região gran tempo ignota,
Rica de perlas, fonte de ouro, e prata,
Gozas cada anno na ligeira frota :

Teu gran valor quebranta, e desbarata
As armas, e vigias peregrinas
A's rodas prendes da Fortuna ingrata.

Dos montes Pireneos ás Cisalpinas
Fragas rompendo as Aguias co'a Victoria
De novo exaltam tuas santas Quinas !

Digno por ellas de immortal memoria,
De Julio Cesar transcendendo as Eras,
Novos Homeros cantarão tua gloria.

Dos Hereges domaste a Serpe fera,
Da Ley de Christo encheste co'a verdade
Teus novos Mundos, tua nova esphera.

Com santo zêlo, e gran severidade
Presides teus juizos approvados
Nos termos da Justiça, e da igualdade.

Com bons costumes honras teus Estados,
Aos bons, e justos fazes Soberanos,
Com justas leys castigas os culpados,
Deos te guarde, bom Rey, por muitos annos.

O mesmo pôde dizer-se de outro, que tem por objecto
os louvores dos virtuosos, e prudentes, que despresam os
bens da fortuna.

De Aleibiades dizem, que os Silenos,
Baixas, e vis imagens na Pintura,
Heram mais, quando pareciam menos.

Simples, e torpés heram na figura,
De fóra pareciam monstruosas,
Sublimes por de dentro em formosura.

De varios desbarates copiosos
Provocavam a riso os assistentes,
Com Phantasmas enormes, e espantosos.

Mas curtas descrepâncias apparentes
Co'a capa se cobriam da simpleza
Grandes virtudes, varias, e excellentes.

Desprezavam do Mundo a vã riqueza,
Cobriam com seu gesto turbulento
Os altos bens da sabia Natureza.

Seu desprezível trajo, e ornamento
Nas cousas, que mostravam miseraveis,
Cobriam seu divino entendimento.

E sendo tristes Feras admiraveis,
Para si mesmas o remedio forte,
Sem dôr curavam chagas incuraveis.

Contentes cada um com sua sorte,
Vida passavam branda, e descansada,
Livres das ancias, e temor da morte.

A mudavel Fortuna desprezada,
Lançavam de seus animos quietos
Não tendo della, nêo querendo nada.

Seus crassos termos, doudos, e indiscretos,
Ao parecer dos homens habatidos
Em gloria convertiam bem secretos.

Da Cobiça geral aborrecidos,
De Terra, e mar sollicitas Viagens
Alegres apartavam dos sentidos.

Não pendiam de Estados, nem linhages,
E tinham por fraqueza, e vão receo
Os enganos do Mundo, e seus ultrages.

E quanto mais o rosto tinham feo,
Tanto mais por de dentro parecia
De angelico favor, e graças cheo.

A Socrates seguiam, que dizia
Quanto mais douto, e sabio se mostrava,
Que nada saber hera o que sabia.

Diogenes na pipa, em que morava,
Por Sileno famoso estava nella,
Pois tudo tinha, e nada desejava.

Longe dos tractos da Fortuna bella,
Sem mudar os desejos, nêo o Estado,
Teve dos Sabios a mais clara Estrella.

Que sendo de Alexandre visitado,
E como seu favor lhe promettesse,
Ao Sol estando, disse descuidado:

Outras graças não teve, que lhe desse,
Mais que com livre voz altiva, e rara,
Que se apartasse, e o Sol lhe não tolhesse.

Resposta esta que tanto edificára,
Que a não ser Alexandre lhe dissera,
Que ser outro Diogenes tomára.

Resolução bem digna de quem hera,
De hum Principe tão grande, e tão famoso,
Posto do Mundo na mais alta esphera.

Que, si não fôra hum Rey tão poderoso,
Não tinha que hera ser em nada menos
Si pobre fosse reto, e virtuoso.

Destes houve no Mundo alguns Silenos,
Antisthenes por tal foi conhecido,
E admirando a grandes, a pequenos.

E Epicteto, Servo esclarecido,
E manço, e pobre tido em ludibrio
Sileno foi de bens enriquecido.

E ainda que o çafáro, e vil Gentio
Os Silenos por Monstros reputasse
Co'a natural doudice, e desvario,

E sem ponderação os despresasse,
Na ley da Graça temos approvados
Outros Silenos de mais alta classe.

Nos ermos para Deos santificados,
Fugindo dos humanos desconcertos,
Ricos de Deos, dos Homens despresados,

Em gloria se tornavam seus apertos,
A dura paciencia, e aspereza,
Doce manjar lhe davam nos desertos.

Alta sciencia tinham na surpresa,
No desamparo a vida mais segura,
E no ser pobres a maior riqueza.

Tinham em serem justos a ventura,
Nos trabalhos, e dôres a saude,
Cobrando com severa catadura
As altas excellencias da Virtude.

Não será este o estylo das Cartas, ou Epistolas de
Diogo Bernardes? Que semilhança tem isto com o Epi-
gramma? Duvido muito que o Author pozesse tal titulo

a estas composições; tenho por mais verosimil, que lhe fosse dado por algum Copista ignorante, e que Caminha achando-as assim intituladas no seu manuscrito, lhe conservou sem mais exame aquella incoherente denominação.

A Ecloga tem o defeito commum a todos os Poetas daquelle tempo; isto é, de disfarçar com alegorias pastoris accontecimentos da vida commum. Parece que o ficto do Author nesta Obra é persuadir a um Cortezão, que desgostoso se retirára da côrte o voltar para ella; não deixa porém, de conter bastantes bellezas proprias do genero, e a sua versificação é bastante fluida, e corrente, e me parece principiar de maneira mui natural. Advirto porém que desconfio muito de que este Poema não é de Perestrello; não só pela linguagem, mas até pelo nome de Alcino, de que não encontrei outro exemplo nos Bocolicos do seculo de quinhentos.

Alcino da Fortuna descontente
No fertil Riba-Téjo andava hum dia
Em trage de Pastor fugindo á Gente.

Tem por damno cruel vêr alegria,
Crescia no prazer o seu tormento,
Dobrava-lhe seu mal o bem que via.

Na dura sequidão, e apartamento
O menos do que tem tinha consigo,
Sua alma se lhe vai no apartamento.

Salicio, que de muito tempo amigo
De Alcino se chamava, experimentado
Em obras de sincero amor antigo;

Por montes, e por valles apressado,
Solicito em desejo achar procura
Aquelle bom Pastor amigo, e amado.

E ainda que seu mal difficil cura
Não queira, nem remedio necessario,
Amor, que lho deseja, lho assegura.

E sem outro desvio haver contrario,
Achava nesta dôr o triste Alcino
N'hum bosque reclinado solitario.

Salicio, que bem vê que o desatino
Com forças de maior tormento damna,
No peito, que do mal se julga indino.

A causa conhecendo d'onde mana,
 A queixa lhe desfaz, e desordena
 Com prática de branda voz humana,
 Dizendo-lhes : « Pastor, pois te condemna
 « O odio baixo, e vil, a ley te manda
 « Que quem culpa não tem, não tenha pena.
 « Não te ponha temor vêr desta banda
 « A roda, que, sem causa, outros levanta,
 « Que ainda correrá porque desanda.»

ALCINO.

« Não me espanta, Salicio, vêr com quanta
 « Mudança, se nos perde o bem presente,
 « Quem vive, quem se alegra só me espanta.
 « He prompta, como sabes, facilmente
 « A justo parecer esta alma minha ;
 « A carne, como fraca os males sente.
 « Da perda, que me vem culpa não tinha,
 « Não pedirei perdão, pois não fiz erro,
 « A quem me fez o mal isso convinha,»

SALICIO.

« No mais duro metal, no aço, e ferro
 « O tempo faz gastar toda a dureza,
 « Que cuidas que será no teu desterro ?
 « Vestigio pedregoso a Fortaleza
 « Si mostra mil ausencias n'hum só dia,
 « Pois dize, Alcino, em que porás firmeza.»

ALCINO.

« Agrada-me, Salicio, a fonte fria,
 « As Arvores, os Montes, o Deserto ;
 « As Feras escolhi por companhia.
 « Hum gesto vêjo só no desconcerto,
 « Dos outros para mim, mas os Pastóres
 « Hum rosto tem de longe, outro de perto.
 « A porta principal de seus favores
 « Culpas accusa, que chamam Virtude,
 « Fazendo vicios o que fez louvores,»

« Curar-me deste mal não quiz, nem pude,
 « Pois mais provoca dôr a Medicina
 « C'os meios que accrescentam á saude.

A Epistola a El-Rei D. Sebastião, que tambem se encontra na Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade, tem por objecto dissuadir aquelle Monarcha da funesta jornada de Africa, que teve em resultado a sua ruina, e a ruina da nação: si aquella Epistola foi com effeito presente a D. Sebastião, é grande abono do valor, e generosidade do Poeta, que não temeo por uma exposição tão franca como respeitosa da verdade, expôr-se ao desagrado de um Rei mancebo representando-lhe os perigos, e mau resultado de uma empreza, porque elle estava possuido do maior enthusiasmo; si o não foi, e eu me inclino muito a isso, sempre prova que elle tinha bastante perspicacia para prever o fim, que poderia ter tão mal ordenada tentativa. Em todo o caso a leitura desta Obra pôde servir de regra sobre o modo porque se pôde fallar aos Principes sem covardia, e sem arrogancia, nem quebra de acatamento, e respeito, que todo o homem bem criado deve tributar á sua alta dignidade. Considerando-a pelo lado poetico, esta Epistola, sem ser um modelo do seu genero, contém alguns trechos que podem dizer-se muito bem escriptos.

.....
 Com lagrimas do Povo foi pedida
 A Deos esta mercê, que sem tardança
 Lhe foi delle outhorgada, e concedida.
 Em passo extremo dando co'a bonança
 Teu nascimento havido, e alcançado
 Com lagrimas de Amor, e de esperança.
 E dellas em nascendo logo entrado
 Em teu sceptro real já vás cada hora
 Do Povo mais querido, e mais amado.
 Este bem, que na paz gozas agora,
 Sem delle te apartar, nem divertir,
 Próspera teus Estados, e os melliora,
 E nelles crescerás com sempre ouvir
 Aos bons, e maus com animo quieto,
 Seus casos; e juizos presidir.

Em publico severo, e no secreto
De proprios motos, e sciencia certa,
Fujas o termo crasso, e indiscreto.

Que a poucos val, è a muitos desconcerta
Co'a preça, de vagar sintas prudencia,
Que he meio singular de todo o acerto.

A Guerra he doce vista na apparencia,
Terrivel, fêa, fera, e espantosa
A quem della tem mais experiencia.

Em apparato, e resplendor famosa,
Nos effeitos cruel Serpe malina,
Sobre todas as Pestes perniciosas.

Quem nella vio de furia Serpentina
Corpos nos Campos feitos natomia
Ter nos Abutres sepultura indina. (*)

E quem as nuvens d'Arcabuzaria,
Estrepito, furor, grita, e espanto
De horrendos trons da grossa Artelharia;

E quem sangue de vivos correr tanto,
Que delle tintos vio passar os Rios,
E dos feridos o clamor, e espanto.

Perde da mocidade os altos brios,
E teme com razão (delles isento)
Tornar a tantos duros martyrios.

Martyrios é vocabulo *esdruxulo*, isto é tem a antepenultima longa; mas o Poeta o faz aqui *grave*, isto é, com a penultima longa; a fim de rymar com *rios*, e *brios*. O mesmo praticou em o Epigramma VI. com a palavra *ludibrio*, a que alongou tambem a penultima para a fazer rymar com *gentio*, e *desvario*, o que só pôde verificar-se pronunciando *ludibrio* grave, em lugar de *ludibrio* esdruxulo. Não sei se estas licenças, contra todas as regras da prosodia da lingua, serão admittidas hoje, em que os Poetas, quasi todos, se não pejam de ignorar os mais simples preceitos da theoria do metro; mas estou bem certo que no tempo da Arcadia ellas seriam altamente reprovadas pelos discipulos de Garção, e que nem os mais

(*) A edição de Caminha diz *ternos Abutres*, o que é grosseiro despropósito: muitos outros semelhantes ali ha, que emendei restituindo a verdadeira lição.

insignificantes, e rolhos versejadores se animariam a lançar mão destas, e d'outras licenças, que ora estou vendo praticar a cada momento por homens a quem não falta saber, nem talento poetico, mas a quem a natureza não dotou de um ouvido musico, e delicado. Bem conheço que estas, e outras censuras minhas, posto que feitas sem agri-monia, nem personalidades, e só no interesse da arte, armarão contra mim o melindre de alguns vaidosos, que querem ser louvados sem restricção; e pôde ser que me tomem para alvo de suas Satyras, mas já daqui os advirto, que perdem o seu tempo, porque a minha inalteravel pachorra não se altera com essas cousas. Quando era moço sempre tive o bom senso de aproveitar-me das criticas, quando me pareciam judiciosas, e de desprezar as injurias, ou rir-me dellas, e de quem mas difigia: hoje que estou velho pois, com grande pesar meu, já passo dos sessenta, não é probavel que mude de systema.

Ora contra isto corre o pensamento
Com furia juvenil ao que não viu,
Em que busca prazer, e acha tormento.
E como não passou, viu, nem sentiu
O mal da Guerra antes de entrar nella,
Não pôde vêr quam mal se persuadiu.

O Poeta passa logo a citar alguns exemplos dos males, que acarretou aos Principes o haverem-se empenhado em guerras desnecessarias, imprudentes, e de meros caprichos; e estes exemplos corroboram admiravelmente o que elle pertendia provar.

.....
O grande Xerxes com milhões de gentes,
Gozaudo em paz a grande Monarchia
De seus Reynos quietos, e florentes.

Quiz conquistar a Grecia com porfia,
De tomar para si o que hera alheio,
Tocado de soberba, e phrenesia.

Chegado a ella conheceo o enleio,
E com poucos dali rôto, e vencido
Desbaratado a seus dominios veio.

O outro Cyro fero, e tão temido,
Si o peito moderára denodado,
E fôra satisfeito do adquirido,

Não fôra por Thomiris degolado,
Nem seu peito, que em sangue se mantinha,
No odre do seu proprio mergulhado.

Cousas sam de cruel vida mesquinha,
Em que por culpa de homens temerarios
Por graves desventuras se caminha.

Ninguém se livra de successos varios,
Si não se conservar co'a paz amada
Em seus termos suaves, e ordinarios.

Cousa foi dos antigos bem notada
Nos Alexandres, Pyrrhos, e outros taes
Reprovando de guerras a jornada.

Houveram que nos Paços seus reaes
Poderam ser supremos, e excellentes
Gozando fama, e nome de immortaes.

E sendo dano cruel de tantas gentes,
Perderam com viver menos famosos
Mais quietos viver, e mais contentes.

Sentença foi de sabios curiosos
Dizerem que mais vale aos Reys da terra
Ser justos do que val ser poderosos.

Carlos, que o diga, que movendo guerra,
De Bergonha pacifico Senhor,
A' França, com ajudas de Inglaterra,

Com ira pertinaz, e vão furor
Morto ficou na emprezá, em que perdido
Esperanças cortou do seu valor.

O mesmo se dirá do mui temido,
E poderoso Rey Carlos outavo,
Que em seus Reynos quieto, e bem servido,

Lançou na roda da Fortuna hum cravo,
Com que, cuidando que a retinha presa,
Sahio de França poderoso, e bravo,

E por Italia, sem achar defesa,
Com só fama das armas pôde tanto,
Que de todo se fez Senhor da Empreza.

Dando, partindo, e despondo de quanto
Quiz ordenar a prospera Ventura,
Sem nas voltas cuidar, de dôr, e espanto.
Os mimos da fortuna mal segura
Qual Meravilha foram, que n'hum dia
Abrindo a flôr a secca, e transfigura.

A flôr que se chama *Meravilha* não abre, e murcha em um dia como o Poeta aqui affirma; bem pelo contrario é uma flôr bem duradoura, pois se conserva por muitos dias com todo o seu brilho.

Tal deste Carlos foi a Monarchia,
Que vendo-se famoso, e prepotente,
Se quiz perder por fama, e ufanía.
Voltando-se o que fez prosperamente
Em tantas perdas, e adversidades,
Que escapou dellas milagrosamente.
E cheio de ancias, e necessidades,
Veio de Italia rôto, e perseguido,
A seus Reynos por mil difficuldades.

O Poeta prosegue em citar outros exemplos, como do Rei Philippe, D. João I. de Castella, Francisco I. Rei de França, prisioneiro na batalha de Pavia, e conclue.

Estado he o dos Reys sublime, e honroso,
Si co'a Phylosophia sempre unido,
O Rey fôr sabio quanto he poderoso.
E assi na paz de santas leys rigido,
Os bens conseguirá perfeitamente,
Dos bons amado, e pelos maus temido.
Aqui lembro, Senhor, humildemente,
Exemplos de conquistas já passadas,
Que bem podem servir no que he presente.
Que sendo com resguardo ponderadas,
E antes de as provar bem entendidas,
Quanto forem dos sabios approvadas,
Tanto serão de Deos favorecidas.

Se D. Sebastião leu esta Epistola, é natural que fizesse sem muita impressão em seu animo os exemplos de tan-

tos Monarchas, que se haviam perdido em expedições de guerras mal combinadas ; mas si Deos em seus inexcrutaveis juizos havia decretado que elle perecesse com o Reino nas margens do Mocazim, que força podiam ter supplicas, representações, e conselhos da prudencia? A vontade de Deos pôde mais, que todos os esforços da razão humana.

Temos dez Sonetos de Pedro da Costa Perestrello, e trez delles sam em Castelhana ; é hem pouco, si considerarmos o apreço, que no seculo do Poeta se dava a estes Poemas, e aos centenares delles, que nos deixaram os Poetas contemporaneos ! Perestrello é muito natural, que não fosse mais avaro do que elles destas composições ; mas o tempo as devorou quasi todas, ou dormem desconhecidas em alguma livraria antiga : eis aqui um que tem por objecto a Amisade, e que me parece dos melhores.

SONETO.

Amor, que tudo vence entre os nascidos,
Em termos põe perfeitos de Amisade
Dous corações iguaes n'huma vontade,
Promptos, conformes, n'hum querer unidos.

Da Natureza vam favorecidos
Aquelles, que em amor, e caridade,
Se amam, e se querem com verdade
Dos odios, e contendas esquecidos.

Mas inda que sabemos que os amigos
Sam muitos, e dos bens sempre Adversarios
De que devemos ter gran pena, e magoa.

Devemos procurar ter bons amigos
Pois estes muito mais sam necessarios,
Que para bem viver o fogo, e agoa.

Este Soneto é na verdade bem pensado ; mas está incurso na condemnação de Boileau, que na sua Arte Poetica estabelece, que nos Sonetos não deve repetir-se palavra nenhuma.

Surtout de ce poëme il bannit la licence;
 Lui même en mesure le nombre, et la cadence :
 Défendit, qu'un vers faible y pût jamais entrer,
 Ni qu'un mot déjà mis osât s'y remontrer.

Ora o vacabulo, *amigos*, não só se encontra repetido nos tercetos, mas o que é peor, serve duas vezes de ryma, e isto não pôde deixar de haver-se por pobreza, e incorrecção, si não quizermos antes suppôr, que o Poeta escrevesse *imigos*, e não amigos no fim do verso primeiro do primeiro terceto, cousa que me parece verosimil, visto que faz melhor sentido.

O Soneto primeiro não tem se não duas rymas, que se repetem nos quartetos, e nos tercetos, o que me parece sobre maneira fastidioso; é natural, que si o Poeta podesse agora ser arguido disso, se desculpassemos dizendo, que este modo de rymar era no gosto dos Arabes: bem sei que entre os Arabes reina esse gosto; porém duvido muito, que esse gosto seja o bom.

SONETO.

Dos annos mal gastados pede a conta
 Aos humanos o Grão Senhor do Tempo;
 A conta he larga, e he tão breve o tempo,
 Que não ousam chegar a lhe dar conta.

A despesa não tem ordem, nem conta,
 Perdem-se as horas, e perdeu-se o tempo,
 E para se ganhar não he já tempo,
 Que a preça não deixou dar boa conta.

Culpa he dos homens, mas não he do Tempo
 Em deixar, quando podem, de dar conta,
 Guardando-a, por descuido, a peor tempo.

A vida corre, e não discorre a conta,
 Mas no fim correrá fóra de tempo,
 Com nomê de castigo, e não de conta.

Não tenho dúvida em conceder que reduzir a composição do Soneto á estreita moldura destas rymas obriga-

das, sem que partça ter havido nisto grande trabalho, é prova de muito engenho, e habilidade, mas sempre negarei que estes *tours de passe-passe*, como dizem os Francezes, sejam o que se chama Poesia.

Parece-me muito preferivel a este o Soneto terceiro sobre a ingratidão dos homens para com os beneficios, que recebem da bondade do Creador.

SONETO.

As cousas se dispõem com mão severa
Por ordem singular da Natureza,
O verde prado, as flores, a belleza
Renovam na suave Primavera.

As Onças, os Leões, e a Tygre fera
Por desertos se apartam da aspereza,
E todas as mais cousas com pureza
Em seus destinos a razão tempera.

As Estrellas, o Ceo, o Mar, e a Terra
Seguem humildes sua temperança,
Em seu termo preciso, e lemitado.

O Homem só a Deos faz crua guerra,
Que sendo de Deos feito á semilhança,
Rebelde lhe he, soberbo, e levantado.

A Temperança.

SONETO.

Guardar a Santa Mediocridade,
Evitar os extremos viciosos,
Com freios apertando rigorosos
As furias espantosas da vontade.

Os erros temperar na pouca idade,
Seus leves appetites trabalhosos,
O pouco, e muito termos sam ditosos,
E bem regidos, sam felicidade.

O muito se consume com violencia,
O pouco cresce com ajuda expressa,
Da ordem dos prudentes moderada.

Pelo que cumpre em nossa diligencia
Siga em tudo com vagar sua pressa,
Que o pouco he muito, e que o muito he nada.

Desconfio muito de que este Soneto seja attribuido a Pedro da Costa Perestrello, e não verdadeiramente delle: uma das cousas, que mais me faz entrar em dúvida é o prosaismo da versificação.

Melhor pensado, e melhor escripto é o seguinte sobre o valor do interesse, e do favor.

SONETO.

Pragueja-se no Mundo por costume,
Porém não com razão, do Amor perfeito ;
Os rogos, e afeição sam por respeito
Achêgas do Favor, ou do Queixume.

O Virtuoso que medrar presume
Não ponha nas virtudes seu direito,
Mas busque n'outros meios o proveito,
Com que tudo se ganha, e se consume.

Alcança-se o melhor com diligencia,
Com graça, com favor, e com valia,
Que sam no Mundo a parte mais segura,

Mas isto a par de Deos he insciencia,
Elle permitta vermos algum dia
Que quem tem a razão tenha a ventura.

Parece-me igualmente bom o seguinte sobre a phantasia.

SONETO.

Em varias fórmas corre a Phantasia
Por leves accidentes da vontade,
Magina, e anda com velocidade
Do Mundo as partes todas n'hum só dia.

Vontade a leva pela solta via
De pensamentos, em que a liberdade,
Sem deleites lhe dar na variedade,
Torna os cuidados em melancholia.

Assim se vai de hum mal a outros maiores,
Porque seguimos o que não devemos
A desejos sugeitos, e accidentes.

Largo caminho de tormento e dôres,
Que em roda viva de asperos extremos,
Nos deixam como em sonhos de doentes.

Pedro da Costa Perestrello, como muitos dos seus contemporaneos, apesar de haver abraçado a Escola Italiana não deixava ás vezes de ter suas velleidades de poetar pelo estylo da antiga poesia nacional; estes Poetas podem nisto assemilhar-se aos Hebreos, que sustentando-se do maná celeste, durante a sua longa peregrinação pelo deserto, não deixavam de se recordar frequentemente com viva saudade das cebolas do Egypto, e de suspirar por ellas. Eis-aqui um Motte com suas voltas, que nos ficou das composições deste genero, que sahiram da penna de Perestrello, e que não é destituido de facilidade, e merecimento poetico,

NOTTE.

Fez-vos, Senhora, a ventura
Muito dura, e rigorosa,
Porém fez-vos mais formosa,
Que rigorosa, e que dura.

VOLTAS.

Fez vossa figura bella,
E depois de a fazer,
Arrependeu-se de vêr
Que ereis mais formosa que ella,
E então de inveja pura
Fez-vos dura, e rigorosa,
Porém fez-vos mais formosa,
Que rigorosa, e que dura.

De tão rara, e peregrina
Perfeição tão só se espera
Por natural não ser fera,
E ser branda por divina.
Furtai a volta á ventura,
Que se vos fez tão formosa,
Como adultera invejosa,
Vos quiz rigorosa, e dura.

As poesias de Perestrello acabam com uma oitava sobre a morte de Lucrecia, que é um verdadeiro Epigramma, e direi mais, um optimo Epigramma.

Si culpa tens Lucrecia no adulterio,
Foi justo premio tua morte feia;
E si culpa não tens, foi vituperio
Chegar a te matar por culpa alheia.
E posto que das castas tens o Imperio,
E por fama geral assim se creia,
Ainda nella duvidosa corres,
Si casta vives, se culpada morres.

Pedro da Costa Perestrello, foi contemporaneo do Doutor Antonio Ferreira, e de Luiz de Camões, mas nem teve a correcção, e elegancia de estylo do primeiro; nem o genio, a elevação, e colorido brilhante do segundo, quanto a versificação, si não teve a dureza, e escabrosidade que mancham alguns versos de Ferreira, tambem não chegou nem de longe á harmonia, sonoridade, e for-

ca, que destingue os versos de Camões de todos os dos Poetas, não só do seu tempo, mas da maior parte dos que floresceram em epochas muito posteriores, em que o mechanismo metrico foi estudado com mais esmero, e cuidado.

Uma singularidade que me parece notavel no destino de Pedró da Costa Perestrelo, é o haver escapado ao furor laudatorio do Padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio, que no seu *Enthusiasmus Poeticus*, que precede a collecção dos seus Epigrammas latinos, louvou quasi todos os Poetas Portuguezes antigos, e modernos, bons, e ruins, quer escrevessem em latim, quer em castelhano, quer na lingua nacional, havendo entre elles muitos cujas Obras não existem, e de quem tambem já teriam perecido os nomes, si não extivessem consignados naquella Poema latino, que não é destituido de merecimento, e de brio poetico.

342 FIM DO TOMO TERCEIRO.

INDICE DO TOMO TERCEIRO.

LIVRO IV.	
CAPITULO I. Pero de Andrade Caminha.....	9
CAPITULO II. Epistolas, e outros Poemas de Pero de Andrade Caminha.....	45
CAPITULO III. Luiz de Camões.....	83
CAPITULO IV. Algumas observações sobre a vida de Luiz de Camões.....	116

LIVRO V.

CAPITULO I. Rhythmas de Luiz de Camões.....	137
CAPITULO II. Os Lusiadas de Luiz de Camões....	235
CAPITULO III. Pedro da Costa Perestrello.....	310



3 2044 048 706 568





